

RONALD DE CARVALHO

Pequena Historia
DA
Literatura Brasileira

PREFACIO
DE
MEDEIROS E ALBUQUERQUE

(PREMIO ACADEMIA BRASILEIRA)

4.^o ED. REVISTA E AUGMENTADA
(15 MILHEIROS)

1929

F. BRIGUIET & Cia. — Editores
R. S. JOSÉ, 38 — Rio de Janeiro

BIBLIOTECA PÚBLICA

Si ha um livro que não precise apresentação é este. Ele se apresenta por si mesmo.

A Pequena Historia da Literatura Brasileira só é pequena no nome. De fato, é um grande livro.

Ronald de Carvalho tem a vantagem dos que, chegando mais tarde, acham o caminho preparado. Diante dele havia sobretudo dois autores: Sylvio Romero e José Verissimo. Outras historias de literatura, como as de Coelho Netto e João Ribeiro foram feitas com simples intuitos pedagogicos.

O trabalho de Sylvio Romero foi prodigioso.

O que elle encontrou — os livros de Ferdinand Wolff, de Sotero dos Reis e de Joaquim Norberto — de bem pouco lhe serviu.

Seu esforço pessoal superou de muito a magra contribuição desses predecessores.

Sylvio tinha virtudes e defeitos muito caracteristicos. Por um lado, com o seu espirito mais propenso á synthese do que á analyse, era um melhor expozitor de generalidades do que um minucioso e frio julgador de personalidades. Por isso mesmo, a primeira parte de sua obra, em que elle expõe os fatores da literatura brasileira, é muito superior á segunda em que o seu criterio do julgamento dos autores varia a cada instante.

Veio depois dele José Verissimo. Espirito menos apaixonado que o de Sylvio, tinha normas mais fixas de apreciação. Mais fixas, porém mais estreitas. Ele padecia de dois graves defeitos: por um lado, a sua absoluta incapacidade de julgar tudo o que diz respeito á poezia; por outro, uma grande ignorancia de couzas de ciencia e filozofia.

Da primeira afirmação a prova está nos seus julgamentos sobre varios poetas: são julgamentos singularissimos. Lidando, porém, com Verissimo logo se comprehendia a causa do fato. Ele era dessas pessôas de quem se diz que "não tem ouvido". Citando versos de memoria, ele lhes dava ou lhes tirava varias silabas, sem se aperceber disso. Foi aliaz um dos raros escritores brasileiros que não começaram pela indefectivel volume de poezias.

Da segunda afirmação se pode ter ideia, sabendo que, quando Nabuco publicou as suas Pensées Détachées, Verissimo, no artigo do Jornal do Commercio, com que saudou o volume, caridozamente advertiu o autor de que ele exajerava quando dizia que todos os corpos eram porozos... A maioria das suas apreciações sobre "Homens e Couzas Estrangeiras", são simples paráfrazes de estudos europeus sobre os mesmos assumptos.

Ronald de Carvalho é demaziado generoso com Verissimo, quando diz que, fazendo critica, ele não via os homens e só as obras. O que ha é que ele dissimulava melhor. Assim, a sua antipatia pessoal por Sylvio Romero o levou a esta monstruoza injustiça: consagrar á obra de um dos mais formidaveis trabalhadores da literatura nacional apenas 7 linhas. Nem mais uma. E é bem

discutível que Verissimo pudesse ter levado a cabo a sua obra, si não encontrasse a do seu grande e ilustre predecessor.

Sylvio e Verissimo tinham um defeito comum: não sabiam escrever. Os livros de ambos são abominavelmente mal feitos. Os de Sylvio tem, entretanto, uma vantagem: talvez mais incorretos, são mais fluentes e mais claros. Nos de Verissimo, sobretudo os ultimos, ha umas pretensões esporádicas de classicismo, que chegam, ás vezes, a ser comicas. O estylo é duro, áspero, pedregozo.

Ronald de Carvalho tem esta primeira originalidade, entre os nossos grandes historiadores da literatura nacional: é o primeiro que sabe escrever. O seu estylo é simples, claro, harmoniozo. Diz bem o que quer dizer.

Poeta, dos melhores do seu tempo, os poetas não correm com ele o perigo que corriam com Jesé Verissimo.

Ao contrario dos seus predecessores, ele procura mais apresentar em conjuncto os grandes movimentos sociaes de que rezultaram as correntes literarias. E tudo isso é feito sem solenidade nem pedantismo. Em parte nenhuma o autor apparece como um mestre-escola a distribuir premios e castigos.

Sem duvida é possível discordar de muitos dos seus juizes. Basta comparar algumas de suas apreciações com as de Sylvio e Verissimo, já entre si discordantes, para sentir que a critica litteraria está ainda muito lonje de ser uma ciencia, com criterios fixos. Em todo caso, Ronald de Carvalho, si não pode, como ninguem poderá esquecer a sua equação pessoal, tem ao menos o mérito de ter procurado tomar criterios de ordem mais

geral, porque em vez de apreciar autor por autor, como si cada um fosse um fenomeno izolado do seu meio, é, ao contrario, filiando-os a esse meio, que ele procura julga-los, destacando os mais significativos representantes de cada época.

Tudo isso permite repetir aqui o que se disse ao principio: a Pequena Historia da Literatura Brasileira deve ser considerada uma grande obra.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

(Da Academia Brasileira)

Maria de Lourdes Tenreiro
Rio, 24 de Março de 1933.

INTRODUÇÃO

A Terra: A Atlantida e as ilhas fabulosas na Antiguidade e na Idade-Média. — O Brasil na época do descobrimento. — O Meio Physico: A Natureza e os Factores Mesologicos. — Algumas opiniões de escriptores estrangeiros sobre o Brasil. — O meio Social: O Homem. — A raça. — Conclusão.

Desde a Idade-Média que a existencia de terras situadas a oeste da Europa preocupou os mais notaveis pensadores do velho mundo. Contam-se por dezenas as narrações fantasticas de continentes e archipelagos fabulosos, cobertos de abundantes florestas, cortados por caudalosos rios e sombreados de montanhas intransponiveis, onde os metaes preciosos e as pedrarias raras se confundiam com o esplendor magnifico de uma flora maravilhosa e uma fauna desconhecida.

§ 1.º — A ATLANTIDA

H. Martin, nos seus “Estudos sobre o Timeo de Platão”, observa que, no mytho da Atlantida, narrada por *Critias a Socrates*, se fez men-

ção, pela primeira vez, na historia, de um continente situado muito além das columnas de Hercules, onde, havia nove mil annos, florescia um grande povo, de civilização adeantada e brilhante cultura, governado, durante seculos, pela dynastia de Atlas, filho de Poseidon e de uma simples mortal, Cleito. Segundo a tradição, a lenda da Atlantida, teria sido revelada a Solon pelos sacerdotes egypcios do templo de Saïs, e fizera parte dos ensinamentos ministrados por Sileno ao rei Midas. Accrescenta Critias, no citado dialogo de Platão, que os atlantes, depois de conquistar grande copia de territorios, entre os quaes o Egypto e a Tyrrhenia, foram derrotados pelos Athenienses em uma sangrenta batalha, desaparecendo mais tarde, com o seu continente e a sua esplendida civilização, em um dia e uma noite, após terriveis inundações e violentos terremotos.

Timogeno, que viveu no primeiro seculo antes da era christã, conta que ouvio da boca dos Druidas narrativas semelhantes ás de Platão e Theopompo. (1).

Nasceu d'ahi a crença de que os archipelagos dos Açores e das Canarias, assim como o das Antilhas, faziam parte da Atlantida submersa, como um systema de elevadas cordilheiras, em cujos vestigios não seria difficil descobrir a veracidade da famosa lenda (2). Entretanto, na

(1) *Theopompo*. — Fragmento conservado por *Ethano*.

(2) As conclusões da sciencia moderna parecem justificar a existencia da Atlantida. Vide, por exemplo, a conferencia, realizada no Instituto Oceanographico de Paris, em 30 de maio de 1912, pelo eminente geologo P. Termier. — E. Schuré, em *L'Evolution Divine du*

propria literatura grega, encontram-se varias passagens, pelas quaes se verifica a repulsa que tal fantasia mereceu de differentes autores. Proclus, que se incumbio de nos tranmittir os argumentos apresentados por muitos dos contraditores, diz que Nomenius considerava a Atlantida como uma allegoria da luta entre o bem e o mal; Amelius via na lenda do seu desmoronamento rapido e terrivel o combate das estrellas e dos planetas; Origene, a guerra dos bons e dos máos espiritos, e Longinus, apenas uma fabula igual a varias outras de que Platão se servia para aformosear as abstracções de seus dialogos subteis.

Além de Platão, outros historiadores, como Plutarco, Strabão, Macrobio, Dionysio de Mitylene, Plinio, Pomponio Mela e Diodoro de Sicilia se referem a regiões ignotas, existentes fóra do acanhado mundo mediterraneo.

Dionysio de Mitylene diz que os atlantes eram um povo intelligente e poderoso, e denomina-os indifferentemente: Ἀτλάντες, Ἀτλάντεοι, Ἀταράντιδε. Diodoro de Sicilia fala de uma ilha de exuberantes riquezas, descoberta pelos phenicios a muitos dias de viagem das costas africanas, onde a primavera se mantinha constante, o clima era ameno, a vegetação opulenta e os frutos frescos e saborosos. Aristoteles cita, tambem, uma grande ilha,

Sphinx au Christ, estuda, baseando-se nos dados da philologia e da mythologia comparadas, assim como nos trabalhos de Rudolf Steiner e outros theosophistas do Occidente, a civilização atlantica, affirmando que a existencia do famoso continente é um facto historico positivo. Segundo as tradições esotericas, as origens da civilização atlantica datam, mais ou menos, de um milhão de annos.

Antilia, a muitas semanas de navegação do continente, colonizada pelos Carthaginezes, tão ciosos, porém, da sua presa, que castigavam com a morte aquelles que lhe pronunciassem apenas o nome. O povo atheniense acreditava, entretanto, na historia da Atlantida, apesar de todas as contestações contra ella formuladas. Uma tradição persistente conservava em Athenas a memoria das pelegas contra os atlantes, tanto que nas pequenas Panathenéas, celebradas em honra de Pallas, era obrigatorio o uso de um *peplum* que recordasse a protecção daquella divindade na guerra sustentada pelos athenienses contra os exercitos da Atlantida.

Gaffarel conta que os escriptores espanhoes e portuguezes do sec. XV tomaram a ilha descrita por Diodoro de Sicilia pelo continente americano, tal a semelhança das paisagens fartas e do clima delicioso.

Emfim, para corroborar todos esses velhos contos da antiguidade classica, e todas as passagens referentes a novos mundos, como aquella celebre prophécia de Seneca, na *Medea*:

Venient annis sæcula seris,
Quibus Oceanus vincula rerum
Laxet, et ingens pateat tellus
Tethysque novos detegat orbés.
Nec sit terris ultima Thule.

varios factos estranhos, como o aprisionamento nas costas da Germania, em 62 antes de Christo, de um barco tripulado por homens desconhecidos, entregues, segundo Plinio e Pomponio Mela, ao

Proconsul das Gallias, Metello Celer, assim como outros successos de que nos fornecem copiosa noticia, Hornus, Egger, Othon de Freysingen e Sylvio Eneas Picolomini, vieram reforçar na mente dos navegadores europeus a idéa de que a terra não era tão mesquinha, quanto os seus antepassados o imaginavam.

As tradições celtas, principalmente as da Irlanda, fazem constantes allusões a uma região paradisiaca, o *Meg-Meld* (Paiz da Eternidade), habitada por espiritos superiores. Os gaulezes, nas "Ilhas verdes das Correntes", os scandinavos, na Saga de Erik o Vermelho, com os seus Heluland (Paiz das Rochas), Markland (Paiz das Arvores) e Vinland (Paiz das Vinhas), contribuíram para desenvolver o gosto pelos cruzeiros longos e perigosos através de mares e mundos mysteriosos.

Na Idade-Média fez furor o romance de S. Brendam, que não era nada mais do que a relação cheia de lances dramaticos e peripecias interessantes, da viagem empreendida por aquelle heróe irlandez, tão ao sabor da colorida imaginação popular, a um paiz maravilhoso e sorprendente. A ilha de S. Brendam passou a figurar em todas as cartas nauticas mediavaes. No globo de Martin Behain, feito em 1492, vê-se o desenho da ilha acompanhado da seguinte nota: "No anno de 565, depois do nascimento de Jesus Christo, S. Brendam aportou a esta ilha, a qual examinou cheio de encanto, permanecendo nella sete annos e retirando-se depois para o seu paiz". Ainda no seculo XVI ella apparece na carta de Ortelius, e a crença na sua existencia era tão forte que, mesmo no seculo XVIII, em 1721, foi procurada por

Dón Juan de Mur y Aguirre, capitão geral das Canárias, que armou uma expedição sem, naturalmente, colher o menor resultado.

Dentre as diversas ilhas mencionadas pelos escriptores medievaes, no oceano Atlantico, como as de Stocafixa, Royllo, Man Satanaxio e Antilia, merece especial referencia uma conhecida pelo nome de Braçir, Braxil, Brazylle ou O'Brasile. Registada pela primeira vez num mappa do Atlas Medicis, de 1351, encontramol-a, depois, em varias cartas, como as de Pzigani, de 1367, e Jeffers, de 1376, com a unica particularidade de variar constantemente de nome e posição, óra surgindo na altura dos Açores, óra nas costas occidentaes das Ilhas Britannicas (1).

A mesma fascinação produzida pela noticia das outras ilhas fabulosas se observou no tocante á que nos interessa. Varias expedições foram organisadas com o fim de lhe determinar a posição e recolher os thesouros que ella porventura encerrasse. Todas falharam successivamente.

Sómente no seculo XVI, depois das grandes descobertas espanholas e portuguezas, voltou á baila, e dessa vez de um modo definitivo, a existencia de uma terra *brasileira*. Já não se estava no terreno das conjecturas, das hypotheses arrojadas e das lendas formosas. Era a mais deliciosa das realidades que sorria aos olhos deslumbrados dos velhos navegadores europeus. Era a realidade recompensadora de tantos sonhos desfeitos, de tantas audacias inuteis, de tantas decepções dolorosas.

Um mundo virgem, boiando em luz, reca-

(1) Cronau. — Amerika, vol. 1.

mado de flores odoríferas e de dourados frutos exquisitos, um mundo mais attrahente que as "Ilhas Verdes" dos gaulezes ou o "Meg-Meld" dos irlandezes, rompia das aguas espelhadas, como uma grande joia luminosa!

Tanta era a sua belleza e tal o primor das suas paisagens graciosas, que um sentimento de orgulho satisfeito cresceu naquellas almas rudes e bravias da lusitana gente..

HabituaDOS á rispidez das desoladas costas africanas, onde soffriam,

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Na terra tanta guerra, tanto engano
Tanta necessidade aborrecida ! (1)

os marinheiros da frota de Cabral como que avistaram no seio dos bosques mysteriosos, na transparencia das aguas desnevasdas, no brilho do céu limpido e macio, no viço das plantas elegantes e aromaticas, aquella Ilha dos Amores, em que,

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, teu preço perdes (2)

e onde

Mil arvores ao céu estão subindo,
Com pomos odoríferos e bellos:
A laranjeira tem no fruto lindo
A côr que tinha Daphne nos cabellos:

(1) Lusíadas — Canto 1.º.

(2) Lusíadas — Canto IX.º.

Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira co'os pezos amarrelos:
Os famosos limões, alli cheirando,
Estão virginaes tetas imitando (1).

Desde cedo recebeu a nova terra o baptismo extasiado das mais leves e sensiveis pennas. Suas florestas fartas e magestosas, suas riquezas infinitas, seus ancoradouros claros e profundos, suas montanhas de recortes caprichosos, seus vales espaçosos attrahiram os olhares de capitães aventureiros, jesuitas cathequistas, poetas e escriptores da Metropole.

Logo na primeira metade do seculo XVI, em 1549, Nobrega descrevia assim os encantos e excellencias do paiz recentemente descoberto:

“É muito salubre e de bons ares, de sorte que sendo muita a nossa gente e mui grandes as fadigas, e mudando de alimentação com que se nutriram, são poucos os que enfermam e estes depressa se curam. A região é tão grande, que, dizem, de tres partes em que se dividisse o mundo, occuparia duas; é muito fresca, e, mais ou menos, temperada, não se sentindo muito o calor do estio; tem muitos fructos de diversas qualidades e mui saborosos; no mar egualmente muito peixe e bom.

“Semilham os montes grandes jardins e pomaes que não me lembra ter visto panno de raz tão bello. Nos ditos montes ha animaes de muitas diversas feituradas, quaes nunca conheceu Plinio, nem delles deu noticia, e hervas de differentes cheiros, muitas e diversas das de Espanha; o que

(1) Lusiadas — Canto IX.º.

bem mostra a grandeza do Creador na tamanha variedade e belleza das creaturas”.

Mais adiante, em 1585, Anchieta afinava pelo mesmo diapasão, escrevendo:

“Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosques e não se vê em todo o anno arvore nem herva secca. Os arvoredos se vão ás nuvens de admiravel altura e grossura e variedade de especies. Muitos dão bons fructos e o que lhes dá graça é que ha nelles muitos passarinhos de grande formosura e variedade e em seu canto não dão vantagem aos rouxinões, pintasilgos, colorinos e canarios de Portugal, e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar ao Senhor, e os bosques são tão frescos, que os lindos e artificiaes de Portugal ficam muito abaixo”.

De igual modo se exprimiram, pelo tempo adiante Gabriel Soares, Cardim, Rocha Pitta e muitos outros, quando pintaram, cheios de fervor e espanto, as lindas formas com que a Natureza vestira as terras brasileiras.

§ 2.º — O MEIO PHYSICO

A geographia physica e a stratigraphia da America do Sul ainda não puderam ser convenientemente estudadas e perfeitamente definidas. Nem na superficie, nem principalmente no subsolo esta parte do novo-mundo se deixou desvendar de um modo seguro. Pisamos, aqui, num terreno pouco firme, onde a hypothese é a unica lei e os calculos de probabilidade os unicos esteios.

Apesar da grande quantidade conhecida de

ossadas humanas e de animaes, e dos vestigios encontrados de uma apreciavel civilização industrial, a proto-historia sul-americana repousa, ainda, sobre dados incertos. A não ser nas regiões do extremo sul, no Chile e na Republica Argentina, onde os trabalhos celebres do Dr. Moreno (1) tantas luzes trouxeram aos ethnologos e á Anthropologia, e nos planaltos do Perú, da Bolivia e do Equador, de que temos abundantes informações nas obras de R. Anthony e P. Rivet (2), de Bastian (3), e Nadaillac (4), quasi nada existe ou quasi tudo está para ser apurado sobre as demais zonas da America cizandina.

Se a sua geologia poude ser estudada nos terrenos de alluvião dos Pampas, onde foram colhidas algumas peças paleontologicas de incontestavel valor, ainda a sciencia vacilla na determinação dos outros terrenos sul-americanos. Não podemos, naturalmente, entrar na discussão do assumpto, já porque excederíamos os limites deste ensaio, já porque pretendemos, em tempo não muito distante, cuidar d'elle mais vagorosamente. Basta indicar, por agora, a respeito do controvertido "Periodo Glaciario" na America do Sul, sobre a origem dos terrenos pampeanos e a sua paleontologia, assim como sobre o *tetraprothomo*

(1) *F. Moreno Fils.* — Descriptions des cimetières et paraderos de Patagonie, 1882.

(2) *R. Anthony et P. Rivet.* — Étude anthropologique des races précolombiennes de la République de l'Équateur. Paris, 1908.

(3) *A. Bastian.* — Die Kulturländer der Alten Amerika, Berlin, 1878-79.

(4) *Nadaillac.* — L'Amérique Préhistorique. Paris, 1833.

ou *homo nægæus* do Monte-Hermoso, os admiráveis trabalhos de Ameghino, Brumeister, Frueh, Bravard, Santiago Roth e Von Richtofen.

No que concerne especialmente ao Brasil, apresenta elle uma configuração triangular, semelhante á do proprio continente sul-americano, do qual occupa quasi metade da superficie.

O illustre sabio Doutor Emilio Augusto Goeldi dividio em tres zonas distinctas o aspecto phisionomico do litoral brasileiro:

- a) — zona montanhosa, extendendo-se quasi ininterruptamente, do Rio Grande do Sul até á Bahia, com a sua expressão typica sobretudo entre o Rio de Janeiro e o Espirito Santo;
- b) — zona praieira, alternando, de trecho a trecho, com paredões pouco elevados de barro vermelho até Sergipe, onde principia a cinta de praias arenosas que se dilata, ora em curvas graciosas, óra em asperos baixios até o Maranhão;
- c) — zona da matta litoreana, adaptada á influencia das marés, formada essencialmente pelo Mangal e pelo Siriubal, que acompanha a costa do Pará, atravessa a foz do Amazonas e vai até o Oyapok.

No interior das terras brasileiras notam-se, geralmente, dois typos definidos de vegetação: o das encostas das serras e dos valles irrigados pelos grandes rios, como o Amazonas e o S. Francisco, por onde se derramam, em profusão, flores-tas de espessa folhagem e sombrios reconcavos, e

o do planalto central, formado por vegetaes rachiticos, em que predominam as caatingas bravas, os taboleiros de matto rasteiro, e onde as gramineas duras cobrem o solo aspero e gredoso.

Com excepção do Rio Grande do Sul, cuja estructura geologica, lembra, pela monotonia das cochilhas ondulantes, os terrenos pampeanos, o Brasil pode ser dividido, pois, em duas zonas distinctas: a das florestas e a dos capoeirões. Na primeira o clima é humido, ha frequêntes concentrações de vapores determinando chuvas torrencias na epoca invernosa, e calores fortissimos durante o periodo estival; na segunda, isto é, no alto sertão, o clima é secco, as subitas variações de temperatura não se mostram tão frequêntes. O clima do sertão é mais constante e muito mais salubre que o do litoral.

O homem representa, aqui, perfeitamente as caracteristicas do ambiente em que nasceu e vive: o sertanejo é sobrio, secco de carnes, desconfiado e supersticioso, raras vezes aggressivo, subito nos seus arremessos, calado como as immensas planicies que o rodeiam, calmo no gesto e na fala descansada, e, sobretudo, e antes de tudo, forrado de uma intraduzivel melancolia que está nos seus olhos, na sua face mysteriosa, no seu sorriso esquivo, em toda a sua expressão, em todas as curvas rispidas do corpo agil, mais franzino que musculoso; o homem litoraneo é nervoso, de sensibilidade aguda, sabe sorrir e sabe rir, tem a imaginação brilhante e o pensamento travesso e bulicoso, é artista, prefere as imagens coloridas ás idéas abstractas, é esbelto, bem proporcionado de linhas, fala melhor quando improvisa, volteia sobre os assumptos, com desembaraços, ás vezes

com atrevimento, não respeita, geralmente, senão as suas opiniões e é, quasi sempre, orgulhoso e audaz. O homem do sertão é, por exemplo, Euclydes da Cunha, o homem do litoral Joaquim Nabuco.

Entretanto, não é geralmente assim que os estrangeiros estudiosos do nosso paiz consideram o Homem e os factores mesologicos do Brasil. Quasi sempre, infelizmente, são mal orientados por viajantes incultos, ou por juizos superficiaes de alguns *sabios* em villegiatura.

Buckle, um dos mais notaveis historiadores do seculo passado, na sua Historia da Civilização na Inglaterra, em um capitulo consagrado á "Influencia exercida pelos factores physicos sobre a organização da sociedade e sobre o caracter individual", depois de algumas considerações sobre o nosso clima, e o que elle chama o "aspecto geral da natureza", restringe as forças evolutivas do Brasil a um estado verdadeiramente desalentador.

No conceito do illustre escriptor tres causas concorreram para impossibilitar o advento de uma grande civilização no Brasil, apesar da exuberancia do seu sólo, onde a Natureza "seems to riot in the very wantonness of power." São ellas, em primeiro lugar, os famosos ventos alisios, especie de pedra de toque infallivel onde se apuram a nossa incapacidade e o nosso atrazo, os calores excessivos e a bruteza dos accidentes naturaes.

Á força de procurar argumentos solidos para defender suas affirmações, Buckle pinta a fauna brasileira como terrivel pela ferocidade de seus exemplares, em numero tal que não poderão nun-

ca ser dominados pelo homem (1), dá ao nosso systema orographico uma importancia descabida e ao nosso systema potamographico uma abundancia inverosimil. Se as asserções de Buckle fossem verdadeiras, a vida no Brasil seria impraticavel e qualquer civilização, por mais rudimentar que fosse, impossivel.

"Such is the flow an abundance of life, escreve elle, by which Brasil is marked above all the other countries of the earth. But amid this pomp and splendour of Nature, no place is left for Man. He is reduced to insignificance by the majesty with which he is surrounded. The forces that oppose him are so formidable, *that he has never been able to make head against them*, never able to rally against their accumulated pressure. The whole of Brasil, notwithstanding its immense apparent advantages, has always remained entirely uncivilized; its inhabitants wandering savages, incompetent to resist those obstacles which the very bounty of Nature had put in their way".

"Indeed, those difficulties are so serious that during more than three hundred years the resources of European knowledge have been vainly employed in endeavouring to get rid of them".

(1) "And that nothing may be wanting to this land of marvels, the forest are skirted by enormous meadows, which, recking with heat and moisture, supply nourishment to countless herds of wild cattle, that browse and fatten on their herbage; while the adjoining plains, rich in another form of life, are the chosen abode of the subtlest and most ferocious animal, which prey on each other, but which it might almost seem no human power can hope to extirpate". H. of Civillization in England. Cap. 11, pags. 75 e 76.

Nem a cultura europea com os seus magestosos principios scientificos, moraes, juridicos e sociaes, nem a fortaleza de animo dos seus mais valentes representantes conseguiram implantar, aqui, uma civilização proveitosa para a humanidade !... Não devemos esquecer que o escriptor britannico publicou a sua obra depois de proclamada a monarchia no Brasil, depois de haver o nosso povo mostrado sobejamente as suas aptidões intellectuaes com uma literatura já secular, e as suas energias moraes com as bandeiras, os episodios gloriosos das lutas contra os invasores estrangeiros e contra os soldados da Metropole, quando já estavamos ás portas da guerra do Paraguay, onde ficaram patentes as qualidades de resistencia e bravura, intelligencia e organização da raça brasileira.

Sylvio Romero, entretanto, ao rebater os seus dogmaticos argumentos, mostrou certa timidez, porquanto aceitou, erroneamente, muitas das suas conclusões. A passagem de Buckle não é, como pareceu ao illustre escriptor brasileiro, “verdadeira em seu sentido geral”. Ella deve, todavia, “ser meditada por todos os brasileiros” para que elles vejam como é perigosa armadilha o acreditarmos tanto, como geralmente acreditamos, em nossa inveterada estrangeomania, nas opiniões de carregação dos mercados intellectuaes da outra margem do Atlantico.

O erro de Buckle foi considerar a evolução dos povos sómente pela influencia dos factores physicos ou geographicos; sobre elles pairam os factores ethnico-historicos, muito mais importantes e muito mais poderosos que os primeiros.

A Grecia moderna, habitada por um povo

mestiço, oriundo de velhas familias hellenicis, cruzadas com albaneses, valaquios, bulgaros, servios e turcos, apresenta o mais formal desmentido ás theorias do citado autor ignlez. Lá está aquelle mesmo triangulo de terras suaves e luminosas, de que nos fala Taine, mergulhando as pontas esguias nas aguas quietas do mar. As arvores verdes da Thessalia ainda murmuram aos ventos ligeiros do Oriente; as costas denticuladas da Phiotida ainda mostram, por entre a folhagem espessa dos algodoeiros e das oliveiras, trechos de campos cultivados; as palmeiras abrem, airoosamente, os leques elegantes ao longo das Cycladas; a Argolida é ainda o mesmo ninho de laranjeiras odoríferas e perfumosos limoeiros; o Pindo, o Othys, o Parnaso, o Helicon, o Citheron, todas as collinas illustres do velho tempo de Hesiodo e Homero lá estão de pé! Nada parece faltar: o céu azul, o ar subtil, a "atmosphera doce e clemente", tão encarecida pelo elegante Euripide, continuam a derramar na terra os seus celestes dons. Falta, porém, alguma cousa. Falta a Acropole, falta Pallas Athena, "de olhos claros e profundos", faltam os deuses joviaes do Olympo. O genio grego morreu.

Em seu lugar veremos, apenas, uma gente sem ideal e sem grandeza; nas praças de Athenas, em vez da sombra solemne de Socrates, encontraremos o perfil do judeu esperto, nas margens do Illissus, tão querido de Platão, alguns homens ingenuos e curiosos, de pupillas azues e cabellos louros, filhos da mesma raça de Buckle...

Quem se aventurar a ler os volumes da Historia da Civilização na Inglaterra poderá verificar outras passagens muito instructivas. Buckle

pontifica, por exemplo, que a superioridade intellectual dos hindus arianos provinha da sua alimentação. Budha e Mahâvîra foram inspirados simplesmente porque comiam arroz! . . . Mais adiante, tratando do Egypto, diz elle: "Como a civilização egypcia deve, do mesmo modo que a hindú, sua origem a fertilidade do solo e ao grande calor do clima, as mesmas leis entraram em jogo, aqui, e naturalmente produziram consequencias exactamente iguaes".

Como faz notar, muito judiciosamente, Chamberlain, não se concebem duas civilizações mais opostas que a brahmanica e a egypcia; as unicas analogias são as climatericas. No mais tudo differre: a organização e a historia politica e social, as aptidões artisticas e intellectuaes, a religião e o pensamento, e as bases mesmo do character.

As circumstancias geographicas, portanto, não podem, por si proprias produzir uma raça; é certo que podem modificar o character dos homens, os costumes e as leis; nunca, porém, pela simples apparencia de esplendor ou de miseria, conseguirá a natureza de uma determinada região *crear* um povo, com os séus monumentos artisticos, scientificos e literarios. Os dolicho-morenos do litoral mediterraneo, gosando mais ou menos do mesmo clima, habitando uma região mais ou menos semelhante, contribuíram para formar, depois de caldeados com elementos diversos, tres civilizações profundamente distinctas, como sejam:

- a) — a grega, essencialmente artistica e literaria;
- b) — a romana, essencialmente politica e practica;

c) — a iberica, essencialmente idealista e aventureira.

Suas características estão definidas nas tres mais famosas figuras das suas lendas populares: Achilles é artista, impressiona pela belleza e combate com armas forjadas por um deus; Romulo é pratico, mata o irmão para evitar dissabores prejudiciaes á grandeza da patria; Quixote é idealista, luta sem saber com quem, contra um moynho ou contra um exercito, mas luta porque tem necessidade de aventuras para viver.

A propria historia, pois, se encarregou de desmentir as illações de Buckle, cuja imaginação quente e fulgurante era mais propria de um poeta que de um sociologo. Entretanto o mal ficou; de vez em quando uma gota retardataria do veneno talvez innocentemente distillado pela colorida penna do historiador inglez, cae sobre nós.

Vacher De Lapouge, em um livro celebre, dando á luz em 1899, desceve o Brasil como “un immense Etat nègre qui retourne à la barbarie”, e ajunta logo que a sua importancia, como a do Mexico, é “sómente numerica” (1)

Chamberlain diz que a America do Sul offerece nos seus Estados mestiços, o mais lamentavel espectaculo. Para elle, os selvagens da Australia Central levam uma existencia muito mais harmoniosa, mais digna de creaturas humanas, mais sagrada que “esses infelizes Peruanos, Paraguayos, etc.”, nascidos de uma união illegitima entre duas, e, ás vezes, mais raças inassociaveis, entre duas culturas que nada têm de commum,

(1) *Lapouge*. — *L'Aryen*, 1899. Paris, pg. 500.

entre dois estados de desenvolvimento muito diversos, na fôrma e na idade, para se caserem, producto de “um *attentado* (1) contra a natureza” (2). Chamberlain abre uma excepção para o Brasil “portuguez”, onde, segundo elle, “as circumstancias são essencialmente diversas”. Ainda bem!

Não queremos terminar este paragrapho sem fazer um pequeno reparo ás *boutades* de outro afamado sociologo, já porque elle é, na verdade, um espirito aberto aos grandes problemas da intelligencia humana, já sobretudo, porque tem exercido sobre os leitores brasileiros immensa influencia. Referimo-nos ao Sr. Gustave Le Bon, cujos livros tantos admiradores conquistaram entre nós.

Para esse escriptor “um só paiz, o Brasil, tinha escapado um tanto a essa profunda decadencia (dos povos sul-americanos) em virtude de um regimen monarchico que collocava o governo ao abrigo das competições. Muito liberal para raças sem energia e sem vontade, acabou por succumbir. Desde então o paiz ficou entregue a uma completa anarchia, e, em poucos annos, a gente incumbida do porer delapidou de tal maneira o Thesouro que os impostos foram augmentados em proporções desmedidas”. Não pretendemos rebater estas desagradaveis palavras, aviltantes de mais para serem tomadas em consideração. O que não se deve esconder, todavia, é este delicioso tre-

(1) A expressão usada por *Chamberlain*, ainda é mais violenta, e, por isso, deixamol-a de traduzir literalmente.

(2) *Chamberlain*. — *La Genèse du XIX e Siècle*, pg. 387 (nota) Ed. Franceza, 1913.

cho do seu livro "Lois Psychologiques de l'Evolution des Peuples": "L'Amérique du Sud est, au point de vue de ses productions naturelles, une des plus riches contrées du globe. Deux fois grande comme l'Europe et dix fois moins peuplée, la terre n'y manque pas et reste, pour ainsi dire, à la disposition de tous. Sa population dominante d'origine espagnole, est divisée en nombreuses Républiques: Argentine, *Brésilienne (sic)*, Chilienne, etc." (1).

O processo do Sr. Le Bon, como acabamos de ver, não é dos mais recommendaveis; ficam, assim, malbaratadas as nossas origens, confusas as nossas tradições e, sobretudo, muito pouco seguras as doutrinas do sociologo francez, baseadas, como geralmente o são, em dados fantasticos e informações falsas e desvalorizadas.

Infelizmente, com uma ou outra excepção de maior ou menor monta, são por via de regra, erroneos e mentirosos os livros estrangeiros escriptos sobre o Brasil. Erroneos porque exageram os nossos defeitos, que são graves mas não irremediaveis; mentirosos porque andam cheios de observações infundadas e depoimentos injustos.

§ 3.º — O HOMEM. — O MEIO SOCIAL

As raças Americanas. — Quando os europeus chegaram á America, encontraram varios povos de civilização adeantada, principalmente na

(1) G. Le Bon. — Lois Psychologiques de L'Evolution des Peuples, pg. 131, 12.ª Edic., 1916.

parte occidental do novo continente, nas regiões hoje compreendidas pelas Republicas do Mexico, da America Central, Colombia, Equador, Perú e Chile. Com excepção das savanas da America do Norte, das florestas brasileiras e dos pampas argentinos, habitados, apenas, por tribus nomades e selvagens, existiam, aqui, civilizações já seculares, portadoras, por todos os titulos, de grandes qualidades de organização e cultura.

Eram ellas as seguintes:

- 1ª) — Civilização mexicana ou azteca, compreendendo a dos Tarascas ou Michoacan, e a dos Mixteco-Tzapotécas Oajaca;
- 2ª) — Civilização maya-quiché, localizada no Yucatan, (Guatemala) e em uma parte da Honduras;
- 3ª) — Civilização commum aos povos da America Central e das Antilhas, florescente em S. Salvador e na Nicaragua;
- 4ª) — Civilização chibcha, ou da Cundinamarca, característica dos povos pré-colombianos da Costa Rica, do isthmo de Panamá e do planalto de Bogotá;
- 5ª) — Civilização inca ou peruana;
- 6ª) — Civilização dos Calchaquis, situada na provincia de Catamarca, no extremo dos Andes.

Esses povos eram peritos na arte dos tecidos e na industria da ceramica, conheciam todos os metaes, com exclusão do ferro, tinham uma constituição politica e religiosa, viviam em amplas ci-

dades, governados por chefes inteligentes, e possuíam um fundo apreciavel de tradições da mais alta importancia.

Como poderemos, entretanto, caracterizar perfeitamente taes povos? A que familia humana pertencem? Terão vindo para aqui depois de varias migrações, ou serão autochtones, proprios do territorio americano? Varias hypotheses têm sido suggeridas para explicar a sua origem; nem uma, todavia, poude ser seguramente verificada, até hoje. Segundo os dados fornecidos pela anthropologia somatica, ha, no Novo-Continente, varios typos humanos, que, nem pelos indices cephalicos, nem pela côr, nem por quaesquer outras particularidades physicas, mostram a sua verdadeira procedencia ⁽¹⁾.

Os escriptores espanhoes do seculo XVI, como Gomara e Garcia, pretenderam descobrir entre os mexicanos e peruanos uma ascendencia israelita, no que foram apoiados, mais tarde, no seculo XVIII e mesmo no seculo XIX, por Adair e Kingsborough. Depois dos trabalhos de Humboldt, Ranking, Paravey, Guignes e outros, a Asia passou a ser considerada como o berço das raças americanas.

Humboldt, comparando o calendario chinez ao mexicano, assim como certas semelhanças physicas communs a ambos os povos, não hesitou em affirmar que elles se prendiam ao mesmo ramo ethnico; Guignes, em 1761, publicou uma curiosa monographia sobre o famoso paiz do "Fu-

(1) Cf F. de Basaldua. *Prehistoria e Historia de La Civilizacion Indigena de Amerika*. B. Aires, 1925.

sang", descripto por um padre budhista, chamado Hoeishin, em 199, e que, segundo todas as probabilidades, devia ser a America. Klaproth, Dall, Muller e G. Schelegel, entretanto, se encarregaram de desfazer semelhante supposição mostrando, este ultimo, que o "Fusang" "era a Coréa ou a Ilha de Sakhalina.

Para Ranking a infiltração dos povos asiaticos é de data mais recente: fez-se por volta do seculo XVI, quando os juncos chinezes, commandados por um filho de Kubilai-Khan, chegaram ás costas do Pacifico. Mas Muller, com a sua familia de linguas turanianas, a que se filiou o Sr. Theophilo Braga, veio reforçar a theoria das origens asiaticas. Encontrando grandes semelhanças morphologicas entre os dialectos americanos e os idiomas uralo-altaicos da Asia Central e Oriental, suppoz o illustre philologo resolver a questão definitivamente, em favor das citadas doutrinas.

Alguns outros descobriram em varios aspectos da civilização americana óra influencias hindus, óra reminiscencias dos povos polynesios, óra vestigios dos carthaginezes, vindos do oriente através da Atlantida. Brasseur de Bourbourg vai além, porquanto considera a propria America a fonte da civilização européa.

Ha ainda uma outra theoria, pela qual teriam sido os scandinavos os verdadeiros introductores da civilização na America. Cremos, entretanto, que depois do ruidoso insuccesso da celebre inscripção do "Digthon Rock", onde os partidarios da these scandinava enxergaram caracteres runicos e latinos, que attestavam a passagem pelo novo continente do navegador Thorfin Karselfani, e onde o indio algonkino Shingwank verificou, ape-

nas, a escriptura figurada de um Wabenak da Nova-Inglaterra; assim como o da Torre de Newport, reconhecida logo por um monumento scandinavo, e nada mais sendo, na realidade, que um velho moinho de vento construido, em 1679, pelo governador inglez Arnold, muito poucas vantagens leva sobre as demais semelhante theoria, defendida entre outros, por Horsford e Rafin.

Pensamos, com Morton, Nott e Gliddon, Agassiz, e Baptista Caetano, que a raça americana é essencialmente separada de todas as outras dos antigos continentes. Demais, como accentua Simonin ⁽¹⁾, “porque suppor uma unidade que não existe na raça humana e, sobretudo, migrações que não se deram?” ⁽²⁾.

“Encore aujourd’hui”, prosegue o alludido ethnologo, “il serait impossible à des Européens de franchir le continent américain, je ne dis pas de New-York à San Francisco, mais même de Panama à Aspinwall, s'ils n'avaient par les chevaux, les diligences, les chemins de fer; et l'on veut que des sauvages aient descendu toutes ces régions le long de l'Atlantique et le long du Pacifique! On ne compte donc pour rien les Andes, les Sierras, les animaux malfaisants, les forêts impenetrables, les climats torrides et malsains. Par les itinéraires qu'on suppose, la route est impraticable, et les sauvages l'auraient suivie, l'auraient

(1) *Simonin*. — *L'Homme Américain*. Paris, 1870.

(2) As doutrinas modernas da Ologenese, de Daniele Rose, completados por Georges Montandon, confirmam essa opinião, dentro da hypothese do povoamento da terra simultaneamente em toda a sua superficie. Cf. *L'Ologenèse humaine — (Ologenisme)* de G. Montandon — (ed. F. Alcan, 1928).

ouverte ! erreur ! L'homme américain, est un produit du sol américain”.

As Raças do Brasil. — Von Ihering, em um admiravel livro onde estuda os vestigios da industria néolithica no Brasil, baseado nos elementos fornecidos pelos *sambaquis* encontrados nos Estados meridionaes do Paraná e Rio Grande do Sul, determinou tres civilizações differentes, entre os primitivos habitantes do nosso solo. A primeira teria sido a de um povo errante ao longo da costa litoranea, cuja alimentação se compunha principalmente de peixes marinhos e molluscos; a segunda, a dos povos selvícolas, ou caçadores, e, finalmente, a terceira, a dos povos agricultores, analoga á que os portuguezes encontraram, quando se estabeleceram no Brasil (1).

Kean e Hervas classificaram em quatro grandes grupos ou familias, as raças da America do Sul: a), auracanos; — b), guaranis; — c), kechuas; — d)), karibas. D'Orbigny, com mais propriedade, dividio-as em tres: a), ando-peruviaños; — b), pampeanos; — c), brasilio-guaranis. (2).

Cuidaremos, em breves traços, sómente do grupo brasilio-guarani, de onde esgalharam todas as differentes tribus que habitavam o Brasil, no momento do seu descobrimento pelos lusitanos. Os indios do Brasil não conheciam os metaes; seus instrumentos eram todos de pedra polida, barro cozido e madeira. A ceramica, sobretudo no norte do paiz, attingio um certo gráo de desenvolvimento, a arte dos tecidos era rudimentar, e

(1) *Von Ihering.* — *Civilização Prehistorica do Brasil Meridional.*

(2) *D'Orbigny.* — *L'Homme Américain.* Paris, 1843.

as armas para a caça e a pesca iguaes ás usadas pelo homem do periodo geologico.

Não possuíam as diversas tribus guaranis se não uma fôrma tosca de organização. Algumas falavam um idioma rico, de accents delicados e variadas expressões; tinham costumes tradicionaes e eram destros nos misteres da guerra e da paz; outras, porém, eram incultas, grosseiras, vagando em bandos nomades ao longo do litoral ou nos altos sertões. Umas respeitavam certas regras de moral e religião, em que, por exemplo, os laços de familia eram sagrados, e onde os attentados contra determinados principios, de longa data aceitos, eram punidos severamente, como se observava entre a dos Chambioás, que assavam em grandes fogueiras as mulheres culpadas de adultério. Outras, como a dos Cayapós, onde reinava uma especie de socialismo embryonario, que permittia o amor livre e a intromissão das mulheres nos trabalhos masculinos, não se recommendavam pela inteireza dos habitos nem pela energia das acções.

Sob o ponto de vista religioso, reina, ainda, uma certa confusão entre os nossos ethnologos. Uns, como Couto de Magalhães ⁽¹⁾, affirmam que os indios eram polytheistas, outros, como José Verissimo e Sylvio Roméro, dizem que elles não eram nem monotheistas, em virtude de seu atrazo mental, nem polytheistas, porquanto o polytheismo presuppõe uma imaginação mais desenvolvida, uma consciencia mais larga das cousas, que elles não poderiam ter.

Sylvio Roméro escreveu que "elles estavam

(1) *Couto le Magalhães. — O Selvagem.*

pouco além da época do puro naturalismo, em que o terror faz crer que as nuvens, os trovões (tupan), as tempestades, são seres ferozes que se devem respeitar". Seria melhor dizer, talvez, que estavam ainda na phase primitiva do "animismo" inconsciente. O "animismo" é uma das primeiras manifestações do sub-consciente em face da Natureza; é aquella inclinação antropomorphica, peculiar a todo homem, de que nos fala Hume. "As causas desconhecidas, occupando incessantemente o seu espirito, fazem com que o homem lhes empreste, para mais facilmente as assimilar, o pensamento, a razão, a paixão, e, algumas vezes mesmo, membros e traços identicos aos seus". Eis ahi por que os indios adoravam os astros e se arreceavam das coleras do céu. O Tupan dos Guaranis é, assim, uma especie de Zeus, sem intelligencia e sem fórma, manifestando-se apenas, como o deus grego ás vezes se manifestava, por grandes e temiveis abalos atmosphericos. Nas suas lendas se reflecte, de espaço a espaço, esse terror do desconhecido, essa inquietadora surpresa que lhes causava o espectaculo das forças da Natureza.

O MEIO SOCIAL — Foram esses os povos que os portuguezes encontraram no Brasil, quando, no século XVI, para aqui partiram os primeiros colonizadores do Reino. Com os portuguezes vieram os Africanos, e o grande caldeamento, cujo producto iria constituir mais tarde a raça brasileira, começou a realizar-se, logo ao inicio da conquista.

A raça portugueza, no século XVI, estava no seu apogeo. Na poesia floresciam Camões e Ferreira, Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro e Gil

Vicente; na historia, João de Barros e Diogo do Couto, Fernão Lopes Castanhedo e o velho Damião de Góes, amigo de Erasmo, e introductor das idéas lutheranas em sua patria; na chronica e nas narrativas pitorescas, Fernão Mendes Pinto; na eloquencia, Diogo Paiva de Andrade e Fr. Miguel dos Santos. Suas frotas cruzavam os mares, seus guerreiros arrancavam do gentio e da moirama assustada leguas de terras exuberantes e valiosas, emquanto o pendão das quinas gloriosas se desfaldava em mundos novos e fabulosos.

A raça mais ousada do velho continente, aquella que, pela força dos musculos, pela audacia cavalheirosa e sagacidade politica, dominou os mares e varou as landes ignoradas, emquanto, na Italia e na França os homens se entretinham em serãos galantes ou em pequenas intrigas venenosas, trouxe para o mundo novo o ultimo raio de seu resplendor, prestes a desaparecer.

Cruzando-se com o selvicola e o negro, o portuguez não decahiu; longos annos a raça destemerosa, então nascida nas terras brasileiras, teve que lutar, longos dissabores soffreu, longas provações amargou. A natureza, entretanto, dotara a nova gente de excellentes predicados de resistencia e de animo, verdadeiramente formidaveis. Os mais adestrados capitães hollandezes, os mais afoutos conquistadores inglezes e francezes, experimentaram nas couraças amolgadas o peso das nossas armas triumphantes. Contra a diplomacia velhaca das cortes cubiçosas foi salutar remedio a força dos nossos braços victoriosos.

Aqui, em poucos annos, se formou uma nacionalidade vigorosa, composta de homens robustos e intelligentes, cuja vontade de viver indepen-

dente desde logo se manifestou. Assim, quando a Metropole sentiu os abalos dessa energia que despertava inesperadamente, não conseguiu mais abafar os seus impulsos de liberdade e autonomia.

Do estudo do nosso meio ethnico verificaremos que houve no Brasil dois periodos distinctos de formação: *a)* — O que se estende do seculo XVI ao fim do seculo XVIII, no qual os cruzamentos se deram entre portuguezes e indios (mamelucos), portuguezes e negros (mulatos), e, finalmente, indios e negros (cafusos); *b)* — E o que, partindo do principio do seculo XIX vem até á epoca presente, no qual os cruzamentos são muito mais compexos e intrincados, devido á immigração de novos elementos europeus, e, em parte, á prohibição do trafico de africanos.

Postos de lado os elementos indigena e africano, dominados pela raça branca, vulgarmente chamada aryanas, o problema que se nos apresenta é o seguinte: Qual, dentre as diversas familias aryanas que contribuíram para o povoamento do solo brasileiro, será futuramente a mais importante? A luso-brasileira, ou a teuto-italo-brasileira?

Não temos duvida em affirmar que os luso-brasileiros triumpharão; entretanto, não podemos esquecer que os elementos italianos, germanicos e slavos, localizados no sul do Brasil, modificarão necessariamente com as suas novas e numerosas correntes migratorias, em alguns pontos, a nossa indole. Os Estados de S. Paulo, Sta. Catharina e Paraná offerecem já algumas singularidades typicas nesse particular. Os conselhos de Sylvio Romero, são, em tal passo, de grande proveito.

Se quizermos ter uma população ethnica-

mente equilibrada precisaremos, antes de tudo, modificar os nossos systemas de colonização, estabelecendo zonas de immigração por todo o paiz; primeiro pelo litoral, para os effeitos da acclimação, depois no interior. Sómente assim conseguiremos a unidade ethnica tão imprescindivel aos paizes que, á semelhança do Brasil, são constituídos por varias camadas raciaes.

CONCLUSÃO

Em face, pois, dos factores naturaes e ethico-historicos, neste capitulo summariamente estudados, o Brasil representa, sem duvida, uma força nova da humanidade, e é logico que possua, como de facto possui, uma civilização mais ou menos definida, onde predominam, é certo, as influencias européas, mas onde já se vislumbram varios indicios de uma proxima autonomia intellectual, de que a sua literatura, já consideravel e brilhante, constitue a melhor e mais decisiva prova. ⁽¹⁾

Veremos, adeante, no correr deste trabalho, como no espaço relativamente curto de quatro seculos se formou e desenvolveu rapidamente a litteratura brasileira.

(1) O interesse crescente, no estrangeiro, pelo nosso desenvolvimento intellectual, manifesta-se por varios modos. Basta mencionar a criação de cadeiras de estudos braslleiros na França e em Portugal, assim como a excellente obra do professor Isaac Goldberg, *Brazilian Litterature*, publicada em N. York, no anno de 1922.

Maria de Lourdes

CAPITULO I

A Literatura no Brasil — As Escolas Literarias e as influencias européas

A historia de um povo não está apenas na simples enumeração dos seus feitos guerreiros, das suas lutas politicas e religiosas, das suas conquistas e dos seus revezes. Ha uma força intima e superior que a determina, um impulso irresistivel que lhe define as características, uma chamma palpitante que a illumina perennemente: a alma da raça.

Amarguras e alegrias, provações e glorias, derrotas e victorias são communs a todos os povos. Na sua marcha evolutiva através das idas elles soffrem igualmente, elles igualmente se rejubilam, porquanto, neste mundo estreito e limitado, não ha effeitos novos nem motivos ineditos de prazer ou de magua.

É certo que uma apparencia enganadora de progresso faz com que os homens acreditem nas excellencias do tempo em que porventura vivem, na perfectibilidade dos momentos immediatos, na grandeza, em summa, da sua epoca. Está ahí a razão de todas as modas scientificas ou

literarias, artisticas ou religiosas. Entretanto, na essencia, o homem não mudou. As mesmas contingencias eternas o arrastam, os mesmos preconceitos o dirigem, as mesmas necessidades o acorrentam...

Se uma agitação crescente absorve a intelligencia humana, ella é, na substancia, a mesma, variando sómente nas suas expressões. A alma de uma raça, portanto, é a manifestação particular de um pensamento geral pertencente a todas as outras.

Comparem-se, por exemplo, as Rhapsodias de Homero aos cantos de Ossian, os guerreiros de Agamemnon aos de Fingal. A epopéa dos gregos e a dos caledonios, correndo sobre um thema semelhante, divergem fundamentalmente na pintura dos quadros e dos sentimentos. De parte a parte, a furia das paixões desenfreiadas se desencadeia, a natureza humana e a divina se confundem, o terror e a bravura se misturam; numa e noutra se ouve o alarido das pelepas, o tumulto dos corpos em combate e se observa a subtileza dos ardis. O heroismo de Achilles não empolga mais do que o de Cuchullin, a belleza das acções é, sem duvida, admiravel em ambos os poemas. O genio que os inspirou é, todavia, profundamente diverso. Homero é claro, preciso, e conhece as virtudes da justa medida, tão ao sabor dos hellenos; Ossian é brumal, mysterioso e, ás vezes, diffuso como o eram os celtas.

Veja-se, tambem, por exemplo, como é differente, na sua expressão artistica, o sentimento religioso entre os povos christãos do norte e do sul da Europa. No septentrião, onde é escassa

a luz, nevoento o céu, e o temor dos castigos é maior e mais ameaçador, eleva-se a cathedral gothica, de torres massiças e quadrangulares, mostrando, nos paredões pesados, a bocarra das gárgulas terriveis e assustadoras, como se o templo houvesse mister, para ser amado e respeitado, daquelle friso solemne de monstros apocalypticos ! No norte, quem guarda a casa de Deus é o demonio. . .

No meio-dia, onde ha mais ceremonias e menos sinceridade, onde ha mais luxo e menos fervor , predominam as graças do estilo bysantino e o fausto das basilicas romanas, com as suas grandes cupolas, os seus claros vitraes e os seus mosaicos de ouro e pedraria. Na Italia, segundo Savonarola, o inferno estava dentro das igrejas, tantas eram as obras de arte profana que abrigavam.

Assim, a pintura, a musica, a poesia, a esculptura, a architectura, emfim, todos os grandes monumentos da civilização, quem os anima, quem os aperfeiçoa é a luz das differentes raças, colaborando cada qual com as suas obras para o immenso patrimonio moral e intellectual daquillo que, por extensão, poderemos, com Michelet, chamar a "Biblia da Humanidade".

Um povo sem literatura seria, naturalmente, um povo mudo, sem tradições e sem passado, fadado a desaparecer como réles planta rasteira nascida para ser pisada. De todas as artes é a da palavia, sem contestação, aquella que exerce uma influencia mais penetrante, um papel mais saliente na formação das nacionalidades. As estatuas de Scopas puderam ser imi-

tadas; nunca ninguem se atreveu, porém, a reproduzir as tragedias de Eschylo.

A literatura é a propria historia de cada collectividade; reflectem-se nella, como num espelho polido, as imagens tristes ou risonhas da vida humana. É ella que annuncia as grandes revoluções politicas e religiosas, como no caso de Luthero e dos encyclopedistas do seculo XVIII, ou que regista os triumphos de uma raça que declina, como no caso dos *Lusiadas*. Caminham á sua sombra niveladora nobre e plebeus, grandes e pequenos, o magnifico Cesar e o modesto Suetonio. Ella representa melhor as particularidades de uma phase historica do que a lisongeira chronica, feita pelos aulicos espertos, em honra dos reis e dos imperadores despoticos. O seculo XVI é menos o de Elisabeth que o de Shakespeare, o seculo XVII mais o de Molière que o de Luiz XIV.

Varias causas, entretanto, concorrem para a formação e o desenvolvimento de uma literatura: algumas são peculiares ao proprio povo onde ella floresce, outras são exteriores, seguem como que um processo de lenta infiltração, de caldeamento intellectual e moral. Aquellas celebres fronteiras da "lei do meio", de Taine, devem ser dilatadas, porque, na verdade, são muito mais largas do que parecem. O meio não é apenas o ambiente, o momento e a raça. O meio é toda a civilização, é a humanidade inteira, são todas as reacções estheticas e sociaes, todas as aspirações, todas as duvidas e todos os enganoses, todas as verdades e todos os erros, o meio é o Universo.

Molière é, muitas vezes, uma replica de Te-

rencia; Corneille e Racine estão cheios de motivos gregos. Nem um delles, porém, deixou de ser genuinamente francez, e francez do grande seculo. "Presque tout est imitation", pondera Voltaire. "Il en est des livres comme du feu de nos foyers; on va prendre ce feu chez son voisin, on l'allume chez soi, on le communique à d'autres, et il appartient à tous".

As causas exteriores, portanto, não devem ser despresadas como qualquer elemento perigoso de desnacionalização. Seria, por exemplo, um grave erro historico e philosophico aceitar, sem restricções, as desalentadoras conclusões do sr. Theophilo Braga contra as correntes espanholas e provençaes, que tanto contribuíram para a fôrmosura e o esplendor da literatura portugueza.

Não! As literaturas são como os seixos ao fundo quieto dos rios: precisam de muitas e diferentes aguas para se tornarem polidas. E se, por um lado, podem ficar *menores*, perdem, por outro, certas arestas duras e aggressivas, infinitamente mais nocivas á sua perfeição.

As causas internas, isto é, as fundamentaes, são as que servem de base ao character de cada povo, como a lingua, os usos e os costumes, os principios juridicos e religiosos, etc. Constituem, por assim dizer, o sólo onde germinam as proprias e as alheias sementes.

Dadas estas razões, vejamos quaes são os argumentos que militam a favor da existencia de uma literatura brasileira.

Apesar de não possuirmos uma lingua propria, acreditamos, ao revés de alguns pessimistas de pequena envergadura, que nos não fallecem as condições necessarias ao advento de grandes

obras literarias, perfeitamente brasileiras, caracteristicamente nacionaes. A influencia portugueza, predominante até os fins do seculo XVIII, entrou, no seculo XIX em franco declinio e, hoje, não existe mais senão como apagado vestigio, repontando, de raro em raro, nalguns escriptores quasi sem relevo. O idioma falado por nós já apresenta singularidades notaveis; nossa prosodia tem accents mais delicados que a lusitana, e ha na syntaxe popular muitas particularidades interessantes. Temos, tambem, um extenso vocabulario, essencialmente brasileiro, cuja importancia não se faz mister encarecer. ⁽¹⁾ O meio é rico de aspectos physicos e sociaes, a cultura augmenta consideravelmente, e não será difficil descobrir por todo o paiz os signaes de uma orientação nova, no tocante aos problemas nacionaes, de uma orientação que, sem os preconceitos jacobinos de 1889, poderá imprimir um forte impulso á nossa evolução, dando ao Brasil uma clara visão dos seus destinos.

Todas essas modalidades necessariamente

(1) Convém consultar sobre o assumpto, além da copiosa mêsse de vocabulos brasileiros do Diccionario de Candido de Figueiredo, os trabalhos philologicos dos srs. João Ribeiro, A. Faria, Amadeu Amaral, Mario Barreto, A. Nascentes e outros. Nesse particular, offerece a nossa literatura regional um largo campo de observação. Dados os limites deste livro, que nada mais é senão um ensaio sobre a nossa literatura, as suas caracteristicas e a sua physionomia particular na America latina, não nos cabe entrar na discussão desse grande problema da nossa linguagem, desattendendo, por isso, ás suggestões que nos foram feitas, ao sahir a lume a primeira edição da Peq. Hist., por alguns criticos de responsabilidade, entre os quaes o illustre escriptor portuguez sr. Agostinho de Campos.

fornecerão elementos preciosos para o desenvolvimento das nossas letras, como no século XIX succedeu com a Independencia, que foi a origem insophismavel do indianismo de Gonçalves Dias e Alencar.

Andou, pois, com a verdade José Verissimo quando apontou que “a literatura que se escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o portuguez, e em forma que, apesar da comunidade da lingua, não é mais inteiramente portugueza. É isto absolutamente certo desde o romantismo, que foi a nossa emancipação literaria, seguindo-se naturalmente á nossa independencia politica. Mas o sentimento que o promoveu e principalmente o distinguio, o espirito nativista primeiro e o nacionalista depois, esse se veio formando desde as nossas primeiras manifestações literarias, sem que a vassalagem ao pensamento e ao espirito portuguez lograsse jámais abafal-o. É exactamente essa persistencia no tempo e no espaço de tal sentimento, manifestado literariamente, que dá á nossa literatura a unidade e lhe justifica a autonomia”.

Dentre os escriptores que procuraram systematizar as phases que atravessou a literatura brasileira merecem attenção Ferdinand Wolf, Fernandes Pinheiro e Sylvio Roméro, sem comtudo esquecer os ponderados juizes de Varnhagem, na introdução do seu “Florilegio”.

Ferdinand Wolf demarcou os seguintes periodos:

- 1º) — do descobrimento do Brasil ao fim do século XVII;

- 2º) — primeira metade do seculo XVIII;
- 3º) — segunda parte do seculo XVIII;
- 4º) — do começo do seculo XIX, ao anno de 1840;
- 5º) — de 1840 a 1863, anno em que appareceu a sua estimavel obra "Le Brésil Littéraire".

O conego Fernandes Pinheiro determinou as seguintes phases:

- 1.^a) — Phase de formação. (seculos XVI e XVII).
- 2.^a) — Phase de desenvolvimento. (seculo XVIII).
- 3.^a) — Reforma. (seculo XIX).

Finalmente, Sylvio Roméro estabeleceu esta divisão:

- 1º) — Periodo de formação. (1500-1750)
- 2º) — Periodo de desenvolvimento autonomico. (1750-1830)
- 3º) — Periodo de transformação romantica. (1830-1870)
- 4º) — Periodo de reacção critica e naturalista. (de 1870 em diante)

Estudando, mais tarde, a sua classificação, Sylvio Roméro chegou á conclusão, sem duvida mais satisfactoria, de que a historia da nossa litteratura poderia reduzir-se a dois momentos fundamentaes: *a*) — phase de formação (1549-1792) e *b*) — phase de desenvolvimento (1792-1900), começando a primeira "dentro das forças do pe-

riodo de classismo literario e de absolutismo literario, desde quando se fundaram as primeiras escolas de humanidades no Brasil e espiritos como Nobrega, Anchieta, Cardim, Luiz de Gran, Gandavo, Gabriel Soares e outros iguaes ensinaram ou escreveram nesta parte da America"; e a segunda partindo do proto-romantismo da escola de Minas e desdobrando-se até o fim do seculo XIX. O primeiro periodo abrange quasi todo o Brasil colonial e o segundo quasi só o Brasil independente.

Parece-me todavia, que nem uma dessas classificações é justa e precisa. A de Ferdinand Wolf é empirica, porque faz do tempo, que é de natureza inflexivel e está fóra das nossas contingencias, um ponto de referencia para as successivas phases de uma literatura; a de Fernandes Pinheiro é especiosa, porquanto determina um periodo de desenvolvimento e outro de reforma. Porventura "reforma" não será ainda um gráo de desenvolvimento? Porventura a escola mineira do seculo XVIII não foi tambem um movimento de "reforma" em face do seculo anterior?

A de Sylvio Roméro é a mais attenta das tres. Falta-lhe, porém, segurança e concisão. Aquelle seu "periodo de desenvolvimento autonomico" é menos verdadeiro, pois ainda sofriamos no seculo XVIII immediata influencia portugueza. O Brasil, como se disse alhures, era uma Arcadia semelhante ás do Portugal de Felinto Elysio e Bocage. Sómente com o romantismo, depois da Independencia, é que tivemos realmente autonomia intellectual (1).

(1) Cf. — Compendio de Historia da Literatura Brasileira, por S. Romero e J. Ribeiro.

Seria mais acertado, talvez, dividir a historia da literatura brasileira em tres periodos distinctos :

- 1º) — Periodo de formação, quando era absoluto o predominio do pensamento portuguez (1500-1750);
- 2º) — Periodo de transformação, quando os poetas da escola mineira começaram a neutralizar, ainda que pallidamente, os effeitos da influencia lusitana . . . (1750-1830);
- 3º) — Periodo autonomico, quando os romanticos e os naturalistas trouxeram para a nossa literatura novas correntes européas (1830 em diante).

No primeiro periodo, portanto, foi a nossa literatura obra exclusiva do pensamento portuguez: no seculo XVI, com o padre Anchieta, Bento Teixeira Pinto, o autor desconhecido dos "Dialogos das Grandezas do Brasil", Fr. Francisco do Rosario e Jorge de Albuquerque; no seculo XVII, com Fr. Vicente do Salvador, Manoel de Moraes, Diogo Gomes Carneiro, Fr. Christovam da Madre de Deus Luz, Eusebio de Mattos, Antonio de Sá e Botelho de Oliveira, sem falar em Gregorio de Mattos, que, indubitavelmente, foi a figura de maior relevo da sua epoca e, por muitos modos, a voz precursora da nossa independencia mental; e, finalmente, na primeira metade do seculo XVIII, com Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica, Antonio José da Silva e Sebastião da Rocha Pitta.

No segundo, apesar de ser forte, ainda, a influencia da Metropole, já um sentimento novo se manifesta, com os poetas da chamada "escola mineira", nas obras de Basilio da Gama, o seu mais lidimo representante, e nas de José de Santa Rita Durão, Claudio Manoel da Costa, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, e Thomaz Antonio Gonzaga, sem esquecer outros menores, como Domingos Caldas Barbosa, José Gomes da Costa Gadelha e Antonio Mendes Bordallo. Na primeira phase do seculo XIX, com Antonio Pereira de Souza Caldas, Fr. Francisco de S. Carlos, José da Natividade Saldanha, Januario da Cunha Barbosa, Bastos Barauna, José Eloy Ottoni, Domingos Borges de Barros e José Bonifacio de Andrade e Silva, na poesia, e Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, Mont'Alverne, Balthazar da Silva Lisboa, José Feliciano Fernandes Pinheiro, na prosa, vislumbram-se nitidos indicios de uma proxima libertação tanto moral quanto material, embora ainda fossem vivos os remanescentes do velho classismo.

Depois de 1830, isto é, no seu terceiro periodo, a literatura torna-se nacional. Na poesia, succedendo a Maciel Monteiro, Odorico Mendes e Salomé Queiroga, surgem os romanticos reformadores Domingos José Gonçalves de Magalhães e Manoel de Araujo Porto Alegre. Gonçalves Junqueira Freire, Laurindo Rabello, Fagundes Varella e Casimiro de Abreu; Tobias Barves Dias lança as bases do indianismo; Alvares de Azevedo introduz a poesia de Byron e Shelley, Heine e Musset, sendo logo acompanhado reto e Castro Alves imprimem um cunho social

á poesia, e fazem da escola condoreira uma officina de luta e de combate aos males da escravidão. Nesse momento já o paiz inteiro se interessa pelos grandes problemas da humanidade, e entra francamente nas correntes modernas da civilização occidental. É a epoca das revoluções. Tobias Barreto e Sylvio Roméro, por um lado, por outro Theophilo Dias, Alberto de Oliveira, Raymundo Correia e Olavo Bilac reagem contra o romantismo, concorrendo para a acclimação no Brasil do naturalismo e do parnasianismo. Mais tarde, Cruz e Souza, e os seus epigonos, insurgindo-se, como em França Verlaine e Mallarmé, contra a "impassibilidade parnasiana", procuram no decadentismo uma nova orientação, levando ao extremo o subjectivismo impressionista, tão amado dos nossos antigos poetas liricos e romanticos.

Na *prosa* o ultima periodo apresenta muitos escriptores consideraveis. Entre os romancistas e dramaturgos sobresaem Martins Penna, Manoel de Macedo, José de Alencar, Bernardo Guimarães, Escragnolle Taunay, Franklin Tavora, Agrario de Souza Menezes, Arthur Azevedo e Machado de Assis, que é, sem favor, o maior romancista da lingua portugueza; entre os criticos e historiadores distinguem-se Francisco Adolpho Varnhagen, José Manoel Pereira da Silva, João Francisco Lisboa, Alexandre José de Mello Moraes, Joaquim Norberto de Souza Silva, Joaquim Caetano da Silva, Tobias Barreto, Sylvio Romero, Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Rocha Pombo, José Verissimo, Araripe Junior e João Ribeiro; entre os oradores e publicistas, são dignos de nota Bernardo Pereira

de Vasconcellos, Maciel Monteiro, José Maria do Amaral, José Bonifacio de Andrade e Silva, Antonio Ferreira Vianna, Francisco Octaviano de Almeida Rosa, Torres Homem, Tavares Bastos, Alcindo Guanabara, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa, cujo estilo é dos mais apurados e elegantes, não só pela correção da linguagem senão também pela formosura das imagens e dos tropos.

Maria de Lourdes Cunha

CAPITULO II

A Poesia e as lendas populares no Brasil

§ 1.º — A POESIA

A verdadeira poesia nasce da boca do povo como a planta do sólo agreste e virgem. É elle o grande creador, sincero e espontaneo, das epopéas nacionaes, aquelle que inspira os artistas, anima os guerreiros e dirige os destinos da patria.

Dos pastores do Himalaya aos bardos gregos e romanos, no mundo antigo, dos trovadores e jograes, na idade-média, aos poetas das côrtes e dos salões senhoriaes, no Renascimento, não variou o sentimento poetico. Sómente as fórmas se modificaram. O subtil Montaigne, ao revés dos seus contemporaneos imitadores de Pindaro e Theocrito, muito justamente comprehendeu que “la poésie populaire et purement naturelle, a des naïvetés et des grâces par où elle se compare à la principale beauté de la poésie parfaite selon l’art; comme il se voit ès villanelles de Goscoigne, et aux chansons qu’on nous raporte des na-

tions qui n'ont cognoissance d'aucune science n'y mesmes d'escripture. La poésie médiocre qui s'arrête entre deus est desdeignée, sans honneur et sans prix”.

E que é a poesia senão um esforço da alma para entender certas verdades superiores e eternas que estão acima de todos os raciocínios? Os cientistas investigam, medem, pensam e verificam; a natureza, para elles, é um theorema, um calculo, uma hypothese; é, em summa, simples função da intelligencia e da experimentação. O povo, ao contrario, é ingenuo, acredita mais depressa no impossivel que no possivel, não pensa, não indaga e não resolve: sonha, sonha apenas com a felicidade immediata ou futura, e põe, deante de cada interrogação ameaçadora, o sorriso da trova brejeira ou a lagrima da canção dolente.

À philosophia popular repugnam as idéas abstractas, os problemas aridos, as construcções metaphysicas; ella é profundamente imaginosa e fantasista, porque fantasiar ou imaginar é para o povo mais que uma necessidade, quasi um habito.

Quem folhear qualquer cancionero oriental ou occidental verá que a vida se resume, no conceito da musa popular, em alguns jogos tristes ou alegres, num pouco de vinho transparente e leve, diria o epicurista Omar Khayyam, num momento fugaz de magua ou de prazer. Já o festivo Anacreonte cantára, na “Vida Agradavel”:

Para que torturar-me
Com as lições da tua rhetorica?
Lindas palavras ou grandes discursos
Não tornam mais bella a vida...

Aprende, antes, a beber
O doce licôr de Dyonisos;
Põe tua maior ventura

No servir a loura Aphrodite.
Os cabellos brancos enchem-me a cabeça;
Escansão! dá-me um vinho puro. Prepara

A agua que deve refrescal-o,
Pois, em breve, no seio da terra,
Minha poeira deixarás,
E ahí os mortos não desejam mais...

Assim faz a gente rude e boa terra. Nem por diverso modo julgavam os homens primitivos e julgarão os vindouros as graças e os dissabores do mundo. "Gaudeamus igitur, juvenes dum sumus", diz a velha cantiga universitária de Heidelberg. O mesmo repetem todos os homens, o mesmo parece repetir a propria natureza que nos rodeia, na sua ansia infinita de renovação, na sua pressa de se mostrar sempre joven e engalanada.

Entretanto, nem sempre é jovial a nossa poesia vulgar. Antes, diremos, como o padre Anchieta escreveu da terra, que a nossa musa sertaneja "é algo melancolica". O brasileiro é naturalmente triste, porque tristes são as tres raças que contribuíram para a sua formação. O portuguez é nostálgico como a languida toada dos seus fados; o africano é um abatido, suas revoltas são gritos de dor contra as agruras do exilio em que o puzeram; o indio é um soffredor, tem na alma a resignada queixa dos rios e o murmúrio das selvas mysteriosas. Dahi esse aspecto de melancolia que ha em quasi todas as producções da poesia brasileira, cujas peças mais

formosas e amadas, desde o episodio da Lyndoa, de Basilio da Gama, ás "Pombas", de Raymundo Correia, são imprecações de desespero contra o destino impassível. Se algumas vezes se encontram quadras de ligeiro chiste como as que seguem:

Alfaiate quer tesoura;
 Sapateiro quer tripeça;
 Moça bonita quer ouro;
 Moça velha quer conversa.

Eu não fio na mulher
 Nem que ella esteja dormindo;
 Os olhos estão fechados,
 Sobrancelha está bolindo.

ou, então,

A menina que eu namoro
 E que me quer muito bem,
 Tem um sorriso que encanta
 E vinte contos tambem.

por via de regra, as mais communs são as que reçumam desengano e amargor.

Sobre as variações da fortuna, motivo tão velho como a vida humana, ou a divina, se os deuses da Theogonia ainda existem porventura, corre uma pequena e luminosa joia:

A sorte, nós bem sabemos,
 É tal qual uma mulher,
 Que quer quando não queremos,
 Quando queremos não quer...

Que sensibilidade, extreme de artificios mais ou menos engenhosos, repona nas seguintes estrophes:

Alma no corpo não tenho,
Minha existencia é fingida,
Sou como um tronco quebrado
Que dá sombra sem ter vida.

As rosas é que são bellas,
Os espinhos é que picam:
Mas são as rosas que cáem,
São os espinhos que ficam.

Parece troça, parece,
Mas é verdade patente,
Que a gente nunca se esquece
De quem se esquece da gente.

Mente quem diz nesta vida
Muitos males ter soffrido.
Só de um mal a gente soffre
É o mal de ter nascido.

De espaço a espaço, surge um verdadeiro clarão de "humor", que mal encobre, no sorriso de mófa e zombaria, um laivo de travor pessimista:

Meu mano, meu camarada,
Tudo no mundo é assim:
Commigo ôcê fala de outros,
C'outros 'cê fala de mim...

O porco ha de ser porco
Inda que o rei dos bichos
Por seus bellos caprichos
O queira fazer cortezão (1).

(1) *Pereira da Costa*. — Folklore Pernambucano, pagina 598.

Frequentemente também apparecem estrophes onde a lingua portugueza, a tupi e os dialectos africanos se combinam. Couto de Magalhães, Sylvio Roméro e Pereira da Costa colligiram algumas canções muito curiosas, em que aquelles idiomas andam confundidos, como se vê das abaixo transcriptas:

(PORTUGUEZ-TUPI)

Te mandei um passarinho,
 Patuá miri pupé;
 Pintadinho de amarello
 Iporanga ne iaué.

Vamos dar a despedida,
 Mandú sarará
 Como o deu o passarinho
 Mandú sarará.

Bateu asa, e foi-se embora
 Mandú sarará
 Deixou a pena no ninho
 Mandú sarará.

(PORTUGUEZ-AFRICANO)

Turuê turuê,
 Fala capitanga, turuê.
 "Aio cá, turuê,
 Capitanga ouê,
 Aioê, minha gana ouê.

— Zambi lê lê camundê,
 Pruquê tu era congo, jacombê
 "Andaraê, anderoê.

—Nosso todo já tá prompto,
P'ra cum perna trocá,
Hoje branco ha de ficá,
Olé, lê lê, olé,
De bocca pero o á
Asassá (1).

Convem notar, de passagem, como já se mostra diversa da genuinamente portugueza a linguagem do nosso povo em seus cantares anónimos. O emprego da variação prenominal, como no verso,

Te mandei um passarinho,

profundamente aberrante das regras mais comensinhas da syntaxe portugueza, é, quasi, de uso regular na conversa domestica, mesmo entre as classes polidas e illustradas.

§ 2.º — AS LENDAS E OS MYTHOS

Nosso povo não se receia sómente com os encantos do verso alado e sonoro; é tambem um grande creador de fabulas e historias, geralmente de tendencias moraes e correctivas. A imaginação popular não tem, no Brasil, aquelle fausto nem aquella pompa do genio oriental.

Em nossos contos indigenas não ha palacios magnificos, nem castellos sumptuosos, forrados de pedraria custosa, como nas Mil e uma Noites.

A Sheherazada brasileira é mais conceituosa que opulenta, educa mais que deslumbra. Nas lendas selvagens a natureza domina o homem,

(1) *Peretra da Costa*. — Ob. cit., pags. 273-74.

e, como nas fabulas de Esopo e La Fontaine, são os animaes que se encarregam de revelar as virtudes e os defeitos da vida, por meio das suas engenhosas artimanhas.

As lendas de origem européa, como A Madrasta, A Moura Torta, Maria Borrallheira, o Bicho Manjaléo, A lebre encantada, O Rei Caçador, etc., são apenas variantes mais ou menos mascaradas do extenso fabulario medieval, e estão, por isso, fóra da nossa verdadeira indole. As de procedencia africana são, nesse particular, mais características, approximam-se mais de nossa alma.

Para o indigena, segundo se apura nos seus contos mais famosos, era a esperteza arma seguramente melhor que a força, o instincto da raposa vencia a violencia da onça, a agilidade dos macacos, a bruteza das antas. Observe-se, como exemplo, a historia abaixo transcripta:

O KAGADO E A FRUTA

“Diz que foi um dia, havia no matto uma fruta que todos os bichos tinham vontade de comer; mas era prohibido comer tal fruta sem primeiro saber o nome della. Todos os animaes iam a casa de uma mulher que morava nas paragens onde estava o pé da fruta, perguntavam a ella o nome, e voltavam para comer; mas quando chegavam lá não se lembravam mais do nome. Assim aconteceu com todos os bichos que iam e voltavam, e nada de acertar com o nome.

“Faltava sómente amigo kágado; os outros foram chamar elle para ir por sua vez. Alguns caçoavam muito dizendo: “Quando os outros não

acertaram, quanto mais elle !” Amigo kágado partiu munido de uma violinha; quando chegou na casa da mulher perguntou o nome da fruta. Ella disse: “Boyôyô-boyôyô-quizama-quizú; boyôyô-boyôyô-quizama-quizú”. Mas a mulher, depois que cada bicho ia-se retirando já em algumas distancia, punha-se de lá a bradar: “Oh, amigo tal, o nome não é esse, não”. E dizia outros nomes; o bicho se atrapalhava e quando chegava ao pé da fruta não sabia mais o nome. Com o kágado não foi assim, porque elle deu de mão á sua violinha, e poz-se a cantar o nome até o lugar da arvore, e venceu a todos. Mas, amiga onça que já lá estava á sua espera, disse-lhe: “Amigo kágado, você como não pode trepar, deixe que eu trepe para tirar as frutas, e você em paga me dá algumas”.

“O kágado consentiu; ella encheu o seu sacco e largou-se atrás. Chegando a um rio elle disse á onça: “Amiga onça, aqui você me dê o sacco para eu passar, que sou melhor nadador, e você passa depois”. A onça concordou, mas o sabido, quando se viu da outra banda, sumiu-se ficando a onça lograda.

“Esta formou o plano de o matar; elle soube, e metteu-se debaixo de uma raiz de grande arvore onde ella costumava descançar. Ahi chegada, pôz-se ella a gritar: “Amigo kágado, amigo kágado !”. O sabido respondia ali de pertinho: “Oi”. A onça olhava de uma banda e d’outra, e não via ninguem. Ficou muito espantada, e pensou que era o seu trazeiro que respondia. Pôz-se, de novo, a gritar, e sempre o kágado respondendo: “Oi”, e ella: “Cala a bocca, *oveiro!*” e sempre a cousa para diante. Amigo macaco veio

passando, e a onça lhe contou o caso da desobediencia de seu trazeiro e lhe pediu que o açoitasse. O macaco tanto executou a obra que a matou.

Deu-se, então, o kágado por satisfeito" (1).

Não temos duvida que o bom La Fontaine poria ao fim desta fabula, á guisa de moralidade, aquelles mesmos versos com que arrematou a sua historia da rã e do rato:

La ruse la mieux ourdie
Peut nuire à son inventeur
Et souvent la perfidie
Retourne sur son auteur.

O animal preferido pelos indigenas é o jaboty (2) Suas espertezas não tão notaveis que nem o Caipora consegue evital-o. Os animaes ferozes são dominados por elle, e ha nas suas façanhas sempre um ensinamento a colher, sempre um exemplo a imitar. A raposa de Esopo encontra no nosso jaboty um emulo brilhante, senão até um mestre ainda mais subtil na arte de viver.

Entre as de origem africana, merece especial menção a pequena lenda: A onça e o gato.

"A onça pediu ao gato para lhe ensinar a pular, e o gato promptamente lhe ensinou. Depois, indo juntos para a fonte beber agua, fizeram uma aposta para vêr quem pulava mais.

Chegando á fonte encontraram lá o calangro, e então disse a onça para o gato.: "Compadre,

(1) Vid. *Sylvio Romero*. — Contos Populares do Brasil, 5.^a ed., Rio.

(2) Vide *Barbosa Rodrigues*. Poranduba Amazonsense.

vamos vêr quem de um só pulo pega o camarada calangro?" "Vamos", disse o gato. "Só você pulando adiante", disse a onça. O gato pulou em cima do calangro, a onça pulou em cima do gato. Então, o gato pulou de banda e se escapou. A onça ficou desapontada e disse: "Assim compadre gato, é que você me ensinou?! Principiou e não acabou...". O gato respondeu: "Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes... (1).

Nesta curta, mas admiravel lição, está uma das mais sabias paginas que a intelligencia humana poderá conceber. Na sua singeleza, na sua ingenuidade, transparece uma grande comprehensão das cousas deste mundo; e o gato, que sempre foi tido por indifferente e preguiçoso, perde, aqui, as suas virtudes mais gabadas para se converter num matreio e ladinissimo politico... Machiavel não a desprezaria, porque todos os seus conselhos se resumem, afinal, naquelle pulo do gato...

É pena, entretanto, que o *folk-lore* africano seja ainda tão escassamente procurado e estudado. Não só no Brasil, senão principalmente na Africa, o genio do negro constitue um filão precioso, que, infelizmente, permanece na sombra inexplorado.

A julgar pela formosura de alguns contos recolhidos por Fairbridge e Cripps a imaginação africana emparelha em riqueza, com a dos mais illustres povos asiaticos e europeus. No Zambezi vamos encontrar, por exemplo, no heróe Makoma (o maior de todos), o destruidor dos

(1) Vide *Sylvio Romero*. — Obr. cit.

gigantes e das feras, aquelle que desviava o curso dos rios e derrubava montanhas, quasi uma réplica de Hercules da mythologia grega ou do Thor das lendas scandinavas. Não lhe faltam nem os musculos do primeiro, nem o martello temivel do segundo. Apenas Makoma é filho da terra, é humano e justo (1).

A superstição, velha companheira do homem, forneceu grande copia de motivos para o "folklore" nacional. A "anima rerum", com todos os seus mysterios fascinantes, suas nebulosidades estranhas e suas inexplicaveis trajetorias, infiuo muito poderosamente no character da raça.

O caboclo é bravo, arrojado quando é necessario, calmo na luta, mesmo que todas as probabilidades de exito estejam de lado contrario ao seu. O numero não o intimida, a vantagem de posição ou de arma não o abate. Se, entretanto, depois de uma formidavel refréga em que sua coragem fez prodigios e operou maravilhas, elle topa no caminho deserto como uma restea de luz imprevista, ou percebe um estalido subito na matta, perde logo o aprumo varonil, um arrepio de pavor corre-lhe a espinha acceleradamente, e, sem mais vacillações, desata numa vertiginosa carreira por macegas e capoeirões, salta vallos e vadeia rios, até sahir no chão, prostrado pela fadiga e pelo terror panico.

As abusões, as tradições oraes, as historias terriveis de fantasmas e allucinações entram, em grande parte, na sua psyche. Quem não tremeu, quando creança, com as risadas do Caipora, com

(1) *Andrew Lang. — The Orange Fair Book.*

as perversidades da "Mãe d'Agua" e os olhos de fogo dos lobishomens.

Aqui estão, portanto, os élos que nos ligam uns aos outros. Todos nós, das mais diferentes classes sociaes, somos um reflexo dessa grande alma popular, feita, ao mesmo tempo, de melancolia e esplendor, de timidez e desempenho. Nosso "folk-lore" serve para mostrar que a raça brasileira, apesar de melancolica e sentimental, guarda no fundo uma clara compreensão da vida e uma sã e admiravel energia interior, que, ao primeiro toque, aflora indomavel e inesperadamente.

PERIODO DE FORMAÇÃO

(1500-1750)

CAPITULO III

SEculo XVI

*Aspecto geral da sociedade brasileira no seculo XVI.
— Os primeiros povoadores. — Primeiras manifesta-
ções literarias. — Anchieta e Bento Teixeira Pinto.*

Emquanto reinou em Portugal D. Manoel, cuja felicidade não emparelhou com a sabedoria e a prudencia, nada se fez em beneficio do Brasil. Nas novas terras da America portugueza, entregues á sua mesquinha sorte, nem um signal havia de cultura. O aproveitamento das Indias era a unica preocupação dos dirigentes da Metropole, a riqueza das Indias, a magnificencia das Indias, o sonho mirifico das Indias era o unico sonho da côrte manuelina. Todas as maravilhas estavam na Asia, todas as difficuldades na America. Não é de admirar, pois, que os estadistas portuguezes do primeiro quartel do seculo XVI não enxergassem o Brasil, tanto os olhos tinham voltados para o deslumbrante Imperio das Indias.

Sómente em 1525, depois de haver D. João

III subido ao throno de Portugal, mudaram de direcção os ventos que habitualmente sopravam nos quadrantes da politica lusitana de ultramar. Nesse anno, armou-se uma expedição, chefiada pelo capitão-mór Christovam Jacques, o qual, após uma longa viagem, aqui aportou, nas costas da Bahia, em 1526, lançando as bases do futuro paiz com a fundação de uma feitoria, perto de Itamaracá, e seguindo depois para Pernambuco, onde deixou outra povoação para "servir de assento da administração da colonia", segundo affirma o sr. Rocha Pombo (1).

Um lustro mais tarde, em 1530, Martim Afonso de Souza proseguia a obra de colonização, organizando novamente a feitoria de Pernambuco, destruida pelos piratas francezes em dezembro de 1529, e estabelecendo as directrizes de um governo mais ou menos apreciavel. D'ahi por deante, começaram a affluir, com regularidade, as correntes migratorias que iriam constituir a primitiva sociedade brasileira. Para aqui vieram homens de todas as castas e condições, fidalgos e artezãos, padres e mecanicos, militares de terra e mar, aventureiros de toda especie.

Como disse Oliveira Martins, "o Brasil era além disso azylo, *couto* e *homizio* garantido a todos os criminosos que ahi quizessem ir morar, com a excepção unica dos réus de heresia, traição, sodomia e moeda-falsa" (2).

(1) Rocha Pombo. Hit. do Brasil, tom. 3, pag. 32.

(2) Apesar disso, entretanto, cedo se formou aqui uma aristocracia valorosa não só pelo sangue mas tambem pelos haveres, pela energia da vontade, pela capacidade de trabalho e pelo sentimento claramente nacional. Devemos a essa aristocracia a prosperidade e a

A abundancia das riquezas naturaes, a exuberancia da terra, já encarecida por tantos modos pelo bom Pero Vaz, na sua célebre carta, as facilidades proprias de uma vida mal policiada, onde a concorrência era escassa e onde tudo estava por fazer, insuflaram não pouco a extrema cubiça dos reinóes. Composta de elementos tão diversos, na educação e na cultura, na intelligencia e no trato, que era licito esperar, quanto ao seu gráo intellectual, de semelhante sociedade? De um lado, indios boçaes e africanos escravizados e broncos; de outro, audaciosos capitães môres, individuos sem rei nem lei, bandidos vulgares e nobres matreiros, alguns, até, de origem duvidosa! Os mais velhos chronistas, como Cardim e o autor desconhecido do "Dialogo das Grandezas", deixaram claros testemunhos de tal descompostura de costumes e desordem social.

A Metropole, com o deslumbramento e o fausto das suas cidades civilizadas, occupava constantemente o pensamento dos colonos exilados. O Brasil era para tal gente apenas um ponto de referencia passageiro, nunca um assentamento permanente. As bolsas estavam aqui, mas as idéas, os planos de familia, os desejos de felicidade e os projectos de fortuna estavam em Portugal. Esse era o aspecto geral da sociedade no seculo XVI.

grandeza do Brasil nos primeiros seculos da colonização. Foi ella que deu, no norte, os Albuquerque, os Cavalcanti, os Carvalho, os Souza, os Mello e os Acciaiuoli, e, no sul, os Leme, os Caldeira, os Borba Gato e os Raposo, isto é, os nossos mais puros fidalgos e os nossos mais energicos bandeirantes.

Vozes houve, entretanto, que se fizeram escutar, vozes desinteressadas de alguns homens, para os quaes a terra tinha outros attractivos que não o réles cuidado de riqueza e abastança. Foram os jesuitas um grande elemento na formação da nacionalidade brasileira, aquelles que prepararam o genio e educaram os colonos para as futuras lutas contra os piratas de toda procedencia, hollandezes de Nassau, inglezes de Lencaster e francezes de Villegaignon. O Brasil, pode-se affirmar sem erro, foi em grande parte, um producto da vontade pertinaz e do sacrificio continuo e superior dos discipulos da Companhia de Jesus. Approximando o gentio do christianismo, submettendo-o pela doçura ou pela força ás disciplinas da sua religião, evitando o seu escravizamento aos "maganos de Portugal", obraram os jesuitas com refinado saber, concorrendo para o fortalecimento politico e economico da incipiente familia brasileira.

Nada mais justo, pois, do que incluir não só em nossa historia geral mas ainda na litteraria, o nome de um sacerdote como José de Anchieta, credor por muitos motivos de estima e admiração de todos quantos habitamos este pedaço de sólo americano, que elle regou com as suas lagrimas e illustrou com os seus exemplos de cordura e destemor.

Como accentúa Sylvio Roméro, não assiste aos que o têm excluido da nossa litteratura a menor razão. Elle é realmente "o mais antigo vulto da nossa historia intellectual". Nascido em 1530, na ilha de Teneriffe, de paes nobres e ricos, segundo querem alguns biographos, d'ali se partio para Coimbra, em 1546, , afim de desenvolver e

polir as qualidades de um engenho que logo mostrou ser de alto quilate. Devido á delicadeza do seu estado de saude, tornou á Lisbôa, depois de completados os estudos preparatorios, seguindo mais tarde para a Bahia, em companhia do governador-geral Duarte da Costa, em 1553.

Tanto que aqui chegou, na verdura dos vinte e tres annos, logo se afez ás gentes e ao lugar, começando os trabalhos do seu longo apostolado, só interrompidos pelas molestias, e ultimados pela morte. Assim, nem o naufragio de Abrolhos, nem as lutas que travou com os selvagens revoltados de Piratininga, nem as provações que soffreu durante o curso das suas viagens, mais perigosas que divertidas, puderam refrear-lhe o gosto pela catechese dos selvicolas bravios, e o amor pelas agruras do seu sagrado mistér.

Temperamento combativo, Anchieta procurava difficuldades, e sabia resolvel-as, como, por exemplo quando se entregou aos indigenas, por occasião das rebelliões de Piratininga.

Humanista, como os que mais o eram na sua epoca, sabia compor em prosa e versa, tanto em tupi e latim, quanto em portuguez e espanhol, autos e canções, dialogos e orações, onde, se as bellezas de um grande artista raream, reponta, não obstante, a frescura de uma alma feita para commungar com os humildes e os pequenos. Philologo notavel, em pouco tempo entrou nos segredos do idioma brasileiro, servindo-lhe de muito esses conhecimentos para o trato e a domesticação dos selvagens. Historiador conceituoso, posto deselegante, escreveu a "*Brasilica Societatis Historia et vita clarorum Patrum qui in*

Brasilia vixerunt", onde estão as biographias de alguns missionarios do seu collegio; commettador agradável, deixou muitos e valiosos juizos e informações em varias "Cartas", sobre as maravilhas da terra.

Se é certo que o padre Anchieta não era um admiravel escriptor, possuia, entretanto, aquellas virtudes indispensaveis para vir a sel-o. A vida que aqui levou, as difficuldades que teve de enfrentar e vencer, o acanhamento do meio e, principalmente, a natureza das suas occupações desviaram, talvez, do seu rumo natural o grande poeta, ou o magnifico historiador que elle poderia ter sido, no convivio dos intellectuaes da Metropole. O estilo das suas poesias, sem relevo, mas purissimo, dará bem a medida da sua imaginação viva e colorida. Vejamos, por exemplo, a oração.

AO SANTISSIMO SACRAMENTO

Oh que pão, oh que comida,
Oh que divino manjar
Se nos dá no santo altar
Cada dia !

Filho da Virgem Maria,
Que Deus Padre cá mandou
E por nós na cruz passou
Crua morte,

E para que nos conforte
Se deixou no Sacramento
Para dar-nos com augmento
Sua graça.

Esta divina fogaça
É manjar de lutadores,
Galardão de vencedores
 Esforçados.

Deleite de namorados
Que, com gosto deste pão,
Deixaram a deleitação
 Transitoria.

.....
.....
Quem nos fez tão namorado
De quem tanto vos offende?
Quem vos ata? quem vos prende?
 Com taes nós?

Por caber dentro de nós
Vos fazeis tão pequenino,
Sem o vosso Ser divino
 Se mudar.

Para vosso Amor plantar
Dentro em nosso coração,
Achaste tal invenção
 De manjar,

No qual vosso paladar
Acha gostos diferentes,
Debaixo dos accidentes
 Escondidos.

.....
Com o sangue que derramastes
Com a vida que perdestes,
Com a morte que quizestes
 Padecer,

Morra eu, porque viver
Vós possaes dentro de mi,
Ganhae-me, pois me perdi
 Em amar-me,

Pois que para incorporar-me
 E mudar-me em vós de todo
 Com tão divino modo
 Me mudaes.

Quando na minh'alma entraes
 E d'ella fazeis sacrario,
 De vós mesmo é relicario
 Que vos guarda.

.....

A poesia religiosa tem nestes versos um dos mais bellos specimens do genero. Serão rudes, porventura, mas quanto fervor, quanta deliciosa imagem nos offerecem ! Dir-se-ia até que o sensivel Musset fôra buscar nesta quadra

Quando na minh'alma entraes,
 E d'ella fazeis sacrario,
 De vós mesmo é relicario
 Que vos guarda.

inspiração para dizer á Ninon que :

La nuit, quand de si loin le monde nous separe

J'ouvre comme un trésor, mon cœur tout plein de vous.

A figura poetica é quasi a mesma. As épocas e os deuses é que variaram. Para o austero e solemne Anchieta era o amor de Jesus um grito de angustiosa sinceridade; para o romantico Musset era o amor de Ninon uma fórmula espirital de matar perigosamente o tempo...

Depois de assim ter vivido e soffrido entre os pobres indios, longe dos salões da Metropole, onde seu espirito tantos admiradores faceis po-

deria conquistar, já velho e tropego, mas sempre illuminado por um divino desprezo pelas miserias que o cercavam, falleceu Anchieta em 9 de junho de 1597, em seu retiro voluntario da aldeia de Reritgá, na capitania do Espirito Santo.

Jorge de Albuquerque Coelho e a sociedade pernambucana em fins do seculo XVI. — A Prosopopêa de Bento Teixeira Pinto.

Nos ultimos quarteis do seculo XVI coube á capitania de Pernambuco, então governada por Jorge de Albuquerque Coelho, descendente dos Albuquerque, Coelhos, Pereiras e Bulhões (1), fidalgo de alta linhagem e fartos haveres, dirigir economica e intellectualmente os destinos da America lusitana. Segundo os mais acreditados depoimentos do tempo, como os que nos legou Fernão Cardim (2), havia por essa epoca em Olinda uma sociedade florescente, avida de diversões, de bailaricos e funcções, de brodios ruidosos e espectaculos de toda casta. "Trajavam os homens velludo, damasco e sedas, e despendiam briosamente com cavallos de preço, com sellas e guiões, das mesmas sedas da roupa. As senhoras tambem ostentavam luxo e gostavam mais de festas que de devoções" (3).

As fortunas prosperavam rapidamente; a exportação do pau-brasil rendia vinte mil cruzados

(1) Relação do Naufragio, pg. 299. R. I. Historico-vol. XIII, 1850.

(2) *Varnhagen*. — Historia Geral, 1.º vol., pag. 358.

(3) Narrativa Epistolar, 1847, Lisbôa. Vide *Elysiô de Carvalho, Esplendor e Decadencia da Sociedade Brasileira*.

por anno, levas crescentes de escravos de Guiné concorriam para o desenvolvimento das herdades e das granjas, poupando aos colonos portuguezes o trabalho penoso, mas enormemente lucrativo, dos engenhos, e proporcionando-lhes assim uma existencia forra de cuidados e labores (1).

Cada qual, portanto, se estremava em parecer mais opulento, gastando o que possuia, e, ás vezes, mesmo além do que o permittiam as suas rendas, accumulando dividas mas augmentando a reputação pelo brilho e apparatus das installações e das vestimentas custosas. "Em Pernambuco, diz Cardim, encontra-se mais vaidade que em Lisbôa".

Era tal a febre do luxo e tão longe andava essa gente da sábia e prudente economia, que só com vinhos se desperdiçavam milhares de cruzados, annualmente. Olinda era uma réplica, ainda que em ponto menor, da longinqua e fascinante côrte. Ahi, como na capital do Reino, predominavam as mesmas paixões, jogavam-se os mesmos jogos, havia identicos folguedos. Sendo o seculo XVI o mais radioso na evolução da cultura em Portugal, não é descabido suppor que a sociedade pernambucana procurasse, no seu afan de em tudo emparelhar com a lusitana, imital-a, tambem, no entranhado amor ás boas letras.

Jorge de Albuquerque devia ser, como todo gentilhomem de raça e espirito, amigo dos bons versos, dos autos ironicos, das comedias mordazes e brejeiras. Entretanto, de todos aquelles que

(1) Só na ilha do Itamaracá em 1630, havia 320 engenhos. Vide *Southey. H. of Brazil*, vol. I, pg. 476. London.

o rodeavam nem um se notabilizou, senão Bento Teixeira Pinto, o primeiro nome, como alguns o querem, da literatura nacional. Sua biographia é parca e sem interesse. Cabe ao abbade Diogo Barbosa Machado a gloria de o haver descoberto, escrevendo sobre elle, na sua "Bibliotheca Lusitana" o seguinte:

"Bento Teixeira Pinto, natural de Pernambuco, igualmente perito na poetica que na historia, de que são argumentos as seguintes obras: "Prosopopeya dirigida a Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco, nova Lusitania. — Lisbôa — por Antonio Alvares — 1601, in-4.º. São oitavas juntamente com a "Relação do naufragio que fez o mesmo Jorge Coelho vindo de Pernambuco a não Santo Antonio em o anno de 1565". Saiu duas vezes impressa na Historia Tragico-Maritima, Tomo 2.º, desde a pagina 1 até 59. "Dialogo das Grandezas do Brasil em que são interlocutores Brandonio e Alviano. Ms. Consta de 106 folhas. Trata de muitas curiosidades pertencentes á Chorographia e Historia Natural d'aquellas Capitánias. Conserva-se na livraria do Conde de Vimieiro. D'esta obra e do auctor faz memoria o moderno addicionador da Bibl. Georg, de Antonio Leão. Tomo 3. Tit. unico, col. 1.164".

Mais tarde, o padre Lourenço do Couto, no "Novo Orbe Serafico"; Pereira da Silva, no "Plutarco Brasileiro"; Joaquim Norberto de Souza Silsa, na Revista do Instituto Historico, vol. XIII (anno de 1850); Varnhagen, nas "Reflexões Criticas a Gabriel Soares" e na "Historia Geral do Brasil", assim como o Sr. Capistrano de Abreu, na Revista do Instituto Archeologico

e Geographico Pernambucano, (1904), voltaram a tratar do assumpto demoradamente. Devemos, todavia, a Varnhagen as melhores e mais cuidadas informações a respeito de Bento Teixeira Pinto; foi elle quem desfez as fantassistas affirmações de Barbosa Machado sobre a autoria das duas obras em prosa, que se acreditava pertencerem ao poeta da Prosopopea (1).

Varnhagen, a principio, negou formalmente que Bento Teixeira houvesse escripto o "Dialogo das Grandezas", como se conclue da polemica travada com J. N. de Souza Silva, em 1850, na Revista do Instituto Historico (2). Julgava elle, então, ser o seu verdadeiro autor "um tal Brandão", cujo nome transparecia no de Brandonio, uma das personagens do referido "Dialogo"; e, refutando Barbosa Machado, accrescentava: "Barbosa guiou-se naturalmente para o seu artigo bibliographico por uma declaração de differente letra e época, que se encontra no manuscrito que era de seu irmão, e é o mesmo que está na Bibliotheca de Lisbôa: dessa declaração consta ser aquella a obra de Bento Teixeira. — Mas quem a escreveu? — Merece ella algum credito, á vista de outros factos contradictorios? — É o que o *incançavel* (3) abade erruditissimo de pouca a critica, deixou por decidir; é o que nos indis põe o espirito a ter fé nelle neste ponto; e o que a critica deve elucidar, "*não começando por agredir os que apontem o caminho*".

(1) A "Prosopopéa" de Bento Teixeira Pinto, foi reeditada, em 1923, pelo *Anuario do Brasil*, com um excellente prefacio do Sr. Afranio Peixoto.

(2) Vol. XIII, pgs. 276 e 402.

(3) No dizer de J. N. de Souza e Silva.

Até 1877, Varnhagen sustentou o seu parecer; neste mesmo anno, porém, depois de haver a *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* publicado o mencionado manuscrito, já se não mostrou elle tão categorico em suas asserções, parecendo-lhe que o "Dialogo das Grandezas" pertencia, de facto, ao mysterioso e tão discutido poeta (1).

Não estão accordes, tambem os nossos historiadores, com referencia ao verdadeiro autor da *Relação do Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil no anno de 1565*. Souza Silva está, nisso como no mais, de accordo com Barbosa Machado. Varnhagen pensa, ao contrario, que a *Relação* foi escripta pelo piloto Affonso Luiz e corrigida por Antonio de Castro, mestres de D. Duarte de Bragança.

O que é certo, entretanto, é que, na *Relação do Naufragio*, nem uma só vez apparec o nome de Bento Teixeira, não se sabendo, portanto, se elle estava a bordo da Náo de Santo Antonio, como querem alguns.

Quanto á *Prosopopea* (2) (dirigida a Jorge Dalbuquerque Coelho, capitão e governador de Pernambuco, nova Lusitania) não padece duvida sobre a sua autoria. Pertence a Bento Teixeira Pinto. É um poema de mediocre feitio, composto em verso endecassylabo, em louvor dos feitos e das virtudes do terceiro donatario de Pernambuco. Nas suas noventa e quatro estro-

(1) Vide *Capistrano de Abreu*, in *Revista do Instituto Archeologico de Pernambuco*.

(2) Publicada em 1601, Lisbôa.

phes, em oitava rima, não se percebe um grande sopro de inspiração, nem, ao menos, qualquer relevo de estilo. É uma fraca imitação dos processos camonianos, sem o brilho e sem a elevação dos *Lusiadas*. Ha frequentes indecisões na expressão, muita mesquinhez de éstro e de linguagem, e raras partes de boa poesia. Em todo caso, attendendo-se ao acanhamento do meio, não se deve desprezar esse primeiro fruto enfezado e insipido da literatura brasileira. Nos trechos abaixo transcriptos facilmente se verificará tudo quanto acabamos de dizer.

Cantem poetas o poder romano,
Submettendo nações ao jugo duro,
O mantuano pinte o rey troyano,
Descendo á confusão do reyno escuro.
Que eu canto hu Albuquerque soberano
Da fé, da cara patria firme muro,
Cujo valor, e ser, que o céo lhe inspira,
Pode estancar a Lacia, e Grega lira.

As Delphicas irmãs chamar não quero,
Que tal invocação he vão estudo,
Aquelle chamo só, de quem espero,
A vida que se espera emfim de tudo.
Elle fará meu verso tão sincero,
Quanto fôra sem elle, tosco e rudo,
Que per razão negar, não deve menos
Quem deu o mais, a miseros terrenos.

E vós sublime Jorge, em quem se esmalta
A estirpe Dalbuquerque excellentes,
Em cujo ecco da fama corre e salta,
Do carro glacial á zona ardente,
Suspendey por agora a mente alta,
Dos casos varios de Olindessa gente
E vereis vosso irmão, e vós supremo,
No valor abater Querino e Remo.

A descripção do *Recife de Pernambuco*, onde se pretendeu encontrar uma das primeiras manifestações desse carinho pelas formosuras da terra, tão commum em nossa, como aliás em qualquer literatura, não é superior ás demais passagens do poemeto. Foi, apenas, um effeito novo que o poeta procurou para realçar com alguns exotismos a vulgaridade da sua imaginação, para quebrar com algumas tintas imprevistas a monotopia dos seus versos.

O mesmo não se dá com o *Dialogo das Grandezas do Brasil* e a *Relação do Naufragio*. Se, realmente, fossem de Bento Teixeira estes dous trabalhos, merecer-nos-ia o prosador valioso maior estima que o poeta secundario. O "Dialogo das Grandezas", principalmente, é obra de muito preço pelas innumeras informações que contem, relativamente ao estado do Brasil no seculo XVII (1). O estilo é simples e fluente, os commentarios proveitosissimos e o assumpto é geralmente esplanado com clareza, precisão e methodo.

A *Relação do Naufragio*, publicada pela segunda vez em 1601 (2), e reimpressa, em 1753, na *Historia Tragico-Maritima* (em que se escreveram chronologicamente os naufragios que tiveram as náos de Portugal) é uma narrativa colorida e movimentada, cheia de lances dramaticos e peripécias varias, que atravessaram Jorge de Albu-

(1) Publicada pela Revista do Inst. Arch. e Geog. Pernambucano. Outubro de 1886.

(2) A primeira edição é desconhecida, assim como a da Prosopopéa.

querque Coelho e os passageiros embarcados na não Santo Antonio, "de que era mestre André Rodrigues e piloto Alvaro Marinho, homens destros na arte de navegar". É uma pagina admiravel na singeleza da sua linguagem, onde se patenteiam as excellencias da raça portugueza da idade heroica, o seu poder de combatividade e a sua fé inabalavel na Igreja Romana. Na breve passagem, adeante reproduzida, ter-se-á ligeira noção da sua intensidade:

"Ordenamos então um bolso de véla para derredor dos castellos de prôa, a ver se com isso queria a não governar, e tendo-o feito nos sobreveio uma cousa espantosa e nunca vista; porque sendo ás dez horas do dia se escureceu o tempo de maneira que parecia ser noite, e o mar com os grandes encontros que umas ondas davam nas outras parecia que dava claridade por encher tudo de escumas. O mar e o vento faziam tamanho estrondo, que quasi nos não ouviamos nem entendiamos uns aos outros.

"Neste comenos se levantou um mar muito mais alto que o primeiro, e se veio direito á não, tão negro e escuro por baixo e tão alvo por cima que muito bem entenderam os que viram que seria causa de um muito breve espaço vermos todos o fim de nossas vidas, o qual dando pela prôa com um borbotão de vento, cahiu sobre a não, de maneira que levou comsigo o mastro do traquete com a véla e verga a enxarcia: e assim levou o mastro de cevadeira e o beque, e os castellos de prôa, e cinco homens que estavam dentro nelles, e tres ancoras que estavam arriçadas nos ditos castellos, duas de uma parte e uma da outra; e juntamente com isto abateu

a ponte e a desfez de maneira que matou um marinheiro que estava debaixo della, e fez o batel em quatro ou cinco pedaços, e abateu todas as pipas da agua, e assim todo o mais mantimento que ainda ahi havia, e destroçou este mar a não de prôa até o mastro grande, de maneira que a não raza com a agua, e por espaço de meia hora esteve debaixo do mar sem nella haver quem soubesse onde estava”.

Sómente o sombrio pincel de Géricault poderia executar, com tantos pormenores, a pintura de uma scena tão grandiosa como a que se desenrola por mares tenebrosos e céos ameaçadores, através da perturbadora narrativa do piloto Affonso Luiz. Sua parêlha está no celebre “Radeau de la Méduse”, onde se mostram as mesmas physionomias torturadas, as mesmas ondas violentas e empoladas e o mesmo terror do desconhecido.

Além do padre Anchieta e de Bento Teixeira Pinto, são dignos de registo, tambem, alguns escriptores portuguezes que viveram ou passaram pelo Brasil no seculo XVI. São elles Pero de Magalhães Gandavo, Gabriel Soares de Souza, Fernão Cardim e Pedro Lopes de Souza.

PERO DE MAGALHÃES GANDAVO, natural de Braga, foi o primeiro homem que se occupou das nossas cousas. Escreveu: Uma “Historio da Provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil”, impressa em Lisboa, na officina de Antonio Gonçalves, em 1756, com a notavel particularidade de ser precedida de uma carta em verso, de Luiz de Camões, dedicada a D. Leonis Pereira, a quem era o livro offerecido; e um “Tratado das Terras do Brasil, no

qual se contem informações das cousas que ha nestas partes”, publicado sómente no seculo XIX, em 1826, na “Collecção de noticias para a historia das Nações Ultramarinas”.

Seus escriptos, cheios de observações interessantes sobre a vida dos colonos e dos indigenas, apesar de se não recommendarem muito especialmente, pelas graças do estilo, são, sem duvida, realmente importantes como fonte de informação.

GABRIEL SOARES DE SOUZA, nascido em Lisbôa, por meados do secuo XVI, aqui viveu longos annos, fallecendo na cidade da Bahia, em 1591. Pertencem-lhe, incontestavelmente, as melhores paginas escriptas no seu tempo sobre o Brasil. O “*Tractado descriptivo do Brasil em 1587*”, dado á luz em 1851 pelo infatigavel e benemerito Varnhagen, é obra solidamente elaborada, feita por um commentador fiel e attento, erudito e amigo da terra que estudava.

“Seja embora, rude, primitivo e pouco castigado o estilo de Gabriel Soares, pondéra o seu editor, (1) confessamos que ainda hoje nos encanta o seu modo de dizer; e ao comparar as descripções com a realidade quasi nos abysmamos ante a profunda observação que não cançava, nem se distrahia variando de assumpto.

“Como corographo, o mesmo é seguir o roteiro de Soares que o de Pimentel ou de Roussin; em topographia ninguem melhor do que elle se occupou da Bahia; como phytologo faltam-lhe naturalmente os principios da sciencia botanica;

(1) *Varnhagen*. — Historia Geral, pg. 358, 2.^a edic.

mas Dioscorides ou Plinio não explicam melhor as plantas do velho mundo que Soares as do novo, que desejava fazer conhecidas. A obra contemporanea que o jesuita José de Acosta publicou em Sevilha em 1590, com o titulo de "Historia Natural e Moral das Indias", e que tanta celebridade chegou a adquirir, bem que pela fórma e assumptos se possa comparar á de Soares, é-lhe muito inferior quanto á originalidade e cópia de doutrina. O mesmo dizemos das de Francisco Lopez de Gomara e de Gonçalo Fernandez de Oviedo. O grande Azara, com o talento natural que todos lhe reconhecem, não tratou instinctivamente, no fim do seculo passado da zoologia austro-americana melhor que o seu predecessor portuguez; e, numa ethmographia geral dos povos barbaros, nenhuma pagina poderão ter mais cabida pelo que respeita ao Brasil, que as que nos legou o senhor de engenho das vizinhanças do Jequiriçá. Causa pasmo como a attenção de um só homem poude occupar-se em tantas coisa "que juntas se vêm raramente" como as que se contêm na sua obra, que trata a um tempo, em relação ao Brasil, de geographia, de historia, de topographia, de hydrographia, de agricultura entretropica, de horticultura brasileira, de materia medica indigena, das madeiras de construcção e de marcenaria, de zoologia em todos os seus ramos, de economia administrativa e até de mineralogia!".

O padre jesuita *Fernão Cardim* nasceu na cidade de Vianna, em 1540; passou-se para o Brasil em 1582, em companhia do governador Telles Barreto, permanecendo aqui até 1599. Em 1600 partio para Roma, voltando mais tarde á

America, onde se demorou alguns annos como reitor do Collegio da Bahia. Morreu na villa de Abrantes, nome pombalino da aldeia do Espirito Santo, a poucas leguas da cidade do Salvador, em 1625.

Varnhagen publicou, em 1847, na Imprensa Nacional de Lisbôa, um manuscripto de Cardim, datado de 1583, pondo-lhe o titulo seguinte: *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, etc.*, "por constar verdadeiramente de duas cartas que dirigio ao provincial da Companhia em Portugal" (1).

Esta é obra seguramente inferior á de Gabriel Soares, porém de preciosa leitura, tanta é a penetração que revela o autor nos seus juizos espontaneos e justos sobre a sociedade da sua época.

Ferreira de Araujo, em 1881, fez imprimir na typographia da *Gazeta de Noticias*, um outro manuscripto, já traduzido para o inglez, em 1625, na collecção Purchas, denominado "*Do Principio e origem dos indios do Brasil e de seus costumes, adoração e ceremonias*"", considerado como do punho de Fernão Cardim.

"Diz Purchas que o manuscripto foi tomado em 1601 por Francisco Cook a um jesuita que ia para o Brasil. Ora, exactamente neste anno, como se pode vêr na *Synopsis* de Franco, o padre Fernão Cardim, que voltava para o Brasil da

(1) *Varnhagen*. — Ob. cit., pg. 359.

viagem a Roma, foi aprisionado por corsarios inglezes e conduzido para Inglaterra" (1).

Este trabalho, onde a fantasia corre de par com a observação, é tambem interessante para o historiador.

PERO LOPES DE SOUZA, guerreiro e fidalgo illustre, irmão de Martim Affonso de Souza, nascido em fins do seculo XV, ou principios do XVI, veio para o Brasil em 1530. Escreveu um *Diario da Navegação da armada que foi á terra do Brasil em 1530*, cabendo, ainda, a Varnhagen as honras de o haver dado á estampa, em Lisbôa, no anno de 1839. Como escriptor, não se vantaja aos demais; seu estilo é antes desgracioso, posto lhe seja correcta a lingua. Como historiador tem, para nós, a natural importancia de todos aquelles que se interessam pelas cousas pouca sabidas do Brasil no seculo XVI.

(1) *Capistrano de Abreu*. — Prefacio da edição de 1881. (Publicada por diligencia de Ferreira de Araujo).

CAPITULO IV

SECULO XVII

O alvorecer do sentimento nativista. — A Escola Bahiana. — Gregorio de Mattos.

O seculo XVII, no Brasil, apresenta ao historiador muitos aspectos novos e interessantes. O sentimento nacionalista, raro e vacillante no seculo anterior, revigora-se nas lutas contra os conquistadores estrangeiros; a riqueza augmenta progressivamente, a agricultura floresce nas villas e nas cidades litoreanas; a pecuaria se desenvolve no interior do paiz e as bandeiras começam, por valles e montes, florestas e descampados, a obra admiravel do desbravamento do nosso sólo, que, então se vai aos poucos dilatando, das regiões praieiras em direcção do planalto central.

A nova sociedade da prospera colonia americana já não é essencialmente portugueza; os senhores de engenho, abastados e intelligentes, formando uma especie de aristocracia rural, semelhante á dos barões feudaes, são os seus mais

lidimos e esclarecidos representantes (1). Em redor desse pequeno, mas poderoso nucleo, giram todos os negocios politicos e economicos da joven

(1) A influencia da nobreza rural na formação sociologica do Brasil verifica-se, tambem, no desenvolvimento politico de todos os paizes do mundo novo. Os opulentos mineiros do Mexico e do Perú, os criadores e agricultores da Argentina e dos Estados- Unidos constituíram, em verdade, o nucleo principal da vida economica, social e administrativa dessas grandes colonias americanas. Tratando do assumpto, refere o professor Carl Lotus Becker, na sua obra "Beginnings of the American People., pg. 74: "The unit or social organization was the plantation, which naturally tended to become, and in the case of the larger plantations often became in fact, relatively complete and self-sufficing — a little world in itself. The planter, surrounded by his family and his servants and cut off from intimate or frequent contact with his neighbours, producing, for the most part in abundance, all the necessities and many of the luxuries of life, was master of his *entourage* and but little dependent upon the outside world. Inevitably the conditions of plantation life developed the aristocratic spirit, the sense of mastery and independence which comes from directing inferiors in an isolated and self-sufficing enterprise".

Esse mesmo espirito aristocratico, dominador e soberbeiro está nas raizes da nossa evolução. Quasi ás portas da Independencia, guardavamos ainda os mesmos sentimentos dos alongados tempos da colonia. O inglez Henry Koster observa, no seu interessantissimo livro "Travels in Brazil", publicado em Londres, no anno de 1816, á pg. 224, o seguinte: "At other times far different ideas from these have occupied my mind; I have thought of the strange life I was leading; a remembrance of feudal times in Europe has crossed me, and I could not forbear comparing with them the present state of the interior of Brazil. The great power of the planter, not only over his slaves, but his authority over the free persons of lower rank; the respect which is required by these Barons from the free inha-

nacionalidade (1). Dois factores profundamente serios tambem apparecem: a familia brasileira, perfeitamente constituida, e o odio contra o estrangeiro, alimentado principalmente pelo fanatismo religioso. O lutherano, inglez ou flamengo, era o inimigo commum, o réprobo de Deus, o malfeitor, em summa, aquelle contra quem todas as vinganças eram sagradas, todos os crimes justos e abençoados.

Assim, máo grado os manejos solertes dos mercadores de Londres ou Liverpool, e a capacidade de rapina da Companhia das Indias Occidentaes, verdadeira sociedade anonyma de roubos e pilhagens, o Brasil não desapareceu. O espirito de sacrificio e a vontade de viver independente, manifestados pelos brasileiros, foram mais fortes que o amor dos lucros faceis e a ebriez dos ganhos rendosos dos ladrões de Hollanda e Inglaterra. Contra a cavillação dos senados de Amsterdam ou Goringa, foi arma bas-

bitants of their lands; the assistance which they expect from their tenants in case of insult from a neighbouring equal; the dependance of the peasants, and their wish to be under the peculiar protection of a person of wealth who is capable of relieving them from any oppression, and of speaking in their behalf to the governor, or to the chief judge; all these circumstances combined, tend to render the similarity very great. I even felt the power which had unintentionally fallen into my hands".

Se tanta força podia enfeixar nas mãos um senhor de engenho estrangeiro, imagine-se, agora, o poder de um plantador nascido de familia importante da terra!

(1) O sr. Oliveira Vianna, no seu livro *Populações Meridionaes do Brasil*, dado á estampa em 1920, estuda com segura e copiosa critica a influencia dessa admiravel aristocracia rural no desenvolvimento economico e social do Brasil.

tante a valentia dos pernambucanos; contra os galeões dos piratas, protegidos na sombra pela rainha Elisabeth, foi prompto remedio o denodo cego dos nossos rudes guerreiros indisciplinados. O heroismo venceu, aqui, a organização, a simples bravura dominou a complicada estrategia politica.

Como observou um escriptor insuspeito: “O norte do Brasil ganhou, então, por um acto de coragem os fóros de uma independencia que o sul ia conquistando todos os dias de uma modo lento, mas seguro, obscuro, mas infallivel. Vieira, Vidal de Negreiros, Camarão, o preto, os portuguezes, os já brasileiros, os negros, os indios, appareciam reunidos na acclamação de uma patria nova. Na antiga patria reinava D. João IV, alliado aos hollandezes, braço a braço com o padre Vieira; e as ordens de Lisboa mandavam aos sublevados que depuzessem as armas, que deixassem aos hollandezes o que os tratados lhes garantiam, porque, — dizia o padre Vieira — abandonar Pernambuco é o meio de salvar a India. Ainda se pensava em salvar a India.

“Contra o rei e o seu conselheiro, contra os hollandezes e a poderosa armada que os foi sustentar (47), combateram os brasileiros bombardeando o Recife. Em 48 e 49 ganharam as duas batalhas decisivas de Guarapari; e por fim, em 54, depois de dez annos de guerra, D. João IV, já mais senhor de si, decidiu-se afinal a aceitar o que os pernambucanos tinham conquistado” (1).

Apesar dos desmentidos do sinuosissimo

(1) *O. Martins*. — O Brasil e as Colonias Portuguezas, pg. 53, edic., 1880.

Vieira, cujo character era tão floreado como o estilo, apesar dos arrependimentos de D. João IV, só demonstrados praticamente depois da derrota dos hollandezes, o Brasil ficou desamparado da Metropole (1). As armadas e os exercitos portuguezes encolheram-se nos ancoradouros e nos campos europeus, enquanto a gente brasileira, surda ás ordens imperiosas da côrte bragantina, lutava pela libertação das suas queridas terras assoladas, pela integridade dos seus lares violados, pela realização dos seus ideaes patrioticos e nobres.

Quem nos deu, portanto, a primeira lição de independencia foi Portugal; quem ensinou á colonia as excellencias da liberdade foi a Metropole.

Mas, não é sómente por esse lado que o seculo XVII se recommenda. As letras gozavam, com especialidade na Bahia, de grande estimação. Os poetas do renascimento italiano, espanhol e portuguez, como Tasso, Gongora, Lope de Vega, Gabriel de Castro, e outros mais, eram lidos e imitados. Como nos do Portugal de D. Francisco Manuel de Mello, predominava, entre os nossos letrados, quasi todos aliás educados em Coimbra, a influencia de Gongora e seus discipulos.

Havia por esse tempo muitos cultores da boa latinidade. Os chronistas e historiadores classicos eram meditados e conhecidos, fornecendo, não

(1) Sobre a acção de *Vieira* junto á côrte portugueza de *D. João IV* merece lembrado o livro do Sr. *Moreira Telles* "*Notas de Estudo*", publicado em Lisboa, no anno de 1916.

raro, grande copia de motivos á eloquencia sacra.

Entre os prosadores distinguiram-se Fr. Vicente do Salvador, o mais celebre de todos, Manuel de Moraes, Diogo Gomes Carneiro e Fr. Christovão de Madre de Deus Luz, assim como Eusebio de Mattos e Antonio de Sá, aquelle tambem versejador mediocre, os quaes deixaram alguns sermões, onde estão patentes os defeitos literarios da época.

Entre os poetas podem citar-se: Bernardo Vieira Ravasco, Domingos Barbosa, Gonçalo Soares da França, Gregorio de Mattos, Manoel Botelho de Oliveira, José Borges de Barros, Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque e João de Brito Lima, todos pertencentes á chamada escola bahiana. Entretanto, só se conhecem as obras de Gregorio de Mattos e Botelho de Oliveira, nada restando dos outros senão meia duzia de producções, pelas quaes é difficil avaliar a importancia que porventura tiveram no seu meio intellectual.

FREI VICENTE DO SALVADOR E OS PROSADORES

A "*Historia da Custodia do Brasil*", de Vicente Rodrigues Palha, ou Fr. Vicente do Salvador, permaneceu inédita até o seculo XIX, quando Capistrano de Abreu a editou, em 1888, nos *Annaes da Bibliotheca Nacional* (1). O

(1) A primeira parte da obra appareceu nos "*Materiaes e Achegas para a historia e geographia do*

manuscripto ficou terminado em 20 de dezembro de 1627, sendo, portanto, um dos documentos mais antigos da literatura brasileira no século XVII (1).

Na "Introdução" á referida obra, escreveu Capistrano de Abreu, com a lucidez que lhe é peculiar, os seguintes commentarios: "Sua historia prende-se antes ao século XVII que ao século XVI, neste com as difficuldades das communicações, com a fragmentação do territorio em capitánias e das capitánias em villas, dominava o espirito municipal; brasileiro era o nome de uma profissão; quem nascia no Brasil, se não ficava infamado pelos diversos elementos de seu sangue, ficava-o pelo simples facto de aqui ter nascido — um masombo, se de algum corpo se reconheciam membros, não estava aqui mas no ultramar; portuguezes diziam-se os que o eram e os que o não eram. Frei Vicente do Salvador representa a reacção contra a tendencia dominante: Brasil significa para elle mais que expressão geographica, expressão historica e social. O século XVII é a germinação desta idea, como o século XVIII é a maturação.

"A sua "Historia" não repousa sobre os estudos archivaes. Haveria difficuldades em exa-

Brasil", *C. de Abreu e V. Cabral*, 1887. A obra foi reeditada, com um excellente prefacio de Capistrano de Abreu, em 1920.

(1) Sobre a vida e costumes dos indigenas no século XVII convem consultar a admiravel obra de Claude d'Abbeville "Historie de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et Terres circonvoisines", reeditada em 1924 pelo distincto historiador, snr. Paulo Prado, com um prefacio de Capistrano de Abreu.

minar archivos? não era seu espirito inclinado a leitura penosa de papeis amarellecidos pelo tempo? D'ahi certa laxidão no seu livro: muitos factos omittidos que hoje conhecemos e que elle com mais facilidades e mais completamente poderia ter apurado, contornos esfumados, datas fluctuantes, duvidas não satisfeitas. Até certo ponto a historia de Frei Vicente é comparavel á geographia do meritissimo padre Matheus Soares, um seculo mais tarde: correcta onde determinava posições astronomicas; em outros pontos fundada sobre roteiros de bandeirantes e mineiros.

“Mas esta pecha resgata-a por qualidades superiores. A historia possui um tom popular, quasi *folklorico*; anedoctas, ditos, uma sentença do bispo de Tusuman, uma phrase do rei do Congo, uma denominação de Vasco Fernandes. Mais ainda: vê-se o Brasil qual era na realidade, apparece o Branco, apparece o Indio, apparece o Negro; o preto Bastião, percebe-se que faz rir a boas gargalhadas o nosso autor. Informações por que suspiravamos, e que não esperavamos encontrar, elle as offerece ás mãos cheias, óra num traço fugitivo, óra demoradamente”.

Frei Vicente do Salvador era, na alma e no espirito, um admiravel discipulo de S. Francisco de Assis. A sua encantadora ingenuidade, o seu pendor para as graças da terra, a sua paciencia no trato com o gentio inconstante e preguiçoso, mais amigo das fogueiras de S. João e dos festejos barulhentos da Paschoa que dos rigores da devoção, revelam bem a sua natureza de homem timido e sacerdote cheio de ardente animo.

Nascido no Brasil, em 1564, depois de alguns

annos de estudo em Portugal, aqui passou o resto da vida, fallecendo na Bahia, entre 1636 e 1639. Se o escriptor não tem a relevancia do chronista, assiste-lhe todavia, o direito de ser louvado pela escorreita linguagem, realçada, aqui e ali, por expressões cheias de frescura e gentilezas.

MANUEL DE MORAES, filho da capitania de S. Vicente, onde nasceu, segundo Balthazar da Silva Lisbôa, em 4 de dezembro de 1586, apesar de haver mostrado aguda intelligencia no Collegio dos Jesuitas, não poude concluir os estudos, pela indisciplina de que deu abundantes mostras, sendo d'ali expulso como elemento revolucionario, e perigoso exemplo para os seus condiscipulos.

Passou em Lisbôa uma temporada, seguindo depois para Amsterdam, com o intuito de enriquecer na mercancia; ahi, depois de haver abjurado o catholicismo, pelo que foi, por ordem do Santo Officio de Lisbôa, *relaxado em estatua* (1) casou-se com uma hollandeza, convertendo-se ao calvinismo. Voltando novamente a Lisbôa, em 1645, foi preso e julgado pelo Tribunal da Santa Inquisição, que o absolveu do crime commettido, por ter elle abraçado promptamente as suas velhas crenças. (1647). Morreu na mesma cidade poucos annos mais tarde, em 1651, deixando alguns livros, como a *Historia da America*, muito gabada por João Laet, os quaes, entretanto, nunca puderam ser encontrados.

DIOGO GOMES CARNEIRO, chronista geral do Brasil, e Fr. CHRISTOVÃO DA MADRE DE DEUS LUZ nos legaram alguns escriptos de

(1) No auto de fé de 6 de abril de 1642.

pouca monta, sendo que o primeiro não se occupou do Brasil, muito embora o devesse, pelas razões do officio de que estava incumbido.

EUSEBIO DE MATTOS (1629-1692) irmão de Gregorio e Pedro de Mattos Vasconcellos, nasceu na Bahia. "Teve grandes applausos na Religião da Companhia de Jesus, por aquellas sciencias que seus estudos franqueiam no Brasil" (1) diz um seu biographio.

"Deram-lhe a roupêta de Santo Ignacio; e nella foi muito estimado, e applaudido no mundo. Muito estimado foi tambem do Padre Vieira, desde um dito que com admiravel graça deixou cahir, sendo minorista. E foi o caso: Enfermou de um pleuriz o nosso Eusebio de Mattos, e nesse estado se sangrando na presença da maior parte daquelles padres, os quaes viviam todos queixosos do seu Padre Reitor, por ser summamente avaro, e avilanado, e era este natural de Cabo-frio, disse um dos padres, olhando para o sangue: que estava mui denegrido e mui queimado. Ao que replicou o Reitor, que tambem presente estava: Quem o queimou? Respondeu o nosso Eusebio de Mattos com repente, e graça natural: o vilão do cabo do mal, que logo no principio quer dar cabo de mim. Porém como foi conhecido o conceito, e para onde atirava a agudeza da resposta, logo Eusebio foi conhecido, e venerado dos Mestres, e d'outros, de que havia de vir a ser um grande Talento. D'aqui mereceu os agrados do grande Padre Antonio Vieira, por ajuisar em Eusebio as Gentilezas com que depois o canonizou a sua sciencia". E, rema-

(1) *Manoel Pereira Rabelo.*

tando a passagem, acrescenta o encomiastico Rabelo: "Pois se conhecem os sabios pela pintura, como aconteceu a Socrates com o menino Platão".

Dizia-se na Bahia, em tanta conta se tinha o poder da eloquencia de Eusebio, que tres condições eram necessarias para se formar um optimo orador, ou, como escreve o licenciado, "para se constituir um perfeito orador, deviam concorrer tres sujeitos da Companhia: Eusebio de Mattos, com o sublime, Antonio Vieira, com a transparencia das provas, e Francisco de Sá, com o natural da representação".

Eusebio não permaneceu na Companhia de Jesus até o fim da vida. Em 1680 entrou para a ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, que "escolheu para a sua morada". Conta-se que, tendo o Padre Vieira noticia do occorrido, e sabendo que déra razão a isto ter elle "o desmancho de haver alguns filhos", exclamou: "O padre Eusebio de Mattos é de tanto merecimento, que ainda a ser certo o que lhe querem impôr os seus inimigos, o devia a Companhia sustentar com filhos, e tudo, só por não perder tão grande homem",

A respeito do seu genio galhofeiro e mordaz, diz-nos Rabelo que "em certa occasião estava elle desentranhando uma conta, em cuja arte era tão peritissimo, e tanto sem outro igual, que ainda hoje se conserva entre os Calvarios do Convento do Carmo uma conta geral por onde observam o regimen do dito Convento, que a não ha semelhante nem mais sublime. E por que nessa occasião estava com a porta da Cella mal fechada, passou certo Religioso, e querendo ver o que elle

fazia, reparou para dentro com algum escandalo; porém não pôde alcançar o que era. Tornou a passar segunda vez para baixo; e fez maior applicação para dentro da cella. Finalmente passou terceira vez para cima com desenvoltura bastante. E impaciente, então, da grosseria e excesso o nosso Eusebio levantou-se, e chegando até á porta da cella, chamou o Religioso, e lhe disse: Padre: Vossa Paternidade andou, dezan- dou, e agora trezandou...”.

O padre Eusebio não se recreava sómente cam as ineffaveis doçuras da religião, era além de bom prégador, um “outro Orpheu nos tóques da harpa e da viola”. Nada deixou, entretanto, que confirmasse os louvores exagerados do licenciado Pereira Rabelo. Seus sermões são arrevezados e estão crivados daquellas subtilezas em que era mestre o padre Vieira. É possível que este o admirasse, porém não é crível que lhe dispensasse tão grande consideração, como se diz.

O padre ANTONIO DE SÁ (1620-1678) nasceu no Rio de Janeiro, entrando cedo para a Companhia de Jesus, onde se educou. Foi, segundo um dos seus biographos, homem de “rara prudencia e habilidade”. Os contemporaneos compararam-no a Vieira, cognominando-o “Chrysostomo portuguez”. Nada ha, entretanto, nos seus sermões, que justifique tal comparação ou alcunha. Antonio de Sá era rebuscado, precioso e gongorico, do peor gongorismo. Sua cultura, como a de quasi todos os jesuitas, era falsa, mais rhetorica do que scientifica, mais empolada que substancial. Delle existe um volume de sermões, impresso em Lisbôa, no anno de 1750, por Miguel Rodrigues.

GREGORIO DE MATTOS E OS POETAS

Antes de analysarmos a obra de Gregorio de Mattos, a mais significativa de toda a literatura no periodo colonial até Basilio da Gama, convem que estudemos rapidamente a figura de MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA.

Nasceu este poeta na Bahia, em 1636, "filho de Antonio Alvares Botelho, capitão de infantaria paga, fidalgo da casa de Sua Magestade. Estudou na Universidade de Coimbra jurisprudencia cesarea (direito romano), exercitando na sua patria a advocacia das causas forenses, por muitos annos, com grande credito da sua literatura. Foi vereador do Senado da sua patria e capitão-mór de uma das comarcas della. Teve grande instrucção da lingua latina, castelhana, italiana, como tambem da poesia, metrificando com suavidade e cadencia. Falleceu a 5 de janeiro de 1711" (1).

Em 1705 publicou, em Lisbôa, um livro de versos intitulado: Musica do Parnso em quatro côros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas com seu descante comico reduzido em duas comedias", que trazem as seguintes epigraphes: "Hay amigo para amigo" e "Amor, engaños y zelos".

Nos sonetos, madrigaes e canções, de que se compõe geralmente o volume, não ha notas de grande pessoalidade, nem se encontram qualidades excepçionaes de artista ou pensador. É

(1) *Diogo B. Machado.* — Bibl. Lus.

um livro como os demais, com os defeitos peculiares á literatura do seculo XVII, em Portugal. A influencia dos marinistas e dos gongoricos resalta de cada pagina; a poesia, a verdadeira poesia do coração quasi não apparece, tão encoberdas por artificios desgraciosos andam as suas composições.

As allegorias de máo gosto, as imagens despropositadas, o sentimento postiço de todas as cousas viciam constantemente o lirismo de seus poemas; posto fossem escriptos em boa e limpa linguagem, o espirito que os dictava era fraco e vasio, mais amigo da fórma que das idéas. É de regra, entretanto, salvar-se de todos os seus versos o poemeto descriptivo *A Ilha da Maré*,

Que é termo da Bahia.

Tem quasi tudo quanto o Brasil todo,
Que de todo o Brasil é breve apodo,

onde pretendem descobrir uma das primeiras manifestações do nativismo nas nossas letras. Aliás o nativismo não é privativo da nossa poesia; "esse tocante sestro de cantar a terra natal" (1) não é sómente nosso, mas um dos característicos communs a todas as raças. Nativistas, por esse lado, foram os persas e os gregos, os latinos e os provençaes; todos os povos antigos e modernos têm, na sua poesia, o espelho fiel da natureza que os rodeia, porque a natureza foi e será sempre a grande inspiradora da obra de arte.

(1) *J. Verissimo*. — *Hist. da Lit. Bras.*, pg. 84.

Veja-se, por exemplo, no trecho aqui transcripto, como é desgracioso o estilo de tal poesia:

Além das fruitas, que esta terra cria,
Tambem não faltam outras na Bahia;
 A mangava mimosa
Salpicada de tintas por formosa
Como se fôra almiscar oloroso;
 Produz-se no matto
Sem querer da cultura o duro trato,
Que como em si toda a bondade apura,
Não quer dever aos homens a cultura.
Oh! que galharda fructa e soberana
 Sem ter industria humana!
E se Jove as tirára dos pomares
Por Ambrozia as puzera entre os manjares!

Ou, então, aprecie-se esta tirada em que o poeta fala, com reminiscencias dos Lusíadas, na gloria incomparavel dos nossos cereaes...

O arroz semeado
Fertilmente se vê multiplicado;
Calle-se de Valença por estranha
 O que tributa a Hespanha,
 Calle-se do Oriente
O que como o gentio, e a Lizia gente,
Que o do Brasil, quanto se vê cozido,
Como tem mais substancia é mais crescido.

Como amostra, ainda, do seu engenho, leia-se:

Tenho explicado as fruitas e os legumes,
Que dão a Portugal muitos ciumes;
 Tenho recopilado
O que o Brasil contém para invejado.
E para preferir a toda terra

Em si perfeitos quatro AA encerra.
 Tem o primeiro A, nos arvoredos
 Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
 Tem o segundo A, nos ares puros,
 Na temperie agradaveis e seguros;
 Tem o terceiro A, nas aguas frias
 Que refrescam o peito e são sadias,
 O quarto A, no assucar deleitoso,
 Que é do mundo o regalo mais mimoso;
 São, pois, os quatro AA por singulares
Arvoredos, assucar, aguas, ares.

É digna de registo, entretanto, uma pequena allusão feita aos hollandezes e aos seus processos de guerrear:

Nesta ilha está mui ledo, e mui vistoso
 Um engenho famoso,
 Que quando o quiz o fado antigamente
 Era rei dos engenhos preminente;
 E quando Hollanda perfida e nociva
 O queimou, renasceu qual Fenis viva.

Botelho de Oliveira é, ainda, um representante genuino do pensamento e dos processos portuguezes; o sentimento brasileiro só com Gregorio de Mattos é que, realmente, começa a apparecer.

GREGORIO DE MATTOS

O Homem (1)

Nasceu Gregorio de Mattos Guerra, em 20 de dezembro de 1633, na cidade da Bahia de

(1) *Manoel Pereira Rabelo*. — Vida escripta por um amante de sua memoria. Ms. (Sec. XVIII) (Bibliotheca Varnhagen), I. (Pertence á Bibliotheca do Ministerio das Relações Exteriores).

Todos os Santos, então capital da America Portuguesa, no sitio junto ao Cruzeiro dos Antoninos Reformados, "em casas, cuja figura cornija de Romanas medalhas, ainda hoje as distingue caprichosamente nobres". Foram seus pais Gregorio de Mattos, fidalgo da serie dos Escudeiros em Ponte de Lima, natural dos Arcos de Valdevêz, Provincia do Minho, e D. Maria da Guerra, "matrona da Bahia", filha de fazendeiros abastados e de grande respeito. "Eram elles de tal natureza ricos, que possuíam, além de outras fazendas, um soberbo canavial de assucar na Patatiba, fabricado com perto de cento e trinta escravos de serviço, que repartiam a safra por dous famosos engenhos".

A primeira infancia, passou-a Gregorio de Mattos sob a "influencia do clima do Brasil", entre os colonos, os indios e os negros das herdades paternas, formando aqui a intelligencia, que apurou e polio, mais tarde, na Universidade de Coimbra, onde recebeu gráo de doutor em leis, com grandes applausos de mestres e condiscipulos. Depois de formado, advogou em Lisboa, grangeando rapidamente fama de "viveza e sciencia", pelas causas intrincadas que venceu com as subtilizas de que sempre deu provas seu espirito irrequieto e travesso, desde os tempos de estudante.

Aquelle que seria o "boca de inferno", na voz dos bahianos medrosos, pelo desabusado das suas satiras de braza, cedo se fez temido de todos os prevaricadores, de todos os pedantes, de todos os fidalgotes matreiros que enxameavam nos salões da côrte lisboeta. Gregorio de Mattos, pelos seus talentos juridicos, chegou a

Juiz de Crime, especie de delegado de policia, de um dos arrabaldes de Lisbôa, e a juiz de orphãos e ausentes de uma comarca proxima da capital portugueza. "Logrou, tambem, a graça do Augusto Rei D. Pedro II", a quem servira nas lutas politicas contra D. Affonso VI, "pelo particular conceito que fez do seu rectissimo proceder"; e tanta consideração mereceu dos distribuidores de empregos officiaes, que "chegou a ter promessa de lugar na Casa da Supplicação".

Foi por essa occasião que o incumbiram de vir ao Rio de Janeiro "devassar dos crimes de Salvador Correia de Sá e Benevides", mal visto da côrte por se ter conservado fiel ao rei Affonso VI. Gregorio de Mattos, percebendo a injustiça das accusações levantadas contra o referido governador, ou "por temer as investiduras de tão poderoso e dissoluto Regulo", declinou do convite real.

"Isto é o que se fala neste particular", escreve o licenciado Rabelo, "e o que sempre ouvi dizer a pessoas de alguma noticia; mas como os papeis, e os pareceres andam sempre indubitaveis; e se faz merecedor do engano (como diz Camões) quem acredita que mais o que lhe dizem do que o que vê: affirmarei, que o Dr. Gregorio de Mattos cahio da graça real a persuasões de algum seu mal affecto, e prejudicado das suas satiras, e não porque atrevida ou temerariamente recusasse as mercês dos Principes".

Neste particular, seu biographo está de accordo com Thomaz Pinto Brandão, "tambem muito conhecido pelo sal das suas obras", o qual, nas suas memorias, allude a uma viagem que fez ao Brasil em companhia de Gregorio de Mattos,

“que se retirava da Côrte descontente de lhe não darem aquillo com que rogavam aos outros, e pelo crime de poeta, sobre jurista famoso”, como se collige dos seguintes versos:

Procurei ir-me chegando
A um bacharel mazombo,
Que estava para a Bahia
Despachado e desgostoso
De não lhe darem aquillo
Com que rogavam a outros,
Pelo crime de poeta
Sobre jurista famoso.

Já começava a produzir os primeiros e amargosos frutos o despeito dos velhacos, apanhados em flagrante pela musa chocarreira e desapiedada do poeta brasileiro. Em 1679 chegava elle, de volta á sua terra natal, em idade madura, cheio de odios e travores, de experiencias e desenganos, prompto, portanto, para exercer as funções de vergastador impenitente dos defeitos e das espertezas da gente que, então, nos governava.

A principio, occupou os empregos de Vigario Geral da Bahia, e Thezoureiro-Mór da Sé, com murça de conego, durante o arcebispado de D. Gaspar Barata de Mendonça. Nem assim, todavia, se furtou ás perseguições, ás intrigas soezes, aos reparos mesquinhos de certos adutores de toda sorte. Sua nova situação, se não era peor, era a mesma que em Portugal.

Querem-me aqui todos mal:
Mas eu quero mal a todos,

Elles, e eu, por varios modos,
Nos pagamos tal por qual.

E querendo eu mal a quantos
Me têm odio vehemente;
O meu odio é mais valente,
Pois sou só, e elles são tantos.

Algum amigo que tenho,
(Se é que tenho algum amigo)
Me aconselha, que o que digo
O cále com todo empenho.

Este, me diz, diz-me outro,
Que me não fie daquelle:
Que farei, se me diz delle,
Que me não fie aqueloutro?

Pouco e pouco, se foi avolumando a torrente de invejas e pequeninas vinganças contra o poeta, que não tinha mão nos desabafos contra os hypocritas de todos os matizes, de todas as profissões e castas, até que o novo arcebispo, D. Frei João da Madre de Deus, lhe retirou a murça capitular, "com despreso". Alguns dias antes desta disposição, pretendeu este Prelado, com piedosas mostras de affecto, persuadir ao nosso poeta que tomasse ordens sacras, para assim lhe conservar os cargos e Dignidades que exercia. Mas elle, discreta, e inteiramente lhe respondeu: "Que não podia votar a Deus para aquillo que nelle era impossivel cumprir pela fragilidade da natureza que em si conhecia; e que a troco de não faltar, e mentir a quem devia toda a verdade, perderia todos os thesouros, e dignidades do Mundo; porque ser máo Sacerdote, era maior culpa do que um ruim Secular".

Sem recursos e sem amigos, sem o apoio dos grandes, que nunca poupara, e sem o auxilio dos pequenos, que lhe não poderiam valer, Gregorio de Mattos ficou de todos desamparado. Umas e outras desgraças se succediam, quasi sem intervalo, justificando-se assim aquella expressiva e colorida imagem de Manuel Pereira Rabelo, quando disse, referindo-se aos dissabores do nosso poeta, "que os males são como as cerejas, que se encadeiam uns com outros".

Apesar de todos os seus infortunios, ainda teve lembrança de se casar, em 1684, com Maria de Povos, "viuva tão honesta quanto formosa". Como era de esprar, não foi feliz o casamento, já porque não tinha genio para a tranquillã vida domestica, já porque lhe não sobravam horas para as folgas desejadas.

Para manter com certo conforto o lar, abriu banca de advogado na Bahia. Entretanto, "poucos eram os defendidos; porque a inteireza do seu genio patrocina sómente a razão em materias civeis, sendo inimigo acerrimo daquelles advogados que, por ajuntarem cabedal, enredam as partes no labirinto de sinceras opiniões". Nos seus pleitos era, geralmente, de um laconismo delicioso. Às vezes, com um distico, ou uma estrophe, mordente e esfusiante, lograva ganhar as mais simplicadas causas.

Conta-se que um homem de réles condição, "que por aquella iniquidade a que no Brasil chamam fortuna", chegou a ser Juiz Ordinario, na villa de Igaracú, mandou autoar a um individuo, que antes fôra seu patrão em Pernambuco, sómente porque este o tratara por vós. Gregorio de Mattos tomou a si a defeza do dito sujeito, apre-

sentando os seguintes argumentos em favor do seu constituinte:

Se a Deus se trata por tu,
E se chama a el-Rei por vós;
Como chamaremos nós
Ao Juiz de Igaracú?
Tu, e vós, e vós, e tu.

Não era rendosa, todavia, tal profissão. Gregorio de Mattos trabalhava mais por se divertir do que por ganhar. Com a mesma serenidade com que recusava o dinheiro de certos clientes duvidosos, aceitava a causa de alguns miseráveis, sem meios até para as custas do processo. Não admira, pois, que lhe fugisse da casa a mulher, tanto lhe andava o pão longe da mesa. Data d'ahi a mais desabrida explosão do seu temperamento impulsivo e afoito. Afim de se furtar a uma vida tão desabrigada, de um almoço, hoje, ali, de um jantar, acolá, amanhã, procurou refugio no Reconcavo, "povoado de pessoas tão poderosas, como em tudo generosas, por ser a parte, ou partes aonde vivem as mais esclarecidas familias da Bahia; uns em seus engenhos, e outros fugindo das confusões de uma côrte americana".

Seu genio folgazão entrou a gozar das largas oportunidades que lhe offerecia o desregramento proprio de uma existencia bucolica e pacata, sem obrigações nem dissabores.

Eu estou na minha Quintinha,
Que é chacara soberana,
Ora comendo banana,
Jogando ora a laranginha.
Nem vizinho, nem vizinha

Tenho; porque sempre cança:
Quem tudo vê, nada alcança,
E na cidade são raros
Os olhos que não são claros,
Se olhos são de vizinhança (1).

Entretanto, não voava distante, no Reconcavo, sua inspiração, “pois para as lascivas mulatas, e para as torpes negras, é que commumente se afinou pela maior parte tão deliciosa poesia”.

Governava, então, o Brasil, D. João de Alencastre, admirador dos versos de Gregorio, que “fazia copiar por debuxadas letras”, quando aqui chegou um filho de Antonio Luiz da Camara Coutinho, inimigo do poeta por uma satira que este dirigira contra seu pai. Sabendo D. João de Alencastre que o fidalgote tramava contra Mattos, ordenou a Bernardo Vieira Ravasco que trouxesse o poeta preso, sendo elle encarcerado na “casa a que chamam Leoneiras”, com sentinellas á vista. Muito embora intentasse Gregorio justificar-se perante as autoridades, foi, sem outra fórma de processo, desterrado para o Reino de Angola, em uma náó que se aprestava a transportar tropas para Benguela. Durante a viagem, depressa se tornou querido dos companheiros de bordo, cantando na sua viola solfas e trovas de rustico sabor. Era tão exímio trovador, que Gonçalo Soares da França pode cantar, assim, no arrevezado gosto da época, suas qualidades:

Com tanto primor cantais,
Com tanta gala tangeis,
Que as potencias suspendeis,
E os sentidos elevais.

(1) Ms. cit., vol. III.

De ambas sortes admirais,
 Suspendendo ao bravo Eolo:
 Mas eu vos digo, sem dolo,
 Que de mui pouco se admira,
 Se tocaes de Orpheo a Lyra,
 E a pluma tendes de Apollo.

Chegando ao Reino de Angola, “o armazem de penas”, como era chamado, favorecido da protecção do Governador do dito Estado, conseguiu tornar ao Brasil, embarcando-se para Pernambuco, onde viveu ainda algum tempo, prohibido de “fazer versos”, entre “musicos, solfistas e folgazões”. Falleceu, finalmente, em 1606, velho e doente, reconciliado com a Igreja. Já na agonia, conta o seu biographo, que, “postos firmes os olhos na imagem de Christo crucificado”, compoz este Soneto:

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
 Em cuja Fé protesto de viver;
 E em cuja santa lei hei de morrer
 Animoso, constante, firme, e inteiro.

Nesse lance, por ser o derradeiro,
 Pois vejo a minha vida anoitecer;
 É meu Jesus, a hora de se ver
 A brandura de um Pai, mesmo Cordeiro.

Mui grande é vosso amor, e o meu delito:
 Porém, pode ter fim todo o peccar,
 E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão, me obriga a confiar,
 Que por mais que pequei; neste conflicto,
 Espero em vosso amor de me salvar.

Gregorio de Mattos era elegante de corpo e de maneiras, trajava com esméro a capa de velludo e "volta de fina renda", compunha a cabelleira de banda, e usava oculos, por ser "falto de vista". Tinha predilecção pelas caçadas, e recreava-se com os passeios demorados de barco pelos mares da Bahia, "a remos compassados", para maior distincção e gentileza.

O POETA SATIRICO

Faguet disse uma vez, commentando Vilon, que "ce truand fut presque un grand poète" (1). O conceitõ não ficaria mal, se fosse applicado a Gregorio de Mattos. O poeta brasileiro pertence a uma familia de typos, muito communs na idade-média, sobretudo na Italia e na França, para quem a vida, sem o sorriso, não tinha o natural sabor das cousas appeteciveis.

Na confraria dos "Enfans sans souci", talvez lhe coubesse, sem exagero, o titulo de "Prince des Sots", ou de "Mère Sotte". Elle teve, mais do que qualquer outro do seu tempo, a intuição da poesia social, da poesia como arma de combate aos ridiculos do mundo, aos desmandos dos potentados, ás bazofias de toda especie. Talvez sem o querer, foi elle o nosso primeiro jornal, onde estão registados os escandalos meudos e graudos da epoca, os roubos, os crimes, os adulterios, e até as procissões, os anniversarios e os

(1) E. Faguet. — Histoire de la Littérature Française, vol. I.

nascimentos, que elle tão jubilosamente celebrou nos seus versos.

Como Rutebeuf, Jean de Mung, Guillaume Coquiart, ou Pierre Gringore, Gregorio de Mattos não desfallece na critica dos acontecimentos contemporaneos. Sua penna estava sempre acerada e disposta a vôar com asas de fogo sobre a chaga verminosa, onde quer que ella se apresentasse. A exemplo de Coquillart, elle tambem diria gostosamente das mulheres amaveis, que tanto o distrahiram das amarguras que soffreu:

Femmes qui sont belles et gentes,
Doivent elles estre laissées ?

Suas estrophes são pamphletos terriveis, algumas vezes escabrosos, mas justos; suas satiras são libellos venenosos, são navalhas de fio e tempera inquebrantaveis. Não lhe era menos segura e firme a observação, como se conclue do "Romance em que o autor se despede da Cidade da Bahia, na occasião em que ia degredado para Angola", onde ha trechos assim:

.....

Que os Brasileiros são bestas,
E estão sempre a trabalhar
Toda vida por manter
Maganos de Portugal.

Como se vir homem rico,
Tenha cuidado em guardar;
Que aqui honram os mofinos,
E mofam os liberaes.

No Brasil a fidalguia
No bom sangue, nunca está;
Nem no bom procedimento.
Pois logo em que pode estar ?

Consiste em muito dinheiro,
E consiste em o guardar;
Cada um o guarde bem,
Para ter que gastar mal.

Consiste em dal-o a maganos,
Que o saibam lisongear,
Dizendo que e descendente
Da casa de Villa-Real.

Se guardar o seu dinheiro
Onde quizer casará,
Que os sogros não querem homens,
Querem caixas de guardar.

.....

Oh veja eu assolada
Cidade tão suja, e má,
Aversa de todo o Mundo;
Só direita em se entortar.

Suas invectivas contra os nobres não param
ahi; deixou sua musa faceta varios retratos, ou,
melhor, varias caricaturas excellentes dessa casta
de comparsas que vinham para aqui encher o
pandulho magro e a bolsa vasia, e maldizer da
terra e dos seus naturaes.

Como Gringore, nas "Folles Entreprises",
quando motejou:

Et noblesse n'est pas certaine
De ce que peuple endure (1).

ou

Tous les seigneurs temporels et mondains
Qui commettent gens en autorité
En font larcin au peuple et tourmens maints
Et eulx monstrans cruelz et inhumains
Se nourrissent en folle vanité (2).

Gregorio de Mattos não poupou remoque contra semelhante gentalha. Leiam-se, por exemplo, os “Remedios para enfidalgar o que quizer cahir nessa fôfa”:

Faça misuras de A, com o pé direito;
Os beija-mãos de gafador da pella;
Saiba a todo cavallo a parentella,
O dono, o criador, e o seu defeito.

Se o não souber, e o vir russim de geito,
Chame o laçao, e posto na janella,
Mande que lh'o passeie a mór cautalla;
Que inda que o não intenta se ha respeito.

Saia na Armada; soffra lá seus botes;
A ouvir cantar as damas mais se applique;
Fale sempre na quinta, pôtro, e galgo.

E com isto, e o favor de quatro asnótes
De prompto ouvir, e crêr; se porá a pique
De amanhecer, um dia, um grão Fidalgo!

(1) Folles Entreprises, pg. 52.

(2) Idem, pg. 55.

Tambem não perdôou aos prelados que des-honravam a Igreja, aos ratos de sacristia, aos simoniacos, aos abbades galantes, aos confessores atrevidos e espertalhões. Suas vergastadas eram, nesse passo, violentas, de uma ferocidade sem limites. Ainda, aqui, estava com a tradição medieval. Quasi que não houve poeta satirico, do seculo XII em deante, que não perseguisse com as suas invectivas os padres peccadores. Aliás, até os proprios prégadores, como Gerson, Raulin, ou Maillard, condemnaram certos vicios peculiares aos sacerdotes romanos. Este ultimo fala em "Sacrilegi presbyteri putridi", Raulin se refere, nos seus sermões, a uma categoria de padres que "s'inflamment comme de l'étaupe au-près des femmes". Não eram mui differentes alguns dos que viveram aqui, segundo os testemunhos do poeta bahiano. Nas "Decimas ou Novenas" ao Confessor do Arcebispo, "que dizem era o cano por onde entravam as simonias, e outras injustiças", brada Gregorio:

Eu, que me não sei calar;
Mas antes tenho por mingua
Não se purgar qualquer lingua
A risco de arrebentar;

.....
.....

Confessor ha Jesuita,
Que ao ladrão do confessado,
Não só lhe absolve o peccado,
Mas os frutos lhe alcovita.
De Precursor de Visita,
Que na vanguarda marchando,
Vai pedindo, e vai tomando,

O Demo ha de ser algóz:
 Porém fique aqui entre nós.

.....

De um tal confessor me abisma,
 Que releve, e não se offenda
 Que um Padre sagrado, venda
 O sagrado Oleo da Chrisma.
 Por dinheiro a gente chrisma;
 E por cêra, havendo queixa,
 Nem a da orelha, ainda deixa,
 Onde chrismando a mão pôz,

.....

Vós (amigo) que isto vedes,
 Deveis a Deus graças dar,
 Porque vos fez secular.

.....

Como esta, muitas outras satiras ha que seria fastidioso até enumerar. No "Romance", "a todos os ladrões que ha na cidade da Bahia, por diversas fórmãs", juntou Gregorio de Mattos, em animada farândula, onde não falta nem graça nem colorido, representantes de varias profissões que exploravam a credice, a bôa-fé ou as algebeiras dos seus clientes e freguezes. É um conselho "de cinco ou seis famosos gatos" assentados sobre um telhado, "á prima noite". Discorre, em primeiro logar, "um gatinho reinol, relambido de feições", o qual accusa o Escrivão, seu amo, de máos tratos, por ter descoberto que elle seria capaz de dar

Até no officio um gatazio

fazendo-lhe, portanto, concorrência perigosa e incommoda. Não havia em sua casa um ratinho sequer para comer, pois todos os que por lá apareciam eram parentes do ingrato e desalmado escrivão:

Porque os ratinhos do Douro
São grandíssimos velhacos
E em Portugal são ratinhos,
E cá no Brasil são gatos.

Não é menos valente nas suas objurgatorias o gato de um boticário; pelo mesmo diapasão afina o de um alfaiate, assim como o de um Convento de Franciscanos. Todos se lastimam, todos descobrem as miserias reconditas dos seus donos, todos mostram a torpeza dos seus senhores. Esta é uma das melhores sátiras de Gregorio, não só pela felicidade do assumpto, mas ainda pela escolha das personagens...

O MORALISTA

Ao contrario do que afirma José Vrissimo, o engenho de Gregorio de Mattos não ficou limitado aos motivos escabrosos, nem ás miserias da sociedade em que vivia, "de cujos vicios e manhas participava, para cuja immoralidade contribuia... como testemunham os seus poemas publicados e ineditos" (1). Sua bohemia, que era de raça e não de simples mimetismo ridiculo, como observou o citado autor, se lhe diminuiu a grandeza do éstro, não lhe retirou de todo algu-

(1) *J. Verissimo*. — Obr. cit., pg. 95.

mas qualidades muito apreciaveis de pensador subtil e avisado. Os travores que a má fortuna lhe accumulou no coração concorreram, não pouco, para lhe fortalecer a nota pessimista, tão commum nas suas producções. Aquella amargura constante nos versos de Villon, aquella queixa permanente, de que os "Regrets de la Belle Heaulmière" nos fornecem consideravel medida, repon-tam muitas vezes nos sonetos e nas glozas dori-das de Gregorio. Como os poetas do seculo XV, e começos do XVI, elle, não raro, mistura o sentimento do comico ao do tragico, o jubilo e a tristeza, a melancolia e o riso ironico e ferino. Não é difficil apparecerem, depois de alguns tre-geitos burlescos, as lagrimas interiores do bufão, como nos seguintes versos:

NOTA

Contentamento, onde estás,
Que te não acha ninguem?
Se intenta buscar-te alguem,
Não sabes por onde vás.

GLOZA

Amigo contentamento,
Peço-te, por esta vez,
Que me não busques; que intento
Buscar-te em teu aposento
Para lançar-me a teus pés.
Assim, em tal ousadia,
Porque eu saiba aonde vás;
Afim de achar-te algum dia,
Dize-me, hoje, em cortezia.
Contentamento, onde estás?

Por mil partes differentes
Andei; e te certifico
Não ver-te por entre as gentes;
Antes todos descontentes,
Alto, baixo, pobre, e rico.
Fui-me aos palacios; e ouvi,
Que se acaso ali te vêm,
Sem deixar signaes de ti,
Tão cedo te vás d'ali,
Que te não acha ninguem.

Dei logo em imaginar,
Que estás entre os namorados:
Busquei-te; e vendo-os queixar,
Mal disse, se podem dar
Contentamento, e cuidados:
Com que, vendo o teu desvio,
Julguei, que passar além
Era trabalho baldio;
E que intenta um desvario,
Se intenta buscar-te alguem.

Fiquei tão desenganado
Que direi, por toda a parte,
Que quem, por dita ou por fado,
Se não vir por ti buscado,
Não se canse com buscar-te:
Porque é tal sua conquista,
Que inda o triste a quem te dás,
Por muito que elle te assista,
Não sabe por onde vás (1).

Se a preocupação da morte não lhe foi constante, em certas occasiões elle pode dizer á vaidade das mulheres:

Falsa gentileza vã,
A quem segue o teu verdor !

(1) Ms. cit. vol. 111, pgs. 76 a 79.

Adverte, que se hoje és Flor,
 Serás caveira amanhã.
 Essa belleza louçã
 Te está mesmo condemnado...

.....

Se corres, com panno largo,
 Traz dos deleites de uma hora;
 Vê bem que o que doce agora,
 Te ha de ser depois amargo.
 Desperta desse lethargo
 Em que os vicios te detêm,
 E vive como convém;
 Pois se sabes que és mortal,
 Olha bem não morras mal,
 Olha bem que vivas bem.

Se a esperar tempo te atreves,
 Mal na vida te confias;
 Pois são tão curtos os dias,
 Quanto as horas são mais breves.
 Deixa os gostos vãos, e leves,
 Que tanto estás anhelando:
 Trata de ir-te aparelhando
 Para a morte, e sem demora;
 Porque não sabes a hora,
 Porque não sabes o quando.

Deixa do mundo os enganos,
 Não queiras em tanta lida,
 Por breves gostos da vida
 Penar por eternos annos (1).

.....

Sobre os “desenganos da vida-humana” escreveu o poeta este Soneto, onde se mostra a

(1) M. pgs. 125 a 128.

sua perfeita consciencia das cousas terrenas e mundanas:

É a vaidade, oh Fabio, nesta vida,
Rosa, que, da manhã, lisongeada,
Purpuras mil, com ambição doirada,
Airosa rompe, arrasta presumida.

É planta, que de abril favorecida,
Por mares da soberba desatada,
— Florida Galeota empavezada —
Sulca ufana, navega destemida.

É não, enfim, que, em breve ligeireza,
Com presumpção de Phenix generosa,
Galhardias aposta com presteza.

Mas ser planta, ser rosa, e não vistosa,
De que importa, se a aguarda, sem defeza,
Penha á não, ferro á planta, tarde á rosa ! (1)

Eis como elle se refere “á brevidade dos gostos da vida, em contemplação dos mais objectos”:

Nasce o Sol; e não dura mais que um dia,
Depois da luz, se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em continuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o sol, porque nascia ?
Se formosa a luz é, porque não dura ?
Como a belleza assim se transfigura ?
Como o gosto, da pena assim se fia ?

(1) Ms. vol. 1, pg. 26.

Mas no sol, e na luz, falte a firmeza,
Na formosura não se dê constancia,
E na alegria, sinta-se a tristeza.

Comece o mundo, emfim, pela ignorancia;
Pois tem qualquer dos bens, por natureza,
A firmeza sómente na inconstancia (1).

Imitando, por vezes, os accentos mais queridos dos bucolicos portuguezes e hespanhoes, como Sá de Miranda e Garcilaso, proclamou a felicidade da vida campesina, e as mentiras das côrtes pedantescas e solemnes. Ha varios sonetos seus, feitos em louvor dos prados luminosos, das madrugadas limpidas do campo, onde o "bem-aventurado, apartado das demandas".

"acórda ao doce som, e ás vozes brandas
do terno passarinho enamorado".

Num delles, confessa:

Se estando eu lá na Côrte, tão seguro
Do nescio impertinente, que porfia,
A deixei por um mal que era futuro:

Como estaria, vendo na Bahia,
(Que das côrtes do mundo é vil mentira)
Os roubos, a injustiça, e a tirania? (2)

Nas suas poesias satiricas e moraes percebe-se logo o rasto de Quevedo, como, nas allegoricas, a influencia de Góngora e Marini; com-

(1) Idem, vol. II, pg. 16.

(2) Ms. vol. II, pg. 17.

tudo, no meio de tantas predilecções literarias, guardou Gregorio de Mattos a personalidade, não se restringio aos arremedos mais ou menos felizes, ás paraphrases mediocres.

O LIRICO

O lirismo está longe de ser a porção mais brilhante da obra de Gregorio de Mattos; o poeta era de si bastante conceituoso e observador para se deixar vencer pelas doçuras da fantasia e da irrealdade. Seus poemas de amor, com excepção dos religiosos, onde o sentimento é sincero e doloroso, são quasi sempre lascivos e sensuaes. O amor, em Gregorio de Mattos, era mais pratico do que idealista, mais passageiro que constante. Suas estrophes amorosas são, por via de regra, convites, com prazo certo e immediato, para rapidos momentos de goso e de prazer.

Sua sensualidade era governada pelo bom senso, o espirito clarividente e lucido corrigia os desvarios possiveis do coração. Não foi elle, todavia, insensivel ás graças feminis ou aos encantos da natureza; de trecho a trecho, surge-nos alguma prova de que sua alma, embora maguada e ferida por tantos modos, sabia deleitar-se com essas "bagatellas sonoras", de que nos fala o prudente Lucrecio. Nas "Decimas a uma dama, que estava com um cravo na boca", diz o poeta:

Vossa boca para mim,
Não necessita de cravo;
Que o sentirá por aggravo
Boca de tanto carmim.

O cravo meu Serafim,
 (Se o pensamento bem toca)
 Com elle faria troca;
 Mas, meu bem, não o aceiteis,
 Porque melhor pareceis
 Não tendo o cravo na boca.

Quanto mais: que é escusado
 Na boca o cravo; porque
 Prefere ella, ao que se vê,
 Na côr, todo o nacarado.
 O mais subido encarnado
 É da vossa bocca escravo;
 Não vos fez nenhum aggravo
 Elle de vos dar querella;
 Que menina que é tão bella
 Sempre tem boca de cravo (1).

No Soneto em que se dirige á "Borboleta namorada da luz", não é menos graciosa sua maneira de poetar:

Oh tu do meu amor fiel traslado,
 Maripoza entre as chamas consumida!
 Pois se á força do ardor perdes a vida,
 A violencia do jogo me ha prostrado.

Tu, de amante o teu fim has encontrado,
 Essa flama girando apetedida:
 Eu girando uma penha endurecida,
 No fogo que exalou, morro abrasado.

Ambos de firmes anhelando chamas;
 Tu a vida deixas; eu a morte imploro;
 Nas constancias iguaes, iguaes em chamas,

(1) Ms. vol. II, pg. 392.

Mas ai! que a differença entre nós choro;
Pois acabando tu ao fogo que amas
Eu morro sem chegar á luz que adoro (1).

Merece attenção, tambem, sua poesia religiosa, onde não rareiam as bellezas, e onde seu temperamento combativo perde a costumeira rudeza, ganhando uma ternura confiante e sincera. Parece, ás vezes, tanto os homens se assemelham através dos tempos, que estamos a ler Verlaine, na "Sagesse".

Como o poeta francez dos fins do seculo XIX, o brasileiro do seculo XVII, depois de lavrar contracto com o demonio, se volta para Deus, arrependido; como Verlaine, Gregorio de Mattos foi infeliz na vida conjugal. A mesma crise de mysticismo fecha a vida de ambos, o mesmo desregramento physico e moral se manifesta durante o curso das duas existencias tumultuosas. Ainda mais, como Gregorio de Mattos, era Verlaine grande cultor de Góngora, chegando até a pôr como epigraphe ao soneto "Lassitudes", dos "Poèmes Saturniens", um dos versos do poeta castelhano. Seria realmente proveitoso e interessante o estudo comparativo destas duas figuras, de almas tão semelhantes em alguns pontos, e com directrizes tão approximadas nos caminhos do mundo.

Gregorio de Mattos representa, na historia das nossas letras, é preciso repetil-o, a revolta do bom senso burguez contra as minharias ridiculas da fidalguia reinol; a bravura do julgamento desassombrado, muitas vezes perigosa,

(1) Idem, pg. 47.

contra a covardia dos aulicos, sempre coroavel aos mandões; a nobreza do character contra a nobreza do sangue, a força da intelligencia e da lealdade contra a intriga sinuosa e escorregadiça. Elle foi, para resumir, o primeiro espirito varonil da raça brasileira, e, a exemplo de Villon, no "Grand Testament", poderia repetir áquelles que lhe malsinaram, com tanta e tão descabida energia, os erros:

De pouvreté me guermentant,
Souventes foys me dit le cueur:
"Homme, ne te doulouse tant
Et ne demaine tel douleur;
Si tu n'as tant qu'eust Jacques Cueur,
Myeux vault vivre soubz gros bureaux,
Pauvre, qu'avoir esté seigneur
Et pourrir soubz riches tumbeaulx !" (1)

(1) Villon. — Œuvres, estrophe XXXVI.

SECULO XVIII
(PRIMEIRA PHASE)

CAPITULO V

SECULO XVIII

(Primeira phase)

As Bandeiras. — As Academias Literarias. — Sebastião da Rocha Pitta. — Santa Maria Itaparica. — Antonio José.

O poema que Vasco da Gama escreveu nos “mares nunca d’antes navegados” de Africa e de Asia, Antonio Rapozo repetio na espessura das florestas americanas. O ultimo canto da aventura portugueza, que os Lusiadas celebraram no oriente, resôou nas praias desertas do Pacifico; o oceano da selva revolta substituiu, aqui, o das aguas ululantes.

Para essa ultima travessia destemerosa não se aprestaram as soberbas náos que o sonho heroico de Sagres fez surgir; os orçamentos complicados e custosos, os favores e as ajudas do Governo não concorreram para a sua realização; as arcas abarrotadas de ouro da fortuna publica conservaram-se prudentemente cerradas; não foram politicos ladinos, nem fidalgos palacianos,

nem capitães-móres escandalosamente remunerados e protegidos que a apprehenderam; essa batalha formidável não foram soldados que a batalharam, não foram generaes que a venceram, não foram cortezãos que a custearam, não foram estrategos que a delinearão. Foi simplesmente o Homem, foi a energia humana que se desdobrou num jogo inedito de forças desconhecidas, tão poderosas que eram quasi divinas, tão consideraveis e inesperadas como nunca seria licito suppor nesse "bicho da terra tam pequeno".

Os bandeirantes não encontraram inimigos visiveis, organizados, capazes de se deixarem conhecer pelo numero das hostes ou pela violencia das armas. Juntai todos os perigos, reuni todos os abismos, multiplicai todas as difficuldades, e ainda sobrarão perigos, abismos e difficuldades com que houveram elles de lutar (1).

O inimigo não era Hollanda, nem França, nem Inglaterra, mas a propria natureza, com os seus baluartes milenares de pedra escavada e a prumo; com os seus boqueirões cavados na bruteza das rochas denticuladas; com os seus carascaes bravios, onde as vozes humanas se misturavam, num concerto imprevisto, ao ronco das fêras; com as suas matarias rudes e impenetra-veis; com os seus rios rolando em largos e profundos leitões, ou referendo em saltos ingremes e espumosos; com os seus descampados interminaveis, batidos pelo sôl dos tropicos, ou alagados pela furia das chuvas; com as suas febres inclementes e ameaçadoras, numa palavra, com todo o fatalismo impiedoso das suas forças in-

(1) Vide: Paulo Prado. — *Paulistica*, S. Paulo, 1925.

disciplinadas. Ainda mais, onde a natureza se mostrava, porventura, menos rude, surgia o indio feroz na defeza das suas tabas saqueadas, na salvaguarda dos seus territorios devastados.

As terras que os marinheiros lusitanos descobriram, ao cabo de pesquisas seguras, os bandeirantes foram dilatando, por effeito da vontade consciente e pertinaz, desde o seculo XVI até o seculo XVIII. Assim, se o seculo XVII pode ser considerado como o da defeza do litoral contra a sanha dos estrangeiros cubiçosos, o seculo XVIII deve ser o da conquista do sertão, contra o indigena barbaro e a natureza selvagem. Sem a audacia dos bandeirantes, correndo em procura das pepitas de ouro, das minas de prata e das pedrarias ricas, o Brasil seria, hoje, um pequeno paiz, igual a tantos outros da America do Sul. A elles cabe a gloria de tão grande e precioso legado. Na sua brutalidade de "superhomens do deserto", elles traçaram a mais brilhante e commovedora epopeia de que ha noticia nos annaes do novo continente. A pagina dos "Dez mil" de Xenofonte será, apenas, uma novella pueril, se a compararmos á destemerosa aventura dos nossos irmãos coloniaes (1).

Rareiam na historia exemplos de tanta abnegação e valentia, de tanto desassombro viril. O bandeirante é um heróe sem compromissos, sem juramentos e sem galões; sua vida não está segurada, no caso de uma desgraça imprevista; seu nome, as mais das vezes, é desconhecido, morre com elle, na ultima arrancada contra a

(1) Cf. R. de Carvalho. — *Estudos Brasileiros*. Rio. 1924.

montanha impassivel, ou contra a frécha hervada do selvicola. Sua logica não tem subtilezas nem refolhos: é nua, fria e certa como a lamina da espada na mão do gladiador. Elle sabe que, se não vencer, desaparecerá; por isso, investe cegamente, e se despenha, como a caudal engrossada por varios e reconditos mananciaes, destruindo na sua passagem todos os obstaculos, ou, então, arrebetando-se na aspereza dos embates successivos.

Apesar de todos os famosos exageros do nosso lirismo de meridionaes, nunca poderemos gravar, com mão segura e prodiga, as incontaveis acções de superior denodo que elles praticaram dentro do horror dessa "selva selvaggia" americana.

No curso da nossa vida historica, de paiz policiado e culto, em muitas occasiões se tem manifestado o influxo dessa ascendencia. Somos, por mais de um titulo, legitimos filhos dos bandeirantes. Como elles, não possuímos, ainda, a noção da estabilidade, que é por onde se revelam os povos já velhos e constituídos. Somos inquietos, tanto na politica como na literatura, nas artes como nas sciencias. A ameaça dos "abismos" constantemente nos persegue; mas, antes que, ao menos, tenhamos tempo de o perceber claramente, estão elles transpostos, como por milagre. Esse nomadismo intellectual, tão caracteristico dos brasileiros, é ainda um reflexo daquelles nossos maiores.

Salteados de perigos e necessidades, por todos os lados, vamos aos empuxões da fortuna, com as palpebras cerradas, as mãos avidas, o passo errante, mas firme; e o que muitos não

conseguem, talvez por excesso de zelo, nós alcançamos petulantemente, sem preocupações nem cuidados...

A lição dos seculos XVII e XVIII, com todos os defeitos que nos vieram della, merece viva lembrança; os bandeirantes não só alongaram as nossas fronteiras mas tambem tornaram a terra conhecida, despertando, assim, o sentimento da sua grandeza e exuberancia. Está ahi por que, logo no principio do seculo XVIII, Sebastião da Rocha Pitta, rompendo com a tradição dos conventilhos literarios, então na moda, tentou escrever uma historia do Brasil, que serviria, mais tarde, de espelho ao "Caramurú", de Santa Rita Durão, e onde, pela primeira vez, o sentimento nativista aparece perfeitamente definido.

AS ACADEMIAS LITERARIAS

Veio do Renascimento, a exemplo da antiguidade classica, o uso e, frequentemente, o abuso das chamadas "academias", onde se reuniam poetas, artistas, cientistas ou philosophos metaphysicos, de grenha hirsuta e poucas idéas, afim de discretearem sobre pontos de doutrina, questões de metrica, bellezas de tropos, e toda sorte de inutilidades e subtilezas da rhetorica mais descabellada e inferior.

O sentimento das cousas, já se deixa vêr, era falso, como falso era o espirito de todos os cultores de semelhantes ninharias. A virtuosidade, o preciosismo e o cataglottismo eram as qualidades preferidas; a obra de arte estava na fórmula, no brilho dos "congetti", na "agudeza" dos troca-

dilhos e das metaphoras, na engenhosidade das periphrases empoladas e vasiaas. Essa doença grave, que contagiou os poetas alexandrinos da decadencia grega, voltou a graçar no seculo XVI, com John Lyly, na Inglaterra, e dominou todo o seculo XVII, com o marinismo, na Italia, e o gongorismo, na Espanha.

A delicadeza de Petrarca, a leveza das suas imagens, perderam entre os seus imitadores, como Tebaldeo e outros, a original frescura deliciosa, desde o seculo XV. O petrarquismo degenerou, em breve, no estilo *culto*, de Gongora e Marino. Os homens rivalizavam com as damas no floreo das phrases coloridas, e de tal modo o vicio das academias se generalizou, corrompendo a sociedade, que Montaigne, alludindo ao triumpho espantoso dos francezes sobre os italianos, em 1494, poude escrever: "Quand notre roy Charles huictième quasi sans tirer l'espée du fourreau, se veit maistré du royaume de Naples et d'une bonne partie de la Toscane, les seigneurs de sa suite attribuèrent cette inesperée felicité de conquestes à ce que les princes et la noblesse d'Italie s'amusoient plus à se rendre ingénieux et sçavants que vigoureux et guerriers" (1).

A vida tomára, então, um sentido puramente epicurista, ou melhor, relativista. O amor da gloria, o culto da reputação, desconhecidos dos severos escriptores da idade-média, foram a móla psychologica de todos esses desregramentos de moralidade e de linguagem. A exaltação da personalidade produzio, por um lado, o individua-

(1) *Montaigne. — Essais.*

lismo, e, por outro, a enfraquecimento da intelligencia em beneficio da sensibilidade.

Marino fascinou a sociedade franceza, sob Luiz XIII, como já fascinára a italiana. Maria de Médicis tinha-o por um genio, e, no seu deslumbramento, cercava-o de tanta consideração como a um príncipe ou senhor de grande nascimento. Com a opinião da côrte estavam, tambem, os mais esclarecidos espiritos do tempo. O grande Lope de Vega, não occultando o seu enthusiasmo, declarou que o Tasso fôra apenas "a aurora do sol de Marino". Parece até incrível que, em um homem que se occupava de "*uma alma que chorou no coração*" ou "*de certos olhos que são negros porque estão de luto de uns outros que assassinaram*", e que, afastando-se do natural bom senso, aconselhava.

E del poeta il fin la meraviglia.

Chi non sa far stupir, vada alla striglia

tantos primores se descobrissem ! Entretanto, todos quantos militavam nas letras, ou dellas professavam, não escondiam a sua illimitada admiração pelo *virtuose* italiano. Na Espanha, Gongora, Montalván, Gracian, Ledesma, e muitos mais, seguindo o *cultismo* de Sotomayor, ainda refinaram as extravagancias da escola. Até na propria Allemanha foi esgalhar a venenosa arvore, a cuja sombra repousavam confiantes os povos do sul, nas obras de Lohenstein e Hoffmanswaldau. Os fundamentos da arte de falar e escrever,, tão bem definidos por Guez de Balzac como "un art qui ne se contente pas de plaire par lar pureté du style et par les grâces du lan-

gage mais qui entreprend de persuader par la force de la doctrine et par l'abondance de la raison", estavam momentaneamente revolvidos.

Na Inglaterra o *euphuismo* era signal particular de grande distincção de maneiras, pondera Blount; na França, o "hôtel de Rambouillet" dirigia, com incalculavel successo, o preciosismo. Em Portugal, já no tempo de D. João III, as academias estavam em voga. Mais tarde, por suggestões de D. Francisco Manoel de Mello, fundase a Academia dos Generosos, seguida de perto pelas dos Singulares, dos Ambientes, dos Anonymos, etc.

Sómente no começo do seculo XVIII apparece a traça de taes academias no Brasil. Em 1724, sob os auspicios do vice-rei D. Vasco Fernandes Cesar de Mendonça, formou-se na Bahia uma sociedade literaria, intitulada "Academia Brasileira dos Esquecidos", a que pertenceram, entre outros, Sebastião da Rocha Pitta, Brito Lima, Gonçalo Soares da Franca, João de Mello, Luiz Canedo de Noronha, Manoel Josá Cherem, José Pires de Carvalho e Albuquerque, Frei Manoel Rodrigues Correia de Lacerda, e os irmãos Bartholomeu Lourenço e Alexandre de Gusmão.

Ainda houve algumas outras academias, como a dos Felizes (1736), depois Selectos, (1752), no Rio de Janeiro, assim como a dos "Renascidos" (1759) na Bahia, todas, porém de ephemera duração.

Os mesmos defeitos foram transplantados para aqui, talvez com mais exuberancia, se é possivel. João de Brito Lima, por exemplo, cuja popularidade foi grande, segundo os melhores testemunhos, nada deixou, apesar da sua fertilidade,

que importe á evolução do pensamento no Brasil. Seus poemas elegiacos, suas epopeias, suas odes são verdadeiros repositórios de semsaborias, como também os de Gonçalo da Franca, e demais poetastros contemporaneos, cujas obras, na sua maioria se perderam no incendio que destruiu a typographia onde estavam, em Lisbôa.

Para se ter ligeira noção do que se fazia em taes ajuntamentos basta lêr o seguinte:

“A nossa portugueza America (e principalmente a provincia da Bahia) *que na producção de engenhosos filhos pode competir com a Italia e Grecia*, não se achava com as academias introduzidas em todas as republicas bem organizadas, para apartarem a idade juvenil do ocio contrario das virtudes e origem de todos os vicios, e apurarem a subtiliza dos engenhos. (sic). Não permittio o Vice-Rei que faltasse no Brasil esta pedra de toque no estimavel ouro dos seus talentos, de mais quilates que o das suas minas. Eri-giu uma doutissima Academia, que se fez em palacio na sua presença. Deram-lhe fama as pessoas de maior gradação e entendimentos que se acham na Bahia, tomando-o por seu protector. Têm presidido nella eruditissimos sujeitos. *Houve graves e discretos assumptos, aos quaes se fizeram elegantes e agudissimos versos*; e vai continuando nos seus progressos, esperando que em tão grande protecção se dêem ao prélo os seus escriptos, em premio das suas fadigas” (1).

Não ha como negar, entretanto, que taes corporações eram seguro indicio de que se es-

(1) *Rocha Pitta*. — Hist. da America Portugueza, pg. 329, 2.^a edição.

tava operando uma transformação lenta na historia do nosso pensamento, ainda que as correntes portuguezas fossem as unicas portas abertas que tinhamos para o mundo das idéas.

Já havia um certo orgulho em ser brasileiro, em mostrar que possuíamos, tambem, e com vóz propria, uma literatura. Reflectindo esse modo de pensar, apparecem alguns trabalhos especialmente sobre o Brasil, como o *Peregrino da America*, de Nuno Marques Pereira, a *Historia Militar do Brasil*, de José de Mirales, a *Historia da America Portugueza*, de Rocha Pitta, e o poema *Brasilia*, de Soares da Franca.

Dos poetas, nem um sequer merece especial registo, porquanto todos, mais ou menos, cultivavam o genero desgracioso e postição predominante na epoca. Sómente Frei Manoel de Santa Maria Itaparica poderá ser apontado, apesar do tom enfadonho do seu poema *Eustachidos*, onde o máo gosto corre de par com a inopia do engenho. A "Ilha da Itaparica" salvou-o do total esquecimento em que os demais mui justamente ficaram. E outro destino não poderiam ter individuos que comettiam tolices, como estas de Antonio de Freitas do Amaral, numa Decima feita sobre "Uma hera enlaçando a um alamo secco".

Dizem que a hera seccou
Ao alamo que ali abraça,
Mas é falso, que em desgraça
Da hera se levantou.
E quem o certificou
Não o faria se soubera,
Que o alamo em sua esphera
Está secco como o vêm,

Não porque hera em si tem
Mas sim porque não tem era (1).

A maior "agudeza" cifrava-se, então, num méro jogo de palavras; quem o conseguisse, com certa habilidade, estaria destinado

A ilustrar a região Americana.

Manoel Tavares de Siqueira e Sá, da Academia dos Selectos, n'algumas oitavas imitadas de Camões, definiu perfeitamente o que eram os poetas e a poesia da época, mostrando que

..... os poemas elegantes
Dos alumnos de Apollo...

se distinguiam pelos "epigrammas subtile e alisonantes", de que elle mesmo apresenta copiosa materia. Em Luiz Canello de Noronha se refinaram, todavia, os vicios do tempo. Leia-se, por exemplo, o soneto "Ao Coronel Sebastião da Rocha Pitta", crivado de trocadilhos e "conceitos discretos":

Fere a pedra Moysés co'a sua vara,
E brotar logo fez agua abundante;
Toca Apollo essa Rocha de diamante
E sahir logo faz fonte mais clara.

A da pedra foi pura e fonte rara,
Que um impulso a fez ter reverberante,,

(1) *Mello Moraes Filho*. — *Parnaso Brasileiro*,
pg. 102.

A da Rocha um só toque a fez manante
E ser veia mais pura se declara.

Se a pedra por doce e cristalina
Se bebeu quando estava na torrente,
A da Rocha embebeu a cabalina.

Mas emquanto se bebem na vertente,
Aquella soube bem por doce e fina,
Essa sabe melhor por mais corrente (1).

Na primeira metade do seculo XVIII unicamente Rocha Pitta, Marques Pereira, Itaparica, os dois irmãos Bartholomeu Lourenço e Alexandre de Gusmão, o padre e o diplomata, e Antonio José da Silva, o Judeo, são dignos, realmente, de estudo.

Bartholomeu Lourenço e Alexandre de Gusmão, pela natureza das suas occupações, estão fóra do movimento propriamente literario. Aquelle era mais um cientista, preocupado com problemas de *physica* e *mathematica*; este, um politico e estadista, "mais arguto", no dizer de Camillo, "que D. Luiz da Cunha, e, na segacidade e lucidez de fino sentir, o espirito mais avançado do seculo". Alexandre de Gusmão, cujas cartas são modelos de bom senso e aguda penetração, versejou com certa graça, e escreveu com chiste e elegancia. Sua comedia o "Marido Confundido", réplica feliz do "Georges Dandin", de Molière, representada em Lisbôa, em 1737, obteve grandes applausos pela engenhosa disposição das situações, pelo humorismo dos dialogos levissi-

(1) *M. Moraes Filho*. — Ob. cit., pg. 103.

mos, e pela argucia da critica á sociedade portugueza do seculo XVIII (1).

Sebastião da Rocha Pitta, nascido na Bahia, a 3 de maio de 1660, (2) e formado em canones pela Universidade de Coimbra, foi uma das figuras de maior relevo do seu tempo. Tomou parte saliente nos movimentos literarios da sua terra natal, escrevendo novellas e poemas de mediocre inspiração, porém muito apreciados pelos contemporaneos. Sua poesia não se apartava dos moldes em uso. Como os seus gongoricos confrades, elle cultivou zelosamente o panegyrico fútil e bombastico, os motivos historicos e mythologicos, onde gastou, sem proveito algum, a imaginação. Observe-se, de passagem, o seguinte soneto, em que elle canta a offerta "que as damas de Carthago fizeram de seus cabellos para a enxarcia da armada carthagineza":

A pompa mais gentil da natureza,
Das damas preclarissimo thesouro,
Que augmenta a galhardia em porções d'ouro,
Solto em ondas nos mares da belleza.

Para enxarcia á naval carthagineza
Dão as damas com gloria e sem desdouro,
Em logar do cabello pondo o louro,
Que lhes deu o valor pela fineza.

Sahe a armada naquella conjunctura
Estrellas competindo em parallellos,
E levando nas prendas a ventura.

(1) Vide: *Araujo Jorge*. — Ensaio de Historia e Critica. Rio, 1916.

(2) Fallecido a 2 de novembro de 1738, na Bahia.

Segura vai na enxarcia dos cabellos,
Que os cabos com que prende a formosura
Tanto mais fortes são, quanto mais bellos (1).

A isto se chamava, entre

Os que estavam na America Esquecidos (2).

“agudissimos versos”. Se Rocha Pitta se limitasse á poesia, teria sido apenas um méro versejador de ruim quilate, e seu nome, ha muito, já estaria certamente deslembrado. Tal não se deu, entretanto. Compreendendo que roteava por máos caminhos, mudou de rumo, entregando-se a outras especulações. Retirado na sua fazenda das margens do rio Paraguassú, proxima da villa da Cachoeira, começou a escrever, com o cuidado que lhe era possivel, dada a carencia de documentos, uma historia do Brasil, onde procurou assignalar por meudo os acontecimentos mais notaveis da vida politica e social, economica e literaria da sua patria. Depois de uma breve estada na capital da Metropole, em que teve occasião de compulsar manuscriptos e obras existentes nos archivos do Reino sobre a colonia americana, deu por findo o seu trabalho, publicando-o, em 1730, sob o titulo de “Historia da America Portugueza, desde o seu descobrimento até o anno de 1724”, data da fundação do primeiro centro de letras em nosso paiz.

(1) *M. Moraes Filho*. — Ob. cit., pg. 88.

(2) *Joseph da Cunha Cardoso*. — Secret. da Acad. dos Esquecidos.

A Historia da America Portugueza não se recommenda pelas qualidades de analyse ou de critica, pela excellencia das informações, nem pela segurança dos commentarios scientificos. É antes um poema ou uma chronica, do que um valioso subsidio para o conhecimento das nossas cousas. O autor, seguindo mais a fantasia que a estriccta observação, deixou-se arrastar pela emphase do estilo, pelo retorcido das orações e pelo fausto da expressão. Constantemente, a artificialidade do poeta domina o raciocinio do narrador. A cada passo encontramos reminiscencias da historia grega e romana, surgindo quasi sempre sem proposito e sem ponderação. Como accentuou o sr. Capistrano de Abreu, "o desejo de produzir effeito ramifica-se por toda a Historia da America Portugueza".

Rocha Pitta, não obstante, estava de accordo com o gosto do momento, tanto assim que sua obra foi procurada por todos quantos se interessavam pelas boas letras; em Portugal mereceu o elogio dos censores officiaes, e, no Brasil, a estima dos estudiosos. Suas imagens eram consideradas formosissimas, seus arroubos admiraveis e rarissimos.

Passam através das paginas da sua Historia, como por luminosa galeria, todos os vultos divinos e humanos, os santos e os heróes, os poetas e os guerreiros, os prophetas e os philosophos da antiguidade classica e da idade-média. Aqui se nomeia a Santo Agostinho, ali a Plinio, acolá a Hercules Lybico. Nossas paisagens ganham contornos descommunaes, pois, de visão assim colorida e de um sentimento tão lirico seria erro esperar reproducções mais claras e con-

formes. Começam com elle os exageros do nosso nativismo, com elle os nossos céos principiam de ter mais estrellas e as nossas varzeas mais flores...

“Em nenhuma outra região”, diz elle, “se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bella a aurora; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios dourados, nem os reflexos nocturnos mais brilhantes; as estrellas são mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas ou se tómem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras; é emfim o Brasil terreal Paraiso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios”.

É, como se vê, a nossa primeira “Canção do Exilio”, mais tropical ainda que a do cantor de “Marabá”. Os dados geographicos são tambem curiosos, pois, segundo elle, nos limitavamos para o occidente com os Reinos de Congo e Angola, e tinhamos por antipodas “os habitadores da Aurea Chersoneso, onde está o Reino de Malaca”. Quem nos não conhecesse, lendo a Historia de Rocha Pitta, não teria duvidas em admittir que, na verdade, “com inventos notaveis sahiu a natureza na composição do Brasil”. Tudo é aqui formidavel e grandioso, desde as aguas do Atlantico á grimpada das montanhas, desde a selva amazonica “ao dilatadissimo rio da Prata”.

Ora, deante de tanta imponencia, não admira, por exemplo, que a palheta de Buckle se mostrasse tão rica de tons... Montanhas, rios, animaes e homens, tudo era no Brasil grandioso e desmedido; nos periodos pomposos de Rocha

Pitta andam os superlativos a granel, em seu estilo campanudo só se descortinam eminências, raras vezes o espirito encontra algum valle repousante.

Sua obra, entretanto, não é para se desprezar, embora lhe haja saído tão desgarrado o estilo. Ella representa um grande e sincero esforço, muito mais substancial que os milhares de sonetos pernósticos e odes nephelibatas de todos os seus collegas de Parnaso, pois, apesar das conhecidas inclinações lusitanophilas de Rocha Pitta, elle via no Brasil, como observou sagaz escriptor “o mais brilhante engáste da corôa portugueza” (1).

Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica, orador e poeta de grande fama, nasceu na ilha de Itaparica, em 1704. Comquanto houvesse produzido com fecundez extraordinaria, pois, no dizer de Jaboaão, “dos frutos de seu trabalho se podiam ter colhido alguns volumes”, deixou apenas: *Um epigramma latino á morte do Rei Fidelissimo*, uma *Canção Funebre ao mesmo assumpto*, o poema *Eustachidos*, “em que se contém a vida de Santo Eustachio martyr, chamado antes Placido, e de sua mulher e filhos”, e mais tres sonetos.

No *Eustachidos*, composto em oitava rima, e dividido em seis cantos, nada se encontra de superior. É um poema pesado, de castigante leitura sem maior interesse, e, algumas vezes, flagrantemente imitado dos *Lusiadas*. Sylvio Ro-

(1) *C. de Abreu*. — *Gaz. de Not.* de 23 de março de 1880, cit. por S. Romero.

mero, sem attentar bem no confronto, (1) comparou a descripção que o poeta faz do Inferno, á primeira parte da Divina Comedia. Se, realmente, fosse cabivel o intempestivo paralelo, por que alturas andaria, agora, o bom Fr. Manoel? O habito de pintar o inferno, com todos os seus horrores, muito antes do Dante já era commum. Ha na idade média varios poemas e narrativas como os de Jacoponi da Todi, Bersegape, Bonvesino, Giacomino da Verona, onde o demonio apparece para punir com o fogo eterno os peccadores, os criminosos, os herejes de toda casta. A literatura ascetica está cheia dessas passagens fantasticas. O nosso Santa Maria Itaparica estava, assim, e com maior razão, mais perto dos precusores imperfeitos que do inequalavel florentino. Não existe mesmo nem um ponto de semelhança entre os dois poemas.

Mais consideravel é a descripção da Ilha de Itaparica, talvez a porção verdadeiramente significativa da sua obra. Seu nativismo era, porém, ainda um reflexo da epopeia camoniana. Ha versos inteiros copiados dos Lusiadas, no episodio da Ilha dos Amores, como, por exemplo:

Os limões doces muito apetecidos
Estão virgineas tetas imitando,

plagio servil de

Os formosos limões, ali cheirando,
Estão virginaes tetas imitando.

(1) Vide Sylvio Romero filho. Artigos publicados na *A Folha*, do Rio de Janeiro, no anno de 1920, sob o titulo: *Sylvio Romero e Ronald de Carvalho*.

A enumeração das nossas frutas, com ser fastidiosa, não é de todo desagradavel; salva-a uma encantadora ingenuidade. As bananas, as cidras, os melões e melancias, os figos, os ananazes e os maracujás, assim como os araçás e os oytis, os cajás e as pitangas, têm o seu logar na bandeja do poeta.

Os melões excellentes e odorosos
Fazem dos proprios ramos galeria.
Tambem estende os seus muito viçosos
A pevidosa e doce melancia.

.....
No ananaz se vê como formosa
Uma corôa de espinhos graciosa.

.....
Os araçás diversos e silvestres,
Uns são pequenos, outros são maiores:
Oytis, cajás, pitangas, por agrestes,
Estimadas não são dos moradores.
Aos maracujás chamar quero celestes,
Porque contém no gosto taes primores,
Que, se os antigos na Asia, os encontraram
Que era o nectar de Jove imaginaram.

Esta descripção lembra, por muitos motivos, a de Manoel Botelho de Oliveira, na *Ilha da Maré*. O que Itaparica diz do maracujá, Botelho diz da mangaba:

E se Jove as tirára dos pomares
Por ambrozia as puzera entre os manjares !

Talvez esteja ahi uma das provas de que os nossos poetas já eram lidos, tambem, muito em

bora com interesse menor do que o despertado pelos de Portugal. A *Ilha de Itaparica* e a da *Maré* muito se assemelham, e, se a fôrma diverge, o espirito é o mesmo, pois em ambas predomina o sentimento da natureza brasileira.

Nuno Marques Pereira é, hoje, na historia das nossas letras, um nome quasi sem reflexo. Sua biographia é um mysterio a desvendar. Sabe-se apenas que nasceu em Cayrú, na Bahia, em 1652, tomou habito de padre, e falleceu em Lisboa, a 9 de dezembro de 1728, quando veio a lume sua unica obra intitulada: "Compendio narrativo do Peregrino da America em que se tratam de varios discursos espirituaes e moraes, com muitas advertencias e documentos contra os abusos que se acham introduzidos pela malicia diabolica no Estado do Brasil" (1).

O livro de Nuno Marques é a narrativa de uma viagem, emprehendida "sem mais comboy, que hum cajado, alforges, e huma cabaça de agoa", através das terras brasileiras. O autor vai, durante a sua peregrinação, notando as miserias, os vicios, e a malignidade dos homens, num tom de moralista enfasiado das cousas que vê, cheio de ralhos para com tudo, só se deleitando, de raro em raro, com as pompas da natureza, ás quaes não regateia elogios e gabos.

Os "copados arvoredos, fragrantés flores, espaçoso prado, todo coberto de fino argento, em fôrma de perolas, com que a rica aurora sem dispendio o enriquecia", têm o poder de serenar as suas zangas contra a especie humana. Sobram,

(1) Impresso em Lisboa, na Officina de Manoel Fernandes da Costa, 1728.

porém, no "Peregrino da America", certas observações interessantes, algumas anedoctas curiosas e muitos commentarios felizes sobre os costumes do tempo, sendo de notar, entre outras, uma pagina em verso, a respeito do canto e plumagem dos nossos passaros.

Creemos que foi Nuno Marques e primeiro poeta e descobrir, na espessura dos bosques meridionaes, a ave que seria mais tarde a preferida dos nossos românticos, no seculo XIX. Descrevendo "os passarinhos a festejar a alegre manhã, com tão sonora harmonia, e canto de suas vozes, que podiam competir com o melhor contraponto que a arte pode inventar", diz:

Lá cantava o sabiá,
Um recitado de amor
Em doce metro sonoro,
Que as mais aves despertou (1)

E assim, numa verdadeira revista de mostra, são apresentados o curió, o "mazombinho canario", a sanhaçu, a "encarnada tapiranga", a "linda guarinhatan", o pica-páo, cada qual "com bailes de alegria festejando ao creador". Aqui está, sem duvida, uma nota particularmente cara aos farejadores de manifestações nativistas, durante o periodo colonial. Apesar de haver cahido em absoluto esquecimento, o *Peregrino da America* foi obra muito estimada dos contemporaneos, pois, nada menos de cinco edições appareceram no seculo XVIII.

A maior figura da epoca, todavia, foi incon-

(1) *Peregrino da America*, cap. V.

testavelmente Antonio José da Silva, mais conhecido pelo cognome de Judeu. Embora esteja mais ligado á litteratura portugueza que á nossa, porquanto em Portugal se educou, e lá viveu a maior parte da vida, merece, comtudo, pelo nascimento, uma referencia na historia do nosso pensamento (1).

É Antonio José, antes de tudo, um revoltado á maneira de Gil Vicente, de Molière, de Gregorio de Mattos, e de tantos outros que se vingaram dos soffrimentos sorrindo petulantemente á face dos poderosos. O sorriso é a sua espada de combate; com elle investe contra os homens e os deuses, num torneio, ora galante, ora pesado, mas sempre agil, de injurias, remoques e chalaças. Seu espirito é inquieto e vario como a onda, e, como a onda, vai deixando no refluxo, num vivo e colorido desenho, toda as miserias reconditas da alma humana.

O povo, que

...n'ayant pas de pain, mangeait de l'herbe,

fala por sua boca, vibra na sua voz atrevida e zombeteira. O famoso Theatro do Bairro Alto não foi apenas um palco por onde passaram alguns comparsas secundarios e transitorios, foi um verdadeiro campo de batalha, porque ali se travou dura peleja entre as imposturas da no-

(1) *Antonio José* nasceu no Rio de Janeiro, a 8 de maio de 1705; seus pais foram João Mendes da Silva, advogado e homem de letras, e D. Lourença Coutinho. Por ter sido D. Lourença Coutinho chamada a prestar contas do seu *judaismo* pela Santa Inquisição, partiu Antonio José com a familia para Lisbôa, em 1713.

breza e os tormentos da plebe, entre a facundia dos poetastros officiaes e o amargor de algumas grandes almas oprimidas e dolorosas.

Naquelle seculo XVIII, falso e precioso, de D. João V, naquella confusão de valores moraes e intellectuaes da sociedade portugueza, tão magistralmente castigada nas "Guerras do Alecrim e da Manjerona", a obra de Antonio José, apparece, indubitavelmente, como um milagre de intelligencia e equilibrio. O estilo da época era, em tudo, postição e gongorico; o *cultismo* dominava os salões e as academias, a côrte e as ruas de Lisboa. As palavras tinham perdido quasi que a significação exacta, e aquella formosa lingua de Manoel Bernardes e Fr. Luiz de Souza tornara-se, então, pelo arrebicado da expressão, um arranzel onde soavam monotonamente repetidos alguns vocabulos empolados e desagradaveis.

Entre a espectacular opera italiana e a favorecida comedia espanhola, Antonio José soube crear um genero á parte. Como excellentemente observou o sr. João Ribeiro, "a invenção genial do poeta foi ajuntar á comedia de tipo espanhol algo da opera italiana, entremeiando de musicas nacionaes e italianas, ou *arias*, os dialogos das suas peças. Assim contrapoz á estrangeira a opera popular e nacional, menos culta ou scientifica, mas muito mais profunda porque se prendia ás raizes da alma e da tradição popular" (1).

Pansamos, tambem, com o referido escriptor, que as suas *arias* e recitados pertencem á es-

(1) *J. Ribeiro*. — *Theatro de Antonio José*, vol. I, Edição Garnier, pg. 31.

cola italiana, e nada têm de commum com as *modinhas* brasileiras, cujo character melancolico e espontaneo differe absolutamente dos artificios poeticos empregados pelo *Judeu*. Nossa canção é essencialmente simples, e muito difficilmente se accommodaria ao paladar literario do tempo. Onde, por exemplo, a semelhança entre ella e o seguinte Minuete, da "Vida do Grande Dom Quixote de la Mancha?".

Quixoto inclito,
Em cujo peito
Cupido e Marte
Fazem perfeito
Laço de Amor

Teu braço belico,
Porque se exalte
Já com effeito,
Em males tantos,
Enxugue o pranto
Que amor causou (1).

A influencia das "canzonette" de Metastazio e da sua "academia", ou "arcadia", fundada depois da morte da Rainha Christina da Suecia, que representou em Roma o mesmo papel de Mme de Rambouillet em Paris, está em muitas das composições de Antonio José Os libretos do famoso Artino Corazio (Metastazio) eram sobremodo apreciados e imitados no seculo XVIII, não sendo, portanto, de estranhar que o *Judeu* encontrasse nelles um modelo caroavel ao gosto do publico.

(1) Scena VII.

O autor da "Ezopaida" não perdeu, entretanto, a originalidade, porque seu temperamento era bastante forte e pessoal para resistir perfeitamente a qualquer escola. A prova disto está no odio que lhe moveram "os fradalhões, desembargadores, e poetastros de todas as academias de Obscuros, Anonymos, Singulares, Generosos e Applicados", de que nos fala o sr. Theophilo Braga (1). Contra elles, a sua ridicula poesia, os seus "argumentos discretos", continuamente se voltou a musa brejeira e ironica de Antonio José.

É facil imaginar a raiva de taes enfadonhos sujeitos, quando ouviam tratar os "themas de amor", sobre que tão deleitosamente compunham odes complicadissimas, sonetos e madrigaes symbolicos, da seguinte maneira:

É o amor, que uma alma engole
 Sabão mole;
 Pois com elle quem se esfrega
 Cabra cega
 Escorrega
 Cai aqui, cai acolá.
 Assim uma alma namorada
 Esfregada
 Ensaboada
 Que tropeços não fará! (2)

Na serie das suas personagens eram geralmente os bufões, como Ezopo, Sacatrapo, Saratrago, Simicupio, e outros mais, os que represen-

(1) Hist. do Theatro Portuguez. Seculo XVIII, pagina 169.

(2) Os Encantos de Medéa. (Scena III, 1.^a parte).

tavam o bem senso, como, no theatro de Molière, Scapin ou Sganarelle.

Entre D. Gilvaz e D. Fuas, Dona Cloris e Dona Nize, creaturas preciosas e bôbas, Simicupio apparece, nas "Guerras do Alecrim e da Manjerona", como um ponto de referencia humanissimo e terrestre; entre os aparrados philosophos Xanto, Ennio e Periandro, na "Ezopaida", surge a figura torta de Ezopo, como a *vox populi* zombeteira e cruel. Na scena III da segunda parte desta mencionada opera ha uma pequena sessão, onde o autor castiga assim os vicios intellectuaes do momento:

Xanto — Ha uma conferenciasinha; e tu *Ezopo* tambem has de argumentar.

Ezopo ? — Quem defende ?

Periandro — Eu defendo tres pontos.

Ezopo — Quaes são, que eu tambem quero metter o meu bedelho ?

Per. — As questões são curiosas.

Ezopo — Diga, que tambem sou curioso.

Per. — O primeiro ponto é: Que o maior indicio do amor é o andar um amante triste. O segundo ponto é: Que o amor para ser perfeito ha de ser cego. E o terceiro definir que causa é o amor.

Xanto. — Eu presido; argumente Ennio e Periandro.

Ezopo — Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei. Argumente o Senhor Ennio, que eu estou já pulando para esgrimir a espada da eloquencia.

Ennio. Ora contra o primeiro ponto, em que se affirma, que o maior indicio do amor é andar triste um amante, argumento assim: A tristeza é indicio do desgosto; o amor é o maior gosto; logo não pode ser a tristeza indicio de um gosto, qual é o amor.

Xanto. — Repita.

Per. — Nego, que o amor seja o maior gosto.

Ennio. — Provo: Se o amor não fôra gosto, todos

o aborreciam; e como todos procuram o amor: logo o amor é gosto.

Per. — Todos apetezem o amor com vontade constrangida, concedo; com vontade livre, nego.

Xanto — Admiravelmente; porque a vontade forçada não é vontade.

Ezopo — Isso se acaba com a experiencia; vamos ás galés, e faça-se a anatomia em um forçado, para ver se tem a vontade livre.

Ennio — Contra.

Ezopo — Ora cale-se, que não ha de levar a melhor de seu Mestre; pois ainda que diga um asneira sempre ha de vencer. Deixe-o agora commigo, que hei de baqueal-o: *Facia mihi dicendi veniam, Pater Magister barbatus. O enamoratus cum Mixela sua, contra punctum corridum sic argumentor:* Se o indicio do amor fosse a tristeza, *non tangeretur violam Barbeirus visinnum meum, ad namorandum cachopam; sed sic est,* que a viola é significativo da alegria: *ergo Barbeiro ad namorandum freganam non usaretur,* de cousa alegre.

Per. — Nego a menor, que seja a viola significativo da alegria; pois ás vezes nella se tangem sons tristes.

Ezopo — *Non potest esse: argumentar ita:* Não haverá Barbeiro, que *ad namorandum, vel bichancre andam fregonam non tanget oitavado:* atqui que o oitavado é som folgazão: *ergo amor inginhatum* com cousa alegre.

Xanto — Distingo: o oitavado é som folgazão, *ut vulgo* o arrepia, concedo: porém se o oitavado é molle, nego.

Ezopo — Tudo o que é molle se arrepia; porque é molle o cabelo se arrepia: *ergo* o oitavado molle, e o arrepia se não podem separar, por serem *ejusdem furfuris.* Este argumento não tem resposta; assim o diz Galeno: *Omne mole arripiatur, ou surripiatur,* como diz a gloza.

Xanto — Ora cala-te, que não dizes nada.

Ezopo — Olhem vossas mercês, sempre um exemplo aclara muito um calcanhar; vá fóra da fôrma: Se a tristeza fôra significativa do amor, seguir-se-ia, que o burro era a mais amante creatura; pois é certo que não ha animal mais triste, melancolico e sorumbatico, do que o burro; e, assim, ou vossa mercê me ha de

conceder, que o burro é amante, ou ha de negar, que a tristeza não é afinal de quem tem amor. *Qui dicis ad hoc?*

Xanto — Digo, que tens razão.

Era assim que passavam as horas vadias da vida os graves doutores e os cabelludos poetas contemporaneos desta farça, os quaes Antonio José metteu no Parnaso, muito contra a vontade do “senhor Apollo”, que precisou das armas de D. Quixote para os expulsar da sua olympica morada (1). Entretanto, “as rãs que grasnavam no charco de Cabalina”, e os “cisnes contrafeitos que se banhavam nos lodos da Hypocrene” não perdoaram os libellos do seu risonho accusador. Por detrás delles estava um poder maior, que tambem se sentira ferido varias vezes na sua sangrenta majestade: o Santo Officio, do qual Antonio José já soffrera o pesado jugo e a tirannia, em 1726, ainda na sua adolescencia.

O temporal estava, portanto, imminente. Em 1737, por intrigas de uma velha escrava, naturalmente peitada por seus rancorosos inimigos, foi o poeta novamente encarcerado, para expiar até 1739, anno em que foi condemnado á morte pela *Santa* inquisição, pela culpa de haver sido o unico homem de bom senso da sua epoca.

De 1727 a 1737, Antonio José escreveu varias operas, que foram levadas á scena com grandes applausos da platéa, no Theatro do Bairro Alto. São ellas:

- a) Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança. (outubro de 1733).

(1) Vida de D. Quixote. Scena IX.

- b) Ezopaida ou Vida de Ezopo. (abril de 1734).
- c) Os Encantos de Medéa. (maio de 1735).
- d) Amphytrião ou Jupiter e Alcmena. (janeiro de 1736).
- e) Labyrintho de Creta. (novembro de 1736).
- f) Guerras do Alecrim e da Manjerona. (carnaval de 1737).
- g) As Variedades de Proteu. (maio de 1737).
- h) Precipio de Faetonte. (representado depois do seu assassinio pelo Santo Officio).

Ainda pode ser acrescentado á lista dos seus trabalhos o intitulado: "Obras do Diabinho da Mão Furada", historia de um soldado que, vindo da guerra, se encontra com o demonio, e aprende d'elle "para o divertimento ditames, e para passatempo recreios", e onde ha muitas passagens felizes e pitorescas, ao geito dos fabelarios medievaes, com bruxas e moiras, castellos encantados e pinturas infernaes.

Com Antonio José, que, aliás, não influio nada em nossas letras, temos terminado o estudo do primeiro periodo da literatura nacional. O predominio do pensamento portuguez foi naturalmente incontestavel durante essa phase inicial da intelligencia brasileira, na qual, em poesia, Gregorio de Mattos é a mais alta expressão, e Fr. Vicente do Salvador e Sebastião da Rocha Pitta, na prosa, são os mais illustres representantes.

PERIODO DE TRANSFORMAÇÃO

(1750-1830)

CAPITULO VI

SECULO XVIII

(segunda phase)

A Escola Mineira. — Poetas Menores. — Prosadores.

Depois das lutas contra o estrangeiro, culminadas nas duas batalhas dos Guararapes; da conquista dos sertões, valorizados pela descoberta das minas, e das guerras dos *mascates* e dos *emboabas*, começou a crescer em face do portuguez estreme a figura do brasileiro, do mestiço physico e moral, cujos sentimentos e cujo character já não eram, como dantes, obras do elemento exclusivamente lusitano. Os alicerces de uma nova nacionalidade se desenhavam nitidamente; a voz do povo já se fazia escutar com accents e timbres differentes, e, se no ponto de vista puramente intellectual, ainda predominava a lição da Universidade de Coimbra, a feição de nossa gente apresentava profundas modificações. Os doutos e os eruditos estavam ainda presos a Portugal, mas a plebe, o "vulgo profano", de

cuja "grossaria" se queixava o *arcade* Claudio Manoel da Costa, tinha os olhos voltados para a terra natal, para a dura gleba tão expoliada pelos senhores de ultramar.

Os erros do systema de colonização empregado pela Metropole principiavam a produzir os primeiros frutos no descontentamento surdo dos colonos. Aquellas "montanhas e minas de esmeralda" (1) só serviam para alimento dos thesouros portuguezes, delapidados pela desmedida prodigalidade dos D. João V, e, enquanto os impostos cresciam assustadoramente e as barras de ouro se accumulavam nas arcas de Lisboa, o povo tinha aqui diariamente experimentada a paciencia pelos soffrimentos e vexames que supportava, mudo, mas revoltado (2).

Querendo aproveitar-se de tal situação, se é que realmente o quizeram, alguns homens, mais idealistas que praticos, tomaram a dianteira de um movimento separatista. Sem conhecer a alma popular, sem uma prévia e demorada sondagem dos seus sentimentos, sem saber se as mesas estariam preparadas para bater-se pela sua independencia politica e social, os heróes da Inconfidencia viram, como era natural, mallogrados os seus intuitos e designios. O sonho perturbou a clareza dos planos e a possibilidade da sua execução. Não é com poetas e theoristas que se faz a liberdade de uma raça; elles servem, quando

(1) *Claudio M. da Costa. — Villa Rica, canto III, verso 29.*

(2) *Cf. Felicio dos Santos. Memorias do Districto Diamantino. Rodrigo Octavio. Felisberto Caldeira.*

muito, de estimulante poderoso, mas nunca para chefes audazes e promptos.

Quem fez a Revolução Franceza não foi Voltaire, com as suas sátiras, nem Rousseau, com os seus romances: foi a fome, com as suas dores e miserias. O povo brasileiro padecia, é verdade, mas ainda não resolvera num projecto de revolução seus desejos de viver melhor e mais fartamente. Eis por que o gesto cavalheiresco dos José Maciel e dos Tiradentes falhou lamentavelmente na patibulo e nos presidios de Ambaca, Moçambique, Benguela, e outros mais, que a Africa, inhospita e selvagem, abriu aos desterrados.

Nossa historia politica, nessa phase, andarã sempre ligada á litteraria; foram os homens mais notaveis do momento, pela cultura e pela intelligencia, que tentaram o primeiro golpe contra a manopla de ferro dos vice-reis prepotentes e escravizadores, contra a injustiça organizada e legalizada dos magnates da cõrte de D. Maria I.

A ESCOLA MINEIRA

Seis poetas constituem a chamada *Escola Mineira*. São elles: Fr. José de Santa Rita Durão, José Basilio da Gama, Claudio Manoel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Os dois primeiros cultivaram o genero epico, os outros foram essencialmente liricos, á excepção de Claudio, que nos legou tambem um poema heroico, e de Gonzaga, que, segundo

todas as probabilidades, escreveu um poema satirico.

Pela originalidade do éstro e do feitio, assim como pela força da expressão, o *Uruguay*, de Basilio da Gama, é o mais perfeito e melhor poema apparecido no Brasil, em todo o periodo colonial; Santa Rita Durão ainda era um camoniano, e Claudio um discipulo fidelissimo da escola arcadica franceza e italiana, como os demais poetas do seu grupo.

José Basilio da Gama nasceu nas Minas Geraes, em 1741, perto da villa de S. José do Rio das Mortes, de familia limpa e considerada. Era filho legitimo de Manoel da Costa Villas-Boas e de D. Quiteria Ignacia da Gama. Fallecendo-lhe cedo o pai, veio para o Rio de Janeiro estudar no Collegio dos Jesuitas, na idade de quinze annos. Quando estava no quarto anno do seu apprendizado, foi a Companhia, por Decreto do Marquez de Pombal, expulsa do Brasil. Sem grandes meios de fortuna, e ainda adolescente, partiu Basilio da Gama para Portugal, abandonando consequentemente o habito de noviço, afim de completar os estudos em tão boa hora iniciados. Ahi, entretanto, não se demorou, seguindo viagem para Roma, onde obteve, em 1763, entrada na Arcadia Romana, com a appellido de Termindo Simões. Tres ou quatro annos depois, voltou ao Brasil, passando aqui algum tempo, para de novo tornar a Portugal, onde, por intrigas de individuos que o accusavam de *Jesuitismo*, foi preso e condemnado a degredo em Angola. Habil e prudente, soube o nosso poeta evitar o castigo, offerecendo, em 1769, um epitalamio á filha do Marquez de Pombal, por oc-

casião do seu casamento. A formosura dos versos tocou o coração do Ministro jesuitophobo. Basilio da Gama estava salvo.

Para dar, todavia, uma prova cabal do seu completo afastamento das doutrinas da celebre Companhia, publicou, em 1769, o *Uraguay*, onde não popou os mais ferinos commentarios aos jesuitas e seus processos de colonização. Foi violento até á injustiça, para se rehabilitar perante aquelles que o protegiam. Conseguiu, assim, viver socegado, e além do mais com honrarias, titulos e boas rendas, até 31 de julho de 1795, anno em que falleceu na cidade de Lisboa.

O *Uraguay* não é um longo poema; seus cantos são breves, têm a brevidade do curto episodio que celebram. O assumpto é tão ingrato que, ás mãos de outro qualquer, perderia o interesse e a graça. Nesse romance epico o poeta relata a rapida guerra que Portugal e Espanha fizeram aos Sete Povos das Missões do Uruguay, os quaes, incitados pelos padres da Companhia de Jesus, se revoltaram contra o disposto no tratado de 1750. É como se vê, um pobre filão a explorar. Soube o artista, porém, arrancar de tão mesquinho motivo admiraveis passagens, versos seguramente bellos e commovedores. Seu genio essencialmente plastico venceu todas as difficuldades que a estreiteza de acção estava por si mesma indicando. O sentimento da terra americana, foi elle quem teve a honra de o mostrar antes de mais ninguem, revelando, assim, aos melancolicos e postiços arcades nacionaes a grandeza dos nossos scenarios e a opulencia dos nossos aspectos naturaes. Neste particular, é um verdadeiro precursor dos romanticos. Como nos

dos condoreiros, resôa, por vezes, nos seus versos a "tuba canora e bellicosa" da lingua portugueza:

Fumão ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tepidos, e impuros,
Em que ondeiam cadaveres despídos,
Pasto de corvos. Dura inda nos valles
O rouco som da irada artilheria.

Garrett, antes de todos, comprehendeu a novidade da invenção, quando disse: "o *Uruguay* de José Basilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião" (1). Os ouvidos, habituados á toada monotona dos metros academicos, deviam sentir-se mal, quando escutaram versos assim:

Porém o Rio, e a fôrma do terreno
Nos faz não vista, e nunca usada guerra.
Sahe furioso do seu seio, e toda
Vai alagando com o desmedido
Peso das aguas a planicie immensa.
As tendas levantai, primeiro aos troncos
Depois aos altos ramos: pouco a pouco
Fomos tomar na região do vento
A habitação aos leves passarinhos.
Tece o emaranhadissimo arvoredos
Verdes, irregulares, e torcidas
Ruas, e praças de uma, e de outra banda,
Cruzadas de canoas. Taes podemos
Co'a mistura das luzes, e das sombras
Ver por meio de um vidro transplantados
Ao seio da Adria .os nobres edificios,
E os jardins, que produz outro elemento,
E batidas do remo, e navegaveis

(1) Bosquejo da Historia da Lingua e da Poesia Portuguesa, in Parnaso Lusitano. Vol. I.

As ruas da marítima Veneza.
Duas vezes a Lua prateada
Curvou no céu os alvos cornos
E ainda continuava a grossa enchente (1).

Algumas destas imagens são ainda, pela formosura dos contornos e perfeição do desenho, das mais deliciosas de quantas possuímos em nossa poesia. A pintura da paisagem é espontânea, larga e sem as lantejoulas do estilo arcade-gongórico. As árvores têm as folhas húmidas e frescas do orvalho, as flores não são de papel colorido, nos campos não ha sujeitos vestidos de péles de cabra, á laia dos pastores de Theocrito. Tudo respira naturalidade, graça e elegancia finissima. Os cultores de "l'art pour l'art" não se pejariam de assignar versos como estes:

..... e já recebe
No pavilhão purpureo, em largo giro,
Os capitães a alegre, e rica mesa.
Destérrão-se os cuidados, derramando
Os vinhos Europeus nas taças de ouro.
Ao som de eburnea cythara sonora (2).

A articulação das cesuras é purissima, o jogo dos rythmos de grande effeito, a composição é, enfim, de uma riqueza varia e subtil, e completamente diversa de tudo quanto se havia observado anteriormente, até em Camões. São, sem duvida, "carmina non prius audita"...

Na descripção dos terrenos onde se locali-

(1) *Uruguay* — Canto I.

(2) *Uruguay* — Canto I.

zou a luta dos soldados ibericos contra os selvícolas fanaticas, ha trechos assim:

.....

Todas estas vastissimas campinas
 Cobrem palustres, e torcidas canas,
 E leves juncos do calor tostados,
 Prompta materia de voraz incendio.
 O Indio habitador, de quando em quando,
 Com estranha cultura entrega ao fogo
 Muitas leguas de campo: o incendio dura,
 Emquanto dura, e o favorece o vento.
 Da herva, que renasce, se apascenta
 O immenso gado, que dos montes desce;
 E renovando incendios desta sorte
 A arte emenda a Natureza, e podem
 Ter sempre nedio o gado, e o campo verde.

A narração do incendio do acampamento das tropas europeas está cheia de impressionantes passagens, assim como a dos sortilegios da caverna de Tanajura, onde apparecem á Lindoya,

Que aborrecida de viver procura
 Todos os meios de encontrar a morte

as ruinas de Lisboa, destroçada pelo terremoto, e depois, em rapida mutação, a cidade renascida entre as cinzas, á beira das aguas crespas ao Tejo, ande baloiçam,

Ameaçando o mar, as poderosas
 Soberbas náos,

com as festivas bandeiras suspensas das cordas negras, e as flammulas guerreiras soltas ao vento buliçoso.

No canto IV, quando o poeta mostra o exercito salvo do "nocturno incendio", pisando "os altos riscos de escalvada montanha", descreve assim a paisagem que se desenrola, do cimo das collinas, aos olhos cansados dos guerreiros:

Que alegre scena para os olhos! Podem
Daquella altura, por espaço immenso,
Ver as longas campinas retalhadas
De tremulos ribeiros; claras fontes
E lagos cristallinos, onde molha
As leves asas o lascivo vento.
Engraçados outeiros, fundos valles,
E arvoredos copados, e confusos,
Verde theatro, onde se admira quanto
Produzio a superflua Natureza.
A terra soffredora de cultura
Mostra o rasgado seio; e as varias plantas
Dando as mãos entre si, tecem compridas
Ruas, por onde a vista saudosa
Se estende, e perde. O vagaroso gado
Mal se move no campo, e se divisam
Por entre as sombras de verdura, ao longe,
As casas branquejando, e os altos Templos.

Não tem menos calor, nem menos viveza de tintas a festa dos indios, reunidos em frente "ás douradas portas do Grande Templo", á espera de Lindoya, que os padres queriam novamente casar com Baldetta, *protegido* da Companhia. O poeta vai apresentando um por um, todos os chefes, companheiros do infeliz Cacambo, preso occultamente pelos padres. A barbara indumentaria se reveste de agradavel aspecto na

cobertura leve das pennas multicores, na curva finissima dos arcos enfeitados, na plumagem dos cocares tremulantes. E, para maior realce, Basilio da Gama collocou ao lado dos bravos capitães indigenas, robustos e ageis, a figura achaparrada e ridicula do Irmão Patusca,

de pesada, enormissima barriga,

cuja philosophia era um compendio de cousas praticas e de utilidades immediatas.

Contra a appareção desse pragamista socegado e nedio, se voltou o sizudo Conego Fernandes Pinheiro, considerando pouco feliz a sua intromissão no poema. Parece-nos, todavia, que, pela verosimilhança do desenho, ligeiramente perverso, não ficou mal o esportissimo Patusca junto ao ingenuo heroismo de Cepé... Ao contrario, ha até uma certa graça inesperada nesse confronto entre o epico e o burlesco. — Emquanto padres e indios fogem desordenadamente embrenhando-se nas selvas,

..... a soldadesca alegre
 Cerca em roda o fleugmatico Patusca,
 Que provido de longe os acompanha,
 E mal se move no jumento tardo.
 Pendem-lhe dos arções de um lado, e de outro
 Os paios saborosos, e os vermelhos
 Presuntos Europeus; e a tiracolo
 Inseparavel companhia antiga
 De seus caminhos a borracha pende.

Nada, entretanto, se avanta ao episodio da morte de Lindoya. Estão resoando, ali, as me-

lhores cordas da sensibilidade de Basilio da Gama. Tudo se concerta para a excellencia do quadro: a natureza bruta e a doçura do sacrificio de Lindoya. A brevidade da scena lhe augmenta ainda mais a belleza incontestavel.

Côm os seus defeitos inevitaveis, é esta a melhor obra do poeta mineiro. O *Quitubia*, poema feito em louvor do "forte Capitão da Guerra Preta", assim como outras somenos producções, em nada lhe accrescerão o nome. O *Uruguay* ficará em nossa literatura como um ponto de referencia, aonde se vão encontrar as occultas raizes do nosso romantismo, que foi o dealbar da nossa independencia intellectual.

Ao poema de Basilio succedeu o de Santa Rita Durão, apparecido em 1781, doze annos depois daquelle ter sido publicado. O autor do *Caramurú* era mais velho que o do *Uruguay*, pois nasceu entre 1717 e 1720, na Casa Preta, perto da cidade episcopal de Mariana. Foram seus pais o sargento-mór Paulo Rodrigues Durão e D. Anna Garcez de Moraes. José de Santa Rita Durão, que era doutor em theologia pela Universidade de Coimbra, pertencia á ordem dos eremitas de Santo Agostinho, para onde entrou ainda muito moço. Foi, por designação de Pomal, e a pedido de D. Francisco de Lemos, nomeado reitor da Universidade de Coimbra, onde, em 1778, proferio a *oração da sapiencia* na abertura do curso lectivo. É esta a sua primeira obra de valor.

No *Caramurú*, entretanto, pôz Durão toda a força do engenho. Movido "pelo amor da patria", segundo confessa nas "Reflexões Previas e Argumentos", e julgando que os "sucessos

do Brasil não mereciam menos um poema que os da India”, resolveu-se a escrever uma epopeia sobre os factos do seu paiz, desde o descobrimento da Bahia até a expulsão dos estrangeiros do Brasil. Quanto á sua concepção, o poema pode dividir-se em duas partes: uma real, que trata do naufragio de Diogo Alvares Correia, dos seus successos e dos seus amores, e outra imaginaria, que se refere á visão de Paraguassú, e onde surge, em larga e movimentada scena, toda a evolução politica e social do Brasil.

Não tem o *Caramurú* a originalidade e o brilho do *Uruguay*; Durão era um quinhentista, um classico, pelo temperamento e pela educação. No seu poema ha reminiscencias vivas dos *Lusiadas*, que elle procurou imitar, até na fórmula, escrevendo-o em oitava rima. A tēla, todavia, é mais ampla, não se limita apenas a um episodio esparso, como a de Basilio. A lingua é cuidada, sobria e limpida, o estilo é simples, algumas vezes movimentado e elegante, e o sentimento dos homens e das cousas é justo: O poema, na generalidade, é monotono, pela abundancia das descripções, onde quasi não florescem as claras e deliciosas origens, tão frequentes em Camões.

Durão tem sobre Basilio da Gama a superioridade da cultura; é um verdadeiro humanista, não um puro “virtuose”. Falta-lhe, porém, um pouco mais de sensibilidade. Elle contempla o mundo com os olhos de objectivista, é um excellente observador. A meticulosidade das suas pinturas é, realmente, notavel; no Canto IV, em que descreve as hostes commandadas por Jararaca,

porque na catadura e gesto infando
entre outros mil horrendos é o mais feio.

faz lembrar Homero, na Rhapsodia II, da Illiada, quando apresenta os principes e os chefes dos filhos de Danaus, reunidos nas planicies desoladas de Illion, á espera da peleja fragorosa. A multidão dos guerreiros apparece, por traz dos capitães exercitados, com os seus attributos e as suas armas selvagens, ferindo o ar e a terra com choques de tacapes e massas, sons de frautas e trombetas, uivos e imprecações. No quadro da guerra, que remata a passagem acima referida, ha muito calor e vibração:

Já se avistava o barbaro tumulto
Das inimigas tropas em redondo;
E, antes que emprendam o primeiro insulto,
Levanta-se o infernal medonho estrondo.
Os marraques, uapis e o brado inculto,
Todos um só rumor, juntos compondo,
Fazem tamanha bulha na esplanada,
Como faz da tormenta uma trovoadá.

O combate singular entre Jacaré e Jararaca empresta forte relevo ao desenrolar da batalha; como no poema de Homero, a attenção do espectador se desvia da luta geral para se concentrar numa scena rapida, mas suggestiva, num pormenor cheio de intensidade, onde se destacam algumas figuras gravadas em breves e seguros traços. É dessa natureza e peleja em torno do cadaver de Patroclo, um dos quadros mais impressionantes da Illiada.

Durão suspende por um instante o tropel dos

embates, para mostrar assim o encontro dos dous chefes indios:

Avista-se um com outro: a massa ardente
Deixam sahir com barbaro alarido;
Corresponde o clamor da bruta gente,
E treme a terra em roda do mugido.
Aparou Jacaré no escudo ingente
Um duro golpe, que o deixou partido;
E, enquanto Jararaca se desvia,
Quebra a massa no chão, com que o batia.

Nem mais espera o Caeté furioso,
E, qual onça no ar, quando destaca,
Arroja-se ao contrario impetuoso,
E um sob'outro com as mãos pelaja ataca:
Não pode discernir-se o mais forçoso;
E, sem mover-se em torno a gente fraca,
Olham luctando os dous no féro abraço,
Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

O poeta do *Caramurú* era mestre na descriptiva, sabia movimentar as multidões e ordenar admiravelmente os impulsos da imaginação. Possuia para isso, aliás, um solido conhecimento e grande pratica dos poetas gregos e latinos. Neste particular ainda sobreleva a Basilio, que era mais elegante na dicção, porém menos firme na lingua.

O Canto VII do *Caramurú* é dos mais significativos da "maneira" de Santa Rita Durão. A enumeração das nossas riquezas naturaes, que apparece na narrativa de Diogo Alvares a Henrique II, revela admiravelmente o capricho de pintar com exactidão, e alguma eloquencia, os primores da natureza. Depois de referir ao rei de França, em "audiencia privada", que o Brasil tem

mil e cincoenta e seis leguas de costa,
de valles e arvoredos revestida,

entra o heróe do poema a compendiar as bellezas e os thesouros da terra, “os vastos rios e altas alagôas”, as grandes plantações de milho, canna de assucar, fumo, mandioca, etc.; faz o elogio dos frutos e legumes saborosos, e a apologia das flores silvestres; demora-se gostosamente na descripção de um ou outro specimen animal ou vegetal; cuida, com zombaria, da preguiça, com espanto, das “cobras terriveis, monstruosas, que afugentam co’a a vista a gente fraca”; relata, com estranheza, os habitos do cameleão,

..... que não se observa
Que tenha, como os mais, por alimento
Ou folha, ou fruto, ou nota carne, ou herva,
Donde a plebe affirmou que pasta em vento;

diverte-se com a plumagem dos passaros tropicaes, como a dos tucanos, “que feita de ouro fino se diria”, e a dos guarazes, “que parecem de purpura vestidos”; mostra as

especies maritimas de preço,

as madreperolas, as conchas delicadas, o ambar griz do melhor, os peixes abundantes, desde os “salmonetes deliciosos” até a baleia,

que palmos vinte e seis conta de larga,
setenta de comprido, horrenda e feia.

Apesar de toda essa exaltação, o frade era bastante lusitano para não esquecer.

a monarchia em Lisia dominante.

Eis por que, ao terminar o poema, alonga os olhos para a metropole, e calma, pela voz da Paraguassú:

Esta insigne progenie o céu promette
Brasil agora rude, aos teus vindouros!
O collo humilde, emtanto, ao rei submette,
E offerece-lhe, contente os teus thesouros.
E entre tantas nações, que ao jugo mette
A sombra Portugal dos Verdes louros,
Sem provares da guerra o furor vario,
Chega ao throno a humilhar-te voluntario.

Sua Paraguassú não tem a independencia, nem a altivez de Cacambo; era uma "emboaba" naturalizada, intimamente unida ao fiel Caramurú. Sem grandes recursos de estilo, conseguiu Durão, todavia, muitas bellezas e um real interesse para o seu poema, composto já na velhice doentia, o que lhe augmenta ainda o valor indiscutivel.

O *Villa-Rica*, de Claudio Manoel da Costa, só foi impresso no seculo XIX, muitos annos depois da morte do poeta. Querendo immortalizar as suas Minas, que "pelas riquezas que tem derramado por toda a Europa e pelo muito que socorrem com a fadiga dos seus habitantes ao commercio de todas as nações polidas, eram dignas de alguma lembrança na posteridade", (1)

(1) Prologo do *Villa-Rica*.

Claudio Manoel da Costa compoz um poema heroico em seu louvor.

A acção do poema é pouco movimentada e sem colorido, os versos são frios, postos que rigorosamente certos. O poeta já estava cansado quando o concebeu. Em alguns episódios, entretanto, accende-se a chamma quasi amortecida, como nestes, em que elle descreve os trabalhos nas minas, e a vida bucolica dos sertões:

Entre serras est'outro vae buscando
As betas de ouro; aquelle vae trepando
Pelo escabroso monte, e as aguas guia
Pelos canaes que lhe abre a pedra fria.
Não menos mostra o genio a agricultura
Tão cara do paiz, aonde a dura
Força dos bois não geme ao grave arado;
Só do bom lavrador o braço armado
Derriba os mattos, e se atêa logo
Sobre a secca materia o ardente fogo.
Da molle producção da cana loira
Verdeja algum terreno, outro se doira;
O lavrador a corta, e lhe prepara
As ligeiras moendas; alli pára
O espremido licor nos fundos cobres;
Tu, ardente fornalha, me descobres,
Como em brancos torrões é já tornado
A estímulos do fogo o mel coalhado.

A lenda do Itamonte, assim como certos episódios referentes ás bandeiras e á descoberta das minas, são tratados com certa graça, porém monotonos, na generalidade. O grande matastaziano não tinha forças para vencer tal empresa, tudo conspirava contra o seu successo, a cidade como o temperamento, os habitos como a cultura do artista. Claudio era mais um erudito que um poeta de raça. A natureza não o commovia na

sua simples nudez, os gestos humanos vigorosos e audazes não poderiam conquistar-lhe a ingênita artificialidade. O discípulo de Metastasio foi um experimentador inteligente e perspicaz, nos Sonetos, um mediocre artezão no poema épico.

OS ARCADES

As escolas literarias são, quasi sempre, invenções das épocas de decadencia, ou, melhor, dos periodos de transição. Assim aconteceu com os poetas alexandrinos, na Grecia, com os arcades e a pleiade, na Italia, na França e na Espanha. Ultimamente vimos o phenomeno repetido nos Rosa-Cruz, nos "instrumentistas", nos symbolistas, nos satanistas, etc.

A cada momento de indecisão intellectual ou moral corresponde uma phase de reacção, onde o exagero tem assento permanente e prioridade incontestavel. Depois do gongorismo e do marinismo, pretenderam os poetas voltar á simplicidade dos modelos primitivos greco-romanos. O gonfalão da Pleiade, de Ronsard e Joachim du Bellay, foi novamente levantado no seculo XVIII, principalmente na Italia, em Portugal e na Espanha. Triumpharam, então, os mesmos processos literarios usados, em França, no seculo XVI. Os motivos humildes da musa popular, as alegrias e as amarguras, que o povo costumava deixar na rima singela da trova, ficaram em completo abandono, ou apontados como ninharias rudes e desgraciosas. Tudo quanto fizera a delicia dos tempos passados voltou á superfi-

cie; os homens de então, trajando á maneira do Renascimento, com calções de seda, sapatos de fivela de ouro, e gólas de renda nos casacos de velludo bordado, começaram a declamar aquella mesma poesia que, em Lesbos, no VII seculo antes de Christo, os discipulos de Sapho recitavam á sombra espessa das oliveiras, vestidos de amplas e leves clamydes, com alpercatas de corda nos pés.

Para renovar os valores gastos, procuraram os arcades a companhia illustre dos gregos e dos latinos. Seguindo os conselhos, já seculares, do seu mais eloquente advogado, Joachim du Bellay, os novos "classistas" lançaram-se á pilhagem das alfaias de Athenas e Roma. As palavras ousadas da "Defense" et *Illustration de la Langue Française* estavam resoando mais uma vez nos ares rumorosos: "... marchez courageusement vers cette superbe cité romaine, comme vous avez fait plus d'une fois, ornez vos temples et vos autels... Donnez em cette Grèce menteresse et y semez encore un coup la fameuse nation des Gallo--Grecs. Pillez-moi sans conscience les sacrés trésors de ce temple Delphique, etc...".

Voltaram á baila os deuses esquecidos, as nymphas esquivas, as náyades, as oréadas e os pastores enamorados, as pastoras insensíveis e os rebanhos numerosos das bucolicas de Theocrito e Vergilio.

Claudio Manoel da Costa, nascido em 1729, proximo á villa do Ribeirão do Carmo, depois cidade de Mariana, em Minas Geraes, foi o representante maximo do arcadismo no Brasil (1).

(1) Foram seus pais *João Gonçalves da Costa*,

Nelle estão reunidas todas as *virtuosidades* da escolha; o thema dos seus versos não varia, mesmo quando elle forceja por lhes dar mais vibração e eloquencia, como no poema *Villa-Rica*. É um descendente de Ronsard, que leu Boileau e Voltaire. Sua ingenuidade é postiça, não nos commove; seus pastores são, geralmente, vãos, sem alma, são talvez, como aquella cigarra da ode anacreontica, iguaes aos deuses intangiveis do Olympo, pois o que lhes falta justamente é sangue vermelho, sangue humano.

Claudio tinha, sem favor, um admiravel gosto para vestir e compor os seus bonecos, á franchezza ou á italiana, conforme as exigencias da hora. Sabia tambem, e com apreciavel talento, *corrigir* a natureza, aparar-lhe as arestas, arredondar-lhe os contornos asperos, mas fazia-o tão cuidadosamente que, afinal não era mais a natureza que se apresentava nas suas eclogas ou nos seus sonetos, mas um paniel decorativo, digno de Fragonard e dos pintores galantes do seculo XVIII, em França. Quer em Alvarenga Peixoto, quer em Silva Alvarenga havia muito mais larga comprehensão da terra, muito mais *verdade* nativista, se assim podemos dizer.

Claudio era um artista, um inegualavel conhecedor dos segredos do seu mistér. Seus sonetos são, entretanto, de uma semelhança absurda, poucas vezes se lhes percebe uma nota profunda, porque seu coração raramente se interessava pela poesia. A côr do seu estilo é pallida, não tem

portuguez, e D. Thereza Ribeiro de Alvarenga, brasileira. Claudio era formado em canones pela Universidade de Coimbra.

cambiantes, nem matizes imprevistos: é a de um diamante com um unico reflexo para todas as facetas. Delle poderíamos affirmar, com justiça, o que mui injustamente disse de Ronsard, Paul Albert: "c'est un admirable fabricant de vers... Il croyait que les beautés de la poésie grecque et latine entreraient d'elles-mêmes dans l'idiome national; il se trompait" (1).

Ha, porém, a par de muitas outras composições frias e impassiveis, algumas em que o coração consegue falar, como, por exemplo, o soneto *infra*, o LXIII, das suas "Obras Poeticas":

Já me enfado de ouvir este alarido,
Com que se engana o mundo em seu cuidado;
Quero ver entre as pelles, e o cajado,
Se melhora a fortuna do partido.

Cance embora a lisonja ao que ferido
Da enganosa esperança anda mogoado;
Que eu tenho de acolher-me sempre ao lado
Do velho desengano apercebido.

Aquelle adore as roupas de alto preço,
Um siga a ostentação, outro a vaidade;
Todos se enganam com igual excesso.

Não chamo a isto já felicidade:
Ao campo me recolho, e reconheço,
Que não ha maior bem que a soledade.

Recorda, ás vezes, pela sobria elegancia, laivada de um certo scepticismo commum aos espi-

(1) La Littérature Française. (Des origines à la fin du XVI siècle). 1 vol.

ritos brotados do Renascimento, D. Francisco Manoel de Mello, na *Tuba de Calliope*.

A cada instante Amor, a cada instante
No duvidoso mar de meu cuidado
Sinto de novo um mal, e desmaiado
Entrego aos ventos a esperança errante.

Por entre a sombra funebre, e distante
Rompe o vulto do allivio mal formado;
Ora mais claramente debuxado,
Ora mais fragil, ora mais constante.

Corre o desejo ao vèl-o descoberto;
Logo aos olhos mais longe se affigura,
O que se imaginava muito perto !

Faz-se parcial da dita a desventura;
Porque nem permanente o damno certo,
Nem a gloria tão pouco está segura.

As influencias de Camões e Petrarca tambem não andaram tão esquivas na sua obra, como o prova este soneto:

Que feliz fôra o mundo, se perdida
A lembrança de Amor, de Amor e gloria,
Igualmente dos gostos a memoria
Ficasse para sempre consumida !

Mas a pena mais triste, e mais crescida
He vèr, que em nenhum tempo é transitoria
Esta de Amor fantastica victoria,
Que sempre na lembrança é repetida.

Amantes, os que ardeis nesse cuidado,
Fugi de Amor ao venerozo intento,
Que lá para o depois vos tem guardado.

Não vos engane o infiel contentamento;
Que esse presente bem, quando passado,
Sobrará para idéa do tormento.

O amargor que se contém nestes dous ultimos versos foi, talvez, bebido na Divina Comedia, no dialogo entre Dante e Francesca da Rimini, quando a ardente e amorosa peccadora exclama:

..... Nessun maggior dolore
Che ricordasi del tempo felice
Nella miseria...

Por sua larga e formosa cultura, exerceu Claudio innegavel influencia sobre os contemporaneos: o nome de *Glauceste Saturnio* frequentemente apparece nas estrophes dos seus companheiros, que eram todos mais ou menos seus discipulos. Se elle não foi um grande poeta, contribuiu, todavia, e muito, para o desenvolvimento da nossa poesia, porquanto seus versos são modelares sob o ponto de vista da technica e da dicção. Com elle aprenderam os outros a manejar o idioma, com desembaraço e finura, e, sobretudo, com simplicidade. Além do mais, pelo sacrificio da sua vida, tão mesquinamente perdida na cavilosa intriga da Inconfidencia, merece elle a maior e mais carinhosa sympathia de todos os corações verdadeiramente brasileiros.

Thomaz Antonio Gonzaga nasceu na cidade do Porto, em agosto de 1744. Era filho de um brasileiro, o desembargador João Bernardo Gonzaga, e de uma portugueza descendente de ingleses, D. Thomazia Isabel Clark. Em 1759, acompanhando o pai, que vinha de Portugal nomeado

desembargador da Relação da Bahia, passou-se para o Brasil. Formou-se em leis, em 1768, na Universidade de Coimbra, onde pretendeu professor, desistindo, porém, de tal intento, em virtude da queda do Marquez de Pombal, com quem contava para obter o lugar desejado. Seguiu a magistratura, sendo nomeado, depois de haver occupado o cargo de Juiz de fóra, em Beja, Ouvidor e Provedor da fazenda, dos defuntos e ausentes, capellas e residuos da Comarca Villa-Rica, em 1782. Envolvido na conspiração de 1789, quando estava para desposar sua Marilia, foi preso, processado e condemnado, em 1792, ao degredo em Angola, onde morreu, entre os annos de 1807 e 1809.

Marilia de Dirceu é o livro de amor mais estimado da lingua portugueza. Nada menos de 34 edições já se fizeram das Liras de Gonzaga, depois da primeira de 1792. Os preconceitos de escola não lhe prejudicaram a sensibilidade. Gonzaga é um arcade mais humano do que Claudio, mais sincero nos seus dissabores, sobretudo na 2.^a parte das Liras, onde o espirito enamorado e gracioso cede o passo á alma ferida e dolorosa. O poema está claramente separado em dois motivos: um de alegria, quando a esperança guiava todos os projectos de felicidade do poeta, e outro de magua e desalento, escripto na prisão em que o metteram os aulicos do throno lusitano.

A Lira XXVI, do primeiro livro, revela-nos perfeitamente a sua confiança na fortuna, que lhe parecia amavel sob todos os aspectos:

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tiram o cascalho e a rica terra,

Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar o habil negro
De pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar as virgens mattas,
Queimar as capoeiras inda novas,
Servir de adubo á terra fertil cinza,
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo,
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos,
Ver-me-has folhear os grandes livros
E decidir os pleitos.

Emquanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sabia mestra historia
E os cantos da poesia.

Lerás em alta vóz a imagem bella;
Eu vendo que lhe dás o justo apreço
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrardes louvada uma belleza,
Marília, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

Está aqui um dos melhores exemplos do seu
lirismo, onde a naturalidade das pinturas, e a

doçura do sentimento se confundem. A vida que elle imaginava, e suppunha realizar, tinha a feição de um fio de agua clara e luminosa, rolando sobre um leito macio e transparente. Não lhe foram, todavia, propicias as moiras. Teve Gonzaga que abandonar todos os planos entresonhados, e á bucolica paz de um retiro, entre a mulher amada e a descendencia illustre, succedeu a realidade aggressiva dos presidios africanos. Os males, entretanto, não lhe abateram a coragem cavalheirosa:

Chovam raios e raios, no meu rosto
Não has de ver, Marília o medo escripto,
O medo perturbador,
Que infunde o vil delicto.

... se os justos céos, por fim occultos,
Em tão tyranno mal me não soccorrem,
Verás então que os sabios
Bem como vivem, morrem.

Nesta mesma Lira (1) deixou o poeta um dos gritos de revolta mais profundos da sua vida, quando exclamou, depois de se mostrar imperturbavel deante da fatalidade que o opprimia:

Eu tenho um coração maior que o mundo !

Às vezes, entretanto, não podia acreditar na sua má estrella, os prazeres voltavam-lhe á memoria com singular insistencia, como se o destino procurasse experimentar-lhe a resistencia do

(1) 3.^a da 2.^a parte.

animo. Então, como na Lira IV, do segundo livro, em face do mundo vario e transitorio, procurava corrigir os travores da sorte adversa com uma philosophia resignada e melancolica:

Succede, Marilia bella,
 A medonha noite o dia,
 A estação chuvosa e fria
 A quente secca estação...
 Muda-se a sorte dos tempos:
 Só a minha sorte não ?

.....

Nenhum dos homens conserva
 Alegre sempre o seu rosto;
 Depois das penas vêm gosto,
 Depois do gosto afflicção:
 Muda-se a sorte dos homens:
 Só a minha sorte não ?

.....

O tempo, ó bella, que gasta
 Os troncos, pedras e o cobre,
 O véo rompe, com que encobre
 A verdade a vil traição:
 Muda-se a sorte de tudo:
 Só a minha sorte não ?

Assim, por differentes metros, cantou Gonzaga, venturas e amargores; sua poesia, apesar dos vicios literarios que se lhe percebem, como na de todos os poetas do tempo, é simples sem os vaidosos requintes, por exemplo, da de Garção.

Da obra de José Ignacio Alvarenga Pei-

xoto, nascido no Rio de Janeiro, em 1744, (1) restam apenas alguns fragmentos: vinte sonetos, duas lirias, tres odes, uma cantata e o Canto Genethliaco, a melhor porção de tudo quanto nos legou sua musa. Sabe-se, porém, que escreveu longa copia de poemas, uma traducção da *Méropé*, de Maffei, e mais um drama original, em verso: *Enéas no Lacio* (2).

Alvarenga Peixoto, que era formado em leis pela Universidade de Coimbra, seguiu a magistratura, onde chegou a occupar importantes cargos, vindo afinal para o Brasil, onde fixou residencia em Minas-Geraes. Ahi, abandonando a profissão de advogado, tão habitual em nossos homens de letras, desde Bento Teixeira Pinto, entregou-se aos trabalhos de mineração, com apreciaveis resultados. Apesar de ter sempre prompta a lisonja para com os representantes do Governo Luso, conforme o provam quasi todos os seus trabalhos poeticos, foi Alvarenga Peixoto comprometido, com os seus amigos Claudio e Gonzaga, na conjuração mineira. Preso e processado, teve que partir degredado para Ambaca, onde morreu em 1793.

Pelo que resta das suas producções, Alvarenga Peixoto devia ter sido poeta de pouco sentimento, mas de imaginação facil e colorida. Vê-se que os versos de Basilio da Gama, de quem segundo querem alguns, foi amigo predilecto, influíram não pouco em sua formação. No Canto

(1) Filho de Simão de Alvarenga Braga e D. Angela Micaela da Cunha.

(2) Obras Poeticas de *Ignacio J. de A. Peixoto*, colligidas e annotadas por *J. Norberto S. Silva*. Edição Garnier, 1865.

Genethliaco, offerecido ao Capitão General D. Rodrigo José de Menezes, por occasião do baptisado do seu filho D. José Thomaz de Menezes, ha algumas notas interessantes, onde se revela o seu nativismo, que não excluia naturalmente o respeito e a sujeição á gente de ultramar:

Isto, que Europa barbaria chama,
Do seio de delicias tão diverso,
Quão differente é para quem ama
Os ternos laços do seu patrio berço !
O pastor louro, que meu peito inflamma,
Dará novos alentos ao meu verso,
Para mostrar do nosso heróe na bocca
Como em grandezas tanto horror se troca.

Aquellas serras, na apparencia feias,
Dirá José, Oh ! quanto são formosas !
Ellas conservam occultas veias
A força das potencias majestosas;
Têm as ricas entranhas todas cheias
De prata e ouro, e pedras preciosas:
Aquellas brutas escavadas serras
Fazem as pazes, dão calor ás guerras.

Aquelles morros negros e fechados,
Que occupam quasi a região dos ares,
São os que em edificios respeitados,
Repartem raios pelos crespos mares.
Os corinthios palacios levantados,
Doricos templos, jonicos altares,
São obras feitas d'esses lenhos duros,
Filhos d'esses sertões feios e escuros.

.....
.....
Esses homens de varios accidentes,
Pardos e pretos, tintos e tostados,

São os escravos duros e valentes,
Aos penosos serviços costumados:
Elles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho.
Os fortes braços feitos ao trabalho.

Alvarenga Peixoto é um verbalista, um continuador de Basilio da Gama, pelo forte e sonoro encanto da sua poesia, pelo movimento dos seus rythmos multiplôs e variados. Infelizmente, seguindo o estilo da epoca, andou sempre mais perto de reis e rainhas, fidalgos e palacianos, do que da natureza. Cantou com mais volupia os nascimentos e baptisados ruidosos do que as alegrias ou as amarguras intimas do coração. Se outros fossem os caminhos por elle trilhados, não seria de admirar que Alvarenga Peixoto nos deixasse algum poema de maior folego. Só lhe faltou, para isso, um ambiente menos estreito e servil, que engenho elle o tinha de sobra.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, o mais joven e ultimo representante do grupo mineiro, nasceu em Villa-Rica, em 1749. Filho natural de um musico pobre, e além do mais de côr parda, teve que lutar contra o quinhão miseravel da ingrata herança que lhe offerecera o destino. Com a graciosa ajuda de alguns amigos, conseguiu o pai educal-o no Rio de Janeiro, onde desde cedo se fez apreciado e querido da sociedade fluminense, pelos dotes de espirito, logo revelados na adolescencia ruidosa e brilhante.

“O genio musical que se lhe incarnava desde os primeiros annos, diz um dos seus biographos, lhe abriu as portas da capital do Estado colonial; gostava-se de ouvil-o tocar na sua flauta ou na

sua rabeça com facilidade e summa destreza; elle reunia a esse dom natural as mais agradaveis e sympathicas maneiras; na sua conversação amena e fluente patenteava as graças de seu espirito adornando-a com bellos sainetes, delicados remosques e motejos" (1).

Com tal fama de galante e excellente conversador, seguiu o nosso poeta para Coimbra, onde se formou em canones, entre os annos de 1775 e 76. Já em 1774 se fizera temido de mestres e condiscipulos na Universidade famosa, pelas fagulhantes satiras que despedira contra certos figurões enfatuados e retrogados. O Marquez de Pombal, ainda em plena gloria, começou a prestar attenção ao poeta, que acabara de publicar o "*Desertor das Letras*" á custa do Ministro todo poderoso. Data d'ahi o seu successo, não só na velha cidade universitaria senão tambem em Lisboa, onde, aproveitando-se dos bons officios de Basilio da Gama, alargara consideravelmente o circulo das suas relações, grangeando rapidamente grande fama de douto e espirito formoso. Em todos os salões e nas festas mais consideraveis, Silva Alvarenga comparecia com os epigrammas mordazes e as ferinas anedotas.

Não se demorou, todavia, na capital do Reino. Embora muito lhe custasse o apartamento dos amigos e da côrte, voltou ao Rio de Janeiro logo depois de formado, em 1777. Aqui se approximou do Marquez do Lavradio, e depois de Luiz de Vasconcellos e Souza, que o nomeou professor de rhetorica e poetica, em 1782. Com a chegada do

(1) *J. Norberto de Souza S.* — Obras poeticas de M. I. da S. Alvarenga, 1864. Garnier.

Conde de Rezende, em 1790, começou elle a sentir os effeitos das suas pilherias e irreverencias costumeiras. A "Sociedade Literaria", que então secretariava, e á qual pertencia, entre outros, o futuro Marquez de Maricá, apesar da fingida protecção do Conde de Rezende, transformou-se, na boca dos lacaios reaes, em "club de jacobinos". O Vice-Rei acreditou na intriga, e mandou prender Alvarenga, em 1794. Seus inimigos entre os quaes o rancoroso frei Raymundo, contra quem em tempos fizera chover uma saraivada de remoques, deviam estar satisfeitos. Alvarenga foi solto, ainda que contra a vontade de Antonio Diniz da Cruz e Silva, cuja passagem pelo Brasil é um rasto de sangue e de miseria. Não lhe restituiu, entretanto, a liberdade aquillo que perdera com a prisão, isto é, o bom senso alegre e folgazão, a intelligencia irrequieta e travessa. Alvarenga estava moralmente perdido, e, sem "o suave alento á curva lira", foi arrastando uma vida incolor e insipida até 1814, anno em que morreu.

Silva Alvarenga, já se disse mui justamente, é um precursor do nosso romantismo. Sua poesia, sobretudo no *Glaura*, é essencialmente brasileira, não tem aquella traça do arcadismo lusitano, tão evidente em Claudio Manoel da Costa. Não é um simples "formista", um cultor exclusivo das bellezas postizas do repertorio greco-romano. Se, por vezes, exagera o rigorismo de Boilleau e dos classicos francezes do seculo XVII, tem como estes a phrase elegante e o sentimento discreto e apurado.

Glaura, entretanto, illustra melhor sua maneira definitiva que certas odes e poemas didacticos, escriptos na mocidade, ou por comprazer

a certos poderosos, de cujos favores necessitava para viver confortavelmente. Nas suas redondilhas graciosas canta não só amores fictícios, mas ainda a realidade da terra em que vivia, a volúpia das nossas noites perfumosas, a transparência dourada e azul dos céos americanos. E canta com singeleza, sem falsos arreios, sem alegorias sedições, canta, em summa, como um poeta sinceramente enamorado das nossas cousas. Vejamos, ao acaso, algumas estrophes d'“O Bosque”:

Entre o musgo a penha dura
Mostra azues, mostra rosadas
As conchinhas delicadas
Com brandura a gotejar,
Sobre a fonte cristallina
Cedro annoso e curvo pende:
Namorado a rama estende,
E se inclina para o mar.

.....
.....

Verdes choupos, verdes faias
Move zefiro brincando:
Loiras ninfas vêm nadando
Estas praias a beijar.
Vejo candidos amores,
Vejo graças melindrosas,
E as abelhas preciosas
Que nas flores vêm pousar.

Se Alvarenga ainda via

.....dryade saudosa
Na mangueira com desgosto,

e se utilizava de outras invenções próprias do momento, tinha olhos também para observar o sol dos nossos dias de verão, directamente, sem o auxilio dos venhos tropos hellenicos:

Treme agora o ar extenso
 Pela esfera cristallina;
 Que os seus raios não declina
 Esse immenso resplendor.
 Busca o toiro fatigado
 Frias sombras, verde relva:
 Co'a cigarra zune a selva,
 Foge o gado, e o pastor.

.....

.....

Ferve a arêa d'esta praia,
 Arde o musgo no rochedo,
 Esmorece o arvoredos,
 E desmaia a tenra flor:
 Todo o campo se desgosta,
 Tudo... ah! tudo a calma sente!
 Só a gelida serpente
 Dorme exposta ao vivo ardor.

.....

.....

Vês a plebe namorada
 De volantes borboletas
 Loiras são, azues e pretas,
 De mesclada e varia côr.
 Aquella ave enternecida,
 Que cantou ao vêr a Aurora,
 Abre as azas, geme agora
 Oprimida do calor.

Silva Alvarenga é uma figura de transição entre o seiscentismo de Claudio e o subjectivismo

de Gonçalves Dias, é o élo que prende os arcades aos românticos.

A POESIA SATYRICA

A peça mais significativa da poesia satirica, no fim do seculo XVIII, pertence á escola mineira. É o poema das *Cartas Chilenas*, apparecido em 1845, na *Revista Minerva Brasiliense*. Nelle se encontra um tremendo libello contra o successor do Conde de Cavalleiros no governo de Minas, D. Luiz da Cunha Menezes, que, por seus processos administrativos, levantára grande celeuma em torno da sua pessoa. Eis como o autor da satira pinta o *Fanfarrão Minesio*, alcunha do referido governador:

Tem pesado semblante, a côr é baça,
O corpo de estatura um tanto esbelta,
Feições compridas e olhadura feia,
Tem grossas sobrancelhas, testa curta,
Nariz direito, e grande; fala pouco
Em rouco baixo som de mão falsete;
Sem ser velho já tem cabello ruço;
E cobre este defeito e fria calva
Á força de polvilho, que lhe deita.

Ainda me parece que estou vendo
No gordo rocinante escarranchado !
As longas calças pelo embigo atadas,
Amarello collete e sobre tudo,
Vestida uma vermelha, e justa farda:
De cada bolso da fardeta, pendem
Mistradas pontas de dous brancos lenços;
Na cabeça vasia se atravessa
Um chapéo desmarcado, nem sei como
Sustenta o pobre só do laço o peso.

Ah Tu, Catão severo, tu, que estranhas
 O rir-se um Consul moço, que fizeras,
 Se em Chile agora entrasses, e se visses
 Ser o rei dos peraltas quem governa ?

As epistolas de Critillo a Dorotheo, além de possuírem certo valor literario, têm a graça da observação justa e do commentario preciso ás cousas que se passavam, então, na cidade de Villa-Rica, onde estavam os representantes da Metropole, em Minas. Ha muitos trechos que são verdadeiras aguas-fortes, vivas, profundas, ironicas e mordentes, gravadas com mão firme e impiedosa. Veja-se, por exemplo, este, em que o poeta descreve os costumes noturnos dos habitantes de Villa-Rica:

Apenas, Dorotheo, a noite chega,
 Ninguem andar já pode sem cautela
 Nos sujos corredores de Palacio;
 Uus batem com os peitos n'outros peitos;
 Outros quebram as testas n'outras testas;
 Qual leva um encontrão que o vira em roda;
 E qual por defender a cara, fura
 Com os dedos que estende, incautos olhos;
 Aqui se quebra a porta, e ninguem fala;
 Ali range a conceira, e sôa a chave;
 Este anda de mansinho; aquelle corre;
 Um grita que o pisaram; outro inquire
 "Quem é?" a um vulto, que lhe não responde.

Não temas, Dorotheo, que não é nada;
 Não são ladrões que offendam, são donzellas
 Que buscam aos devotos que costumam
 Fazer, de quando em quando, sua esmola...

Compreende-se, agora, porque não se animou o crítico das *Cartas Chilenas* a imprimir sua

chronica chocarreira. Os quadros eram por demais flagrantes para que deixassem duvidas no espirito dos retratados; sob os traços rispídos da caricatura repontavam as linhas physionomicas das personagens feridas pela diatribe. Desse ineditismo em que se conservou a satira, surgiu a controversia no tocante á sua autoria. Uns, como Sylvio Romero, pensam que as *Cartas* são de Alvarenga Peixoto; outros, como Varnhagen, que pertencem a Claudio; e outros, ainda, como Luiz Francisco da Veiga e Chagas Ribeiro, que foram escriptas por Gonzaga.

Entretanto, desde 1863, quando appareceu a 2.^a edição do poema, veio a assignatura de Thomaz Antonio Gonzaga esclarecer qualquer duvida; e, ultimamente, o erudito Alberto Faria, o mais abalisado conhecedor de taes assumptos, a quem deveu José Verissimo as melhores informações sobre a questão, reforçando as affirmações de Luiz Francisco da Veiga com argumento copioso e seguro, demonstrou cabalmente que as *Cartas Chilenas* só podiam ter sido escriptas por Gonzaga. Pondo de lado a controversia, o que apresenta maior relevancia, para a historia das nossas letras, é a propria feitura do poema. Elle indica, indubitavelmente, um grande avanço sobre os outros do mesmo genero apparecidos no Brasil, depois de Gregorio de Mattos. Das bandarrices do "boca de inferno" ao sorriso perverso de Critillo vae a mesma differença que distingue o "Grand Testament", de Villon, dos epigrammas ferinos de Voltaire.

POETAS MENORES

À sombra do grupo mineiro versejaram outros poetas de menor importancia, como sejam, na poesia satirica, Antonio Mendes Bordallo, João Pereira da Silva, Costa Gadelha, José Joaquim da Silva e Francisco de Mello Franco, este mais consideravel como prosador e cientista; na poesia lirica, Domingos Vidal Barbosa, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, Domingos Caldas Barbosa e alguns mais, cujos nomes não é mister transcrever.

De todos, porém, merece especial referencia Domingos Caldas Barbosa, nascido no Rio de Janeiro em 1740, e fallecido em Lisbôa, onde viveu, com certa nomeada, sob a protecção do Marquez de Castello Melhor e do Conde de Pombeiro, a 9 de novembro de 1800. Caldas Barbosa pertenceu á Nova Arcadia, para a qual entrou com o appellido de Lereno. Sua poesia, é a de um *troubadour*, simples e espontanea, sem grandes surtos, mas de agradavel effeito, pelo sainete popular de que a revestio a alma ingenua do poeta. A "Viola de Lereno" se compõe, em geral, de lundús e cantigas, feitos muitas vezes de improviso, em bailaricos e saráos, onde a musa gaiata e facil de Caldas Barbosa se fazia applaudir ruidosamente.

OS PROSADORES

Não teve a prosa, em todo o seculo XVIII, o relevo da poesia no mesmo periodo. Para tanto,

faltava-nos ainda um scenario mais amplo, que, só no seculo XIX, se desenrolou aos olhos dos nossos escriptores. Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Fr. Gaspar da Madre de Deus, Antonio de Santa Maria Jaboatão continuaram a tradição dos Rocha Pitta, escrevendo chronicas e genealogias, como o *Novo Orbe Seraphico Brasilico*, a *Nobiliarchia Paulistana*, e outras obras de igual jaez, onde as velhas téclas usadas na *Historia da America Portugueza*, repetidamente batem, ora com mais, ora com menos vigor. O pensamento dos nossos homens ou não podia expandir-se, sob os freios dos Vice-Reis solertes da Metropole, ou não tinha ainda a força necessaria para a realização de obras de maior folego, unicamente compatíveis com um estado social mais desenvolvido e mais livre.

Releva notar, porém, neste periodo, uma figura de superior realce literario que, se não influio em nossa literatura, nem por isso deixa de merecer, como, na poesia, Antonio José, logar de alto destaque. Mathias Aires Ramos da Silva de Eça, ou simplesmente Mathias Aires, nome carinhosamente tirado do olvido pelo erudito sr. Solidonio Leite, foi, além de castiço cultor do nosso vernaculo, um verdadeiro pensador, sem duvida o moralista mais fino e subtil das nossats letras no periodo colonial ⁽¹⁾. Nas *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens ou Discursos Moraes sobre os effeitos da Vaidade*, ha paginas que lembram os melhores humanistas francezes e italianos, sentenças e pensamentos dignos de Vauvenargues ou

(1) Vide — *Solidonio Leite. Classicos Esquecidos.*

mesmo de Pascal. Mathias Aires pertence ao numero daquelles eruditos escriptores que, a exemplo de Montaigne e La Bruyère, com as suas meditações sobre os homens e as cousas, as suas analyses profundas e penetrantes sobre os defeitos e os vícios do mundo, abriram caminho aos estudos e ás pesquisas da psychologia experimental.

Possuindo um estilo ductil, macio, e grandes qualidades de observador sagaz, o elegante escriptor paulista pôde apurar os naturaes pendores nas successivas peregrinações que fez pelos paizes da Europa, ajuntando, assim, á cultura dos livros a sabedoria directa dos homens e dos povos. Repetindo o aviso illustre do *Ecclesiastes*, Mathias Aires reduz todos os desconcertos do mundo aos erros da vaidade. A vaidade está em todos os nossos gestos e em todas as nossas acções, no orgulho dos poderosos e na modestia dos mesquinhos, na ignorancia e na sapiencia, na virtude e no vicio. "Não vivemos contentes, se a nossa vaidade não vive satisfeita: ainda temos o bem, que com pouco se alimenta a vaidade. Um riso agradável, que achamos nas pessoas eminentes, e que por mais, que seja equivoco sempre a vaidade o interpreta a seu favor; um obsequio, que tem por principio a dependencia, e em que o interesse se esconde subtilmente; uma submissão, que nos faz crer que os homens têm obrigação de respeitar-nos; uma lisonja, que fica sendo impossivel conhecermos-lhe o veneno; qualquer cousa destas, e ainda menos basta, para que a nossa vaidade se reveja, e se não vivemos vaidosos." Certas paginas suas, como aquella de primorosa excellencia sobre a malicia, deveriam correr impressas nas Anthologias,

taes e tantos são os ensinamentos e os proveitos decorrentes dellas.

Mathias Aires, que nasceu em S. Paulo em 27 de março de 1705, cedo abandonou as terras patrias, indo para Portugal em 1716, onde fixou residência e onde recebeu grão de Mestre em Artes, em Coimbra.

SECULO XIX
(PRIMEIRA PHASE)

CAPITULO VII

SECULO XIX

Os ultimos Arcades. — Os prosadores

Sómente no século XIX, por varias razões de ordem moral e politica, é que a literatura brasileira entrou na sua phase verdadeiramente nacional. A elevação do Brasil a Reino, a transladação da crôte portugueza para o Rio de Janeiro, a abertura dos nossos portos, antes frequentados unicamente pelos navios da metropole, ao commercio universal, o apparecimento dos primeiros jornaes, como o *Patriota*, onde collaboraram, entre outros, Silva Alvarenga e Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, a instituição da *Imprensa Regia*, hoje Imprensa Nacional, e, finalmente, a proclamação da Independencia, com todas as lutas que então se accenderam, e onde se firmou definitivamente o character da nova raça, contribuíram para formar o espirito nacional, dando vigor e alento ás timidias vozes de autonomia, que eram, outrora, abafadas pela camarilha dos Vice-Reis e Governadores lusitanos.

No curto espaço de trinta annos foram desapparecendo rapidamente os signaes da metropole na colonia; com a ausencia dos Conde de Rezende e seus semelhantes, com o afastamento dos homens que, em 1817, estabeleciam distincções subtis e ironicas entre brasileiros e reinões, o campo ficou livre, á espera das primeiras sementes, que não tardaram a medrar no sólo virgem e uberrimo.

Ao lado dos nome de José Bonifacio de Andrada e Silva, Mont'Alverne e José da Silva Lisboa, surgem nessa epoca de agitação e duvida, de reconstituições e tentativas de reforma, de temores e audacias inesperadas, de que a cidade do Rio de Janeiro, como capital do novo Imperio portuguez, se fizera o centro, os de Antonio Pereira de Souza Caldas, o maior poeta do tempo, Fr. Francisco de S. Carlos, José da Natividade Saldanha, Januario da Cunha Barbosa, Bastos Barauna, Francisco Ferreira Barreto, José Eloy Ottoni, Francisco Vilella Barbosa, Domingos Borges de Barros, Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, Balthazar da Silva Lisboa, Azeredo Coutinho, Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, Evaristo da Veiga, Antonio de Moraes e Silva e ainda outros mais, de cuja actividade muito lucrrou a evolução do nosso pensamento, na poesia, na historia, na eloquencia profana e sagrada, nas sciencias e nas artes.

Na poesia sentia-se ainda o influxo dos arcades portuguezes, cuja obra a Universidade de Coimbra, onde estudavam os nossos maiores espiritos, se honrava de continuar. O arcadismo, ligeiramente modificado pelo ensinamento de

Rousseau e dos encyclopedistas, tinha os mais fervorosos e melhores cultores. O sainete da escola de Filinto Elysio perdurava nos versos dos nossos poetas; os Amores, as Venus, as Thetis, os Neptunos e os Bacchos frequentavam, com as settas aceradas e os louros cabellos rebrilhantes, os pesados sceptros e as rondas de ménades ebrias, todos os poemas do momento. A lição da escola mineira não se apagara de todo; antes, proseguia repetida com muito menos personalidade, apesar da grande quantidade de versejadores atrasados, sem graça, nem elegancia, e sobretudo sem a cultura dos Claudio e dos Alvarenga.

Dentre a multidão de taes poetastros destacam-se apenas uns poucos mais dotados, como o padre Antonio Pereira de Souza Caldas (Rio. 1762-1814. Rio), Fr. Francisco de S. Carlos (Rio. 1763-1829. Rio), Eloy Ottoni (Minas. 1764-1841. Rio), e José Bonifacio de Andrada e Silva (Santos. 1765-1838. Nictheroy).

Souza Caldas é o maior de todos, aquelle em quem era mais larga e profunda a sensibilidade. Sua natureza doentia, sua morbidez ingênita, muito concorreram para a melancolia e o pessimismo notaveis nas suas producções. A poesia não lhe era um brinco passageiro, mas uma necessidade, um instrumento por onde se escapavam os gritos e os tormentos da sua amargurada vida interior:

O homem, que fizeste? tudo brada:
Tua antiga grandeza
De tudo se eclipsou; a paz doirada,
A liberdade com ferros se vê presa,
E a pallida tristeza

Em teu rosto esparzida desfigura
De Deus, que te creou, a imagem pura.

Aqui já se presente qualquer cousa de novo, qualquer cousa que denuncia o subjectivismo doloroso de Vigny, ou a religiosidade de Lamartine, que os nossos românticos do primeiro momento tanto admiraram e imitaram. Na "Ode ao homem selvagem", á qual pertence a estrophe citada, percebe-se uma alma de mais largo vôo do que era commum, mesmo em Portugal, onde as notas classicas haviam tornado enfadonhas e dessaboridas quasi todas as producções poeticas. O individualismo de Souza Caldas não era puramente literario, como por exemplo, o arcadismo de Garção, porém, um effeito das lutas que se travavam no seu espirito, que não era ainda o do seculo XIX, mais tambem não era exclusivamente o do seculo XVII. A duvida levou-o á Igreja; desde então, abandonando as primitivas tendencias de revolta e desespero, entregou-se confiantemente ao catholicismo, escrevendo poemas de fundo religioso e moral, como a ode *Ao Creador*, *A necessidade da revelação*, *A existencia de Deus* e muitos outros, onde, por vezes, é eloquente e sempre correcto na dicção. Souza Caldas poderia ter sido um reformador da poesia brasileira e a primeira voz romantismo, se houvesse proseguido, no caminho que se traçara, ao dealbar da sua intelligencia. A fé, levando-lhe a inquietação, cortou-lhe a asa atrevida.

A obra de Fr. Francisco de S. Carlos é indubitavelmente menos consideravel que a do seu predecessor. Apesar da fama de grande orador e ima-

ginoso poeta, que grangeou no Rio de Janeiro, onde recebeu os favores de D. João VI e os applausos da cõrte portugueza, muito pouco deixou, que seja realmente digno de consideração. O poema mystico *Assumpção da Santissima Virgem*, unico testemunho impresso da sua actividade intellectual, é, hoje, quasi desconhecido. A assumção da Virgem ao Paraiso, que elle pintou com as cores da nossa natureza, adornando-o de arvores e flores tropicaes, é de estafante leitura e daria, quando muito, para uma ode, ou um breve poemeto.

Ha nos seus versos algumas descripções, como a da cidade do Rio de Janeiro, onde já pretenderam mostrar, com disparatado juizo, manifestações de character nativista, mas em que difficilmente se observa o contorno da nossa paisagem, ou a luz dos nossos ambientes. O poeta usa e abusa de todos os recursos da emphase e da rhetorica empolada para descrever a "nobre colonia rica e forte", chamando em auxilio da sua musa cansada o "pincel estremoso dos Timantes", as "ondas do Nilo", o "immenso lago de Meris", os "negros Tipheus petrificados", e mais uma serie interminavel e solemne de creaturas e cousas, deuses e monstros ameaçadores.

Da mesma estofa é José Eloy Ottoni, o mais arcade, talvez, de todos os arcades brasileiros do principio do seculo passado. É poeta superior, todavia, a Fr. Francisco de S. Carlos. A convivencia com os derradeiros classistas portuguezes, como Bocage, deu-lhe uma certa facilidade de expressão, um boleio de phrase elegante e natural. A poesia de Souza Caldas, inquieta e dolorosa, influio na de Eloy Ottoni; o espectáculo das mise-

rias terrenas arrancava-lhe, á guisa do seu emulo, palavras de piedade e amargor:

Heróes, fortuna, grandeza,
Que o tempo leva ou consome,
Graças que morrem sem nome,
Attractivos da belleza.

Tudo é pó, tudo é fraqueza,
É tudo miseria e pranto;
Ou descobre a noite o manto
Ou desponte a luz do dia,
Desenvolvendo a harmonia
Será eterno o meu canto.

Eloy Ottoni, á imitação de quasi todos os bardos do tempo, não se limitou a publicar trabalhos originaes, mas traduzio, tambem, algumas obras, entre as quaes os *Proverbios de Salomão* e o *Livro de Job*, tendo obtido mais successo com as suas versões, do que Souza Caldas com a dos *Psalmos de David*.

José Bonifacio de Andrada e Silva é o mais completo espirito da epoca. Cientista, moralista, orador, politico e poeta, sua intelligencia alargouse por varios campos, travou relações com multiplos assumptos, desde a mineralogia ao direito, da sociologia á rhetorica. Viajado, culto, e possuidor de um energico temperamento, José Bonifacio estava fadado a cumprir a luminosa trajectoria que o destino lhe traçara.

Como cientista, desde cedo, se fez apreciar e applaudir em todos os meios da Europa estudiosa, na Allemanha e na França, na Inglaterra e na Dinamarca, na Italia e na Noruega. Era o tempo em que os velhos jogos da dialectica medieval e sor

bonnista cediam o passo ás investigações experimentaes, ás theses scientificas, ás theorias positivas; era o tempo em que os Volta, os Merner, os Lavoisier e os Priestley começavam a reagir contra o empirismo radical dos Diderot e dos D'Alembert. A physica, então, já não era, como na epoca de Voltaire, uma simples diversão para os espiritos cansados das letras e das intrigas politicas e diplomaticas; a mathematica não entrava mais, como méro realce exquisito, na conversa galante dos salões dourados, onde as damas e os cavalheiros illustres passeavam, entre pastoraes de Watteau e de Boucher, os melancolicos perfis. A face das cousas estava mudada. Na França, rugiam os "sans-culotte", e a Europa inteira preparava-se para estremecer deante da realeza sanguinolenta de Robespierre.

Por essa occasião, iniciou José Bonifacio a peregrinação pelo velho mundo. Ahi, ganhou a experiencia, que através da sua longa vida, sempre lhe foi gabada e de muito lhe servio para dominar os homens. Seu temperamento, porém, não estava de accôrdo com a intelligencia clara e ponderada, robustecida por uma cultura forte e profunda. José Bonifacio foi um impulsivo; desde as lutas contra os bonapartistas, em Portugal, até as intrigas do primeiro Imperio, no Brasil, sempre mostrou exagerada a arte de commandar e illimitado o desejo de ser obedecido. Como politico, ignorava a justa medida: era bem um espectador da Revolução.

Com a dissolução da Constituinte, em 12 de novembro de 1823, José Bonifacio começou a provar o travor da fortuna, que, até então, só lhe sorrira. O poeta nasceu no desterrado. Já na

velhice, já sexagenario, ainda encontrou a alma cheia de rumorosas vozes, capazes de se elevarem contra aquelles que o magoaram. A violencia do seu temperamento repontou no rythmo dos versos vingadores, por entre falsos pretextos de prazer ou de amor:

Ah ! não digas, ó zoilo, mal do vate,
Si ainda acolhe de Narcinda ao seio,
Pois, no meio do sonho dos amores,
Tambem c'oa patria sonha !

Para a moleza não nasceu o vate
Pois, em ditosos dias, chammejava
Sua alma ardente, de heroismo cheia,
Quando uma patria tinha !

A corda, que ora secca docemente
Sobre a dourada lira malfadada,
Outr'ora ousou curvar arco guerreiro,
Vibrar rapida setta.

Os labios, que ora movem moles versos,
Já levantar souberam da vingança
Grito tremendo, a despertar a patria
Do somno amadornado.

Mas de todo acabou da patria a gloria !
Da liberdade o brado, que troava
Pelo inteiro Brasil, hoje emmudece,
Entre grilhões e mortes.

Sobre suas ruinas gemem, choram,
Longe da patria os filhos foragidos:
Accusa-os de traição, porque a amavam,
Servil infame bando.

Referviam-lhe, no sangue, os odios, o despeito da vaidade ferida, o horror de se ver isolado em terra estranha; elle, que abandonara as opulencias de Lisboa pelo silencio das suas ravinhas nataes, elle, que sacrificara as posições e o convívio dos sabios, só para, "sentado com o amigo á parca mesa, conversar ledamente", sobre "os altos mysterios vedados á vil turba!...".

Sua poesia é assim, vigorosa, energica e violenta. Elle sabia que o destino contrario reanima as virtudes adormecidas, por isso, poude dizer:

Oh ! quanto é forte um vate, si nutrido
Entre perigos foi ! Si denodado
Da morte os brados retumbar ouvia
Com não mudado rosto !

Às vezes, entretanto, deixava-se arrastar pela sereia classica, voltando ás ninharias do arcadismo, com mais graça, porém, que todos os outros seus contemporaneos:

Moço, bebamos: enche o copo, bebe.
Já novas rosas novo aroma espargem.
Eia, ligeiros, ao jardim desçamos.
De Nise asylo.

Outra vez quero renovar amores,
A Philomela acompanhando a lira,
Que gema Nise, como aquella geme
Entre meus braços.

No canto escuro do rosal cheiroso
A Baccho brinde, como aqui lhe brindo;
Brinde aos amores, que co'as rosas voltam,
E com ellas brincam.

A vida acaba; muda-se a fortuna,
Que bens e males sem juizo espalha;
Os que hoje existem, amanhã não vivem;
Amemos hoje.

A musa de Anacreonte rivalizava com a de Juvenal, na poesia de José Bonifacio; o sorriso corrigia o remoque, a ironia polida castigava a furia injuriosa. Seus gritos, não obstante, eram sinceros, tinham raizes na alma atribulada do poeta, que já não estava na idade dos desesperos sentimentaes, e possuia educação bastante practica e larga somma de experiencia para se não deixar vencer pelos artificios poeticos da moda. O exilado de Bordeus amava, na verdade, a sua terra, (1) amava-a tanto, quanto execrava o governo que a dirigia. Americo Elysio não foi um arcade de salão, foi um homem que, seguindo o conselho de Goethe, fez da sua dôr um poema.

De Natividade Saldanha, Vilella Barbosa, e outros que taes, nada se poderá dizer, se não que foram bons versejadores, cujas obras, infelizmente, não chegaram a augmentar, nem mesmo a auxiliar o desenvolvimento da poesia brasileira. As odes de Natividade Saldanha não são inferiores aos "Garimpeiros" de Cunha Barbosa, nem a poesia destes é superior á dos demais aborrecidos parnasophilos que aqui versejaram, com regular abundancia, no principio do seculo XIX.

Na prosa, se exceptuarmos Mont'Alverne Rio, 1784-1858, Rio.) José da Silva Lisboa (Ba-

(1) O que não exclue, de modo algum, seu grande apego á casa dos Braganças e o seu franco desprezo pelo povo da sua propria terra.

hia, 1756-1836, Rio.) Mariano José Pereira da Fonseca (Rio, 1773-1848, Rio.), José Feliciano Fernandes Pinheiro (Santos, 1774-1847, Porto-Alegre.) e Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (Colônia do Sacramento, 1774-1823, Londres), não ficarão um só nome de real valor, entre os que, na oratoria e nos estudos de historia e jurisprudencia, no jornalismo e na politica, se distinguiram nos tempos do primeiro Imperio.

Cabe a Mont'Alverne o serviço de haver introduzido, no Brasil, o estudo da philosophia allema, franceza e ingleza, sem methodo, é verdade, ou melhor, sem penetração, mas com amoroso intuito. Sua eloquencia, facil e magestosa, fez discipulos. Em redor da sua tribuna, ficavam suspensos os ouvintes, que eram multidão, tal a impetuosidade dos seus sermões e o movimento da sua expressão, incorrecta, por vezes, mas sempre varonil. O frade pertencia á escola dos oradores do seculo XVIII: era arrebatado, sonoro e vazio, apesar dos ensinamentos historicos e scientificos com que costumava illustrar os seus empolados discursos. Ninguem, hoje, a não ser por necessidade imprescindivel; ou erudita curiosidade, poderá lê-los, com prazer. Sómente os incontaveis discursadores, que ainda agora enchem as Camaras e as praças publicas, conseguirão colher alguma figura mais barulhenta e gongorica em suas *Obras Oratorias*. Para o commum dos leitores, Mont'Alverne é tão desconhecido como Eusebio de Mattos ou outro qualquer prégador, dos muitos que produzio nossa terra, tão fecunda em palavriado retumbante.

O mesmo não se pode dizer de José da

Silva Lisboa (Visconde de Cayrú), cuja vida é uma grande lição de prudencia, habilidade e sabedoria. Sua obra literaria foi eminentemente politica, isto é, votada aos interesses do paiz, por que lutou durante a dilatada existencia, que se prolonga da ultima metade do seculo XVIII quasi ao fim da primeira do XIX seculo.

Emquanto os poetas e historiadores continuavam a repetir, mais ou menos, na sua ingenua graphomania, as sedições formulas literarias do seculo XVIII, Silva Lisboa inaugurava, na lingua portugueza, os estudos de economia politica e direito mercantil, que os escriptores inglezes e francezes começavam a divulgar. Versado na historia, na philosophia e na jurisprudencia, publicou varias obras, como a *Historia dos principaes successos politicos do Imperio do Brasil* (1818), *Estudos do bem commum e Economia Politica* (1818), *Constituição Moral ou Deveres do Cidadão* (1825), *Causa da Religião e disciplina Ecclesiastica do celibato clerical* (1828), e muitas outras memorias sobre historia, economia, direito, etc.

Para se avaliar a largueza da sua cultura, basta saber que, ao mesmo tempo que terminava as *Observações sobre a franqueza da industria e fabricas do Brasil*, dava inicio a um *Ensaio sobre o estabelecimento dos bancos*. Como escriptor, Silva Lisboa não tem o relevo do pensador. É castigante, apesar de narrar com simplicidade. Não era facil, porém, dada a novidade dos assumptos que elle, pode-se dizer, sosinho quasi, explorava, escrever com a elegancia de um economista moderno. Desconhecendo o publico os problemas que elle procurava resolver, tornava-se necessario, a cada passo, voltar, com esclarecimentos e exem-

plos que illustrassem as suas theses. D'ahi, essa impressão de peso, que produzem, geralmente, os livros do Visconde de Cayrú. Mas quem attentar melhor, verá que o escriptor da *Constituição Moral* tinha a dicção escorreita, sabia apresentar as questões que esplanava, conhecia razoavelmente a lingua e possuia o segredo de familiarizar o leitor com as idéas do autor.

Por suas qualidades intellectuaes e moraes, exerceu Silva Lisboa grande influencia sobre os contemporaneos, dando-lhes, com o exemplo constante, lições de desassombro e intelligencia, tacto e sobriedade.

Mariano José Pereira da Fonseca, ou, melhor, o Marquez de Maricá, é uma das figuras mais sympathicas da phase pré-romantica. Como vimos no capitulo anterior, desde os ultimos annos do XVIII seculo, começou Maricá sua actividade intellectual, quando ainda poetava o derradeiro representante da escola mineira, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, sob as vistas do famoso Conde de Rezende. Pertenceu á *Sociedade Literaria*, dissolvida pelas intrigas do celebre frei Raymundo e outros inimigos do autor do *Glaura*, e soffreu, como este, a prisão e os caprichosos interrogatorios de Antonio Diniz da Cruz e Silva. Suas *Maximas, Pensamentos e Reflexões* publicados entre os annos de 1737 e 1841, foram bem recebidos do publico, e ainda hoje podem ser lidos com certo aprazimento. É um moralista menos penetrante que Vauvenargues e menos elegante que La Rochefoucauld, de quem procurou approximar-se, com evidente inferioridade ⁽¹⁾.

(1) Disse-nos, em carta, o illustre historiador

Sobram, entretanto, algumas observações curiosas, que deviam ter logrado particular estima no seu tempo, pela originalidade do paradoxo, até então perfeitamente inedito em nossa literatura. Aos politicos do momento, como aos de agora, caberiam muitas das suas maximas ferinas como esta, de que se servio para castigar o pernosticismo de alguns velhacos importantes — “Para bem falar, não é o saber que falta a muitas pessoas, mais a protervia e a filaucia da ignorancia”. Reflectindo, talvez, o opportunismo tão peculiar aos estadistas nos paizes novos, ou em vias de reconstrucção politica, disse com propriedade — “mudamos de paixões, mas não vivemos sem ellas”. Era o Marquez de Maricá um espirito observador, meticoloso nas suas analyses, mas sem fulgor. Quando a imaginação era chamada a intervir, perdia o seu pensamento a clareza necessaria, ou, então, ficava expresso de um modo impertinente e ridiculo. A arte subtil do paradoxo não podia, necessariamente, lograr um grande desenvolvimento nas mãos de um tal obreiro, mas o certo é que, muitas vezes, elle é louvavel, e, algumas, perfeito.

José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo) foi historiador de merito. Nos *Annaes da Capitania de S. Pedro*, e nas *Memoorias* deixou o Visconde de S. Leopoldo claro testemunho das suas qualidades, a saber: ponderação, argucia e boa lição dos doutos. Sabe fazer

Capistrano de Abreu que Machado de Assis “contava que o Marquez de Maricá se indignára com um francez por ter este comparado sua obra á de La Rochefoucauld...”

a critica dos factos, com proveito para o estudioso, porquanto não segue, como um Rocha Pitta, o curso deslumbrante da imaginação, porém caminha desassombradamente pelos acontecimentos reaes, mostrando a verdade. ou aquillo que lhe parece ser mais conforme com o succedido. O estilo das suas obras não se recommenda pela amenidade, é antes pedregoso e arido, mas a leitura dellas é de algum interesse.

Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça é o primeiro jornalista consideravel do Brasil. O *Correio Brasiliense*, revista mensal publicada em Londres, nas officinas de Lewis, de 1808 a 1823, revela um alto espirito, de cuja varonilidade cada pagina é um admiravel documento. De par com o publicista, interessado pela agitada politica europea, apparece nessa Revista o patriota arguto e atilado, o amigo da sua terra, o defensor dos seus direitos de autonomia. Hippolyto era um polemista terrivel pela força da sua logica e pelos recursos da sua dialectica, lastreada de forte erudição. Soffreu, por isso, os vexames que os dirigentes portuguezes não costumavam poupar aos espiritos livres nascidos deste lado do Atlantico. Apesar, entretanto, da censura e das perseguições, que lhe eram movidas pelos agentes do *Santo Officio*, o *Correio Brasiliense* insinuava-se por toda parte. Conta-se que até nos aposentos particulares do palacio de S. Christovam, onde estava D. João VI, surgia o desabusado jornal, com aquellas suas diatribes contra os governantes da metropole. Tanto mal fazia a causa portugueza, na America, o *Correio Brasiliense*, que D. João VI mandou fundar na capital ingleza um periodico destinado a combatel-o. Entretanto, o

Investigador Portuguez na Inglaterra nasceu sob máos auspícios, porquanto, em pouco tempo, foi obrigado a calar-se, desaparecendo da circulação.

O papel representado por Hippolyto, na Independencia, ainda não foi devidamente estudado pelos nossos historiadores. Esse homem quasi prodigioso pela tenacidade e pelo valor de seus consecutivos ataques contra Portugal, esse homem que, sósinho, combateu contra uma legião de individuos a soldo dos cofres publicos do Reino, esse homem que venceu todos os obstaculos que se lhe antepunham, merece a maior consideração dos nossos publicistas. Posto vivesse fóra do Brasil, por motivos de ordem politica, sua acção repercutio em nosso meio, com certa efficacia, orientando e coordenando as intenções e as boas vontades que, por aqui, iam apontando com referenciá aos problemas da nossa emancipação ⁽¹⁾.

Finalmente, se ainda citarmos os nomes de Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio (1778-1830), orador; Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca (1779-1825), orador, poeta e jornalista; José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo (1753-1830), historiador e chronista; Luiz Gonçalves dos Santos (1767-1844), historiador; Balthazar da Silva Lisboa (1776-1840), historiador, jurista e naturalista; Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva (1808-1865), historiador; Azeredo Cou-

(1) Sua figura era tão consideravel e prestigiosa, entre os bons patriotas do começo do seculo XIX, que o Governo Provisorio de 1817 o convidou para servir como representante diplomatico da joven republica junto ao Governo Britannico.

tinho (1743-1821) publicista; Antonio Carlos Ribeiro de Andrada (1773-1845) orador e politico; Evaristo Ferreira da Veiga (1799-1837), jornalista; Manoel Ayres do Casal, geographo e chronista valioso, e Antonio de Moraes Silva (1755-1824), lexicographo illustre, teremos apresentado os mais famosos pioneiros do pensamento brasileiro, no periodo que precede immediatamente ao romantismo, sendo que, alguns delles, ainda puderam ver o desenvolvimento da nossa literatura, dentro das novas correntes trazidas pelos Araguaya, Porto-Alegre e Gonçalves Dias.

PERIODO AUTONOMICO

(1830 aos nossos dias)

CAPITULO VIII

O ROMANTISMO

(1830-1870)

A Poesia. — A reforma do ideal classico. — O mal do seculo -Weltschmerz. — As quatro phases do romantismo na literatura brasileira: a) — Gonçalves de Magalhães e a poesia religiosa; b) — Gonçalves Dias e a poesia da natureza; c) — Alvares de Azevedo e a poesia da duvida; d) — Castro Alves e a poesia social. — Poetas menores.

O romantismo, segundo os seus philosophos, os seus criticos e os seus historiadores, representa a victoria do individuo sobre a disciplina moral e intellectual do classicismo, que tranformara a cultura humana, desde o seculo XVI, num jogo de principios invariaveis e regras inflexiveis, dentro dos quaes o espirito se movia com difficuldade, e quasi sem autonomia. Na poesia dominavam as sentenças de Boileau, na moral, a lição da Igreja romana, na politica, as formulas absolutistas, nas sciencias e na philosophia, o empirismo escolastico, e, finalmente, nas artes plasticas, a linha e as proporções do estilo greco-

romano. Os homens vindos do Renascimento estavam, nesse ponto, mais atrasados que os obreiros medievaes, de cujas mãos brotara a maravilha dos monumentos goticos e bysantinos, onde o capricho da imaginação rivaliza com a severidade dos planos architectonicos.

Já no seculo XVII, porém, depois da *duvida cartesiana* e da inquietação interior de Pascal, onde se abeberaram todas as gerações de pensadores allemães, como Wieland, Herder, Kant e Novalis; inglezes, como Locke, Shaftesbury e Hobbes, e francezes, como De Maistre e os proprios encyclopedistas, a formação de um ideal novo se accusava nitidamente. A intelligencia appareceu deante da fé, as idéas surgiram em face dos dogmas. Os homens sentiram, então, abalados os fundamentos das suas crenças mais enraizadas, das suas certezas mais indiscutíveis.

Em França, o seculo XVIII correu, assim, entre o fragor das reconstrucções e o clamor das ultimas resistencias contra a onda ameaçadora, que refervia, empolada, sobre as velhas concepções do Estado e da sociedade, entre o sorriso sceptico de Voltaire e o bucolismo ingenuo de Rousseau. A revolta contra os systemas de Governo, incapazes de satisfazer os desejos cada vez mais crescentes e angustiosos da multidão, provocou, em Inglaterra, a febre das investigações historicas e dos estudos economicos, pondo em fóco os trabalhos e os nomes de Hume, Adam Smith, Bentham, Gibbon, e muitos outros; na Allemanha, á sombra dos louros de Frederico, e grupados em redor de Bodmer, alguns reformadores se levantaram. Klopstock, Schiller e Goethe libertam a poesia dos modelos

da antiguidade classica; Lessing e Winckelmann lançam as bases da literatura comparada e da philosophia da esthetica; Humboldt, Savigny, Niebuhr desenvolvem o criticismo historico, penetrando a alma dos povos através das suas instituições politicas e religiosas; Schlegel mostra a importancia do "folk-lore" na evolução do pensamento humano.

O movimento que se operava na mysteriosa Germania não teve, entretanto, immediata repercussão, porquanto, de 1789 e 1811, todas as forças intellectuaes do mundo estiveram voltadas primeiro para a sangueira revolucionaria, que determinou uma verdadeira nevrose na Europa, transformando cada alma em uma fogueira crepitante e anciosa, e depois para as chammas da epopeia napoleonica, aonde convergiram, em turbilhão, todas as paixões desenfreiadas e terribes, que a Idade-Média comprimira sob as torres de pedra das cathedraes, e a Renascença distrahira nos sarãos galantes de Lourenço, o Magnifico, e Francisco I.º.

Reserenados os animos, repostas as cousas nos seus eixos, um sentimento penetrante de melancolia invadio todos os corações. Os homens ainda continuavam a soffrer, embora tanto houvessem lutado para conquistar a suspirada tranquillidade que os demagogos da deusa Razão lhes tinham offerecido do alto das suas tribunas improvisadas; a fé, quasi apagada, não lhes dou-rava, como dantes, os calculos fantasistas de repouso e felicidade; a sciencia tornara-se ainda mais cheia de incognitas insoluveis, e a philosophia cada vez mais negativista e menos finalista do que nunca.

Emquanto as velhas nações febrilmente se reorganizavam, curando-se das feridas abertas pelas guerras do começo do seculo XIX, que fazia o povo? Por toda parte se ouvia uma queixa immensa, e a duvida ganhava assustadoramente as intelligencias, como se ella fosse uma nova religião revelada, capaz, por si só, de salvar a humanidade vacillante. É o momento de Werther. Werther triumphá; nelle, está o typo ideal da creatura, suas idéas, aliás muito limitadas, são as preferidas de todos, sua sensibilidade, enormemente morbida, é o padrão da sensibilidade do momento. Uma indecisa religiosidade, a attração pelos aspectos dolentes da natureza, pelos crepusculos silenciosos e pelas ruinas verdejantes e tranquillias, uma vaga piedade por todas as miserias da terra e, ao mesmo tempo, um descontentamento permanente de tudo quanto existe, assim como uma constante exaltação pelo desconhecido e pelos grandes sacrificios e heroismos, eis os traços definitivos do character romantico.

A poesia descriptiva e fria de Delille e o romance de Voltaire, perverso e indifferente, não interessavam mais; era mister um pouco de sombra e de penumbra mortal para servir de ambiente á alma dos homens ephemeros. A intriga picante dos livros meridionaes, das novellas de Bocaccio e das obscenas historietas do Aretino foi posta á margem. O *Decamerone* e os *Ragionamenti* foram substituidos pelos guerreiros de Ossian e de Walter Scott, pelas figuras fabulosas de Shakespeare e da mythologia nordica. A radiosa cabeça de Zeus transformou-se na enigmatica mascara de Odin, emquanto um christianismo novo, mesclado de liberdade e sujeição,

vinha preencher o lugar do rigido catholicismo romano. Os *Martyres*, de Chateaubriand, empanaram a fama da *Imitação*, de Kempis.

A vida era, por definição e fundamento, triste, irreparavelmente triste. Nem a loucura ambiciosa de Fausto poderia suspender, por um instante sequer, a irremediavel velhice dolorosa de todas as cousas. O Manfredo, de Byron, e o René, de Chateaubriand seguiram o caminho traçado por Werther. Era o *Weltschmerz*, ou mal do seculo, que, livremente, imperava sobre o mundo, mergulhado num fatalismo desesperador. A imaginação pretendeu resolver, então, aquillo tudo que o raciocinio, antes, tentara inutilmente ordenar e compor. D'ahi, uma certa confusão notavel entre os sectarios das novas doutrinas, cada qual levado pela fantasia a baralhar as proprias inclinações com a verdade inteira dos factos.

Assim, de um lado, encontramos Mme. de Staël definindo o romantismo como o resultado da combinação entre a poesia cavalheirosa da média-idade e as legendas pagãs e christãs, e Stendhal affirmando, superficialmente, que "o romanticismo" é a arte de apresentar aos povos as obras literarias que, no estado presente dos seus habitos e crenças, são susceptiveis de lhes dar a maior somma de prazer possivel; de outro, vemos Hugo declarando, com aquella sua maneira autoritaria e altisonante, que o romantismo procura a realização da belleza, misturando o sublime e o grotesco, o céu e o inferno, o sorriso e a lagrima. Taes conceitos, falhos e imprecisos, deixam ver claramente que a theoria individualista era a vencedora. Todos os caprichos eram sagrados, todas as extravagancias aceita-

veis, desde que se respeitasse sómente o principio do abandono ostensivo do ideal classico. A intelligencia não dependia mais das regras que lhe impunha o rigorismo de um ambiente formalista e conservador, o autor estava livre da vontade do publico, ou melhor, obrigava o publico a pensar comsigo, a ter as suas opiniões e o seu gosto, a adoptar, em summa, a sua propria individualidade.

Por que tenazes impertinentes e atrevidas passariam, no seculo de Racine, mesmo no de La Harpe, a ironia petulante de Heine e os alexandrinos desarticulados de Hugo? Á sombra dos deuses gregos não adormeciam mais os espiritos irrequietos; os caminhos de Eleusis eram varios, pois bruxoleava, agora, em cada coração, a luz de um amor independente e, em cada mentalidade, o clarão de um pensamento desordenado e livre. A arte não estava mais adstricta áquellas regras immutaveis, tão queridas de Ronsard e Malherbe, e, como no tempo da decadencia grega, o homem tornara-se, mais uma vez, “a medida de todas as cousas”.

Cabe ao genio germanico, incontestavelmente, a prioridade de tal movimento. Foi elle que, pela voz de Goethe, proclamou: — Evitai tudo quanto vos é estranho, não deveis admittir nada que seja contrario ao vosso sêr. — E foi exactamente assim que procederam todos os românticos, de Walter Scott a Sand, de Byron a Benjamin Constant, de Schiller a Lamartine, de Leopardi a Vigny, de Shelley a Musset. Uma nova força estava em jogo, uma divindade differente se affirmava deante do antigo Deus, com as suas prerogativas e os seus direitos, com as suas am-

bições e as suas idiosyncrasias: a alma humana, a velha alma humana, agora impetuosa e torturada, rejuvenescida pelo ideal e pela dôr.

GONÇALVES DE MAGALHÃES (1811-1822) E A POESIA RELIGIOSA

Desde a Independencia começou a crescer, como era natural, um sentimento de patriotico optimismo entre os mais atilados espiritos que aqui se faziam ouvir e admirar. Não havendo ainda uma especialização de funcções que proporcionasse ao estadista apenas a oportunidade de exercer simplesmente a politica, ao homem de letras o convivio exclusivo dos livros e ao artista a posse plena da arte, não era raro apparecerem individuos, como José Bonifacio ou Mont' Alverne, onde se confundiam as mais varias qualidades, as mais versateis aptidões. Taes individuos são como que os precusores da consciencia nacional, aquelles em quem se reflectem as multiplas tendencias e os differentes valores intellectuaes e moraes, caracteristicos futuros da raça em formação.

Entre os nossos ultimos classicos, que, com Souza Caldas e José Bonifacio, já apresentam certas notas divergentes dos processos puramente arcades, e os primeiros romanticos, como Gonçalves de Magalhães e Porto Alegre, surgiram alguns poetas, cuja operosidade se manifestou particularmente em revistas e jornaes, onde se observam singularidades typicas de sentimento e forma, que seriam depois muito coroaveis aos pioneiros da poesia brasileira, de 1836 em diante.

São estes os poetas que Sylvio Romero filiou ao grupo de *transição*, dos quaes os de maior relevo foram: Maciel Monteiro (1804-1868), autor de um punhado de sonetos de agradável sabor lirico, ligeiramente sensuaes, e muito apreciados no tempo ; Odorico Mendes (1799-1868), traductor das obras de Homero e Vergilio, e grande conhecedor das literaturas classicas, das quaes sabia tratar com erudita elegancia, e Salomé Queiroga (1810-1878), que escreveu muitas composições de um leve bucolismo, no genero das de Gonçalves Dias.

Nem um delles, entretanto, teve a importancia de José Domingos Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaya). Se não foi elle o vulto mais notavel do primeiro romantismo brasileiro, cuja mais alta eminencia é Gonçalves Dias, não se lhe pode negar, sem grave injustiça, o primordial impulso para esse movimento. Estreiado em 1832, com um livro mediocre, *Poesias*, onde perduravam ainda as influencias da corrente classica, manteve-se em prudente silencio até 1836, quando publicou, em Paris os *Suspiros Poeticos e Saudades*. Data deste volume, por muitos modos, a apparição de uma nova poesia no Brasil. Os criticos mais atilados, os menos inclinados á lisonja, tão facil nos primeiros annos da nossa vida de paiz independente, reconheceram na obra nascente a marca de uma completa reforma, no tocante aos processos usuaes da poetica sagrada e consagrada pelos distribuidores da fama.

Sales Torres-Homem, espirito acatadissimo na epoca, saudou o livro de Magalhães com palavras cheias de alvoroço, procurando firmar-lhe os creditos de precursor e iniciador de um senti-

mento inedito de arte entre nós. "Esta produção, diz elle, de um novo genero é destinada a abrir uma era á poesia brasileira. Permitta Deus que ella não fique solitaria no meio da nossa litteratura..." (1). Nos seus extremos de admiração, o critico derrama louvores com prodigalidade comparavel sómente á opinião em que era tido aqui o poeta. Magalhães, para os nossos jacobinos, era quasi um deus, alguma cousa de sobrehumano, digno de figurar, sem desdouro, ao lado dos maiores creadores.

Reflectindo tal entusiasmo, Torres-Homem não se peja de assegurar patrioticamente, no citado artigo, onde aliás já se insinuam commentarios ferinos aos nossos habitos de intriga e camaradagem, a proclamada genialidade do Visconde de Araguaya. "Mas eis que um joven poeta da nova escola, nascido debaixo do céu pomposo do Rio de Janeiro, ardente de futuro e de gloria, com a cabeça repleta de harmonias e o coração pesado de nobres emoções acaba de relevar a pobreza da nossa litteratura com um volume admiravel de poesia. Profundo sentimento dos segredos do gosto, o qual é o bom senso do genio, sentimento bem raro nas produções da mocidade, levada sempre para o grandioso extravagante; riqueza, variedade, e excellente concepção de imagens, que imprimem um effeito magico á doce melancolia do poeta; perfume e unção religiosa espalhada sobre as scenas da natureza; elevação dos pensamentos philosophicos, inspirados pela

(1) Artigo publicado na *Nictheroy* (Revista Brasileira). Paris 1836.

escola idealista allemã, e pelas doutrinas do christianismo; pureza e pompa de versificação; taes são em resumo os meritos dos *Suspiros Poeticos* do Sr. Magalhães”.

Agora, que são passados tantos annos, não é licito ao observador imparcial reprovar o exagero e a paixão que cercaram os poemas emphaticos de Araguaya. Elles vinham affirmar aos nossos patriotas vermelhos da primeira hora, aos contemporaneos da Independencia, que o impertinente e ostensivo desdém dos intellectuaes do Reino, era simplesmente o enfezado fruto do despeito da attitude de Pedro I, arrancando a Portugal essa porção de terras ricas e rendosas; elles vinham affirmar, ainda, nossa capacidade litteraria, posta em duvida por alguns teimosos emboabas. Junte-se a tudo isto a eloquencia propria da poesia de Magalhães, muito sensivel ao coração das raças neo-latinas, ou que outro nome tenham, e muito facilmente se explicará o ruidoso successo dos *Suspiros Poeticos*.

A novidade de tal poesia não estava no calor do sentimento patriotico, pois, desde a escola mineira, e porventura ainda mais longe, com Gregorio de Mattos e Rocha Pitta, muitas vozes nativistas ecoaram aqui; não estava tambem no sainete religioso, já distincto em Souza Caldas, mas na intima expressão de ambos, com a predominancia ora de um, ora de outro.

A forma tambem se apresenta mais variada, complica-se mais, apesar de guardar ainda um caracteristico sabor classico, muito do agrado de Magalhães. A “Invocação ao Anjo da Poesia” define perfeitamente as tendencias do poeta:

Castas Virgens da Grecia,
Que os sacros bosques habitais do Pindo !
Oh ! Numes tão fagueiros,
Que o berço me embalastes
Com risos lisongeiros,
Assás a infancia minha fascinastes.
Guardai os louros vossos,
Guardai-os, sim, qu'eu hoje os renuncio.
Adeus, ficções de Homero !
Deixai, deixai minha alma
Em seus novos delirios engolfar-se,
Sonhar co'as terras do seu patrio Rio.
Só de suspiros corôar-me quero,
De saudades, de ramos de cypreste;
E um cantico formar co'os meus suspiros.

.....

Já nova Musa
Meu canto inspira;
Não mais empunho
Profana lira.

Minha alma, imita
A Natureza;
Quem vencer pode
Sua belleza ?

De dia, e noite
Louva o Senhor;
Canta os prodigios
Do Creador.

Mostram-se aqui os factores primordiaes da sua inspiração, isto é, a natureza, a patria e a religião. Esta ultima, entretanto, é-lhe uma preocupação constante e inadiavel. Sua alma

..... que geme, e que murmura,
Como um organ no templo solitario,

não se contenta com a belleza terrena, busca sempre a divina, aquella que está por toda parte, e por quem a vida é santificada e vale o minuto de soffrimento que o homem passa neste mundo. Toda a sua obra repousa neste conceito:

A Humanidade marcha — e Deus a guia

Onde quer que estivesse, na cathedral de Milão ou nas Tuilerias, entre as ruinas de Roma ou nas lagunas de Veneza, porque Magalhães foi grande amigo de passeios e viagens, seu primeiro pensamento era para Deus. Não se comprazia em admirar a maravilha da natureza sem louvar a do creador, que a fizera tão perfeita. Sua concepção da historia era toda theologica, se assim podemos dizer. Para elle, os povos giravam dentro da lei santa, como o incenso entre as naves da Igreja. Todas as grandezas da terra eram puro reflexo do poder divino.

Santa Religião, amor divino,
Que beneficios sobre a terra espalhas !

A intelligencia devia ser respeitada como a mais transcendente dadia do céu:

— Qual para o mundo
Entre os astros o sol mais claro brilha,
E aos outros astros sua luz envia,
Deus o genio accendeu entre mil almas,
Para ser o fanal da humanidade.

A harmonia universal dependia da vontade exclusiva do Eterno:

Obreiro do Senhor, eia, trabalha,
Sem descanso, trabalha dia, e noite;
Que teu Deus não repousa um só instante,
Para a ordem manter de tantos mundos.
Ah si elle um só minuto repousasse,
Que seria de ti, deste Universo ?

Embora se mostrasse tão sereno, tão intimamente ligado ás doçuras do credo christão, tinha, por vezes, e sem razão apparente, crises de desalento, explicaveis sómente por duvidas imaginarias, porquanto, Magalhães era, tanto pelo temperamento como pela educação, um mystico optimista. Ao demais não lhe occorreram na existencia farta e socegada, certas circumstancias capazes de lhe modificarem os pendores instinctivos, que iam todos para a fé tranquilla que trouxera do berço e dos primeiros annos de juventudo. Eis por que lhe aparecem nos cantos, frequentemente, notas assim:

A sorte choremos
Que avessa nos é;
Mas não blasphememos,
Vivamos co'a Fé.

Sua obra de prosador já não é tão significativa como a de poeta. Magalhães não deixou, como critico de philosophia ou dramaturgo, nada que mereça justamente maior attenção. A tragedia *Antonio José*, máo grado certas qualidades scenicas e alguns versos notaveis, é um magro producto da cultura classica. Os *Opusculos historicos e literarios* e os *Factos do Espirito Humano* revelam apenas o brilho de um espirito curioso, forrado de um eclectismo superficial e

facil, onde os recursos da eloquencia resolvem, a cada passo, os problemas que o raciocinio deixou por insoluveis. É, neste ponto, um continuador da tradição de Mont'Alverne, não só pela falta de systematização da sua cultura, mas tambem pela carencia absoluta de intuição philosophica. Para Magalhães, os problemas metaphysicos ainda se discutiam com a volubilidade de um Fontenelle, ou o lirismo de um Rousseau.

Se ainda citarmos a *Confederação dos Tamoyos*, publicada em 1856, sob a influencia disfarçada de Gonçalves Dias, que foi o verdadeiro creador do indianismo, a *Urania* e os *Mysterios* e *Canticos Funebres* estarão nomeadas as principaes producções de Magalhães.

Resumindo as nossas considerações sobre o autor dos *Suspiros Poeticos*, pensamos que elle influio na poesia nacional: 1.º — porque lhe deu mais liberdade, maior movimento de rythmos e mais fantasia nos assumptos; 2.º — porque lhe introduzio um alto character religioso e patriotico, largo e eloquente.

Conjuntamente com José Domingos Gonçalves de Magalhães surgiram varios poetas e escriptores, cujos principaes são Porto-Alegre, Teixeira e Souza, Pereira da Silva, Varnhagen e Norberto da Silva, sem falar em Gonçalves Dias, que não pertence mais exclusivamente ao primeiro momento do romantismo, pois sua obra representa um elemento novo em nossa literatura.

A não ser Porto-Alegre (1806-1879), todos os outros são mais consideraveis como prosadores, nas suas differentes modalidades de criticos, romancistas e historiadores, do que propriamente como poetas. Os versos de Varnhagen ou

Norberto são de mediocre valor, revelam apenas um trabalho de experimentação fria e calculada. Não se mostram melhores porventura os de Teixeira e Souza e Pereira da Silva. Sua acção, como poetas, é nulla nas letras brasileiras.

O mesmo não se pode dizer de Porto-Alegre. Elle foi um verdadeiro precursor do movimento romantico, pois, desde 1835, ao publicar o poema *A voz da Natureza*, deixou admiravel testemunha da sua capacidade de versejar livre dos preconceitos classicos, dentro de moldes inéditos de forma e pensamento, nada communs no seu tempo. Nas composições que escreveu durante a mocidade, reunidas mais tarde em volume (1863), sob o titulo de *Brasilianas*, apesar de muitas indecisões de estilo e dicção, nota-se logo aquella preocupação religiosa e patriotica, distincta em Magalhães e nos seus emulos.

A obra mestra de Porto-Alegre é o poema *Colombo*, publicado em 1866, ao cabo de longos annos de paciente e erudito labor. Suas qualidades de descriptivo dão o melhor realce aos quarenta cantos dessa epopeia, onde a emphase de máo gosto corre de par com o desenho de muitos quadros pitorescos e de agradável leitura. A eloquencia vasia, o exagero e a superabundancia de imagens e tropos prejudicam-lhe sensivelmente a sobriedade e elegancia da linguagem. Não se lhe pode negar, entretanto, uma forte imaginação, largamente servida por uma variada cultura. No trecho abaixo transcripto ver-se-á confirmado o nosso juizo a respeito do poeta:

No regio acampamento o afan redobra:
Preliba a festa a marcial phalange

Aprestando mil jogos. Sobre carros
Rolam selvas dos flancos das montanhas,
E os tardos e os férvidos cavallos
Movem acervos de pesados troncos.
Rangem as serras, os machados talham,
Cava-se o chão, e os artefactos sobem.
No regaço gentil, nas mãos mimosas
Das felizes donzellas se engrinaldam
Odores flores e laureis virentes;
E em seus dedos a agulha industriosa
Nos pendões e divisas emblemava
Com empenho amoroso imos arcanos.
Séricas tendas, pavilhões heraldicos.
No ar tremulam as douradas franjas.
Ascendentes palanques contorneam
O precinto faustoso da estacada,
Que o arauto firmara em torno á liça,
Onde em breve travando as aureas lanças,
Ha de em peito amoroso, em destros jogos,
Turba heroica ostentar valor, e arte.
Domina a teia o cadafalso regio,
Adornado de telas brazonadas,
Que feitos e victorias preconizam
Dessa prole de heróes á cruz votada,
Que o crescente eclipsou co'a dextra invicta !

Com essa profusão de tintas, com esse tumulto de impressões rapidas e successivas, onde o espirito se perde, attonito, no meio de uma selva de palavras estranhas e imprevistas, é que Porto-Alegre, á maneira de Odorico Mendes, costumava pintar os seus paineis. Sua poesia, ni-miamente objectiva, cansa a attenção, e não proporciona ao leitor aquella intimidade de confidencia carinhosa ou dolente, que é o segredo de Gonçalves Dias e da geração de Alvares de Azevedo e Casimiro de Abreu.

Porto-Alegre, ainda mais do que Magalhães, era um temperamento exuberante; suas melan-

colias não tinham existencia real, eram fruto da imaginação colorida e alentada, que não sabia traduzir as suas dores fantasticas sem o estridor e o ribombo de um palavriado impertinente e espectacular. Ainda assim, merece mais consideração do que geralmente lhe dispensam os nossos displicentes e apressados criticos...

GONÇALVES DIAS (1823-1864) E A POESIA DA NATUREZA

O pantheismo de Gonçalves Dias não tem a exaltação do de Victor-Hugo, é, antes, como o de Lamartine e Keats, resignado e nostalgico. O cantor de Marabá não veria, como o poeta das *Contemplações*, "alongar-se até ás estrellas o gesto augusto do sementeador", mas, muito ao contrario, acharia nelle um motivo de tristeza: tristeza ante a dôr da terra, ferida em dia pelas futuras raizes brotadas da semente, tristeza ante a miseria do homem rude que plantava, soffrendo, o grão que seria mais tarde o pão dourado na meza do homem feliz...

O sentimento da natureza, mercê do sangue que lhe corria as veias, e onde se cruzavam as tendencias das tres raças productoras do mestiço brasileiro, não lhe rebentava da alma como um motivo de gloria ou esplendor. O indio, que elle celebrizou nos *Tymbiras*, na *Canção do Tamoyo* ou no *Y-Yuca Pyrama*, o africano, que elle chorou e lastimou na *Escrava*, e o portuguez, que elle cantou nas lendas guerreiras e christãs das *Sextilhas de Frei Antão*, estavam em perenne conflicto dentro do seu maguado e sensível cora-

ção. Esse conflicto define a physionomia intima da sua psyche, sempre em luta com os varios elementos que entraram na formação do seu temperamento, ora tumultuoso, ora sereno, já perdido nas harmonias dos ritos selvagens, já enlevados na maravilha dos ambientes naturaes.

Foi elle, sem duvida, a primeira voz definitiva da nossa poesia, aquelle que nos integrou na propria consciencia nacional, que nos deu a oportunidade venturosa do olharmos, rosto a rosto, nossos scenarios physicos e moraes. Nesse homem pouco vulgar palpita com inegalavel intensidade a luz de nossos horizontes, a limpidez de nossos céos e o sonoro fragor de nossos rumorosos rios. Foi Gonçalves Dias como uma dessas arvores da floresta tropical, onde a belleza das flores se mistura ao perfume dos frutos, ao colorido das folhas, ao canto dos passaros e á surdina musical dos ventos, num equilibrado concerto de correspondencias imprevistas. Não se veja aqui apenas um amontoado de phrases rasas, onde o critico procura, ás vezes, esconder a inopia dos argumentos e a falta de penetração da sua capacidade de observação. Taes conceitos auxiliam o estudo da sua personalidade, pondo em relevo as qualidades que lhe são fundamentaes. Ninguem, até Gonçalves Dias, mostrara em tão elevado gráo essa comprehensão da natureza, esse conhecimento profundo e claro do seu papel na poesia. Magalhães e Porto-Alegre ainda se utilizavam, frequentemente, do arsenal classico para reproduzil-a; Souza Caldas, Silva Alvarenga e os arcades mineiros, com excepção de Basilio, empregaram, por via de regra, os cacoetes mythologicos do repertorio greco-ro-

mano. Nem um soube fixal-a com a agudeza do poeta maranhense, nem um lhe penetrou os segredos com tanto desembaraço, nem um lhe arrancou do seio, para os versos, a luminosa imagem castiça e leve, com que ella surge nos de Gonçalves Dias. Na Introduccão dos Tymbiras, obra que revê particularmente as idéas do artista, disse-nos elle:

Quem quer que a natureza estima e preza,
E gosta ouvir as empoladas vagas
Bater gemendo as cavas penedias,
E o negro bosque sussurrando ao longe —
Escute-me — Cantor modesto e humilde,
A fronte não cingi de myrto e louro,
Antes de verde rama engrinaldei-a,
D'agrestes flores enfeitando a lyra;
Não me assentei nos cimos do Parnaso,
Nem vi correr a lympha da Castalia.
Cantor das selvas, entre breves mattas
Aspero tronco da palmeira escolho.
Unido a elle soltarei meu canto,
Emquanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos encontrados leques.

Ha por toda a sua obra, acompanhando os accentos de bucolico lirismo, ou as notas religiosas, ou ainda as puramente descriptivas, um grande sopro de pantheismo, um permanente idyllo com a natureza, de que elle era um eterno enamorado. Não se lhe percebem as ruidosas proclamações patrioticas dos românticos da primeira hora:

A patria é onde quer que a vida temos
Sem pensar e sem dor;
Onde rostos amigos nos rodeiam,
Onde temos amor;

Onde vozes amigas nos consolam,
Na nossa desventura,
Onde alguns olhos chorarão doridos
Na erma sepultura.

Não se lhe descobrem, também, as fastidiosas tiradas sobre a immortalidade da alma, a existencia de Deus, a perfeição da Igreja, e outras quejandas divagações, muito estimadas do autor dos Canticos Funebres e dos seus epigonos. Se, ás vezes, se detém a meditar sobre a fuga das cousas, como em *Urge o Tempo*, ou em *Velhice e Mocidade*; se, porventura, ensaia algumas considerações sobre a inanidade do mundo, como em *A Historia*, ou em *Miserrimas*, onde chega a negar a amisade e o amor, dois sentimentos que elle tanto enalteceu nos seus poemas, não se demora, porém, na meia sombra dessas cogitações, volta para a luz, sae para o ar livre, tranquillo e refeito do tormento passageiro. Ou, então, exclama, entre consolado e insatisfeito:

Que me resta na terra? — Estas flores,
Afiadas do sopro da brisa,
Disputando do sol os fulgores,
Balançadas no debil hastil;
Estas fontes de prata, que frisa
Brando vento, — estas nuvens brilhantes,
Estas selvas sem fim, sussurrantes,
Estes céos do gigante Brasil.

Esta é a sua feição primordial, e é como poeta da natureza que Gonçalves Dias deverá ser estudado, sem o que, não conseguiremos apanhar-lhe a physionomia interior. O indianismo não foi mais que um resultado das suas inclinações, pois, elle se aproveitou da vida selvagem

para poder mostrar, em toda a sua pujança, a luxuriante e colorida terra brasileira.

Além de extensa cultura, possuía Gonçalves Dias um estilo agile e vivo, ora meigo, ora arrebatado, mas sempre lidimo, translucido e corrente. Suas imagens são espontaneas, apparecem á flor dos versos, sem esforço, naturalmente, como que para preencher o lugar que lhes estava marcado na estrophe. O fino gosto com que sabia vestir suas composições dá-lhe uma certa semelhança com os imitadores de Th. Gautier, tão abundantes em nossas letras. Quem não pensará insensivelmente, lendo as quadras *infra* citadas, na arte de muito poeta contemporaneo ?

Sonhas talvez nas orlas do occidente,
De um regato sentada á branda margem,
Ver surgir de repente
De uma cidade a caprichosa imagem !

Soberbas construcções fantasiando,
Vês agulhas subtis, cortando os céos,
E a luz do sol doirando
Rutilos tectos, altos corucheos.

Sonhas talvez palacios encantados,
Espaçosos jardins, fontes de prata,
Vergeis de sombra grata,
Onde a alma folga, isenta de cuidados.

A linha simples e harmoniosa destes versos não deixa duvidas sobre a justa influencia de seu autor em uma literatura que, antes d'elle, oscilava entre a patacoada arcade-gongorica de Garção e Claudio, e o bombastico furor de Magalhães e Porto-Alegre.

ALVARES DE AZEVEDO (1831-1852)
E A POESIA DA DUVIDA

Com Alvares de Azevedo, Laurindo Rabello, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella, e um sem numero de poetas menores, tomou a nossa poesia rumo differente e matiz novo. A *Lira dos Vinte Annos*, de Alvares de Azevedo, trouxe ás nossas letras o amargor ironico de Byron, a melancolia de Musset, a inquietação de Shelley e Spronceda, e o pessimismo imaginativo de Leopardi. Os aspectos ruins da vida, os vicios de toda especie, a attração pela carne, o desejo lubrico e desvairado irromperam de todas as almas, como se a nossa poesia estivesse entregue, momentaneamente, a angustiosos hystericos. Essa particularidade da clinica psychiatrica, que os alienistas allemães denominaram *Wille zur Krankheit*, isto é, a vontade da doença, foi o traço predominante na esthetica de Alvares de Azevedo e de seus incontaveis epigonos.

Concorria para aggravar o mal, não só a novidade seductura dos cantos, mas tambem a morbidez ingenita dos cantores. Uns, por doenças physicas, outros, por soffrimentos moraes, o certo é que todos aquelles cinco progonos acima referidos, mostram-se fracos e desalentados deante da vida, sem energias para o rude combate do mundo em que viveram, reagindo apenas com imprecações e ameaças, sorrisos e suspiros contra a onda temerosa que os arrastava no seu

turbilhão. Em todos elles havia traços fundos de parentesco moral, não sómente na sensibilidade, que tinham afinada ao mais alto gráo, mas ainda na concepção propriamente litteraria da obra de arte.

Até bem poucos annos eram elles, com Castro Alves e Gonçalves Dias, os poetas mais lidos e estimados no Brasil. Para uma raça triste, qual a nossa, é a duvida contemplativa o melhor e mais saboroso alimento. Alvares de Azevedo quiz viver as ficções de que estava imbuído o seu espirito: tentou realizar as aventuras do D. Juan, de Byron, e os romances sentimentaes de Musset. Suas leituras encontradas e tumultuosas provocavam-lhe uma formidavel indecisão, como o prova este fragmento das *Idéas Intimas*, onde se debate o poeta entre as garras de mil influencias diversas, incapaz de cumprir um destino certo e proveitoso:

Ossian — o bardo, é triste como a sombra
Que seus cantos povôa. O Lamartine
É monotono e bello como a noite,
Como a lua no mar e o som das ondas...
Que pranteiam eternas monodias.
Tem na lira do genio uma só corda.
— Fibra de amor e Deus que um sopro agita !
Se pranteia por Deus... de amor suspira.
Basta de Shakespeare. Vem tu agora,
Phantastico allemão, poeta ardente,
Que illumina o clarão das gottas pallidas
Do pobre Johannisberg ! Nos teus romances
Meu coração deleita-se... Comtudo,
Parece-me que vou perdendo o gosto,
Vou ficando *blasé*: passeio os dias
Pelo meu corredor, sem companheiro,
Sem ler, nem poetar... Vivo fumando.

Minha casa não tem menores nevoas
 Que as deste céu d'inverno... Solitario
 Passo as noites aqui e os dias longos...
 Dei-me agora ao charuto em corpo e alma;
 Debalde ali de um canto, um beijo implora,
 Como a belleza que o sultão despreza,
 Meu cachimbo allemão abandonado!
 Não passeio a cavallo, e não namoro,
 Odeio o *lasquet*... Palavra d'honra!
 Se assim me continuam por dois mezes
 Os diabos azues nos frouxos membros
 Dou na Praia Vermelha ou no Parnaso!

A asa de Heine roçou certamente por estes versos. Ha aqui um quasi delirio, onde a vida real e a fantasia se misturam, e onde as creações do sonho contrastam com o inesperado *humor* de uma intelligencia que se observa a si mesma, e que não deixa voar muito longe o pensamento irrequieto. A ironia corrige a blasphemia, o sarcasmo castiga o excesso do coração. É que Alvares de Azevedo, a par de um grave sentimento das cousas, tinha uma alma de vinte annos. Suas queixas são, ao mesmo tempo, ficticias e verdadeiras. Elle soffria do *mal do seculo*, foi o primeiro que nol-o mostrou em toda a sua plenitude. E estava tão perto da nossa mentalidade que, além de ter sido amado e imitado como ninguem jámais o fôra, ainda agora se prolonga a sua penetrante influencia. Ainda agora muita gente dirá, certa da sua profunda originalidade e estranheza, que:

O mundo é lodaçal, é leite infecto,
 E a turba é sempre a que se rio do Tasso!

Das suas theorias literarias é o *Poema do Frade*, mescla disparatada de formosos atrevi-

mentos e audaciosas extravagancias, documento profundo e admiravel. Vejamos como elle considerava o mecanismo exterior da poesia:

Frouxo o verso talvez, pallida a rima
 Por estes meus delirios cambeteia,
 Porém odeio o pó que deixa a lima
 E o tedioso emendar que gela a veia !
 Quanto a mim... é o fogo quem anima
 De uma estancia o calor: quando formei-a
 Se a estatua não sahiu como pretendo,
 Quebro-a, mas nunca seu metal emendo.

Alvares de Azevedo fala tanto mal da rima quanto Verlaine, que a descrevia como

.....un bijou d'un sou
 Qui sonne faux et creux sous la lime.

Suas preferencias não eram propriamente as de um *rapaz honesto*, bom burguez, methodico e nedio. Ouçamol-o:

Meu heróe é um moço preguiçoso
 Que viveu e bebia porventura
 Como vós meu leitor; se era formoso
 Ao certo não o sei. Em mesa impura
 Esgotara com labio fervoroso
 Como vós e como eu a taça escura...
 Era pallido sim... mas não d'estudo:
 No mais... era um devasso e disse tudo !

Referindo-se ás qualidades do *seu* heróe, commenta acrimoniosamente a facundia dos poetastros que, desde aquella epoca, se tinham por genios authenticos:

Dizer que era poeta — é cousa velha:
 No seculo da luz assim é todo
 O que heroe de novellas assemelha,
 —Vemos agora a poesia a rodo!—

Nem ha nos botequins face vermelha,
 Amarello caixeiro, alma de lodo,
 Nem Bocage d'esquina, vate immundo,
 Que não se creia um Dante vagabundo!

O meu não era assim: não se imprimia,
 Nem versos no theatro declamava!
 Só quando o fogo do licor corria
 Da frente no pallor que avermelhava,
 Com as convulsas mãos a taça enchia...

.....

Não se lançava nas plebéas lutas,
 Nem nas phalanges do passado herdeiras,
 No turbilhão das multidões hirsutas,
 Não se enlaivou da patria nas sangueiras,
 Nem da praça no pó de vis disputas!
 Sonhava sim, em tradições guerreiras,
 Nos canticos do bardo sublimado...
 E nas epicas sombras do passado.

Ainda hoje continúa, em menor escala é verdade, a sua influencia; através das formulas pomposas do modernismo, que ama os rotulos e os systemas, reponta muitas vezes a duvida ironica, ou a fantasia colorida de Alvares de Azevedo. No *Spleen e Charutos*, por exemplo, ha muitas notas que resoaram mais tarde, sob variados disfarces, em dezenas de outras composições. Vejamos esta rapida impressão:

É bello d'entre as cinzas ver ardendo
 Nas mãos do fumador um bom cigarro,
 Sentir o fumo em nevoas recendendo...

Do cachimbo allemão no louro barro
 Ver a chamma vermelha estremecendo
 E até... perdoem... respirar-lhe o sarro!
 Porém o que ha mais doce n'esta vida,

O que das maguas desvanece o luto
 E dá som a uma alma empobrecida,
 Palavra d'honra! és tu, ó meu charuto!

No *Meu Sonho*, em que o poeta dialoga com um phantasma, apparecem tambem alguns dos motivos mais explorados pelos pretensos decadentes, que, com Cruz e Souza, tiveram a ingenuidade de suppor que estavam abrindo novas estradas á poesia nacional:

Cavalleiro das armas escuras
 Onde vais pelas trevas impuras
 Com a espada sangrenta na mão?
 Porque brilham teus olhos ardentes
 E gemidos nos labios frementes
 Vertem fogo do teu coração?

Cavalleiro, quem és? — O remorso?
 Do corcel te debruças no dorso...
 E galopas do valle através...
 Oh! da estrada acordando as poeiras
 Não escutas gritar as caveiras
 E morder-te o phantasma nos pés?

Onde vais pelas trevas impuras,
 Cavalleiro das armas escuras,
 Macilento qual morto na tumba?...
 Tu escutas... Na longa montanha
 Um tropel teu galope acompanha?
 E um clamor de vingança retumba?

Cavalleiro, quem és? que mysterio...
 Quem te força da morte no imperlo
 Pela noite assombrada vagar?

O Phantasma

Sou o sonho de tua esperança,
Tua febre que nunca descança,
O delirio que te ha de matar.

A poesia da duvida, ao mesmo tempo dolorosa e ironica, elevou-a Alvares de Azevedo á mais alta intensidade, servindo-se, para isso, de um estilo cheio de tons velados e das meias tintas, tão ao gosto dos satanistas, como Baudelaire e Rollinat, aos quaes, diga-se de passagem, elle nada deveu.

Émulo de Alvares de Azevedo foi Laurindo Rabello (1826-1864), o *poeta lagartixa*, um desses typos de bohemio que vão rareando em nosso meio. Apesar de formado em medicina, não lhe deu a profissão grandes vantagens de posição ou fortuna. Ao sabor do destino viveu o poeta carioca, entre as pilherias e os remoques de uns e de outros, uma vida de expedientes, sem pouso nem repouso, illuminada, apenas, por doce bonhomia que, ás vezes, se transformava em soluço, logo abafado pela risada de uma anedocta picaresca e atrevida.

Foi poeta popular por excellencia; sua poesia é obra dorida e pessimista, ora travessa e brincalhona, mas ha sempre nella um sainete de sinceridade fundo e commovedor, que faz perdoar ao cantor os erros do homem. Laurindo foi um joguete de que se servio a sorte. Infeliz desde o berço, caminhou á sombra da sua má estrella, sem um momento de plena ventura, até a morte. Em face das nullidades consagradas, elle sentio todo o horror de uma grande alma revoltada,

impaciente por se desvencilhar dos muros altos em que se debatia inutilmente. Seus versos reflectem estados de alma, torturas ou alegrias passageiras, miserias continuas que elle supportava calado, como quem espera do fado peores dias, ainda mais amargos e trevosos:

Eu triste, que só tenho abertas n'alma
Envenenadas fontes d'agonia,
Maldictas por amor, a quem nem sombra
De amiga formosura o céu confia;

Eu triste que, dos homens despresados,
Só entregue a meu mal, quasi em delirio,
Actor no palco estreito da desgraça,
Só espero a corôa do martyrio;

Vate não sou, mortaes; bem o conheço;
Meus versos, pela dor só inspirados —
Nem são versos — menti — são ais sentidos,
Às vezes, sem querer, d'alma exhalados;

São fel que o coração verte em golfadas
Por continuas angustias comprimido;
São pedaços das nuvens, que m'encobrem
Do horizonte da vida o sol querido.

Quem fala nestas quadras não é qualquer doutor em letras, habil e perito no resolver um rondó ou um soneto castigado, porém, uma creatura ferida nas fontes vivas, para quem a poesia era uma necessidade, uma valvula por onde se escapavam as tormentas secretas do coração. Antes da critica official, já o povo lhe havia feito justiça, decorando-lhe os versos, repetindo-lhe as graças e perpetuando-lhe a memoria sem nodoa de vagabundo illuminado.

Junqueira Freire (1832-1855) tem de commum com os poetas da geração de Azevedo o tédio da vida. É um irmão de Childe-Harold, um inquieto, um desalentado e, ao mesmo tempo, um revoltado. Espirito livre, filho do seculo XIX, do seculo que mais penetrou e aprofundou os segredos dessa humanissima sciencia da duvida, Junqueira Freire vio, successivamente, fallarem todas as suas inclinações, todos os seus projectos fantasistas. Sem vocação religiosa, fez-se frade, sem resistencia de animo, procurou as feridas da alma, que não sabia nem podia curar, entregando-se, depois, ao desespero e ás idéas de morte, que os pruridos de uma educação laivada de philosophismo vasio e inocuo ainda ennegreciam mais.

Seus dois livros, *Inspirações do Claustro e Contradições Poeticas*, nada mais são que o resultado de taes combates interiores, onde seu espirito apparece confiante, umas vezes, outras, abatido, vacillante sempre. Ouçamol-o n' *O Misanthropo*:

Nos raios da aurora,
 Nos trinos das aves,
 Nas brisas suaves,
 Na voz da manhã,
 Em pé, sobre os montes,
 Co'um brado que aterra,
 Maldigo essa terra
 Tam ampla, tam vã.

.....

Maldigo a sciencia
 Que os homens tortura,

—Formosa loucura
De face louçan;
Procella da insania,
Pegão de sophismas,
Montanha de prismas,
Figura de Pan.

A um Adolescente, observou Junqueira:

Eu que tenho lutado contra a vida,
Bebido n'outro calice de dores,
Joven! —não posso meditar doçuras
Cantar ternos amores!

Essas queixas não são de todo vãs. Ellas revelam a tortura de quem as dictou, as contradições de quem as teve de repetir reiteradas vezes. Junqueira, que morreu com vinte e tres annos, era um temperamento doentio e fraco. Sua arte não se desenvolveu, não chegou a um bom termo, como, por exemplo, a de Gonçalves Dias, de quem foi amigo e procurou approximar-se. É, em todo caso, um lirista apreciavel, principalmente quando não se perde em philosophias inuteis, quando mostra simplesmente as suas impressões, como em *A Orphã na costura*, de um meigo accento elegiaco, e outras composições, onde tentou reviver algumas notas indianistas, já fóra de moda no seu tempo. Junqueira Freire tinha mais sensibilidade que imaginação, era um poeta subjectivo, voltado para si mesmo, para suas dores e miserias.

Tambem essencialmente subjectivo foi o poeta das *Primaveras*. Casimiro de Abreu (1837-1860) é o mais exquisito cantor da saudade na velha poesia brasileira; sua obra é um grito de

amor por tudo quanto andava distante de si, pela terra e pela familia, de onde se apartou ainda infante, para satisfazer os caprichos de um pae relativista e pratico.

Suas impressões da natureza fazem lembrar as de Gonçalves Dias, de quem herdou não só a sensibilidade mas também as agruras do exilio. Não ha em seu estilo os requintes do de Alvares de Azevedo, nem a pujança do de Castro Alves; suas preocupações literarias não lhe ultrapassam o coração, ficam-lhe á flor da alma de adolescente predestinado. A natureza lhe apparecia quasi sem fulgurações, nas horas de maior melancolia, á feição de uma sombra de arvore amiga e reconfortadora. Não conheceu sua intelligencia as grandes duvidas da vida, mas sómente as de um amor apaixonado e ingenuo, que adivinhava a infelicidade proxima e presentia a borrasca inevitavel que o ameaçava.

Casimiro não se revoltava, entretanto. Supplicava, não reagia nem com a "trompa bronzeada" do poeta das *Vozes d'Africa*, nem com a ironia acidula, ás vezes mesmo cynica, do autor da *Noite na Taverna*. *Meu Lar* revê perfeitamente o modo por que elle recebia esses golpes da fortuna que, afinal, o abateram:

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel:
E ver se apanho a borboleta branca,
Que vôa no vergel!

Quero sentar-me á beira do riacho
Das tardes ao cahir,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir !

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava,
Lá na quadra infantil,
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,
O céu do meu Brasil.

Minha campa será entre as mangueiras,
Banhada ao luar,
Eu contente dormirei tranquillo
Á sombra do meu lar !

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulcro os meus amores,
Na terra onde nasci !

Sua vida era um desejo constante de felicidade íntima e socegada, feita de sereno bucolismo, entre os passaros, as aguas e as arvores do bom Deus, sem grandes torturas de espirito, nem outras cogitações que não fossem a familia e a poesia. Os homens não lhe perturbavam o sonho discreto e meigo; passavam-lhe pela memoria como sombras apagadas e longinquas, sem realidade quasi. Suas impressões prendiam-se todas ao fundo brumoso do passado, á ingenua infancia de "livre filho das montanhas", quando

.....ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
—Pés descalços, braços nus—
Correndo pelas campinas
Á roda das cachoeiras,
Atraz das asas ligeiras,
Das borboletas azues.

Não se lhe encontrará, porventura, em todos os versos uma só blasphemia contra as crenças, bebidas na meninice, e conservadas na juventude malsinada pela doença e pela miseria moral. É que elle ainda não sabia definir as cousas que o rodeavam e os pensamentos que o opprimiam, senão com as palavras ingenuas aprendidas nas vozes maternas. Seu Deus não era nem a cretura transcendente de Magalhães, nem a visão mystica de Junqueira. Era apenas um anjo maior e mais poderoso que os outros. Não era um Deus do espirito mas do coração:

Eu me lembro ! eu me lembro !— Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia,
E erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca espuma para o céu sereno.

E eu disse á minha mãe n'esse momento:
“—Que dura orchestra ! Que furor insano !
Que pode haver maior do que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento ?”

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os céos
E respondeu:—“Um Sêr que nós não vemos
É maior do que o mar, que nós tememos
Mais forte que o tufão ! meu filho, é — Deus !”

Para elle, a natureza sorria, ás vezes; os ramos tortos e as folhas seccas douravam-se e reverdeciam na luz do seu olhar:

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotam aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manhã colhido
Enfeita a frente da aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hymno immenso a criação modula
Canta a calhandra, a jurity arrulha,
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa: — Como é linda a veiga !
Responde a rosa — Como é doce o orvalho !

Mas como ás vezes sobre o céu sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Tambem a lira alguma vez sombria
Solta gemendo de amargura um threno.

São flores murchas; — o jasmin fenece,
Mas bafejado s'erguerá de novo,
Bem como o galho de gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Com todas as irregularidades, apontadas na sua arte de poeta, e todos os desvios da sua syntaxe negligente, Casimiro possuia um saboroso estilo colorido, sensível e personalissimo. A ignorancia tranquillã de qualquer systema philosophico, literario ou scientifico, deu-lhe a sorridente sabedoria que vem de uma alma livre, sem compromissos de nem uma especie, clara e transparente como um veio de agua que, na sua humildade rasa e confiante, vai reflectindo o mundo sem sentir, e levando em cada palheta mobil e errante, ora o brilho da estrella millenar, ora a sombra da asa ephemera e passageira.

Já não se dá o mesmo com a poesia de Fagundes Varella (1841-1875), onde o satanismo byroniano de Alvares de Azevedo, o indianismo de Gonçalves Dias e o condoreirismo de Castro

Alves e Tobias Barreto se misturam. Ha no seu estro uma tal versatilidade de sentimento e expressão, como só encontraremos, depois, entre os parnasianos e naturalistas. Infelizmente o poeta do *Evangelho nas Selvas* não teve, ainda, o seu lugar devidamente marcado na historia da nossa literatura. Franklin Tavora, Sylvio Romero e José Verissimo, para não falar em Lery dos Santos e Visconti Coaracy, méros e lacunosos biographos, fixaram-lhe sómente alguns aspectos, contornaram-lhe apenas a multipla e interessantissima physionomia, sendo que Tavora e Sylvio andaram mais perto da sua psyche do que todos os outros.

Fagundes Varella não é unicamente um dos nossos bons liristas, mas tambem, e principalmente, um dos nossos melhores poetas descriptivos. Esse dom de pintor, que foi singular em Gonçalves Dias, e que é muito da indole dos nossos escriptores, elle o teve como raros na poesia brasileira. Suas descrições têm vigor, não são monotonas, como as de Bruno Seabra, Bittencourt Sampaio ou Juvenal Galeno; são leves, movimentadas e limpidas. Em muitas, nada fica a dever ao cantor maranhense, a quem amou e imitou confessadamente. Na companhia dos condoreiros, formado entre o exagero e a emphase dos românticos hugoanos, não se entregou, embora, a desregramentos de forma e de syntaxe. Ficou em um meio termo discreto e apurado, como ficara o proprio Gonçalves Dias entre o farelorio estrepitoso de Magalhães e Porto-Alegre.

Sua poesia não é de segunda mão, como affirmou José Verissimo, sómente porque ha uma certa semelhança entre ella e a de Castro Alves.

Varella, pôsto em confronto com muitos dos seus trombeteados emulos, não perderá a minima parcella do real valor que possue. Ao contrario. Ver-se-á, então, que elle tem uma forma muito mais perfeita e um estilo muito mais variado e multiplo do que geralmente se suppõe. Ha em sua obra inspirações de toda ordem, da alma e da natureza, da vida rustica e civilizada, da fantasia e da realidade, do mundo ficticio e presente.

Leiam-se, como exemplo de lirismo popular, as trovas seguintes:

A casa era pequenina,
 Não era? — Mas tão bonita
 Que teu seio inda palpita
 Lembrando della, não é?

Queres voltar? eu te sigo,
 Eu amo o ermo profundo;
 A paz que foge do mundo
 Preza aos tectos de sapé.

Bem vejo que tens saudades,
 Não tens? pobre passarinho!
 De teu venturoso ninho
 Passaste á dura prisão!

.....

Vamos, as mattas e os campos
 Estão cobertos de flores,
 Tecem mimosos cantores
 Hymnos á bella estação.

Escuta filha, a estas horas
 Que a sombra deixa as alturas,
 Não cantam as saracuras
 Junto aos lagos côr de anil.

Os vagalumes, em bando,
 Correm sobre a relva fria,
 Enquanto o vento cicia
 Na sombra dos taquaraes.

Sua palheta podia fornecer-lhe, como nos versos ao *Vagalume*, gamas e toques delicadíssimos:

Quando appareces, o lago
 De estranhas luzes fulgura,
 Os mochos voam medrosos
 Buscando a floresta escura.

As folhas brilham, reflectem,
 Como espelhos de esmeralda,
 Fulge o iris nas torrentes
 Da serra na falda.

O grillo salta das sarças,
 Pulam genios nos palmares,
 Começa o baile dos sylphos
 No meio dos nenuphares.

Nos seus quadros campesinos ha notas assim:

As trepadeiras curvam-se á janela,
 Gemem no tecto os pombos amorosos,
 Suspenso á porta, na prisão gorgeia
 O sabiá das serras.
 Tudo isto ella adorava, e ella não vive !
 E ella passou ligeira como a nevoa
 Que o vento da manhã varre do outeiro,
 E dissipa nos ares !

Tudo isto ella adorava ! Ao sol poente,
Leda e risonha, corôada a fronte
De rubras maravilhas, leve, airosa,
 Vinha regar as flores;
E em meio erguida a barra do vestido,
Saltava como a corça, ora amparando
A hastea pendida de viçosa dahlia,
 Outras vezes solícita
Bravias plantas arrancando em torno
Dos pequenos craveiros, ou tranquilla
Contemplando os botões que se entreabriam
 À frescura da tarde.

A natureza do nosso trabalho não permite, infelizmente, maior numero de transcripções. Estas que ahí ficam, entretanto, dão bem a medida do seu engenho, que, por muitos modos, se casa ao dos mais famosos poetas modernos e, até contemporaneos do Brasil. A justeza da sua expressão, o rythmo dos seus metros, onde quasi não se observa a toada estafante dos versos de nove e onze syllabas, substituidos geralmente por decassyllabos e redondilhas, fazem-no um poeta divergente, nem accentuadamente naturalista, nem exclusivamente romantico. Varella é, pois, com Machado de Assis e Luiz Guimarães Junior, uma figura de transição entre o romantismo e o parnasianismo.

CASTRO ALVES (1847-1871) E A POESIA SOCIAL

Antes da sciencia impessoal golpear o subjectivismo romantico em suas fontes vivas, isto é, no coração humano, mostrando que elle nada mais era que um pobre musculo contingente,

e que a sua historia era um puro capitulo da physiologia, a velha escola, pela voz dos seus representantes maximos, ainda fagulhou; no brazeiro quasi extincto ainda bruxoleou uma chamma rapida e nervosa. Como na França, que foi desde o seculo XIX a maior inspiradora do pensamento nacional, o nosso romantismo iniciado nas lagrimas, continuado nas imprecações, acabou em fanfarra. A poesia veio da cella, da taverna e dos campos para a praça publica, desfraldou os pendões nas trincheiras, tornou-se um elemento de combate, uma satira atrevida e heroica.

Pela grande e solitaria voz de Victor-Hugo, do Hugo dos *Châtiments*, afinaram-se aqui as belicosas tubas condoreiras. Tobias Barreto e Castro Alves, este sobretudo, encontraram na campanha abolicionista a finalidade da sua ardorosa poesia, fizeram dos escravos, senão a preocupação fundamental, ao menos um dos seus mais altos objectivos. Tobias Barreto (1839-1889) mais ponderado no seu lirismo, porém, menos eloquente, mais universal na sua intelligencia, porém, seguramente menos grandioso como poeta, foi cedo vencido pelo juvenil e cobiçado rival. Seus vôos, para dizer com um dos vates da escola mineira, não attingiam o

espaço azul onde não chega o raio,

ficavam mais á flor do solo, posto forcejassem por acompanhar os do poeta bahiano. Cabe-lhe, todavia, o lugar de precursor dessa poesia, que, embora não fosse novidade em nossa literatura, nunca surgira com tanto calor e energia. Das estrophes quasi classicas do *Napoleão em Waterloo*,

de Magalhães, á tumultuosa impetuosidade do *Navio Negreiro*, ou da *Ode ao 2 de Julho*, vai a differença que se observa entre o thema estudado com requintes de habilidade e a explosão de um temperamento desenfreiado e cheio de ardor.

A poesia de Tobias Barreto, que foi um dispersivo porventura genial, não exprime na sua inteira pujança as qualidades intellectuaes do pensador sergipano; sente-se que ella era como que um brinco das suas poderosas faculdades de investigador e de critico, de polemista e improvisador como raramente tivemos outro igual. Apesar de mais correcto que Castro Alves, e máo grado a infinita superioridade de sua cultura polymorpha e profunda, não o sobrepujou como poeta. A opinião geral, em taes prelios a mais verdadeira, dizemos, em taes prelios, porquanto, ambos se abeiraram do povo para cantar, já de ha muito conferio a Castro Alves uma real e justificada supremacia sobre o seu emulo.

Castro Alves não tinha, apenas, como muitos querem crer, e ainda professam, um admiravel poder verbal, mas tambem uma agudissima emoção. Juntava, assim, as duas forças motrizes da alta poesia, isto é, a eloquencia, que pertence á imaginação, e a doçura, que é fruto da sensibilidade. Não podia deixar de ser, pois, como realmente o foi, um dos maiores creadores de symbolos, não só da nossa, senão ainda das letras portuguezas, muito embora lhe sahisse, por vezes, impura a dicção e abusasse, constantemente, das chamadas "licenças poeticas", que são o visgo onde sua larga asa se despluma inutilmente.

Vibram nos seus poemas cordas ignoradas de paixão e ternura, uma onda de perfume se des-

prende dos seus versos de amor, onde reponta um sainete de fatalidade, proprio das raças mestiças, que reflectem, na alma, o tumulto dos sangues encontrados. Quando elle deixava falar o coração, simplesmente, de si para si, todas as arestas duras, todas as angulosidades e todo o barulho das suas coleras de filho retardatario da Revolução, fundiam-se numa perspectiva suavissima, feita de tons multicores, de macias sombras e odorantes vergeis. Nossas paisagens, por um momento, entremostravam-se engalanadas de ramagens ricas e aromaticas, o corpo moreno de nossas mulheres destacava-se das folhas reluzentes de orvalho dos valles luminosos. Quando, porém, sua voz se elevava para reivindicar direitos opprimidos, como em *Vozes d'Africa* e no *Navio Negreiro*, para estigmatizar tyrannias inglorias, como em *Pedro Ivo* e *No Meeting do Comité do Pão*, ou para descrever a dureza de certos preconceitos sociaes, como em *Ahasverus e o Genio*, sua Musa era bem um *incendio em marcha*, para usar uma expressão de Michelet.

O successo do seu lirismo declamatorio, empolado e brilhante, onde refulgem, de trecho a trecho, imagens de uma formosura quente e nervosa, tem as raizes no character grandiloquente e emphatico da raça brasileira. Elle foi, e é ainda, amado aqui por varias razões de ordem moral, porquanto, é, de certo modo, um genuino representante do nosso pendor para o grandioso, até para o extravagante.

Não queremos terminar essas rapidas notas sobre Castro Alves sem lhe transcrever as admiraveis e perfectas estrophes da poesia *Sub Tegmini Fagi*, que é uma das mais bellas da nossa

lingua, e onde ha qualquer cousa do melhor Hugo, e do mais profundo Lamartine, na sua exaltação religiosa da arte e da natureza:

Amigo ! O campo é o ninho do poeta...
Deus fala, quando a turba está quieta,
 As campinas em flôr.
—Noivo—Elle espera que os convivas saiam...
E n'alcova onde as lampadas desmaiam
 Então murmura — Amor !

Vem commigo scismar risonho e grave...
A poesia — é uma luz... e a alma — uma ave...
 Querem trevas e ar.
A andorinha, que é a alma — pede o campo,
A poesia quer sombra — é o pyrilampo...
 P'ra voar... p'ra brilhar.

Meu Deus ! Quanta belleza nessas trilhas...
Que perfume nas doces maravilhas,
 Onde o vento gemeu !...
Que flores d'ouro pelas veigas bellas !
Foi um anjo co'a mão cheia de estrellas
 Que na terra as perdeu.

Aqui o ether puro se adelgaça...
Não sobe esta blasphemia de fumaça
 Das cidades p'ra o céu.
E a terra é como o insecto friorento
Dentro da flor azul do firmamento,
 Cujo calix pendeu !...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas
Leva a concha dourada... e traz das plagas
 Coraes em turbilhão,
A mente leva a prece a Deus — por perolas,
E traz, volvendo após das praias cerulas,
 —Um brilhante — o perdão !

A alma fica melhor no descampado...
 O pensamento indomito, arrojado
 Galopa no sertão,
 Qual nos steppes o corcel fogoso
 Relincha e parte turbulento, estoso,
 Sôlta a crina ao tufão.

Vem ! Nós iremos na floresta densa,
 Onde na arcada gotica e suspensa
 Reza o vento feral.
 Enorme sombra cae da enorme rama...
 É o *Pagode* fantastico de Brahma
 Ou velha cathedral.

Irei contigo pelos ermos — lento,
 Scismando, ao pôr do sol, num pensamento
 Do nosso velho Hugo !
 —Mestre do mundo ! Sol da eternidade !...
 Para ter por planeta a humanidade
 Deus num *cerro* o *fixou*.

Ao longe, na quebrada da colina,
 Enlaça a trepadeira purpurina
 O negro mangueiral...
 Como no *Dante* a pallida *Francesca*,
 Mostra o sorriso rubro e a face fresca
 Na estrophe sepulcral.

O povo das formosas *Amaryllis*
 Embala-se nas balsas, como as *Willis*
 Que o *Norte* imaginou.
 O antro — fala... o ninho s'estremece...
 A *Dryade* entre as folhas apparece...
 Pan na flauta soprou...

Mundo estranho e bizarro da chimera,
 A fantasia desvairada gera
 Um paganismo aqui.

Melhor eu compreendo então Vergilio...
E vendo os Faunos lhe dansar no idylio
Murmuro crente: — eu vi !—

Quando penetro na floresta triste,
Qual pela ogiva gotica o anthiste
Que procura o Senhor,
Como bebem as aves peregrinas
Nas amphoras de orvalho das boninas,
Eu bebo crença e amor !...

E á tarde, quando o sol — condor sangrento,
No occidente se aninha somnolento,
Como a abelha na flor...
E a luz da estrella tremula se irmana
Co'a fogueira nocturna da cabana,
Que accendera o pastor.

A lua — traz um raio para os mares...
A abelha — traz o mel... um threno aos lares
Traz a rola a carpir...
Tambem deixa o poeta a selva escura,
E traz alguma estrophe, que fulgura,
P'ra levar ao porvir !...

Vem. Do mundo leremos o problema
Nas folhas da floresta ou do poema,
Nas trevas ou na luz...
Não vês ?... Do céo a cupola azulada,
Como uma taça sobre nós voltada,
Lança a poesia á flux !...

Quem, aos vinte annos, escreveu tal e tão admiravel poema, bem mereceu a estima que lhe votou o povo, juiz sem par nas suas preferencias. Castro Alves é o mais alto representante da familia romantica brasileira, aquelle que mais perto andou da alma nacional e o que mais tem in-

fluido em nossa poesia, ainda que, por todos os modos, tentem disfarçar essa influencia, na verdade sensível e profunda (1).

POETAS MENORES

Ao traçarmos as linhas geraes da evolução do poesia romantica no Brasil, quizemos fixar apenas as figuras de maior relevo, aquellas que contribuíram para o seu desenvolvimento, imprimindo-lhe um determinado caracter especifico. É certo que não ha, em Magalhães, unicamente a preocupação religiosa, nem em Gonçalves Dias a pantheistica, como em Alvares de Azevedo ou em Castro Alves não existem sómente a duvida byroniana e as tendencias sociaes. Taes elementos, entretanto, são os mais significativos da poesia de todos esses precusores. Eis por que seguimos semelhante orientação, que nos parece a mais conforme em trabalho desta natureza, destinado a vulgarizar, nos seus delineamentos, a physionomia da nossa literatura. De accordo, pois, com taes idéas, não poderíamos fazer considerações demoradas sobre cada um dos nossos poetas filiados ao romantismo, já porque muitos delles não têm côr propria, já porque seríamos obrigados a dar uma extensão descabida a este ensaio.

Apontaremos, todavia, os nomes daquelles que, seguindo os progonos, souberam ser epigo-

(1) Vide *in* Obras Completas de Castro Alves, (ed. 1921), o formoso estudo do sr. Afranio Peixoto acerca do poeta bahiano. Cf. A. Peixoto. *Castro Alves*. 1921. Lisbôa. Xavier Marques. *Vida de Castro Alves*. Rio. 1924.

nos apreciáveis e distintos. São elles os seguintes: Francisco Octaviano de Almeida Rosa (1825-1889), em cuja obra se encontram ainda ressaibos de classismo, á maneira de José Bonifacio; Barão de Paranapiacaba (1827-1915), autor da *Harpa Gemedora* e de muitas traducções, entre as quaes avulta a das *Fabulas de La Fontaine*; Antonio Francisco Dutra e Mello (1823-1846), que foi tambem critico perspicaz; Aureliano José Lessa (1827-1886), lirista delicado, emulo de Alvares de Azevedo; José Bonifacio (o moço) (1827-1886), poeta eloquente e vigoroso; Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1827-1884), colorista agradável e descriptor elegante; José Alexandre Teixeira de Mello (1833-1907), que ver-sejou com sentimento, á maneira de Casimiro de Abreu; Pedro Luiz Soares de Souza (1839-1884), onde se encontram muitas notas particularmente queridas dos condoreiros, aos quaes, é preciso dizer, precedeu de alguns annos; Trajano Galvão de Carvalho (1830-1864); Francisco Leite Bittencourt Sampaio (1830-1894); Gentil Homem de Almeida Braga (1834-1876); Mello Moraes Filho (1844-1919), bucolistas leves e chistosos; e Victorino Palhares, (1840-1890), cujo estro patriótico e guerreiro faz lembrar o de Castro Alves.

Á lista faltarão, porventura, outros nomes, como os de Moniz Barreto (o repentista), Luiz Gama, o endiabrado mestiço da *Bodarrada*, Bruno Seabra e Joaquim Marinho Serra Sobrinho, que descreveram com graça alguns aspectos do nosso meio sertanista, os quaes, entretanto, em nada concorreram para dar feições novas á poesia no Brasil.

O ROMANTISMO

A PROSA

O Romance. — A Critica e a Historia. — O Theatro.

O ROMANCE

Sómente com Manoel de Macedo e José de Alencar é que a prosa de ficção tomou physionomia propria, ganhou contornos definitivos e avultou nas nossas letras. Antes da *Moreninha* e do *Guarany* houve apenas tentativas mais ou menos felizes, como as de Teixeira e Souza e Norberto Silva, todas muito louvaveis, porém de apoucado merecimento, se as considerarmos pelo lado puramente literario.

Teixeira e Souza (1812-1861) deixou nas suas obras mais intenções que realizações. Mestiço, como Paula Brito, o celebre typographio seu protector e amigo, que lhe abriu as columnas da *Marmota*, para a gloria de escriptor, e os cordeis da parca bolsa para lhe facilitar a vida miseravel, o romancista fluminense não se contentou com os elogios do publico e do Mecenas, mas traba-

lhou valentemente a prosa e o verso, escrevendo dramas, poemas e novellas, com exuberancia incrível num homem quasi analphabeto, sem grandes recursos de estilo ou de cultura. Sua poesia é dessaborida, não tem qualidade alguma apreciavel: quando se guinda ás alturas do genero epico é simplesmente risivel, e quando consente em baixar ao lirico torna-se trivial, insipida, sem graça nem espontaneidade. Os *Canticos Lyricos*, os *Tres dias de um Noivado* e a *Independencia do Brasil* são livros já esquecidos, e muito justamente, porquanto nada ha nelles de bom nem de optimo, tudo é ali mediocre, arrastado e emphatico.

Quanto ao prosador, não se pôde dizer o mesmo. Teixeira e Souza, com o *Filho do Pescador*, as *Tardes de um Pintor ou as intrigas de um jesuita*, e *Gonzaga ou a Conspiração de Tiradentes*, delineou os fundamentos do romance popular, descriptivo e historico. Os folhetins que estampou em varios jornaes do tempo eram lidos com interesse, diremos mesmo com amor, pelo publico, indistinctamente letrado ou não. Concorria para isso a novidade dos assumptos, a singeleza do estilo e a facilidade com que elle fabulava. Apesar de não serem perfeitas as situações creadas por elle, nem valiosos pelo *character* os seus typos romanescos, Teixeira e Souza, dadas as condições do meio, foi um bom operario, um rude mas relevante obreiro, a quem devemos a primeira pagina desataviada da nossa prosa romantica.

Joaquim Norberto de Souza Silva (1820-1891) seguiu a trilha aberta pelo autor de *Maria ou a Menina Roubada*; suas obras de ficção

entretanto, estão longe de ser a parte mais consideravel da sua longa actividade intellectual. Não é como dramaturgo ou novellista que o havemos de considerar, mas como critico, ou melhor, como historiador e estudioso investigador de biographias curiosas e honestas.

Cabe a Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882) o primordial logar entre os fundadores do romance nacional. Foi elle o verdadeiro fixador dos nossos costumes, naquella epoca ainda colonial na maioria dos seus aspectos. Na immensa galeria das suas personagens ha algumas, como a *Moreninha* e o *Moço Louro*, que ainda vivem na memoria de todos, que ainda têm *presença* real, embora os annos hajam corrido ás dezenas, desde a sua ruidosa appareição.

Macedo comprehendeu admiravelmente as tendencias da nossa alma popular, sentimental e piegas, e fez, com pequenas intrigas ingenuas, á maneira de um Bernardin de St. Pierre atrazado e rustico, a sua historia intima e simploria. Chorou e riu largamente, do mesmo modo que as suas melancolicas leitoras; contou as suas anedoctas, sem sal nem sangue, com a pachorrenta fantasia de um pacato burguez, funcionario publico e chefe de numerosa prole, recatada e limpa. Não desceu á escabrosa sargeta de Aluizio, não penetrou muito menos na consciencia dos outros, como fazia Machado de Assis, com aquelle seu ar de timido desilludido e indifferente, nem tampouco se elevou ao lirismo delicioso de Alencar. Ficou entre duas aguas, nem muito abaixo nem muito acima. Seus namoricos são, por via de regra, innocentes diversões, não passam do portão da rua, ou, quando passam, acabam em casa-

mento, com todas as formalidades de um noivado honesto, vigiado por irmãs solteironas e tias velhas.

Macedo não amava os escandalos, nem os crimes sensacionaes; sua penna ainda tinha pudor, era socegada, bonacheirona e catholica. Seus atrevimentos não iam além de algumas considerações cheias de bom senso vulgar e pratico, desse bom senso apanagio das *pessoas de experiencia*, que se vingam da velhice achacada e valedudinaria dando conselhos, contrariando vontades, rabujando e praguejando contra as *innovações*, as *modas audaciosas* e *desmoralizadoras*...

Nesse terreno elle sabia pisar como ninguem. Se nos permitem a expressão, foi Macedo um escriptor de sala de jantar, do recesso da familia brasileira, séria e sisuda, amiga de uns tantos preconceitos, muito mais louvaveis, aliás, do que esse philoneismo perigoso, posto em pratica por certos casquilhos *fin de siècle*, pedantes e amoraes.

Seu estilo, a não ser na poesia emphatica e palavrosa, é correntio, agradável, flue serenamente, é vivo e leve. Falta-lhe apenas um certo colorido, mas é sempre correcto no desenho das creaturas e na descripção das paisagens, posto lhe não seja castiça a dicção.

Esse colorido, quem o teve por excellencia foi José de Alencar (1829-1877), em cuja obra se encontram muitas das mais admiraveis paginas da nossa literatura romantica. O *Guarany*, e *Iracema* representaram aqui o mesmo papel que, em França, os primeiros episodios de Chateaubriand. Nunca se tinha visto, nem no proprio Gonçalves Dias, tanta frescura de emoção,

tanta elegancia de estilo, tanta graça nas idéas e nas narrativas. O indianismo de Alencar é superior ao de Gonçalves Dias, não só por ser mais sincero mas também por ser mais amplo e magestoso. Seus índios não se exprimem como doutores de Coimbra, falam qual a natureza os ensinou, amam, vivem e morrem como as plantas e os animaes inferiores da terra. Suas paixões têm a subitaneidade e a violencia dos temporaes, são incendios rapidos que lavram um instante, brilham, refulgem e desaparecem.

Alencar possuia em alto gráo o genio do pitoresco. Apesar de haver nascido em uma região pobre de paisagens, como o Ceará, tinha uma tal intuição da natureza que bem poucos já se approximaram d'elle nesse particular. Se exceptuarmos algumas descrições de Affonso Arinos e dos Srs. Coelho Netto, Graça Aranha e Alcides Maya, sem falar nas de Euclides, que sobrepujou a todos como evocador dos nossos scenarios naturaes, não encontraremos muitas que possam resistir a um confronto com as do celebrado autor das *Minas de Prata*.

Seus romances de fundo americanista, incontestavelmente os melhores que produzio, são, para servirmo-nos de um conceito de Chateaubriand sobre Atala, "poemas descriptivos e dramaticos", onde a urdidura da intriga é quasi sempre um pretexto para pintar a natureza. O sentimento discreto do artista e do homem concorreu para realçar o encanto dos seus livros, de um colorido sobrio e penetrante. Alencar era antes de tudo poeta, a vida lhe sabia mal, tanto assim que mui raramente conseguiu apanhar-lhe os flagrantes prosaicos e corriqueiros como, por

exemplo, Manoel de Macedo. Sem um laivo de exotismo não se lhe movia plenamente a imaginação; suas figuras não têm calor, quando expostas aos olhos de todos, na rua barulhenta ou no salão festivo. Perdidas, porém, nas selvas, entre o rumor das cachoeiras e dos correços, á sombra das arvores silenciosas, ganham um aspecto de legenda, crescem de repente, tornam-se mythicas, iguaes ás forças elementares de onde surgem como por milagre.

Alencar, que não sacrificava á multidão, que era um espirito sceptico e uma intelligencia forra de surpresas de qualquer ordem, insensivelmente tentou approximar-se della e das suas preferencias, escrevendo meia duzia de novellas ao gosto da epoca. *Viuvinha, Senhora, Cinco Minutos* e outras producções que taes, muito applaudidas pelo publico, são inferiores, não possuem aquella penetrante vibração que a sua alma costumava imprimir em tudo quanto tocava. Como Walter Scott e Georges Sand, Alencar precisava de largas telas, porquanto seus pinceis eram os de um grande decorador, nunca os de um pintor de genero, ou de um retratista. Os assumptos historicos, os motivos selvagens, emfim, tudo quanto fugisse ao presente, ao actual, tinha as suas preferencias. Sua falta de capacidade psychologica era supprida por uma penetrante intuição das cousas, um pouco pessimista é verdade, mas seguramente profunda. Vivendo em um paiz onde, segundo a conhecida queixa de Sales Torres-Homem, não se póde ouvir tres vezes repetido o mesmo nome sem despique, Alencar, já de si retrahido, ainda mais refinou o orgulhoso desdem pela gentalha grosseira ou invejosa que o cercava.

Veio-lhe de tal attitude um pouco de amargor e, fatalmente, a ironia imponderavel de que as suas *Cartas de Erasmo* estão ponteadas. Sobre o publicista e o critico, porém, devemos considerar o poeta, o fixador de algumas figuras verdadeiramente soberbas que, se não têm as apparencias da realidade passageira, guardam a immutabilidade das mais formosas creações.

Aprendemos com elle a ter estilo, isto é, a considerar o romance como uma obra de arte, e não simplesmente como um divertimento, um mero jogo de situações, mais ou menos possiveis, ou um punhado de anedoctas picantes. Se não bastassem as suas qualidades de lirista delicado e subtil, Alencar teria ao menos influido pelo brilho da forma, antes d'elle descurada, ou melhor, desconhecida em nossa literatura.

Vejamos, agora, um trecho do *Guarany*, quando a inundação produzida pela cheia do Parahyba surprehende Pery e Cecilia dentro da floresta ululante, sacudida pela tormenta:

“— A agua !... respondeu elle, apontando para o horizonte. Com effeito, uma montanha, uma montanha branca, phosphorente, assomou entre as arcarias gigantescas, formadas pela floresta, e atirou-se sobre o leito do rio, mugindo como o oceano quando açouta os rochedos com as suas vagas.

“A torrente passou, rapida, veloz, vencendo na carreira o tapir das selvas ou a ema do deserto; seu dorso enorme se estorcias e enrolava pelos troncos diluvianos das grandes arvores, que estremeciam com o combate herculeo.

“Depois, outra montanha, e outra, se elevaram no fundo da floresta; arremessando-se no

turbilhão, lutaram corpo a corpo, esmagando com o peso tudo que se oppunha á sua passagem. Dir-se-ia que algum monstro enorme, dessas giboias tremendas que vivem nas profundezas d'agua, mordendo a raiz de uma rocha, fazia girar a cauda immensa, apertando nas suas mil voltas a matta que se estendia pelas margens. Ou que o Parahyba, levantando-se qual novo Briareo no meio do deserto, estendia os cem braços titanicos, e apertava ao peito, estrangulando-a em uma convulsão horrivel, toda essa floresta secular que nascera com o mundo. As arvores estalavam; arrancadas do seio da terra ou partidas pelo tronco, postravam-se vencidas sobre o gigante que, carregando-as ao hombro, se precipitava para o oceano. O estrondo dessas montanhas d'agua que se quebravam, o estampido da corrente, os trôos do embate desses rochedos movediços, que se pulverizavam enchendo o espaço de neblina espessa, formavam um concerto horrivel, digno do drama magestoso que se representava no grande scenario. As trevas envolviam o quadro, e apenas deixavam ver os reflexos prateados da espuma e a muralha negra que cingia esse vasto recinto, onde um dos elementos reinava como soberano.

Tudo era agua e céu.

A inundaçãõ tinha coberto as margens do rio até onde a vista podia alcançar; as grandes massas d'agua, que o temporal durante uma noite inteira vertera sobre as cabeceiras dos confluentes do Parahyba desceraõ das serranias, e, de torrente em torrente, haviam formado essa tromba gigantesca que se abatera sobre a varzea.

A tempestade continuava ainda ao longo de

toda a cordilheira, que apparecia coberta por um nevoeiro escuro; mas o céu azul e limpido, sorria mirando-se no espelho das aguas”.

Onde e quando houve em nossa literatura pré-romantica uma voz assim, uma tal energia, um tal poder descriptivo, sem emphase, sem recursos de rhetorica, suave e temeroso, como a propria natureza omnimoda e fecunda? Alencar é um precursor do estilo nervoso, cheio de tumultos, cortado de accidentes, vario, cambiante, meigo e violento de Euclides da Cunha. É myster accentuar essa semelhança, pois ha em ambos uma constante exaltação pela terra, em ambos o ambiente domina o homem, a noção do espaço é mais sensivel que a do tempo. Nos dois temperamentos existem affinidades surprehendedentes; ambos eram recolhidos, timidos e super-excitados. Euclides, entretanto, era mais selvagem, mais doentio na sua morbidez, mais desassombrado na sua sociophobia. Alencar, diante dos outros, escondia-se polidamente; Euclides fugia como uma caudal, fragorosamente.

Mas o que nos importa, por agora, é a paridade extrema dos estilos e do poder verbal dos nossos dois maiores pantheistas, na mais larga accepção do vocabulo. Apesar de não sermos favoraveis a essa especie de critica apoiada em mulletas, qual a do paralelo, muito sentimos a carencia do espaço que nos não permite desenvolver as considerações feitas em torno de Alencar e Euclides. Ficam, ahi, todavia, apontadas em linhas geraes as nossas opiniões a respeito da acção de Alencar na evolução da prosa brasileira, muito mais profunda do que geralmente se acredita.

paisagem, mostrava-se carinhoso para com as aves e as plantas, pintava com voluptuoso encanto a verdura buliçosa dos campos, a curva das collinas no horizonte, e o sedoso rumor das frondes balançadas pelo vento morno do sertão. Aqui não poderemos apanhal-o em falso, vê-se que o artista estava no seu elemento quando se deffrontava com a selva natal. E é como descriptivo que merece attenção.

Descriptivos tambem o foram Franklin Tavora (1842-1888) e EscragnoUe Taunay (1843-1899). Ambos continuaram a tendencia sertanista de Bernardo, que apparece com mais vigor em Tavora, e mais sobriedade e elegancia em Taunay.

Tavora, como José de Alencar, tinha o dom do pitoresco e o sentimento da terra tropical, das suas exuberancias e dos seus typos mysteriosos, postos entre a civilização e a barbaria, de characteristics fugitivas, ora discretos, ora brutaes, e de cuja alma elle arrancou firmes e sentidas paginas. Sua capacidade de observação é notavel. A physionomia do homem e do meio nortista surge das suas obras com singular relevo, e com aquelle cunho de quem vio e conheceu intimamente tudo quanto descreve.

Os *matutos*, que elle dividio em *lavradores* e *almocreves*, os vaqueiros, os campesinos, toda essa gente, emfim, que soffre, no centro do paiz, o peso das loucuras do litoral, que supporta, calada, o desdém dos praieiros civilizados e o onus das suas audaciosas negociatas, é fielmente reproduzida pelo romancista cearense. Sem ter os predicados de um grande lirista, como por exemplo Alencar, Tavora possuia, não obstante, uma visão ampla e segura dos nossos scenarios selva-

gens. O *Cabelleira*, onde estudou o cangaceiro, os seus habitos e a sua indole especial de saltador; o *Matuto*, em que pintou a *roça* e os costumes primitivos do caboclo nortista, assim como *Lourenço*, e a *Casa de Palha* são documentos, ainda hoje verificaveis, da sua aguda penetração intellectual, da sua perfeita comprehensão da vida rustica brasileira, ao mesmo tempo doce e aggressiva, criminosa e heroica, repulsiva e nobre.

Seus matutos ainda não apparecem desfeitos pelas verminoses, ainda guardam no corpo franzino aquelles nervos de aço com que os encontrou mais tarde o autor dos *Sertões*. Tavora não os procurou por mero diletantismo, nem para revelar agudezas de estilo ou exotismos caroaveis ao paladar dos citadinos. Ao contrario, chorou com elles, admirou-se das suas energias silenciosas, da sua tranquillidade altivez, apiedou-se delles e de sua miseria moral.

“Pobres matutos ! Quantas vezes, ao vêr-vos descalços, mal vestidos e mal passados, não senti apertar-me o coração com pena de vós ! Esta pena redobrava sempre que, passando pela frente dos vossos casebres, eu descobria ahi por mobilia um banco tosco, uma caixa grosseira, um pote de agua suspenso entre os braços de uma forquilha enterrada no canto da salinha, e por leito de dormida para vós e vossos filhos uma esteira ou um girão de varas. Então eu comprehendia a razão por que em nossos encontros nos caminhos ereis vós os primeiros que tiraveis o vosso chapéo e me salvaveis com mostras de profunda humildade, sem saberdes sequer quem eu era. É que vós tinheis sempre perante os vossos olhos

a consciencia da vossa pobreza, e consequentemente vossa fraqueza. A consciencia, este aguilhão intimo, que nunca se embota, vos dava uma falsa idéa de superioridade de minha parte sobre vós. Pobres creaturas sois vós, oh ! matutos, mais dignos de compaixão e amparo do que do riso mofador de que vos fazem alvo os que, na ignorancia, na simplicidade e na miseria alheia, acham assumpto para desenfado e para divertimento proprio ! Pobres sois vós dobradamente, porque recebestes de vossos pais, por herança, esta lamentavel condição, e porque não podeis deixar em dote a vossos filhos condição diferente desta”.

Tavora, que se ensaiou na critica (*Cartas a Cincinato*), e no theatro (*Um mysterio de familia*, *Tres Lagrimas*, e *Antonio*), possui um estilo brilhante, largo e cheio de vivacidade.

Já não é assim o de Taunay, não tem a mesma vibração, é mais calmo e reflectido, mais estudado sem ser amaneirado, porque o autor de *Innocencia* e da *Retirada da Laguna*, da *Mocidade de Trajano* e do *Manuscripto de uma mulher*, era antes de tudo um escriptor de raça, discreto, apurado e simples. Taunay juntou admiravelmente o fino gosto de um europeu á opulencia meridional do americano, com as tintas delicadas da Ilha de França abaixou os tons violentos da natureza brasileira.

Nascido e educado no Brasil, sentio desde cedo a necessidade de se fazer aqui uma literatura realmente nacional, sem os exageros de um regionalismo estreito, mas sob um ponto de vista mais elevado. Seus romances, ligeiramente influenciados de Macedo e Alencar, revelam esse

proposito nacionalista, que lhe foi a preocupação favorita de homem de letras. Seu nacionalismo era sincero, pois Taunay lutou por esta terra, deu-lhe o sangue e as forças, a intelligencia e o corpo. Não se contentou com a existencia facil das cidades, embrenhou-se nos sitios mais remotos das nossas fronteiras occidentaes; não seguio uma carreira commoda, não se fez bacharel fez-se soldado, e, como militar, tomou parte na guerra do Paraguay e na expedição de Matto-Grosso, que deveria tornar famosa com a sua *Retirada da Laguna*. Esse livro, onde, por mais que se pretenda negar, ha muitas qualidades de imaginação nas descripções das paisagens e no lirismo que lhe imprime um sopro de epopeia, é um dos mais bellos e reconfortadores poemas da nossa raça e o melhor titulo de gloria para o seu autor.

Com *Innocencia*, começou a perder o romance de amor aquelle sainete sentimental dos de Macedo. Taunay introduzio na fabula um elemento de moderação, desenhando as paixões com menos violencia e as figuras com mais naturalidade do que era commum. Houve quem o taxasse, por isso, de pobre de imaginação e secco de estilo, sem levar em consideração que o artista conhecia a justa medida das cousas, e evitava, portanto, as digressões campanudas, a parolagem e as empolas inuteis, de que costumavam servir-se os escriptores nacionaes, por indole derramados, como os portuguezes. O propalado *francezismo* literario de Taunay, não lhe é mais peculiar que o *chateaubrianismo* de Alencar, ou o *allemanismo* de Tobias Barreto. Todos nós que pensamos e escrevemos, tanto no Brasil como

na America do Sul, temos soffrido, naturalmente, o influxo estrangeiro e, sobretudo, o francez, o espanhol e o italiano. Á sombra dessas tres litteraturas se desenvolveu a nossa, desde que principiamos a pensar independentemente de Lisbôa ou Coimbra.

Antes do nosso indianismo já Cooper, nos Estados Unidos, e Chateaubriand, na França, tinham voltado os olhos para as savanas e as florestas do novo mundo, aquelle com mais sinceridade e este com mais artificio, porém, ambos com igual enthusiasmo. Não fomos nós que descobrimos o selvicola no seu aldeamento agreste, nem o salteador no sua lapa cavada na rocha bruta. Os que aqui primeiro falaram do indio, como Rocha Pitta e Durão, limitaram-se a descrevel-o superficialmente, á maneira dos velhos chronistas jesuitas, como infima creatura, sem historia e sem tradições, simplesmente porque ignorava umas tantas rezas e adorava os trovões e as tempestades. Gonçalves Dias e Alencar seguiram, porém, outro rumo, caminhando pela estrada aberta por Fenimore Cooper e Chateaubriand. Nem um dos dois, entretanto, perdeu a personalidade, nem um delles cahio na enredação que, geralmente, ficam presos os imitadores de segunda ordem.

O mesmo succedeu com Taunay, pois, na companhia dos mestres francezes, permaneceu brasileiro como poucos, ganhando, além do mais, aquella sobriedade de dicção, que, de Montaigne a France, ainda não desertou das terras das Gallias, e é a sua prenda mais notavel.

Taunay não se limitou a escrever romances e contos, sua litteratura não é só de ficção, mas

tambem de assumpto politico (*A Nacionalização*), juridico (*Casamento Civil*), scientifico (*Questões Militares*), theatral (*Amelia Smith*) e critico (*Estudos Criticos*). Em todo o caso, foi como romanista que se distinguio nas nossas letras, e é como tal que o devemos apreciar.

Reduzindo, agora, a uma lei geral de evolução a historia do romance nacional, de Teixeira de Souza e Escragnolle Taunay, veremos que, na sua primeira phase, isto é, com o *Filho do Pescador*, os *Romances e Novellas* (Norberto) e outras producções somenos, predominou o caracter local, meramente descriptivo, sem preocupações outras que não fossem as da fantasia do autor; na segunda phase, com a *Moreninha* e o *Guarany* já o sentimento de uma these se esboça, o estilo torna-se mais ductil, a fabulação complica-se mais; finalmente, na terceira e ultima phase, com as *Memorias de um sargento de milicias*, *A Escrava Isaura*, *O Cabelleira*, e *Innocencia* nota-se um movimento de reacção contra o genero puramente idealista, a construcção dos typos e das scenas é mais *observada*, a *realidade* passa para o primeiro plano, tanto na pintura dos quadros como na dos caracteres, e já se vislumbram as intenções psychologicas de Machado de Assis e Aluisio de Azevedo.

Duas tendencias, todavia, dominaram durante o periodo romantico: a sertanista, campesina ou indianista de Alancer, e a anedoctica, descriptiva ou realista de Macedo. Dentro dellas se moveu o romance nacional, oscillando entre a selva e a cidade, entre o indio, o caboclo, o matuto e o burguez das classes remediadas, o commerciante, o empregado subalterno e o militar. Ainda

não conheciamos, até então, nem a duvida ironica de Dom Casmurro, nem os paradoxos amoraes de Braz Cubas.

A HISTORIA E A CRITICA

Os brasileiros somos, geralmente, historiaadores de curto vôo e criticos de pouca profundidade. Na historia, confundimos a eloquencia com a verdade, na critica, o elogio ou a verrina com o senso da exactidão. O mal não é tão nosso como das condições ethnicas, moraes e sociaes do paiz. Já se disse, no correr deste livro, que não possuímos a noção da estabilidade; ora, sem essa qualidade primarcial, que não se improvisa, e sómente se adquire com o trato e a experiencia dos homens e do mundo, não haverá equilibrio nos conceitos, nem justeza nos commentarios; não haverá philosophia na historia, nem penetração na critica. Accresce, tambem, que os povos da peninsula iberica de quem descendemos directmente, para não mencionar o indio e o africano, cuja capacidade de observação é secundaria, nunca se revelarem superiores por esse lado. Ali predomina, igualmente, a paixão, o lirismo historico obscurece a visão dos factos, o culto da imaginação perturba o conhecimento logico das cousas. A irreverencia de Cervantes e a exaltação de Camões definem a raça hispano-lusa, *mobil per natura*, como a onda, de Shakespeare, e a mulher, de Petrarca.

Na literatura da peninsula não se encontrará um *intuicionista*, como Carlyle, nem um observador, como Montaigne, nem um systematizador,

como Schlegel. O espirito de synthese não é, portanto, o nosso forte. Decorre d'ahi nossa incapacidade como historiadores e criticos.

Antes do movimento evolucionista de Recife, com excepção da *Historia Geral*, de Varnhagen, e do *Jornal de Timon* de João Lisbôa, appareceram aqui apenas obras de mero character informativo, como as biographias de Norberto Silva, os episodios romanceados de Pereira da Silva, as divagações literarias de Sotero dos Rêis, que irmanou o Marquez de Maricá a La Rochefoucauld, e do Conego Fernandes Pinheiro, que comparou os *Tymbiras*, de Gonçalves Dias, "á architectura cyclopica de Vetrúvio e Vignola".

Francisco Adolpho de Varnhagen (1816-1878), Visconde de Porto Seguro, foi um dos mais activos pioneiros dos estudos historicos e o maior escavador de velhos documentos e archivos de que temos sciencia no Brasil. Suas obras contam-se ás dezenas. Os cancioneiros medievaes, os problemas de ethnologia, as nobiliarchias, os roteiros de viagem á America do Sul, as chronicas dos primeiros povoadores do Brasil, os codices dos jesuitas, os diarios de navegação dos marinheiros portuguezes e espanhóes, as questões de anthropologia e de linguistica, as biographias duvidosas, tudo, emfim, quanto se refere aos assumptos historico-literarios, esse homem procurou, revolveu, commentou e esclareceu com criterio e amor, desinteressadamente, durante a sua longa vida de beneditino apaixonado e singular. É, por esse lado, a mais alta encarnação da curiosidade intelligente e honesta que tem havido em nosso paiz.

Não ficou, entretanto, confinado nesse tra-

balho de traça, paciente e desluzido. Com os mancebões conquistados á custa de tanto labor, nas bibliothecas publicas e particulares europeas e americanas, escreveu a introdução do *Florilegio da Poesia Brasileira*, que é uma synthese apreciavel da nossa evolução literaria, a *Historia Geral do Brasil*, a *Historia das Luctas contra os Hollandezes* e a *Historia da Independencia*, onde, pela primeira vez, se tratou com acerto, e sem o gongorismo costumeiro, das nossas cousas e do nosso character fundamental.

Varnhagen não é um escriptor imaginoso, ou melhor, não põe a imaginação ao serviço da historia, assim como não possui, tambem, aquelle instincto de percepção de um Draper ou de um Macaulay. É secco, sizudo, não divaga; prefere os factos ás idéas aprioristicas, esplanas os assumptos com sobriedade, e surge sempre apoiado em citações de toda ordem, sem alarde, como quem sabe o que diz, e acredita no que sabe. Suas opiniões são escrupulosas, nascem da rebuscas exhaustivas e fatigantes; não se pejava, tambem, de corrigil-as, quando as suppunha desconformes com a verdade, como no caso de autorria do *Dialogo das Grandezas*, das *Trovas e Cantares*, e em varios outros.

Ao devotamento espontaneo de Varnhagen devemos uma valiosa anthologia de poetas brasileiros e a edição de muitas obras, onde se encontram copiosos subsidios para o esclarecimento da nossa historia no periodo colonial. Suas inumeras polemicas mostram sobejamente quanto estimava elle as contribuições sinceras, de primeira mão, valorizadas pela prova documental.

A feição principal de Porto-Seguro é a do

erudito consciencioso, capaz de sacrificar muitas vezes a clareza da dicção á força do documento, apenas para mostrar que o seu pensamento não está em erro. Não lhe cabe, porém, o apodo de enfadonho narrador, que uma critico desavisada e injusta lhe tem posto. Varnhagen escreve com simplicidade, sua linguagem é natural, não se cobre de arrebiques, nem de adjectivação superflua; o homem apparece debaixo do escriptor, com as suas crenças e as suas theorias, dá bem o seu recado e não se demora um momento sequer com o leitor. Vai adeante, certo da lição professada e do proveito della para todos que a ouvirem. Ninguem, pois, tem mais direito do que elle ao logar de precursor dos estudos historicos em nossa literatura, e, embora não haja nos seus trabalhos uma consideravel largueza de vista, as informações preciosas de que estão cheios representam um grande capital accumulado de saber, lucidez de intelligencia e bom senso.

Já não é tão significativa a obra de Pereira da Silva (1817-1898). O escriptor fluminense é lacunoso e fantasista nas suas biographias, emphatico e derradeiro no seu estilo, pouco seguro nas suas affirmações. Pode ser considerado, sem exaggero, um divulgador esforçado da obra dos nossos homens politicos e de letras. Ahí estão, como argumento em pról de tal asserto, varios volumes seus, como a *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, o *Segundo Periodo do Reinado de D. Pedro I*, os *Varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, e outros de menor quilate, onde elle procurou fixar alguns aspectos da vida social e intellectual do nosso paiz, super-

ficialmente é verdade, mas com amoroso e patriótico intuito.

Sua *critica* é mais que duvidosa, inferior mesmo, e não se recommenda nem pela clareza das idéas, nem pela necessaria ponderação. Segundo elle, Souza Caldas emparelha com Milton e Klopstock, e até com o Rei David (sic), na traducção dos *Psalmos*; José Bonifacio rivaliza com Victor-Hugo; a poesia de Alvarenga Peixoto lembra a de Petrarca e Metastazio, e tem “o colorido de Raphael d’Urbino, o sentimentalismo de Corregio e alguma coisa de candido e puro, como as composições de Murillo, ou de alegre e doce como a Psyché de Canova”; os versos de Gonzaga eram “ternos como o gorgueio do sabiá canoro, arrebatadores como a torrente do deserto, melancolicos como a musica de Bellini e as flores do chorão, sublimes como a grandeza do oceano e a voz de Deus”... (1) Depois desta ultima arrancada, para que citar mais? Vê-se bem que, no conceito de Pereira da Silva, Deus e Bellini, as flores do chorão e os quadros de Murillo, o colorido de Raphael d’Urbino e as canções de Klopstock, o oceano e as torrentes do deserto tomavam, segundo o momento, a mesma significação, ou melhor, não tinham significação precisa, eram apenas *figuras* ou *comparsas* de que sua imaginação se servia para lhe mascarar a falta de espirito e a incapacidade de observação.

Não se lhe vantaja muito, por esse lado, Joaquim Norberto de Souza Silva (1820-1891), que, com ser um dos mais fecundos escriptores na-

(1) Vid. *Varões Illustres do Brasil etc.*, 2 vols. ed. Garnier.

cionaes, não deixou senão meia duzia de paginas aproveitaveis e algumas biographias notaveis pelo valor da documentação seria e proveitosa, colhidas nas melhores fontes originaes. Suas obras de ficção, como as de Varnhagen e Pereira da Silva, são de valia contestavel. Os contos (*Romances e Novellas*, e o *Martyrio de Tiradentes*), e o theatro (*Clytemnestra*, e *Amador Bueno*) de Norberto, não valem mais que as chronicas historicas de Pereira da Silva. Vale mais, entretanto, o seu estilo, menos sobrecarregado de empolas e ornatos, mais desembaraçado e fluente que o do autor dos *Varões Illustres*. Sem ser castiço, tinha Norberto mais escrupulosa dicção que Pereira da Silva, conhecia melhor os segredos da lingua vernacula. Não se livrou, todavia, do mal da epoca, pois sua critica se inspirou em um patriotismo tolo, canhestro e desarrazoado. Compara, por exemplo, os madrigaes de Silva Alvarenga “aos melhores de Marot, Dorat e Voltaire, bem como Palestrina, Marenzio, Scarlati, e outros” (1), e não se detém mesmo deante dos mais abstrusos confrontos, quando commenta alguns poetas nacionaes, particularmente os do grupo mineiro, que lhe merecerem especial estudo e sympathia.

Tambem Sotero dos Reis (1800-1871), com melhor lição dos doutos e mais variada cultura, não refoge a este juizo. Seu volumoso curso de *Literatura Portugueza e Brasileira*, em quatro alentados tomos, não contem uma só idéa geral profunda, nem o espirito de observação indispensavel em obra de tanta monta. Ainda aqui se

(1) Obras de *Silva Alvarenga*.

verifica a pobreza dos nossos processos criticos durante a phase romantica. A divagação insulsa occupa o lugar do commentario criterioso e justo, o *chauvinismo* fala mais alto que o raciocinio e os preceitos de Horacio e Boileau ainda encontram ampla e descomedida applicação.

No *Curso Elementar de Literatura Nacional*, do Conego Fernandes Pinheiro, sob a solemnidade didactica, apparece igualmente, o impertinente sestro de elogiar despropositadamente os nossos escriptores, collocando-os mal na companhia de alguns grandes nomes da cultura européa. Quando elle se refere aos nossos românticos, é, sobretudo, de uma ingenuidade realmente estranha num professor cathedratico da materia... Descobrio, por exemplo, na obra de Magalhães, indistinctamente, "o sentimentalismo de Lamartine, a suave melancolia de Chateaubriand, a vigorosa imaginação de Lord Byron, ou de Victor-Hugo, as graves e profundas cogitações de Schiller e de Goethe"; achou os versos de Porto-Alegre, nas *Brasilianas*, dignos do Dante; conferio a Gonçalves Dias "uma reputação européa", confundindo naturalmente Lisbôa com Paris e Londres; rotulou as sensaborias rimadas de Teixeira e Souza com os nomes illustres de Lucano e Voltaire; encontrou "as luxuosas galas de uma imaginação viridente" nas *Modulações Poeticas* de Norberto Silva; na *Nebulosa*, do "Dr." Joaquim de Macedo, sentio "a volcanica penna de lord Byron", e ainda "o pincel de Sanzio". Consoante o Conego, Junqueira Freire "era o homem do presente envolto no passado"; Dutra e Mello e Alvares de Azevedo, "botões que a se-

gure da morte ceifou antes que desabrochassem" (1).

Ora, com semelhante critica de collegial applicado, não é possível dizer-se alguma coisa de aproveitavel, as linhas geraes da historia litteraria confundem-se, baralham-se num farelorio sem nexo, numa mestiçagem inaceitavel de meias-idéas e meios-conceitos destituídos de fundo e de fórma. Ficamos, apenas, com alguns nomes e datas na memoria, mas sem poder ligal-os, tolhidos na apreciação dos valores, ignorando as correntes do pensamento litterario em tal ou qual epoca, em certo e determinado momento. O Conego não escapou ao meio, pois, era assim que se entendia a critica, eram esses os seus processos no Brasil, de 1830 a 1870.

Sobreleva a todos, nesse periodo, João Francisco Lisbôa, (1812-1863) o autor espirituoso, elegante e subtil do *Jornal de Timon*. Manejando a lingua com apuro e distincção, conhecendo as velhas litteraturas, a portugueza especialmente, foi elle um dos nossos escriptores classicos por excellencia, aquelle, pelo menos, em quem o sabor classico é mais caracteristico. Muitas das suas paginas lembram, pela malicia e ironia, o estilo de um D. Francisco Manoel mais espontaneo e desataviado. Intelligencia universal, quereremos dizer versatil e polymorpha, Lisbôa, no meio dos seus companheiros emphaticos e atrasados, brilhou pela liberdade do character e pela profundeza da capacidade de observador sagaz e astuto.

Suas investigações não se circumscreveram a rebuscas de biographias obscuras, dilataram-se

(1) Vid. Curso Elementar de Literatura Nacional.

aos problemas juridicos, ethnicos, politicos e sociaes, pois, elle possuia, em alto gráo, a intuição do que se chamaria depois a "physiologia da historia". Praticamente, na politica e no jornalismo, teve occasião de sondar a alma popular, de vêr em actividade o organismo social da sua terra, de lhe seguir, portanto, a marcha evolutiva como parte integrante d'elle. Naturalmente, depois de certo tempo, tornou desilludido da refrega. Ai ! dos delicados ! Não esbravejou, porém, aconselhou, sorrindo ás vezes, outras cheio de piedade, a medicina que a sua experiencia larga e avisada lhe dictava. O *Jornal de Timon* é um documento de psychologia politica; muitas considerações se nos deparam nelle que teriam, ainda agora, o gosto da opportunidade, tanto é verdade que os povos são de indole conservadores e preguiçosos no desapego aos máos habitos adquiridos, como diligentes na receptividade delles. Lisbôa não fez do seu *Jornal* um pamphleto, como a *Lanterna*, de Rochefort, mas um livro de notas profundas e vivas, lastreado de eruditas ponderações, no genero, guardadas as proporções, dos *Ensaio*s de Montaigne, e onde ha verdadeiras theses ricas de conceitos e informações, como as *Eleições e os partidos no Maranhão*, e os *Apointamentos, noticias e observações para servirem á historia do Maranhão*.

João Francisco Lisbôa, que, entre numerosos artigos publicados na imprensa, tambem escreveu, com o douto cuidado de sempre, a *Vida do Padre Antonio Vieira*, é o mais lucido espirito e o maior estilista do tempo.

São dignos de menção, tambem, nessa categoria de escriptores, Alexandre José de Mello

Moraes (1816-1882), a quem devemos a publicação de verdadeiros archivos sobre a nossa historia; Joaquim Caetano da Silva (1810-1873), autor de alguns trabalhos de philosophia e sciencia medica, e de memorias sobre limites; e Joaquim Felicio dos Santos (1828-1895), historiador e chronista probo e valioso.

O THEATRO

Nosso povo, que, segundo o testemunho dos mais velhos chronistas, sempre foi amigo de funcções e espectaculos; que, desde Anchieta e dos saráos de Jorge de Albuquerque Coelho, em Pernambuco, isto é, desde os seculos XVI e XVII, foi grande apreciador de autos e representações de toda ordem, não teve um theatro seu, onde pudesse realmente assistir ás scenas da sua vida social, com typos e figuras nacionaes, senão no XIX seculo, depois do apparecimento de Martins Penna, Alencar e Macedo. Os escriptores brasileiros do periodo colonial, mesmo os do seculo XVIII, com excepção de Antonio José, que não viveu aqui, nem influiu directamente em nosso meio, nunca se interessaram pelo theatro e, ou por falta de intuição, ou pela carencia de assumptos, escassamente contribuíram para o desenvolvimento desse genero literario entre nós.

Pode-se dizer que o theatro nacional surgiu no Brasil ao tempo dos romanticos, em 1838, com a tragedia *Antonio José*, de Magalhães, e a comedia de Martins Penna, *O Juiz de Paz na Roça*. O autor dos *Suspiros Poeticos* não era, porém, um dramaturgo de raça, não tinha as qua-

lidades de observação, a espontaneidade dos dialogos e a simplicidade da acção indispensaveis para se tornar popular, para conseguir o enlevo e o apoio da platéa. Estão nesse caso Teixeira e Souza, Gonçalves Dias, Norberto, Porto-Alegre e Varnhagen, que tambem se ensaiaram no drama e na tragedia, com manifesta inferioridade.

Luiz Carlos Martins Penna (1815-1848), ao contrario, foi por excellencia homem de theatro, como se vê da lista copiosa das suas obras. Nada menos de dezenove comedias, sete dramas e uma tragi-farça deixou elle na sua breve passagem pelo mundo. Possuindo uma clara comprehensão da scena e uma profunda indifferença por tudo quanto lhe parecia postiço, não sacrificou o estilo singelo, trivial até, das suas peças, á mais ligeira preocupação litteraria. Pôz nas suas burletas, como o faria mais tarde Manoel de Macedo nos seus romances, a realidade quotidiana, as idiosyncrasias do ambiente carioca, as intrigas de todo dia, aquillo, em summa, que estava ao alcance do seu publico, e onde a nossa sociedade podia rever-se, na sua nudez, sem difficuldade, como em um espelho rude mas bastante polido para lhe reflectir os vicios originaes.

No theatro de Penna a these é substituida, geralmente, pela simples anedocta de costumes, a intriga não revela maiores intenções, senão as de fazer rir, e as personagens não encarnam idéas de reforma ou de critica profunda, passam pelos olhos do espectador como transeuntes vulgares, de quem se apreciam apenas os gestos irrisorios e a vida prosaica.

Á parte os dramas moralizantes de Alencar e Pinheiro Guimarães, no genero dos de Emile

Augier, e uma ou outra manifestação de caracter indianista ou historico, de que temos exemplo na propria producção de Penna, nossos theatrologos, como Macedo, Agrario de Menezes, Augusto de Castro, França Junior e grande numero de outros, limitaram-se a descrever, sem mais complicações nem superiores intuitos, aquillo que observavam, isto é, os accidentes da pacata e mediocre existencia da nossa pequena sociedade, cujo applauso ia de preferencia á chufa que á ironia, ás tiradas emphaticas e ás peripecias da fabulação que á seriedade das idéas e á verdade e finura dos conceitos.

Apesar da sua volumosa apparencia, nunca teve a literatura theatral a importancia e a significação da poesia e do romance, e mesmo da critica e da historia, no Brasil. Nosso povo sempre foi mais amigo das explosões subitas de jubilo ou de pranto que das meditações demoradas, e, como ainda não havia, no momento dos Penna e dos Macedo, uma organização social que se recommendasse pela cultura ou pelo refinamento da educação intellectual, não devemos estranhar que faltem ao theatro brasileiro, durante o periodo romantico, idealizações superiores e eternas.

CAPITULO IX
O NATURALISMO
(1870-1900)

A Poesia: O modernismo. — A illusão scientifica. — O Parnasianismo: Machado de Assis, Luiz Guimarães, Theophilo Dias, Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Luiz Delfino e Luiz Murat.

O resultado mais apreciavel do movimento naturalista foi, como notou Brunetièrre, a substituição do subjectivismo empirico pelo objectivismo scientifico. A illusão de uma *verdade* puramente exterior, existindo *a priori* e sem a participação do individuo na sua realidade intrinseca, entrou a dominar a literatura européa, depois dos meados do XIX seculo. A imaginação perdeu o seu poder temporal e as suas prerogativas absolutas; as *construcções* que não tinham por base o *documento* pricipiaram a vacillar, e a observação limitou o terreno da fantasia, nivelou-lhe a superficie irregular, marcou-lhe as dimensões e determinou-lhe os confins, reduzindo-o a uma porção insignificante e quasi despresivel.

O povo, na forte expressão de um notavel critico, "se lassa de ces griseries de cervelle et demanda qu'on lui offrit des images moins illusoirs de l'humanité" (1). O individuo, novamente, deixou de ser a "medida de todas as cousas", subordinou-se á vontade do meio physico e psychologico e, sem se preocupar com as causas remotas, procurou a sua finalidade nos efeitos immedatos, dando á imagem da vida uma regularidade geometrica, precisa nos seus contornos, logica em todas as suas linhas apparentes.

Quaes foram, porém, os motivos de tal reforma, porque Madame Bovary succedeu á Indiana? Apesar de todos os caprichos imminentes ha, na evolução dos generos literarios, uma razão fundamental que os sobreleva, uma lei historica a que elles estão irremediavelmente presos. As modas e os caprichos nascem de necessidade immediata: foi esta necessidade que provocou o idealismo romantico, depois da grande crise moral do seculo XVIII; foi ella, tambem, que, em seguida aos enganos do utilitarismo scientifico, mostrou aos homens que a hora do devaneio estava finda e que o determinismo universal era o unico remedio para o immenso tédio da vida, que os ameaçava.

O romantismo acabara no delirio da personalidade, na supervisão das cousas, no transbordamento de todas as balisas da imaginação, em summa, no mais perigoso egocentrismo literario.

(1) *F. Loliés.* — *Histoire des Littératures Comparées.*

Não era possível ir além da exaltação de Victor-Hugo. A intelligencia começou a distinguir, então, onde estava o genio e onde o exagero, onde o espirito e onde a emphase, entrando o *bom senso* a fixar os valores, a classificar-os e separar-os da confusão primitiva em que os havia lançado a torrente romantica. O "impessoalismo" doutrinario, de Flaubert, já entrevisto em Balzac, e vislumbrado em Vigny, naquelle seu livro "composto, esculpido, dourado, talhado, acabado, limado e polido como uma estatua de marmore de Paros", fez adeptos, e, em pouco, sob a influencia dos realistas inglezes, como Dickens e Elliot, percorreu todos os recantos da França, ganhando, finalmente, a Europa inteira.

Para compensar o liberalismo romantico, sonhador na politica, utopista na moral e illuminado, na religião, a illusão intellectualista transformou a criação literaria em um conjunto de regras abstractas, de predeterminações scientificas, de dados positivos, sem os quaes nada seria perfeito e acabado. Aquillo que, mais tarde, Mithouard chamaria o "tormento da unidade" constituiu, por assim dizer, a preocupação primordial do naturalismo nascente.

Pela voz do autor de *Madame Bovary*, riram-se ou indignaram-se os novos deuses contra o dandysmo de Musset, o estilo despenteado de Lamartine, as empolas de Hugo e a fertilidade de Georges Sand. O que era fidalguia, na dynastia dos descendentes de Chateaubriand, passou a ser considerado vulgaridade, pobreza e trivialidade entre os naturalistas. Ninguem poderia mais, sem irrisão, e até blasphemia, falar das suas pequenas dôres, das suas contingencias me-

dioces, dos seus amores ou das suas alegrias. A arte é uma representação, a arte não tem nada de commum com o artista, disse Flaubert. O homem tornara-se um producto da fatalidade inconsciente, um resultado das forças eternas que o dirigiam, dos principios inevitaveis que o governavam, numa palavra, uma simples machina, cujos movimentos já estavam pré-estabelecidos, ordenados e catalogados no grande indice biosociologico do planeta. Todos se lembram da monstruosidade de Taine, em virtude da qual, sendo o homem physicamente um mecanismo, e mentalmente um theorema, o vicio e a virtude eram simples productos, como o vitriolo e o asucar... Todos estão recordados da famosa *secreção de pensamento*, de Karl Vogt. Pois bem, assim é que os theoristas do naturalismo, pelo menos em these, resolviam o problema do sêr. O *ignorabimus* dos positivistas, vinha sempre em auxilio das suas cogitações, e a vida, para ser perfeitamente comprehendida, deveria obedecer a um systema fechado de combinações, como um calculo de mathematica elementar, dependendo apenas da applicação de meia duzia de fórmulas mais ou menos habeis a solução das suas incognitas terriveis.

Ora, não nos devemos espantar, de haverem os naturalistas considerado a moral como um simples humor, e a intelligencia como um precipitado cerebral, de maior ou menor intensidade, conforme a riqueza physiologica do individuo. A illusão scientifica teve os seus professores, e até os seus apostolos, tanta era a força das suas promessas e a ingenuidade dos seus fieis... No romance, catalogaram-

se as paixões, os “estados de alma”, os “impulsos instinctivos”, as idiosyncrasias latentes”, como méras perturbações pathologicas, nascidas do attricto social, como reacções desse complicado mecanismo interior, que é o sub-consciente. As velhas theorias de Descartes sobre a emoção tornaram á superficie. A *perturbatio animi* voltou a ser encarada como um reflexo immediato da *perturbatio corporis*; nem um estado de consciencia, na expressão de Ribot, um dos mestres da nova psychologia, poderia dissociar-se das suas condições physicas, todas as manifestações do mundo psychico reduziram-se a phenomenos physico-chimicos. O elemento *vontade* desapareceu quasi completamente, ficando em seu logar “um grupò de tendencias motrizes”, um systema de sensações nervosas, que o meio circumstante dirigia e determinava.

Dentro dessa concepção mecanista do homem e dos seus actos mais aparentemente livres, não havia margem para a exaltação da personalidade humana, relegada, como planta exotica ou minerio exquisito, para um mostruario de productos naturaes. Supprimido o livre arbitrio, que nos restava senão perdermos todos os reconfortadores idealismos, e obedecermos *a priori* aos nossos sentidos victoriosos. Elles saberiam, na sua força inconsciente mas fatal, ir ao encontro do grande destino que nos aguardava, como a onda amarga espera o rio sereno e confiante.

Assim, ao contrario dos romanticos, os naturalistas procuraram a mediocridade grosseira e contingente e o aspecto *contemporaneo* das cousas, trocaram os heroismos, já agora ridiculos e

impossiveis, pelas pequeninas covardias da realidade quotidiana. Mas "à diminuer de plus en plus la part de l'exception et de la singularité, nos romanciers soi-disant réalistes, escreve um excellente observador, en viennent à detruire dans leurs personnages jusqu'au dernier élément d'une existence propre. La suppression des évènements rares les conduit à la suppression même des évènements quotidiens. C'est l'histoire commune de toutes les théories d'art, fussent-elles d'ailleurs excellentes, quand elles aboutissent au dernier excès de leur principe. Elles l'annihilent en l'outrant" (1). Está ahi por que a obra de Zola foi o epitaphio da escola naturalista, como a de Hugo já fôra o da romantica.

Na poesia, o objectivismo tambem triumphou e, com tanta segurança, que o proprio Hugo, segundo Brunetière, (2) impressionado pelo successo dos *Poemas Antigos*, de Leconte de Lisle, começou a escrever a *Lenda dos Seculos*, onde, apesar de todo o seu gigantesco esforço por impessoalizar-se, vibra ainda, com a variabilidade extrema, que lhe é habitual, a sua alma impetuosa e delirante, cheia de queixas impossiveis e surdas reivindicações.

Os motivos dessa poesia eram os mais variados e multiplos. Aquillo que os românticos da primeira metade do seculo XIX tinham ido buscar nos paizes nordicos e nos cancioneiros medievaes, já não bastava. O Oriente, com seus templos

(1) *P. Bourget*. — *Essais de Psychologie Contemporaine*, vol. 2.

(2) *Brunetière*. — *Manuel de l'histoire de la Lit. Franç.* pg. 502.

de mozaico e pedraria, seus palacios forrados de tapeçaria custosa e complicada, sua architectura cyclopica, e sua religião, onde a fabula subtil e a realidade sangrenta se confundem, fascinou os novos poetas. Os deuses gregos e os prophetas biblicos, os idolos da India e os santos do christianismo resurgiram, entre as aparições luxuosas das lendas arabes e persas. A sombra leve de Hypathia,

au déclin des grandeurs qui dominant la terre

cruzava com a sombra solemne de Brahma

enveloppé des tenèbres premières;

Pan da Arcadia, "aux pieds de chèvre, au front armé", passeava ao lado de Lydé, por entre as vinhas perfumosas dos pomares romanos. Os hymnos vedicos misturavam-se aos cantos liturgicos, a idade-média povoava-se de divindades joviaes. Fausto recebia, então, nos olhos nevoentos e brumosos, a claridade olympica de Apolo.

E porque todos esses antigos symbolos fossem reproduzidos com exactidão minuciosa, quasi plasticamente, coube aos jovens artistas o appellido de frios e impassiveis. Não attentaram os criticos, na sua faina de rotular a nova expressão de belleza que nascia, nas necessidades logicas de tal movimento, considerando-o sómente por uma de suas faces: os apuros da fórmula, o rigorismo das combinações metricas e os caprichos da rima monopolizaram todas as attenções. A pateada irreverente começou a saccudir a platêa,

pois, aquelles que a guiavam, como sôe sempre acontecer, haviam mister de exercer suas funcções demolidoras para mostrar que existiam. De modo que essas qualidades, essencialmente francezas, de correcção, limpidez e equilibrio, que fizeram a grandeza do seculo XVII, com Malherbe e Molière, Corneille e Racine, passaram, de repente, para um plano secundario e inferior (1).

Parnassien, conta Catulle Mendès, em um curioso livro de memorias, era pejorativo usado em ultimo gráo de recurso, até pelos cocheiros, nas suas truculentas contendas de boléa a boléa, onde o vocabulario de Rabelais, enriquecido por varios seculos de *argot*, encontra o mais pitoresco e natural escoadouro. Nada, entretanto, justificava a displicente superioridade com que os velhos criticos recebiam os poetas do *Parnasse Contemporain*. Quem poderá, sem grave injustiça, afirmar que a poesia de Leconte de Lisle ou de Sully Prudhomme, de Heredia ou de Francois Coppée é insensivel? Através dessa falsa "impassibilidade" escondia-se a eterna aspiração da alma humana pela belleza. Classicos, romanticos, parnasianos, todos somos feitos da mesma argila, em todos palpita o mesmo sonho inatingivel de finalidade. Quem poderá discernir, convenientemente, onde acaba a *fôrma* e onde começa a *imaginação*? A arte não deve ser con-

(1) "Ce qui n'a pas contribué, médiocrement au succès et à la fortune de ces idées, c'est que, par une conséquence dont on voit sans doute l'étroit rapport avec elles, elles ont ramené l'écrivain au sentiment des difficultés de l'art d'écrire; au respect de la langue; et à cette religion de la forme sans lesquels personne en français n'a rien laissé de durable". *Brunetière*. Ob. cit.

siderada uma caprichosa e passageira moda. Ella tem as suas leis fundamentaes porque é funcção da intelligencia creadora, e, portanto, está subordinada ás proprias leis da natureza. É ella a principal coordenadora do tumulto interior, a renovadora permanente dessa mysteriosa harmonia que ha nos sêres e nas cousas, “um protesto do individuo contra a realidade que o opprime” (1). Acima das nomenclaturas transitorias pairam as sempiternas idéas de perfeição e felicidade que dirigem os homens sobre a terra.

A poesia dos chamados *parnasianos*, por suas qualidades de brilho e encanto, e tambem por seus pitorescos aspectos descriptivos, ora recordando as scenas galantes do seculo XVIII, de Watteau e Fragonard, ora o fausto dos ambientes de Omar Khayyam e Saadi, exerceu logo immensa fascinação sobre os nossos poetas, cansados da grandiloquencia dos condoreiros e dos prosaismos scientificos de certos modernistas que, com Martins Junior á frente, envenenaram, por um momento, as fontes do lirismo brasileiro. A essa corrente do “conceptualismo philosophico”, para falar com um dos seus mais insignes representantes (2), filiaram-se, entre outros, Sylvio Romero e Teixeira de Souza.

Sylvio Romero, entretanto, a exemplo de Sully Prudhomme, apreciou melhor que os demais a funcção da sciencia na poesia. Elle não queria o poeta para “ensinar geographia ou linguistica, pre-historia ou mathematica, mas para enlevar

(1) *Fr. Paulhan*. — *Le Mensonge de l'Art*.

(2) *Sylvio Romero*. — *A Literatura*. Mem. Liv. do Centenario.

o bello com os lampejos da verdade, para ter a certeza dos problemas além das miragens da illusão" (2). Não se furtaram os modernistas, porém, ao gongorismo dos condoreiros. Antes, continuaram, sem o vigor de Castro Alves e até de Tobias, a accender as mesmas fogueiras estrepitosas dos seus predecessores.

Leiam-se, por exemplo, as primeiras estrophes da "Synthese Scientifica", de Martins Junior:

Seculo dezenove ! O bronze do teu vulto
Ha de ser venerado, ha de se impor ao culto
Dos posteros, bem como impõe-se á escuridão
Um relampago, um raio, um brilho, uma explosão !

Has de ser endeusado, athleta ! Has de servir
De exemplo, de fanal aos povos do porvir,
Como a estrella polar serve de rumo ás náos,
Como serve a miseria em seus esgarés mãos

De guia para o crime ! Ó seculo do labor !
As tuas creações, teus tunneis, teu vapor,
Tuas forjas, teu ar, tua electricidade,
Tua philosophia e tua heroicidade,

Tudo isso ha de formar por cima do futuro
Um pallio radiante, enorme, azul e puro,
Sob o qual sem o ver, eu sinto desde agora
Que hão de ir em procissão, bellos como uma aurora

Todos os cidadãos deste paiz — a Sciencia,
Todo filho da luz ou toda consciencia
Levada pelo amor — o grande agente altruista !

(1) Prologo dos "Cantos do Fim do Seculo".

O' seculo immortal, ó seculo em que a conquista,
A guerra, as religiões e as velhas monarchias
Têm tombado no chão, nojentas como harpias,

Tristes como o deserto ! Eu curvo-me ante ti
E ponho o joelho em terra, afim de orar daqui
Ao teu busto ideal, titanico, estrellado !...

Posta de lado a preocupação republicana, que foi um dos mais notaveis elementos da poesia modernista, systematicamente libertaria em todas as suas barulhentas reivindicações, nada se lhe encontrará de novo, por onde se consiga, em boa e leal critica, separal-a, absolutamente, da corrente hugoana de 1870. Com ella, ainda estavamos em presença de um rebento da arvore romantica, ao serviço, agora, das reformas sociaes. A imperfeição e o descuido da fórmula, assim como a violencia e o messianismo das idéas indicam, perfeitamente, a sua origem insophismavel. Se accrescentarmos, aos já citados, os nomes de Lucio de Mendonça, Celso Magalhães, Fontoura Xavier e os dos srs. Augusto de Lima e Medeiros e Albuquerque, excellentes poetas, teremos apontado os principaes representantes das derradeiras correntes literarias que precederam aqui os primeiros albores do parnasianismo.

Não devemos esquecer, porém, Luiz Guimarães e Machado de Assis, como precursores de Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Em ambos, o romantismo aparece menos intensamente, posto ainda conservem alguma ligação com os descendentes de Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu. A influencia parnasiana, entretanto, como já notara Sylvio

Romero, "a mais facil e a mais enganadora, pela virtuosidade dos seus processos poeticos, estava no ambiente, e, pouco e pouco, se estendeu a todos os poetas do tempo. Não era possivel combatel-a com successo, mesmo porque as velhas formulas estavam gastas e não interessavam mais.

Os *Sonetos e Rimas*, de Luiz Guimarães, assim como as *Chrysalidas* e as *Phalenas*, de Machado de Assis, revelam um grande apuro de fórma, um claro pendor para a elegancia do rimario e a riqueza dos rythmos, o pitoresco dos quadros e o colorido das imagens. Por esse lado, estavam elles mais distanciados de Alvaros de Azevedo e Castro Alves, que os chamados *modernistas*. A exemplo de Gonçalves Crespo, cuja influencia no Brasil, entre os annos de 1860 a 1870, foi larga e vigorosa, Luiz Guimarães procurou as fórmas requintadas, as combinações metricas finas e subtis. A mesma poesia de amor ou bucolica, em suas mãos, tomou matizes delicados, feições desconhecidas antes. Accrescente-se a isso um certo gosto pelos motivos exoticos, pela graça dos paineis estranhos, que em suas peregrinações por alheias terras pôde elle sentir e observar. Esse pico de exotismo, caracteristico dos parnasianos, põe-lhe nos versos aquelle accento do *modernismo* que lhe apontou Fialho de Almeida (1).

O successo da sua poesia estava, pois, não só na razão da doçura que lhe era propria, mas

(1) Prefacio aos *Sonetos e Rimas*, 3ª edição, 1914. Livraria Classica Editora.

ainda, e principalmente, na sua novidade. Luiz Guimarães, romantico de inspiração, foi, no apuro da expressão, um precursor da poesia de Raymundo, Bilac e do sr. Alberto de Oliveira. O desenho do seu verso é sobrio, medido, escoimado das empolas e dos exaggeros dos poetas precedentes. O soneto, escassamente praticado antes, mereceu as suas preferencias. As notas descriptivas predominam, geralmente, sobre as subjectivas, o artista sobreleva ao poeta, e o pintor se avantaja ao philosopho. As paisagens de Luiz Guimarães têm um sabor muito pessoal, não transmittem aquellas cores violentas das de Castro Alves nem aquelle sentimento de melancolia peculiar ás de Fagundes Varella. São pequenas manchas impressionistas, lembram aguarelas finas e delicadas.

O dia frouxo e languido declina
Da Ave-Maria ás doces badaladas;
Em surdo enxame as auras perfumadas
Sobem do valle e descem da collina.

A jurity saudosa o collo inclina
Gemendo entre as paineiras afastadas;
E além nas pardas serras elevadas
Vê-se da Lua a curva purpurina.

O rebanho e os pastores caminhando
Por entre as matas, lentamente,
Voltam do pasto num tranquillo bando;

Suspira o rio tepido e plangente,
E pelo rio as vozes afinando,
As lavadeiras cantam tristemente.

Os assumptos mythologicos, os motivos historicos, emfim, todo o arsenal da poetica romantica, apparece na sua obra com accentos diversos. Ao contrario, por exemplo, de Magalhães, o autor dos *Sonetos e Rimas* quando pintava ambientes de paizes estranhos, não mostrava o lirismo transbordante do cantor dos *Suspiros Poeticos*. É que, nelle, a influencia de Hugo não se revela tão intensamente. Lamartine, Vigny, Heine e Musset são os seus modelos dilectos, sem esquecer os poetas italianos, Steccheti e Carducci, que versou excellentemente. Ha nos seus paineis um laivo de ternura discreta, um sentimento de melancolia muito particular. Não é só o passado que elle recorda, mas a penetrante suggestão que derrama a antiguidade no coração do homem moderno. Tomese como ponto de referencia, o soneto *Veneza*.

Não és a mesma, ó flor de *morbidezza*,
Rainha do Adriatico ! Brillhante
Jordão de amor, onde Musset errante
Bebeu em ondas a lustral belleza.

Já não possues, ó triumphal Veneza,
O teu sorriso — olympico diamante,
Que se engastou do lord bardo amante
Na fronte heroica de immortal grandeza.

Tua escura laguna já não sente
Da antiga serenata o som plangente,
E os soluços de amor que nos teus barcos

Exhalava a patricia voluptuosa...
Resta-te apenas a canção saudosa
Das gemedoras pombas de São Marcos.

Em *Londres*, *Pariz*, no *O Coliseu*, em *Roma*, Luiz Guimarães não esquece nunca essas finas e aereas vozes de saudade que lhe subiam rumo-rosas da alma. Inspirou-lhe, tambem, a terra brasileira alguns temas de suave nostalgia, como em *Noite Tropical*.

Desceu a calma noite irradiante
Sobre as flores e os valles semeados:
Já ninguem ouve os cantos prolongados
Do negro escravo, estúpido e arquejante.

Dorme a fazenda:—apenas hesitante
A voz do cão, em uivos assustados,
Corta o silencio e vai nos descampados
Perder-se como um grito agonizante.

Rompe o luar, ensanguentado e informe,
Brotam phantasmas da savana nua...
E, de repente, um berro desconforme

Parte da matta em que o luar fluctua,
E a onça, abrindo a rubra fauce enorme,
Geme na sombra, contemplando a lua.

Vislumbra-se na poesia de Machado de Assis, igualmente, o mesmo cuidado de dicção e a mesma limpidez de estilo. Seus rythmos, porém, são mais variados e caprichosos. Machado de Assis era poeta de maiores recursos e mais larga inventiva metrica do que Luiz Guimarães. Sua poesia, no que tem de mais característica, mostra uma intensidade psychologica poucas vezes attingida aqui. Possuindo uma educação classica segura, um conhecimento profundo daquellas humanidades que, no seculo XVII, em França, eram

o distinctivo do *honnête homme*, Machado conseguiu imprimir aos versos um cunho de finura e discreção realmente singular. Suas imagens são, por via de regra, de um realismo perfeito, de uma clareza digna dos velhos mestres. Suas imagens são verdadeiras parabolias, servem-lhe, apenas, para realçar o pensamento, porquanto o autor das *Occidentales* foi, principalmente, um poeta de idéas. Ninguém melhor do que elle, pelo menos com tanta agudez, ferira a nota do desconsolo e da miseria universal.

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:

—“Quem me dera que fosse aquella loura estrella,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela !”

Mas a estrella, fitando a lua, com ciume:

—“Pudesse eu copiar o transparente lume,

Que, da grega columna á gotica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella !”

Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

—“Misera ! tivesse eu aquella enorme, aquella

Claridade immortal, que toda a luz resume !”

Mas o sol, inclinando a rutila capella:

—“Pesa-me esta brilhante aureola de nume...

Enfara-me esta azul e desmedida umbella...

Porque não nasci eu um simples vagalume ?”

Sob o ponto de vista literario, este soneto é por demais conhecido para que lhe accentuemos o valor. No que respeita, propriamente, aos recursos da technica vale apontar a sua originalidade. Machado rompeu, ali, com todos os preconceitos do soneto orthodoxo, do soneto-para-

digma que as famosas regras de Boileau fixaram. Em primeiro lugar, uniu todas as estrophes por sabios *enjambements*, que, muito longe de prejudicar a linha do poema, deram-lhe movimento e graça, fazendo com que o espirito girasse em torno do *Circulo Vicioso*. Deu liberdade aos rythmos, combinando-os admiravelmente, e tirando dos alexandrinos o artificio dos hemistichios e das cesuras forçadas. Repetiu os dous grupos de rimas até o ultimo verso, sem resvalar na monotonia. Observa-se igual riqueza de metros e variedades de rythmos na *A Mosca Azul*, no *O Corvo*, no *Mundo Interior*, no *Suave Mari Magno* e em outras muitas composições. Pode ser tomado o *Soneto do Natal*, como padrão da sua arte, cuja primacial virtude era um *humorismo* discreto e velado, mas cheio de penetrante melancolia, que, de improviso, assalta o coração distrahido.

Um homem, — era aquella noite amiga,
Noite christã, berço do Nazareno, —
Ao lembrar os dias de pequeno,
E a viva dança, e a lepida cantiga,

Quiz transportar ao verso doce e ameno
As sensações da sua idade antiga,
Naquelle mesma velha noite amiga,
Noite christã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca,
A penna não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,
Só lhe sahiu este pequeno verso:
"Mudaria o Natal ou mudei eu?"

Esse sentimento do *tragico quotidiano*, que, só agora, começa a entrar na poesia brasileira, foi Machado de Assis quem primeiro o revelou em nossa literatura. Embora não sejam frequentes nem muitas na sua obra notas de tal quilate, não é menos verdade que, antes d'elle, eram completamente desconhecidas. O horror ao prosaismo levou os nossos poetas ao extremo opposto, ao lirismo despiciendo, falso e barulhento, ás imprecações insinceras, postiças e desgraciosas. O *Soneto do Natal* tem todo o sabor da arte moderna, não só na sua expressão literaria, mas, por igual, nas intenções que o poeta deixou transparecer. Ainda, na poesia, na sua poesia tão injustamente julgada, tão mesquinamente comprehendida, Machado de Assis é um pioneiro, um orientador de primeiro plano. Era natural que sua arte desagradasse ao paladar commum: não estouravam nella as bombardas e as ronqueiras dos mais applaudidos fabricantes de poesia no Brasil.

Theophilo Dias, como aliás quasi todos os nossos parnasianos, é um lirista eloquente, voluptuoso, cheio de uma exaltação permanente pelo vocabulo scintillante, preferindo a elegancia da expressão á profundeza dos conceitos. Os *Cantos Tropicaes* e as *Fanfarras*, para não falar na *Lyra dos Verdes Annos* e na *Comedia dos Deuses*, mostram um temperamento ousado e ardente, ainda forrado de reminiscencias do romantismo, ainda imbuido da *Lenda dos Seculos*, mas já com outros requintes de dicção, muito ao sabor dos Banville e dos Gautier. Sua concepção de arte, ou melhor, aquillo que o joven poeta ingenuamente acreditava ser uma theoria de arte, está

nestas palavras do seu prefacio ás *Contemporaneas* do Sr. Augusto de Lima: “a meu ver a arte é a expressão immutavel das impressões multipas e successivas que o espectáculo da natureza ou o drama da existencia reflectem no espirito que os contempla e interpreta. O que caracteriza o artista é a faculdade de descobrir e aprimorar symbolos que, revestindo, com a belleza da fórma, o sello e a virtude da perpetuidade, conservam e communicam, sempre viva e energica, a emoção que se recebe das cousas que passam”.

Não é difficil observar em tal passagem que seu autor, era, principalmente, um sectario do genio plastico, daquillo que constitue uma das qualidades menores da intelligencia creadora. Estava elle, porém, de accordo com o *canon* de Gautier, um dos mestres da escola: “un poète qui qu'on dise, est un ouvrier; il ne faut pas qu'il ait plus d'intelligence qu'un ouvrier et sache un autre état que le sien, sans quoi il le fait mal. Je trouve très parfaitement absurde la manie qu'on a de les guinder sur un socle idéal: rien n'est moins idéal qu'un poète... Le poète est un clavecin et n'est rien de plus. *Chaque idée qui passe* pose son doigt sur une touche: la touche résonne et donne sa note, voilà tout.” (1).

Não vamos, porém, suppor que haja na obra de Theophilo Dias apenas o culto do vocabulo; elle mesmo escreveu que “a arte suprema consiste na correspondencia exacta, na equivalencia perfeita entre a fórma e o pensamento”. E, se é certo que essa correspondencia é toda relativa,

(1) *Th. Gautier.* — Les Grottesques.

pois depende da nossa capacidade de perceber e de sentir, não é menos verdade que elle procurou seguir os pendores da sua mocidade inexperta mas sincera.

Não lhe caberia, sem injustiça, o reproche de Guyau, quando, ao determinar as leis que presidiam á *esthetica do verso moderno* (1) accentuou que o cuidado da rima, levado ao extremo, faria o poeta perder o habito de ligar logicamente as idéas, ou melhor, de pensar, porquanto pensar, no dizer de Kant, é *unir e ligar*. . . O culto da rima pela rima, prosegue o alludido psychologo, introduz, lentamente no cerebro do poeta, uma especie de desordem e de cáos permanente, abolindo todas as leis de associação de idéas, toda a logica do pensamento, substituindo-as, emfim, pelo capricho dos sons. De tudo isso resultaria, pois, uma grande falta de sinceridade da parte do artista, e até o descaso do raciocinio, que deve ser o cuidado primordial do escriptor.

Theophilo Dias, máo grado as impertinencias do systema, punha o coração por toda parte, *ligava as idéas* pelas sensações que recebia da vida, como fazem os moços.

Vibra na tua voz, de um perfido attractivo,
Um rythmo fatal, dissolvente, impressivo,
Que me acceléra o impulso ao sangue impetuoso,
E docil ao seu timbre electrico, expressivo,
Meu ouvido o reflecte, em fremito nervoso.

No som dominador, na imperiosa ternura,
Exala sensações funestas: — a loucura,
A vertigem, a febre, e, — estranha phantasia !

(1) Revue Philosophique, t. XVII.

A embriaguez cruel, que affaga, e que tortura,
Um philtro musical, um vinho de harmonia.

Exerce sobre mim um brando despotismo
Que me orgulha, e me abate; — e ha nesse magnetismo
Uma força tamanha, uma electricidade,
Que me fascina e prende ás bordas de um abysmo,
Sem que eu tente fugir, — inérte, sem vontade.

Assim como o pendor, facil, accidentado,
De rocha de cristal, que a lympha tem cavado,
Presta á onda, que o mina, o voluptuoso dorso,
Por onde ella espreguiça, o corpo perfumado,
Indolente, a rolar, sem o minimo esforço:

Não de outro modo, assim, ao som de tua fala,
Ha um declive doce, extatico, que embala,
No fundo de minh'alma a tua voz tremente,
Que em meandros subtis, invisiveis, resvala,
E penetra-lhe o abysmo harmoniosamente.

Não existe, aqui, uma idéa central de onde irradiem outras, formando um conjunto de pensamentos encaminhados para o mesmo fim. Ha, comtudo, um fulgor de imagens que se encadeiam, que se desdobram num jogo de rythmos penetrantes, de representações subtis, mostrando, ora a plasticidade de uma pintura, ora a doce e aerea surdina de uma composição musical. Não se encontra nestes versos unicamente o *prazer das syllabas sonoras*, mas tambem a presença de uma visão tangivel, que se offerece ao olhar e, ao mesmo tempo, se retráe.

Quem folhear a obra de Theophilo Dias verá que elle, sem se importar demasiadamente com a razão intima das cousas, não era um puro artifice, que a natureza exterior o *impressionava*,

que a sua alma estava sempre em vigilia e não se divorciava nunca dos seus versos. Morto muito cedo, não poudo chegar á maturidade, ficou ainda nas primeiras experiencias, na phase do extase deante do mundo, que elle não sabia explicar, mas que o attrahia irresistivelmente.

Raymundo Corrêa, por suas tendencias á meditação e seu entranhado amor aos problemas intimos da consciencia, ficou mais perto da *anima rerum* que os seus companheiros. A colera, a amisade, o odio, o ciume, o terror, a hypocrisia, todas as tintas e meias-tintas da illusão humana, aquillo que está mais no fundo do nosso coração, como uma floração de rainunculos em um tanque de agua parada, a duvida e o tedio, a innocencia e a crueldade; elle pesou e mediu, revolveu e analysou com o paciente cuidado de um naturalista que fosse, tambem, um psychologo avisado e prudente. E não é tudo. Sobram-lhe outras excellencias que não as do philosopho, as do indagador sempre attento ás miserias do nosso sêr interior. Raymundo é um pintor admiravel da nossa paisagem, um exquisito impressionista, que reflecte, com um sentimento delicioso, a sombra e a luz da terra brasileira.

Além do mais, é um aristocrata, tem refinamentos preciosos, é fidalgo como Gautier, e fantasista como Baudelaire. Vêde como elle evoca, em *Noites de Inverno*, um ambiente morno de volupia estranha e requintada, que lembra a pedraria dos *Emaux et Camées*:

Emquanto a chuva cæe, grossa e torrencial,
Lá fóra; e, emquanto, ó bella!
A lufada glacial
Tamborila a bater nos vidros da janella;

Dentro, esse aureo torçal
Do cabelo que, rico, em ondas se encapella,
Descalça; e o alvor ideal
Do teu corpo á avidez do meu olhar revela;

Porque, á avidez do olhar
Do amante, é grato, ao menos,
Dessas noites no longo e monotono curso,

—Claro como o luar —
Ver um busto de Venus
Surgir nú dentre as lans e dentre as pelles de urso.

Ou, então, apreciae o seu dom insigne de transformar, á maneira de um Claude Monet, uma scena trivial, em um delicioso medalhão cheio de graça na sua simplicidade, cheio de encanto na sua frescura transparente e communicativa:

Agrada á vista e á phantasia agrada
Ver-te, através do prisma de diamantes
Da chuva, assim ferida e atravessada
Do sol pelos venabulos radiantes...

Váes e molhas-te, embora os pés levantes.
—Par de pombos, que a ponta delicada
Dos bicos mettem n'agua e, doidejantes,
Bebem nos regos cheios da calçada...

Váes, e, apesar do guarda-chuva aberto,
Borrifando-te, colmam-te as gotteiras
De perolas o manto mal coberto;

E estrellas mil cravejam-te, fagueiras,
Estrellas falsas, mas que assim de perto,
Rutilam tanto, como as verdadeiras...

Torna-se a lingua, assim, nas mãos de um tal ourives, uma joia limpida e irisada, como gota de agua luminosa. Mas, talvez, para nos castigar a gulodice literaria, offerece-nos, ao mesmo tempo, o *Mal Secreto*, ou o *Misanthropo*, que é um fruto amargo, vindo da arvore da sciencia, com aquelle travor da maçã paradisiaca, mixto de ensinamentos e perigos.

Porque desde que esse odio atroz me veio,
Só traições vejo em cada olhar venusto ?
Perfidias só em cada humano seio ?

Acaso as almas poderei sem custo
Ver, perspicuo e melhor, só quando odeio ?
E é preciso odiar para ser justo ? !

Será a visão pessimista daquelles que, no pensar de Moebius (1) não chegaram ao verdadeiro sentido da vida, que não evoluíram dentro da infelicidade real, mas na imaginaria ? Não. O pessimismo é uma das notas mais profundas da poesia de Raymundo Corrêa. Sua inquietação é constante, não o deixa um momento e renova-se a cada passo e refaz-se minuto por minuto. Só a natureza consegue distrahir-o: sua timidez, sua delicadeza, sua morbida sensibilidade crearam-lhe um *ambiente doloroso*, igual ao que soffria o Dante no longo exilio da Ravenna. Sem attitudes, elle pode gritar aos Faustos de todas as epocas:

Perdendo as illusões, tambem perdeste a vida,
Pois deixar de illudir-se é deixar de viver !

(1) *Moebius*. — Goethe, vol. 1. Leipzig, 1903.

E esse tormento da illusão, que o perseguia, não será porventura um dos capitulos mais atrozes da duvida interior? Quem conhece a illusão, e quem a receita como remedio para a dôr, fica impossibilitado de acreditar na sua efficacia. Foi o que aconteceu com Raymundo. Dilatando os seus horizontes, elle sentio a infinidade da vida, e, especialmente, a tortura dessa infinidade, onde as dimensões desaparecem e os limites se confundem. Recordae-vos da *Fascinação*, onde o poeta, como o philosopho, se eleva inopinadamente do facto particular ao phenomeno geral:

Assim quem vae o pincaro galgando
De uma alta serra, do horizonte infindo,
Nota, que á proporção que vae subindo,
Se vae em torno o circulo ampliando...

E infimo, em face da amplidão tão grande,
Fôscas, a pupila com pavor expande...
A baixo mares vê, selvas, cidades,

Montanhas... E até onde o olhar attinge
A immensidade esplendida que o cinge,
Vê ligarem-se mais immensidades...

“La dernière démarche de la raison, notou Pascal, c'est de reconnaître qu'il y a une infinité de choses qui la surpassent”. O pensamento de Raymundo Corrêa já havia attingido essa verdade; toda a sua obra de meditação é uma queixa nobre e solemne, sem desalento, e quasi sem blasphemia, queixa reflectida contra o *Deus Impassivel*, contra o

.....torvo Deus, que derribado
 Do humano orgulho as toires de Babel;
 — Deus, que nos cria para a dôr, cruel:
 — Deus, que nos cria e que não foi criado.

mas contra quem o homem não devia rebelar-se,
 porque

Dôr é tudo; e nada ha que justifique
 Essa revolta universal, eterna,
 Da creatura contra o creador !

Sua concepção da vida era quasi igual á de
 Voltaire:

Hélas ! quel est le cours et le but de la vie ?
 Des fadaises, et le néant.
 O Jupiter ! tu fis, en nous créant,
 Une froide plaisanterie.

Attentae nas palavras “dôr é tudo”. Ray-
 mundo adoptou, aqui, a formula orientalista do
 fatalismo religioso, formula que passou para o oc-
 cidente, e que, em Leopardi, Byron e Pouckine,
 tomou a sua mais alta expressão na poesia euro-
 péa. Ella nos veio directamente de Budha: “O
 nascimento é dôr, a velhice é dôr, a união com
 o que odiamos é dôr, a separação daquillo que
 amamos é dôr, não obter o que desejamos é dôr,
 emfim, tudo quanto está sobre a terra é dôr”.

Entretanto, Sylvio Romero encontrou em
 Raymundo mais sentimento que imaginação, mais
 coração que faculdade creadora, mais ternura
 e graciosidade que força. Ainda uma vez discor-
 damos do illustre escriptor. Essa mesma gra-

cioidade peculiar aos seus versos é uma prova da energia interior de quem os escreveu. Quem será capaz de negar ao "Intermezzo", de Heine, qualidades de força e imaginação? E o "Intermezzo" não resume, por exemplo, tudo quanto pôde fornecer de ternura e emoção a alma humana? É que Raymundo, como Lucrecio, punha na orla da sua taça de amargo absintho um pouco de mel enganador. D'ahi essa interpretação erronea sobre a sua obra cheia de profundidade e elegancia, onde estão reunidos o scepticismo de Me-tastazio e o artificialismo de Gautier.

A poesia do Sr. Alberto de Oliveira é uma das mais variadas, das mais surprehendentes e das mais ricas da nossa literatura. E, por isso mesmo, por sua extensão e por suas multiplas faces, é das que abrem um horizonte mais largo ao observador. O *parnasianismo* nesse fino poeta, cedo se transformou em uma escola de rigorosa perfeição, de onde o malabarismo verbal foi, pouco a pouco, alijado conscienciosamente.

Delle não poderemos, absolutamente, affirmar que "*mens immota manet; lacrimæ volvuntur inanes*" (1). Elle não faz, segundo quer certa critica leviana e palerma,

.....des vers très froidement (2).

Ao contrario, na sua obra, o verso mais puro, aquelle em que transparece maior tranquillidade, nasceu, certamente, de longos momentos de silenciosa contemplação, em que a alma do poeta

(1) *Vergilio*. — Eneida, 1, IV, 449.

(2) *Verlaine*. — Poèmes Saturniens.

se commoveu e vibrou, porquanto, cada rythmo seu corresponde a um instante de tortura ou de felicidade interior. O artista não se esquece nunca do homem.

Desde as “Canções Românticas” e as “Meridionaes” não é difficil vislumbrar-lhe uma particular affeição pela natureza. Os largos e sombrios trechos de floresta, onde as arvores seculares abrem as pesadas frondes, em cujos ramos, pendurados, ninhos e trepadeiras se balançam ao sopro leve da aragem; os valles cobertos de relvas tremulas, onde enxameiam, em bando, aves e borboletas ageis; os lagos dormentes, estrellados de plantas selvagens, os rios impetuosos carregando, nas cheias hibernaes, grossos troncos nodosos; os céos nocturnos tauxeados de astros, as montanhas forradas de vegetação luxuriante, enfim, toda a immensidade dos sertões tropicaes desabotôa na quente e voluptuosa musica dos seus poemas.

O Sr. Alberto de Oliveira comprehendeu a verdadeira missão do artista neste paiz. Elle não teve necessidade de pedir outro sol para a opulencia da sua palheta, observando, pois, a recommendação do poeta:

“Quid terras alio calentes
Sole mutamus?” (1)

Com os elementos que a terra aqui lhe offerencia prodigamente, conseguiu realizar a porção mais viva da sua obra, aquella em que se descobre uma adoração permanente, um extase pe-

(1) *Horatio*. — Ode III, 1, 40.

renne em face da natureza. O entusiasmo e a ternura, como excellentemente observou Araripe Junior, são os dois factores primordiaes da sua poesia. O pessimismo de Raymundo não lhe é peculiar, poucas vezes mesmo apparece, ou tenta insinuar-se uma ligeira revolta no seu espirito, que aceita as leis contingentes do tempo e do espaço, calmamente, sem grita e sem desespero, apenas com uma doce melancolia, como em *Volupia*:

Não amo, eu só ! meu Deus, em noite assim tão linda !
 Ha pouco, antes da lua apparecer (e ainda
 Os vejo ao pé da serra, afastados dos campos,
 Phosphoreando a bailar) eram os pyrilampos,
 Gemmas soltas do seu collar faiscante. E voavam,
 Voavam. Seu facho errante era mais vivo. Amavam.
 Agora que este luar, como a alva flor do cacto,
 Desabrochou no céu, a espessura do mato,
 As arvores, o chão, os sitios mais secretos
 E ermos valles, grotões, é tudo um chiar de insectos;
 Chiar ? gemer, suspirar, amoroso reclamo,
 Gritos, luta, prazer... Tudo ama. Eu só não amo !
 Exhalam murta e esponja o penetrante cheiro;
 Como um sonho nupcial, branca, a flor do espinheiro
 Cáe, estregando ao vento o delicado pollen;
 Bolem as aguas, rindo á lua; as folhas bolem.
 Amam. Tudo ama. Eu só, com o meu desejo ardente,
 Sofro, não sei que espero. Eu não amo, eu sómente !
 Approxima-se alguem. Ouço... Serão a espaços
 Vãos rumores da noite ? Ouço á distancia uns passos.
 É um homem. Vem cantando. Ou sua dor espanta
 Com o canto, ou de ventura (o que eu não tenho) canta.
 Passou. Adeante logo, abre-se uma janela.
 Elle para. Alva forma esculptural e bella
 Debruça-se a falar-lhe: "És tu ? Que linda a lua !
 "Que noite, meu amor ! Entra, sou toda tua !"
 Reina em torno o silencio. A porta solitaria
 Range. E o homem feliz entra, trauteando uma ária.
 Depois... Noite cruel ! Claro céu transparente !
 Fico a ver que tudo ama. E eu não amo, eu sómente !

Ama este chão que piso, a arvore a que me encosto,
 Esta aragem subtil que vem roçar-me o rosto,
 Estas asas que no ar zumbem, esta folhagem,
 As féras que no cio o seu antro selvagem
 Deixam por ver a luz que as magnetiza, os broncos
 Penhascos do deserto, o rio, a selva, os troncos,
 E os ninhos, e a ave, e a folha, e a flor, e o fructo,
[e o ramo...
 E eu só não amo ! eu só não amo ! eu só não amo !

Não vos parece que as palavras *vivem* quando o poeta lhes communica o seu animo secreto, e que, sem elle, a natureza não teria significação precisa, seria apenas um principio de utilidade ou de conforto, mas nunca uma fonte de sabia e consoladora experiencia ? O Sr. Alberto de Oliveira segue o conselho de Montaigne: diz sómente o que sabe e o que lhe transmitem os sentidos. E é por essa razão que sua fantasia não refoge á realidade, um só momento.

Quem, um dia, atravessou as estradas comburidas do nosso sertão, correndo por entre a massa bruta dos rochedos denticulados e aggressivos, rodeadas de capoeirões bravios, de onde sobem, de espaço a espaço, trilos de aves e zumbidos surdos de insectos; quem divisou alguma vez a linha movimentada e ondulante das nossas matarias cerradas, de onde se desprende, no ar abafado, o cheiro das hervas selvagens, que o escaldante bochorno ainda torna mais activo; quem, em noites de luar pleno, respirou o perfume das magnolias e dos jasmims silvestres, dos copos de leite e das madresilvas, reconhecerá, facilmente, na poesia do Sr. Alberto de Oliveira a physionomia da nossa terra natal. Ninguem, ainda, em nossa literatura, conseguiu representar

com mais justeza essas invisiveis affinidades que existem entre as lutas da alma e as do ambiente circumstante. Para elle, não ha *espectaculos quotidianos*. Tudo se renova e toma um sabor diferente ao influxo do seu pantheismo superior. Uma réstea de sol entre franças de arvoredo, um caminho humilde que volteia na planicie abandonada, um *rancho* coberto de sapé, com seu bucolico engenho, um simples riacho, um punhado de folhas seccas rodopiando no ar, em summa, todos os aspectos triviaes da paisagem, renascem com um fulgor imprevisto na sua imaginação. Vêde, por exemplo, a *Floresta Convulsa*:

Floresta de altas arvores, escuta:
Em minha dor vim conversar contigo.
Como no seio do melhor amigo,
Descanço aqui de tormentosa luta.

Troncos da solidão intacta e bruta,
Sabei!... Ah! que, porém, como em castigo,
Vos estorceis, e o som do que vos digo,
Vae morrer, longe, em solitaria gruta.

Que tendes, vegetaes? remorso... crime?...
Açoita-vos o vento como um bando
De furias e anjos mãos, que nós não vemos?

Mas explicae-vos, ou primeiro ouvi-me,
Que a um tempo assim braceando, assim gritando,
Assim chorando, não nos entendemos.

Entretanto, suas virtudes não são exclusivamente as de um descriptivo, pois elle possui, de par com estas, outras qualidades notaveis de sensibilidade e emoção, que o fazem, tambem, um poeta subjectvo de real valor. *Desenlace*,

para não transcrever *Tempo Perdido*, *Solidão*, *Primeiro Amor*, e outras pequenas composições, revê admiravelmente a delicada feição da sua intimidade sentimental:

Este amor que, enfim, se acaba,
Acaba, não com o fragor
De uma torre que desaba...
Pobre amor !

Acaba como uma penna
Que, do espaço onde subio,
Baixou em queda serena,
E cahio !

Acaba insensível quasi,
Como a doçura e calor
Que havias em cada phrase...
Pobre amor !

Como os beijos que trocamos,
Como da aranha no véo
O fio que entre dois ramos
Se estendeu.

Como a flor que deitas fóra,
Vendo-a sem viço e sem côr;
Pobre flor viveu uma hora !
Pobre amor !

Pobre ! falta-lhe vehemencia,
Quanto o fazia um vulcão
E a alma lhe era e a propria essencia:
A paixão !

Acaba, sem um protesto,
Sem um grito, um ai de dor,
Sem uma lagrima, um gesto,
Pobre amor !

Acaba, porque devia,
Cançada de simular
E mentir, tanta hypocrisia
Acabar !

Mas como acaba mofino
Quem ainda hontem foi senhor
Do meu e do teu destino !
Pobre amor !

Acaba, como na vida
Tudo acaba, oh ! dura lei !
Como o nome de querida,
Que te dei.

Como os echos dos teus passos,
De teu vestido o rumor,
Quando vinhas aos meus braços...
Pobre amor !

Acaba, como em sagrada
Lampada a chamma esfriou
Sem oleo, é fumaça, é nada.
Acabou !

Somo a espiral de perfume
Que sae de um seio de flor;
Como ao sol o vagalume...
Pobre amor !

Como a folha que um momento
De um ramo á extrema se abriu,
Seccou depois, veio o vento,
E cahio !

O Sr. Alberto de Oliveira ainda não conseguiu destruir a lenda renitente de impassibilidade e frieza que lhe grangearam os sonetos cheios de lavor, e algum tanto inexpressivos,

da-sua primitiva maneira de ver-sejar. Deu-se, com elle, o mesmo que se observa com outros poetas. Baudelaire, por exemplo, ainda é visto, através das lentes de Barbery d'Aureville, como um "satanico", para o qual só existem duas sa-hidas: "ou se brûler la cervelle, ou se faire chré-tien". Verlaine ainda gosa da mesma fama de *complicado* symbolard e nebuloso decadente, ape-sar de serem as *Fleurs du Mal* e as *Fêtes Ga-lantes* duas obras primas, onde se espelham as melhores tradições da cultura franceza.

Se é verdade que o Sr. Alberto de Oliveira soffreu a influencia dos parnasianos francezes, não é menos certo que, ha muito, della se li- bertou, ganhando maior amplitude os seus the- mas e mais simplicidade a sua poesia, sempre elegante, aliás, e sempre correcta. Demais, um grande poeta *impassivel* é um jogo de palavras sem sentido, uma refinada monstruosidade que só a nossa logomachia habitual se compraz em repi- sar. O autor das "Meridionaes" continúa a ser, nas suas multiplas tendencias classicas, romanti- cas ou parnasianas, sobretudo um lirista sensível, colorido e imaginoso. Sua imaginação é mesmo, como expressão literaria, uma das mais considera- veis de quantas têm apparecido no Brasil.

Olavo Bilac, em sua primeira phase, (1) deu- nos uma poesia temperada de ironia e esplendor. Pelo seu coração falam todos os corações da

(1) Nos Sonetos que fazem parte do livro *Tarde*, Olavo Bilac revelou uma face nova do seu espirito, pre- occupando-se com a finalidade humana, e dando maior amplitude, pode-se dizer uma largueza cyclica, á sua poesia.

nossa raça. Aquella nostalgia, sempre corrigida por uma constante exaltação das bellas fórmulas da natureza, que é um dos traços da intelligencia de Goethe e Keats, e da sensibilidade de Musset e Vigny, imprime aos seus poemas uma frescura deliciosa. Seu processo literario impressiona pela singeleza e limpidez do estilo; não ha nos seus versos, geralmente, as grandes notas da inquietação e da duvida. Elle vê na physionomia do mundo, resignado, a mutabilidade das cousas, e, sem amargor, observa:

Ó Natureza ! ó mãe piedosa e pura !
 Ó cruel, implacavel assassina !
 — Mão, que o veneno e o balsamo propina
 E aos sorrisos as lagrimas mistura !

Pois o berço, onde a bocca pequenina
 Abre o infante a sorrir, é a miniatura
 A vaga imagem de uma sepultura,
 O germen vivo de uma atroz ruina ?!

Sempre o contraste ! Passaros cantando
 Sobre tumulos... flores sobre a face
 De ascosas aguas putridas boiando...

Anda a tristeza ao lado da alegria...
 E esse teu seio, de onde a noite nasce,
 É o mesmo seio de onde nasce o dia...

O artista corrige o philosopho, a visão plastica dos objectos e das linhas dá á sua melancolia um sabor voluptuoso, e o goso do contemplador, insensivelmente, vai dominando, com a sua doçura envolvente, a voz interior do raciocinio. Vêde como elle começa a commentar a natureza "cruel, implacavel assassina !" A alma se confrange de an-

te da fatalidade, mas o espirito, entretanto, fica sereno, immovel, não procura a solução do phenomeno que a vida lhe apresenta, não intervém para explicar o enigma da "mão, que o veneno e o balsamo propina", não tenta, sequer, amortecer o choque da contradicção. E, quando pensavamos ouvir o grito do sêr ferido, a imaginação do poeta se apodera do assumpto, desenrola as suas riquezas recontidas, alarga o scenario com um toque imprevisito e esconde, sob a maravilha da natureza, imponderavel e eterna, a miseria da contingencia humana, ephemera e transitoria.

Essa, aliás, é a verdadeira funcção do artista, pois, a obra de arte não é mais do que a realização pratica da aspiração permanente, que ha em todos nós, de uma finalidade feliz. Sommam-se nella jubilos e maguas, misturam-se nella o prazer e a dôr, e, da sua essencia abstracta, forma-se uma imagem aparentemente real, que apenas conheciamos obscuramente, por que ansiavamos, e que não podiamos fixar.

O phenomeno dos rythmos, na harmonia musical, é, para o caso, bastante significativo. Quando escutamos, pela primeira vez, um *lied* de Shumann ou de Schubert, a imagem, ou o grupo de imagens que se esboça em nossa memoria não tem, a principio, uma expressão exacta. Ha como que uma transposição de varios estados de consciencia que se procuram, que se enlaçam e deslaçam, que se prendem e desprendem, até tomarem uma determinada direcção. Reserenada a sensibilidade, sem que nós saibamos perfeitamente por que processo, na combinação de sons, que, então, pela *primeira vez, ouvimos*, insensivelmente, *reconhecemos* uma velha melodia que

estava em nós, que apenas conhecíamos obscuramente, por que ansiávamos, e que não podíamos fixar. Eis o mysterio da obra de arte: ella é o meio onde nos encontramos e nos conhecemos a nós mesmos. Ella resolve, pois, o antigo adagio grego, porquanto, "reune todas as cousas que estão separadas e vive separadamente em cada uma das cousas".

O poeta do *Caçador de Esmeraldas* tem uma qualidade que o torna visivelmente querido de todos. Como já notou um critico avisado (1), a simplicidade da sua forma concorre muito para a estima em que o têm, indistinctamente, letrados e leigos. Seus poemas escondem a *marca da officina*, mostrando-se naturaes, diríamos espontaneos, se não soubessemos que tanta elegancia *requer pericia*. O que, porém, define melhor as suas intimas ligações com a alma brasileira e a influencia consideravel que elle exerceu, e ainda exerce, em nossas letras, é a sua concepção essencialmente epicurista e voluptuosa da vida. Os povos em formação que, á semelhança do nosso, estão em conflicto permanente de tendencias e direcções, marcham por entre uma exaltação de egoismos que só lhes deixa entrever, como fins realizaveis e immediatos, o prazer e o goso, na fortuna vária. As grandes abstracções não os commovem, os systemas transcendentes da intelligencia pura não chegam a prender-lhes a attenção, pois, elles preferem a representação exterior das cousas, o pitoresco das fôrmas e o brilho dos coloridos.

(1) Vid. *J. Jobim*. Esboços Litterarios. Rev. Americana, nº 1, Anno VII.

Olavo Bilac é, por esse lado, um poeta realmente nacional, e, apesar da sua cultura e da sua educação intellectual, absolutamente européas, o povo brasileiro se revê na sua obra, no boleo nervoso da sua phrase, no capricho das suas evocações formosas e suggestivas. Os motivos de amor enchem a maioria dos seus versos, transbordam das suas estrophes, ás vezes com uma violencia equatoriana, como esses rios instaveis da Amazonia, que, em suas mil voltas, vão levando na corrente impetuosa tudo quanto lhes cae na vertigem luminosa das aguas. Leia-se, por exemplo, esse *Beijo Eterno*:

Beijemo-nos ! que o mar
 Nossos beijos ouvindo em pasmo a voz levante.
 E cante o sol ! a ave desperte e cante !
 Cante o luar,
 Cheio de um novo fulgor !
 Cante a amplidão ! cante a floresta,
 Cante, cante este amor !

Rasgue-se, á noite, o véo
 Das neblinas, e o vento inquirá o monte e o valle:
 "Quem canta assim ?" E uma aurea estrella fale
 Do alto do céo
 Ao mar, presa de pavor:
 "Que agitação estranha é aquella ?"
 E o mar adoce a voz, e á curiosa estrella
 Responda que é o amor !

E a ave, ao sol da manhã,
 Tambem, a asa vibrando, á estrella que palpita
 Responda, ao vel-a desmaiada e afflicta:
 "Que beijo, irmã !
 "Pudesses ver com que ardor
 "Elles se beijam loucamente !"
 E inveje-nos a estrella... e apague o olhar dormente,
 Morta, morta de amor !...

Diz tua bocca: "Vem!"

"Índa mais!" diz a minha, a soluçar... Exclama

Todo o meu corpo que o teu corpo chama:

"Morde tambem!"

Ai! morde! que doce é a dor

Que me entra as carnes e as tortura.

Beija mais! morde mais! que eu morra de ventura,

Morto por teu amor!

Está ahi o segredo da sua fascinação. Esse pansexualismo, em que se misturam todas as vozes do cosmos e em que todas vibram, unisonas, no mesmo sonho de amor, é a mais forte característica da obra poetica de Olavo Bilac, onde ha um pouco do exotismo baudelairiano, muito da graça do renascimento italiano e espanhol e uma leve tinta de Heredia.

Ao mesmo tempo que os progonos do parnasianismo, e tendo-os precedido de duas gerações, Luiz Delfino, nascido e formado entre os românticos, começou a apparecer então, com mais relevo, nos jornaes e revistas literarias do tempo. Sem obra definitiva, por onde se possa julgar do seu espirito real, e sem a projecção dos outros representantes do movimento parnasiano, o artista da *Angustia do Infinito* e das *Tres Irmãs*, ainda permanece como um valor ignorado, apesar do alto conceito em que é tido por muitos, entre os quaes Sylvio Romero, que o aponta como o maior poeta do Brasil (1). Á parte o exagero, tão commum no dogmatismo literario do illustre escriptor sergipano, Luiz Delfino pode ser considerado, na sua versatilidade e exuberancia, um dos melhores discipulos do lirismo

(1) A Literatura. Liv. do Centenario. 1900.

hugoano entre nós. Para isso nada lhe falta: nem o verbalismo, nem a exaltação, por vezes gongorica, do estro. Devido á circumstancia de haver andado sempre longe dos meios literarios e de não ter publicado, em volume, nem uma série de poemas, não entrou Luiz Delfino, até agora, para o logar que lhe compete muito justamente em nossas letras (1).

Luiz Murat, que se filia accidentalmente á geração parnasiana, é um romantico; sua poesia, como a de Luiz Delfino, se resente de uma particular influencia de Victor-Hugo. O pendor para as imagens fulgurantes e para a exaltação verbal, para os symbolos grandiosos e as syntheses historicas, onde o poeta costuma beber os seus mais bellos motivos, dá-lhe um ar de parentesco pronunciado com a familia romantica allemã e franceza.

Sua poesia que, de trecho a trecho, faz lembrar a dos poetas nordicos, apresenta, de par com algumas notas profundas, certas obscuridades, talvez intencionaes, certas meias-tintas de um espiritualismo transcendente, á maneira de Isaias Tegner ou Novalis. Não resta duvida, porém, que Luiz Murat é um espirito poderoso, culto e investigador, um espirito sobre o qual o meio não reagio e que soube, sózinho, e silenciosamente, firmar a sua doutrina e apurar o seu systema.

Não será, todavia, nunca um poeta para a massa, apesar de possuir muitas qualidades que

(1) As producções de Luiz Delfino têm sido editadas, ultimamente, facultando, assim, o juizo definitivo acerca da obra do grande poeta.

o poderiam fazer amado della. Varias composições suas têm brilho, transparencia e graça, como, por exemplo, *Veneza*, cuja parte descriptiva é deliciosa de contorno e colorido:

Eil-a sobre o canal de São Marcos sonhando...
O mar lhe beija os pés, o céu lhe beija a fronte,
Não sei que inquieto e vago arrullo balbuciando.

Brunindo de ouro e prata as cryptas do horizonte
No seu igneo pavez o sol se abroquelando,
Rasga com a lança em riste o pincaro do monte.

No velho coração de pedra da esculptura
O plinto ainda soluça, o cinzel ainda grava
Uma nova paixão, uma nova tortura.

A gondola fluctua... a onda chorosa e flava
Uma canção de amor pelos canaes murmura,
Ora, como uma deusa, ora, como uma escrava !

Forçam a pedra, á luz dos candelabros de ouro,
A janella ogival, os balcões bysantinos,
E suspenso ao trifolio, um mysterioso côro

Imita a ondulação dos quebras femininos.
Quem me dera, *Veneza*, o teu cabello louro
Guirlandar com meus ais, incender com meus beijos !

São versos de um grande movimento, mas movimento de esculptura, e, ao mesmo tempo, triumphaes e solemnes como uma canção religiosa da idade-média. Não é essa, entretanto, a feição mais singular da sua obra. Luiz Murat, que é um pessimista imaginario, —

Tudo é pó, tudo é pó ! A alma é um ossario preto
Que o sabio attento observa —

mostra melhor o temperamento e as preocupa-

ções philosophicas em *Tristeza do Cáos*, o *Distico do Dante e o Poeta e a Larva*, onde se vislumbra qualquer cousa da *Lenda dos Seculos* e da inquietação de Byron e de Goethe.

Depois dos romanticos, e antes de Cruz e Souza e os decadentes, são esses os mais notaveis poetas brasileiros, aquelles em quem, ao nosso vêr, estão reflectidas as novas correntes da poesia nas ultimas decadas do seculo XIX. Devemos á sua influencia, senão grandes poemas, ou melhor, extensos poemas, á guisa do *Colombo* e da *Confederação dos Tamoyos*, ao menos uma lirica mais perfeita, mais elegante e mais profunda. Entre os romanticos não houve, por exemplo, um só poeta que tivesse a profundidade e a belleza da arte de Raymundo Corrêa.

O NATURALISMO

A Prosa: O Romance e o Conto — A Historia e a Critica. — O Theatro e a Eloquencia.

A historia do romance naturalista, no Brasil, está feita na obra de quatro escriptores: Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Julio Ribeiro e Raul Pompeia. Machado de Assis é o psychologo, sobrelevava a todos pela profundidade do pensamento, pela correcção da linguagem, pela sobriedade da fórma e pela ironia subtil, que o approxima da linhagem dos Sterne e dos Swift, na Inglaterra, dos Anatole, na França, e dos João Paulo, na Allemanha. Aluizio é o impressionista, é um *retratista* admiravel, seguro e honesto. Julio Ribeiro é o morbido, o sensacionalista, se assim podemos dizer, aquelle em quem era mais

forte e agudo o instinto da vida. Raul Pompeia é o inquieto, o insatisfeito, o mais poeta de todos os quatro, o mais *commovido* ante o espectáculo do mundo.

Machado de Assis não pertence, propriamente, ao movimento naturalista que se iniciou, aqui, entre os annos de 1875 a 80, e se firmou em 1881, com o *Mulato*, de Aluizio Azevedo. Já em 1872, com um romance (*Resurreição*), e, antes disso em varios jornaes e revistas, como o *Diario do Rio de Janeiro*, a *Marmota Fluminense* e a *Revista Popular*, surgira em nossas letras. Á margem das reformas literarias, soffrendo-lhes as repercussões, pela inevitavel influencia do meio, conseguio, todavia, manter limpida a personalidade, que não herdou de qualquer mestre obscuro ou em voga, nem repartio com discipulo algum.

Elle cultivou como ninguem, talvez, em nossa literatura, a tortura do riso, não pela maneira da carne provocada, mas pela agudeza de uma força invencivel que precisava de negar para existir. Machado de Assis não era um puro mental, não tinha, por exemplo, o brilho dos punhaes com que a perversidade galante e fascinadora de João do Rio costumava apresentar-se. Entre um e outro vai a differença que afasta Juvenal de Petronio. Um sorri para se castigar, o outro para se divertir. Na obra de João do Rio ha um perfume capitoso de sensualismo e decadencia, um pouco de orientalismo exquisito e precioso, ha mesmo riqueza, e, por vezes, exuberancia. Em Machado de Assis nada ha que lembre fausto ou que o mostre, desde logo, exaltação. É um sensivel, sendo um *intellectualista*.

Através da sua placidez aparente reponta um temperamento mais attento ás cousas que extasiado com ellas. E como os sêres e as cousas são, em verdade, quasi sempre ruins, e como os ridiculos sobram desastradamente, elle os examina sorrindo. . .

Em suas paginas apparece um paiz retardado, ainda cheio de entraves, ainda colonial na maioria dos seus aspectos, um paiz que recebia a cultura livresca pelas portas da Universidade de Coimbra, e que só conhecia, em materia de jurisprudencia, o João das Regras e Lobão, e, como literatura, os versos de Camões e os sonetos monotonos dos Arcades. Seu espirito não podia conformar-se com a ambiencia de trivialidade que o envolvia, que o apertava, que o comprimia por todos os lados. Era mistér reagir. Tudo lhe pesava: o ar, as plantas, o céo tauxeado de estrellas. Elle não podia ter a resignação de Mr. Brotteaux em face da guilhotina, nem a pacata irreverencia de um mercador judeu, entre as torres guelfas e gibelinas da Florença de Farinata Degli Uberti.

A cada golpe recebido correspondia um determinado typo, que se fixava em sua memoria como, sobre a cera virgem das tabelas do cedro, um canto amargo. E tantos foram os golpes recebidos, tantos foram os bonecos que elle desenhou com segurança, ora gravando com mais profundeza, para os destacar melhor, ora confundindo-os, em breve e aereo traço, numa igual farandula animada. Talvez que a alma lhe permanecesse intangivel e serena, no espirito dos turbilhões que o arrastavam, na sanha das paixões que o salteavam. Talvez permanecesse se-

rena, mas soffrendo, embora. E sempre assim acontece aos que chegam até aquella "duvida metaphysica", penetrante, insistente e cruel, de que nos falou o Sr. Afranio Peixoto em uma sua conferencia sobre o "humor" (1).

A duvida metaphysica! Haverá tortura maior? A duvida metaphysica é o prazer dos deuses. Creando o mundo, com os seus pequenos dramas e as suas tragedias periodicas, deu-lhe o Sêr Supremo a illusão da seriedade, para desenvolver-lhe indefinidamente os effeitos comicos, assim como o adubo desenvolve a corolla das rosas nos jardins. As amaveis creaturas da Theogonia, privadas do nosso delicioso globo, ficariam diminuidas na sua solemne grandeza, perderiam, com pouco, a imaginação jovial que as distingue, não se *realizariam* completamente, e tudo seria enfado e calmaria perigosa no Olympo de Zeus. . . Tal não aconteceu, todavia, por ventura dellas. Concedendo ao homem o espirito, os deuses lhe prenderam as mãos a um fio sem termo, a mandaram que elle se movesse eternamente sobre um abysmo tenebroso. A primeira idéa foi, portanto, a primeira batalha. Os homens começaram a matar-se com uma porção de razões, cada qual mais estimavel e prudente, para occuparem um logar que, logo após, seriam obrigados a abandonar. À porta denticulada das cavernas primitivas, os martelos de pedra, manejados por braços rudes, esboçaram um simulacro das futuras lutas, e, ao longo do tempo, o machado e a flecha, o escudo e a lança, a espada e a massa, a cota de malha e o punhal, a couraça e o canhão cho-

(1) Vide. *Poeira da Estrada*.

caram-se, esmagaram-se, aniquilaram-se para a defeza de um punhado de preconceitos momentaneos e inconsistentes. E os heróes surgiram, e os poetas exaltaram os heróes, e tudo começou a rodar, a esfusiar, a arrebentar como as bocas de fogo de uma immensa gyrandola. Eis como os deuses resolveram a sua duvida metaphysica, armando bagatelas sonoras, "nugæquæ canoræ", para regalo proprio e miseria desses *bichos da terra tam pequenos...* E nós, como poderíamos resolvel-a? Nós, que guardamos uma parcella da intelligencia creadora, uma pobre parcella mysteriosamente escondida justamente nessa duvida metaphysica?

De dous modos ella se insinua no ser humano: como doença do espirito abatido, ou como uma especie de heroismo intimo. O primeiro caso é o de Schopenhauer, ou Hartmann, o segundo é o de Machado de Assis. Quando ella se manifesta como enfermidade da alma, produz o pessimismo imaginativo, como o solo de greda a herva esteril e damninha. Não ha sombra de frondes nem aroma de bosques hunidos: ha desanimo, horror, um verdadeiro desvio do *sentido da vida*. Mas quando ella se equilibra, temperada por uma ironia piedosa e reflectida, em vez da invectiva desesperada ha um amargor quasi suave, e a incerteza interior não perturba tanto. Pantagruel, posto não acreditasse na perfeição humana, nem por isso lhe sabia mal o vinho espumarento dos repastos gloriosos. O nosso D. Casmurro não deixou de jantar, e bem, como tranquillamente ajunta, no dia em que recebeu a noticia da morte do filho, que lhe offereceram á larga e descuidada paternidade o amigo de

infancia e a mulher, a *Capitú de olhos de resaca*...

Sendo a adulterio um peccado e uma injuria, não devia magoal-o senão como uma dor physica, porquanto, moralmente, tudo é mais ou menos uma hypothese. Philetas de Cós, se não nos enganamos, poeta elegiaco, e um dos cynicos mais deliciosos que têm florescido sobre a terra, implorava aos deuses, todas as manhãs, que destruissem pela metade os povos da Grecia, para que, das lamentações e dos gemidos dos sobreviventes, pudesse compor um hymno immortal á belleza da vida. Quem poderá concluir que o cynismo ingenuo e innocuo de Philetas, ou a superioridade calculada e cruel de D. Casmurro sejam immoraes? Como julgar, em tal caso, quando sabemos que o mal está tão bem repartido, tão igualmente distribuido, que seria perversidade castigar nos outros a dadiva que recebemos, tambem, de Deus! É que a moral não procede da geometria. Seus theoremas se reduzem ás nossas convicções e, como é notorio, as nossas convicções têm o contorno da fumaça, o que vale por affirmar que não têm contorno algum... Já reparastes como a natureza, entre o eterno dualismo das nossas opiniões, se assemelha aos recuos de Voltaire entre as duas côrtes famosas? De um dado Versailles, de outro Sans-Souci, e, no centro, a irreverencia de um genio mordaz, que atacando ou acarinhando, ora uma, ora outra, a ambas maltrata.

Machado de Assis, como bom psychologo, não tentava contrariar o curso imponderavel dos factos; não acreditava no *momento feliz*, nem no *momento infeliz*, acreditava em ambos,

acompanhava a realidade de ambos. Seu raciocínio estava sempre em função do tempo e do espaço immediato, porquanto accitava todas as cousas vivas e mortas, boas e más, honestas e deshonestas com aquelle impertubavel acolhimento dos espelhos e dos quadros.

Da sua obra se desprende um sentimento de constante preocupação pela belleza ou pela miseria terrena, e uma rara comprehensão, attingida poucas vezes, da triste inutilidade a que as contingencias quotidianas reduziram o coração e a intelligencia dos homens. Em seus romances, o *documento humano* não obedece a um plano preconcebido, a um postulado primordial, a uma lei qualquer scientifica ou literaria. Reflecte-se nelles, apenas, um espirito indagador, que a todo instante se observa a si mesmo, através dos outros, e vai corrigindo, com o sorriso e a lagrima, a imagem que a vida lhe põe deante dos olhos. Machado é, sem contestação, sob variados aspectos, o mais significativo dos escriptores da lingua portugueza e, especialmente entre nós, ficará como exemplo de discreção, graça de estilo e finura de percepção.

Caberia a Aluizio Azevedo, formado entre os romanticos, e romantico em seu primeiro livro, (*Uma Lagrima de Mulher*) senão a primazia, ao menos o mais forte impulso para a reforma naturalista no Brasil. O *Mulato*, publicado no Maranhão, em 1881, marcou-lhe para logo um logar á parte em nossa literatura, sem embargo de se perceber ainda, quer no feitio, quer no tom geral da fabulação, alguns laivos da corrente que vinha combater.

Na obra de Aluizio (*A Casa de Pensão*, O

Homem, O Cortiço) não se encontra nem o desencanto de Quincas Borba, nem aquella intuição risonha de Braz Cubas. Ella nos offerece, porém, uma abundancia de quadros, de scenas e de typos verdadeiramente notavel. Aluizio, como dissemos, é um impressionista, um impressionista que desenha, ás vezes, com difficuldade, mas que sabe colorir admiravelmente. Vêde os seus aspectos de rua, com as lojas abertas e as figuras costumeiras de homens de negocio, vendedores ambulantes, e desoccupados; apreciae as suas descripções do meio baixo, onde a mestiçagem do sangue não é menor que a dos costumes; observae os seus dialogos, onde a lingua e as idéas passam por todas as gamas imaginaveis, desde o pernosticismo petulante do *cabrocha* até o balbucio do negro timido e humilde. Que profusão de matizes, que riqueza de tintas em quasi todas as suas paginas, cheias de um forte sentimento da realidade, flagrantes e suggestivas. Um pintor resalta de cada periodo, e um pintor atrevido, amigo dos tons primarios, quentes e luxuriantes. Sem se importar com os refolhos, Aluizio procurava a superficie da alma humana, onde geralmente, têm assento as paixões violentas, os vicios do nosso drama quotidiano. Seus typos são, por via de regra, vulgares, grosseiros, não se distinguem pela subtilidade da comprehensão, nem pela frescura dos sentimentos. Ninguem, entretanto, poderá entender, seguramente, certos pormenores da nossa intimidade popular, certas tendencias desse cáos ethnico, tumultuoso e disparatado, que forma a nossa plebe, e que se estende até aos primeiros degráos das nossas camadas sociaes, sem conhecer a obra de Aluizio Aze-

vedo. Ella reproduz, com a melhor fidelidade possivel, a physionomia do nosso mestiço physico e moral, cujas linhas fugitivas de character difficilmente se deixam entrever.

Julio Ribeiro, que publicou dous romances, *Padre Belchior de Pontes* e *Carne*, não nos deu, todavia, a obra que era licito esperar do seu temperamento. A intelligencia era, nelle, menos forte que a sensibilidade, porquanto, apesar da sua nada commum leitura, sempre se revelou pouco discreto nos conceitos, desequilibrado na composição dos seus trabalhos e derramado no estilo. Possuia, entretanto, um verdadeiro instincto da vida que nem todas as preoccupações scientificas, nem todas as theorias literarias conseguiram dominar.

A *Carne* é um livro de exaltação, um hymno dionysiaco ao prazer, ao gozo relativista, ao aproveitamento do momento que passa. Apesar do processo *zolist*, evidente no arranjo das scenas, no exagero das paixões, na brutalidade das creaturas, e, até, num certo proposito de confundir o leitor ingenuo; apesar da grosseria da palavra e do gesto, notadamente violentos e estranhos, asperos e pesados, ha na *Carne* uma poesia instinctiva, um penetrante perfume de selva exuberante e selvagem. É uma obra compromettida pelo tom geral escandaloso e atrevido, mas onde, não ha negar, sobresaem muitas qualidades apreciaveis e um forte lirismo.

Raul Pompeia, que, á semelhança de Machado de Assis, não se deixou arrastar por um prejudicial "imperativo categorico" de escola, muito commum nos nossos escriptores, é, máo grado a exiguidade da sua obra, uma das perso-

nalidades mais características da nossa literatura. O *Atheneu* não mostra sómente um escriptor elegante, um colorista, mas também um pensador original e inquieto, e um poeta, queremos dizer um homem, na mais larga accepção do termo. Á sua observação, sempre vigilante e justa, vinha juntar-se um intenso interesse pelas cousas do mundo, interesse que mal escondia a fonte tormentosa de onde brotava. Raul Pompeia não affectava indiferença, nem se resignava facilmente quando, acaso, descobria nas nossas contingencias terrenas uma nova tortura desconhecida, um abysmo ignorado, um signal incomprehensivel do destino mudo e immovel. Ao contrario, atacava de frente e problema insolvel, procurava o olhar fugitivo da esphyngé, sondava-o, provocava-o até sentir o coração pesado e a alma cheia de vozes mysteriosas. Então, e só então, consentia em revelar o pensamento amadurecido em segredo, e fazia reluzir a idéa exquisita, como uma joia polida.

Seu estilo é simples, não tem ornatos nem extravagancias e possui uma ductilidade admiravel. Ajusta-se ás fórmulas definidas da paisagem, assim como ás meias-tintas dos mais indefinidos estados de consciencia, com uma precisão maravilhosa; mostra, ao mesmo tempo, os recamos da arvore enflorada e a melodia do passaro escondido na espessura das ramas. Sua obra é, assim, um conflicto entre a intelligencia que, serenamente, investiga a fatalidade das causas remotas, e a sensibilidade, que se perturba ante o inevitavel determinismo dos effeitos immediatos. Eis por que foi elle, entre os nossos naturalistas, o mais *commovido* e o mais poeta.

Sob o influxo desses quatro pioneiros do romance e do conto de indole realista, ou com intenções psychologicas, alargou-se consideravelmente, no XIX seculo, a historia da nossa prosa de ficção, apparecendo escriptores como os Srs. Coelho Netto, Medeiros e Albuquerque e Xavier Marques, que representam, actualmente, a mais brilhante descendencia da segunda geração naturalista brasileira.

Trouxe, pois, o naturalismo ás nossas letras uma concepção mais objectiva da vida e um sentimento menos idealista das eternas questões moraes e sociaes que movem os homens sobre a terra. O romance deixou de ser um méro jogo de situações fabulosas, ou um poema de character pantheista e contemplativo, para tornar-se um elemento de combate, uma escola de aprendizagem, ás vezes perigosa, é certo, porém quasi sempre util e proveitosa. Se a exaltação de um Julio Ribeiro pode produzir alguns resultados negativos, que ensinamento profundo não se colherá, porventura, no prudente desencanto de Machado de Assis?

A HISTORIA E A CRITICA

Antes de 1870, quando se iniciou o chamado movimento do Recife e quando o nosso paiz começou a entrar verdadeiramente na corrente evolutiva das idéas universaes, os estudos criticos e historicos cifravam-se, quasi sempre, em rebuscas e excavações de archivos, ou em biographias de leitura penosa e improductiva. Á excepção de João Lisboa, Varnhagen, Torres-Homem, Ferreira Vianna, Tavares Bastos, José

Maria do Amaral, Lopes Gama, Abreu Lima e alguns mais, não se recommendavam os nossos publicists, durante o romantismo, nem pelo estilo, nem pela segurança e profundez do pensamento. Para isso concorria não só o acanhamento do meio intellectual, senão também, e principalmente, a estreiteza das lutas politicas e das intrigas de partidos que não participavam da opinião nacional, ainda incapaz de grandes reacções continuadas. O povo aceitara a Independencia, na qual collaborara mais com a necessidade instinctiva do que com a razão, e ficara, por assim dizer, adormecido, máo grado umas tantas agitações de patriotismo estrepitoso e innocuo, á espera de um decisivo movimento que o despertasse.

A guerra do Paraguay, o abolicionismo, a questão religiosa, e, finalmente, as primeiras scen-telhas da idéa republicana vieram perturbar-lhe a immobilidade apparente, deram-lhe maiores aspirações, renovaram-lhe os valores mentaes e ethicos, pondo-o, frente a frente, em contacto com o largo espirito do seculo XIX, com a Allemanha monista de Haeckel, com a Inglaterra evolucionista de Darwin e Spencer, e com a França positivista de Augusto Comte e de Taine.

A campanha abolicionista, sobretudo, de onde irradiaria a futura propaganda republicana, abriu um vasto caminho ao conhecimento das sciencias politicas e sociaes em nosso paiz. Oradores como Joaquim Nabuco, poetas como Castro Alves, polemistas como Tobias Barreto, jornalistas como Quintino Bocayuva, publicistas como Ruy Barbosa, Salvador de Mendonça e André Rebouças vieram, com a palavra e a penna, sacudir a

perigosa tranquillidade a que se affizera a nação, imprimindo-lhe uma certa inquietação necessaria ao bom entendimento dos problemas ethnicos, religiosos e moraes que, então, pela primeira vez, appreciam aqui em toda a sua plenitude.

Devemos em grande parte a Tobias Barreto e, depois, a Sylvio Romero, Arthur Orlando e ao Sr. Clovis Bevilacqua, todos intimamente ligados ao movimento *germanista* do Recife, uma comprehensão mais verdadeira e consciente da critica literaria, um sentimento mais claro e positivo das nossas possibilidades, uma razão mais penetrante dos nossos destinos. Criticos sempre os houve aqui, ou melhor, amadores de critica sempre os tivemos em grande numero. O que não havia, justamente, era critica. Sotero dos Reis, ou Joaquim Norberto, por exemplo, versaram com prolixidade os assumptos literarios. Aquelle escreveu, até, uma alentada historia da literatura e este publicou, em dezenas de volumes, uma copiosa serie de biographias dos nossos homens illustres. Nem um dos dois, entretanto, conseguiu influir na vida intellectual do Brasil, porquanto, ambos, para não mencionar muitos outros, se limitaram a repetir umas tantas semsaborias de que a rhetorica quintiliana lhes offerecia abundante materia e variados exemplos.

A critica literaria firmou-se, portanto, depois do movimento do Recife, por volta de 1868 a 1870. A obra de Tobias Barreto, que, infelizmente, ainda não foi devidamente considerada, pois, na sua biographia, os exageros, no elogio ou na mófa, não lhe deixem perceber a physionomia complexa e superior, é uma das que apre-

sentam maior relevo ao observador imparcial. Tobias preparou uma geração de homens fortes, no mais bello sentido da palavra. Fortes porque eram sãos, porque, longe da intriga das facções politicas e da camaradagem partidaria, procuravam a razão das nossas cousas, as bases profundas do character nacional e as intimas raizes da nossa raça, na sua poesia, nos seus costumes e na sua lingua. Á religião, á politica, á literatura, á glotica, ao direito, a todas as manifestações do saber, Tobias prestou o concurso da sua intelligencia combativa, audaz e eloquente, e, com elle, os seus discipulos e companheiros de polemicas ruidosas e perfeitamente *desinteressadas*, o que hoje parecerá quasi incrível (1).

Ao lado de Tobias, e com obra mais systematizada, apparece a figura de Sylvio Romero, professor de direito, critico literario e de philosophia, poeta, jornalista e politico. Sylvio é um dos mais nobres exemplares da cultura européa no Brasil. Formado sob a influencia das idéas francezas e germanicas, seu espirito não perdeu, todavia, as characteristics proprias da raça. Nem Scherer, com a sua theoria da observação tranquilla e mathematica, nem Taine, com o seu *apriorismo* insinuante e paradoxal, nem Hoekel, com o seu determinismo geometrico, nem Spencer, com o seu evolucionismo impiedoso e fatal, conseguiram modificar-lhe a expressão interior das paixões insoffreaveis. Sylvio era impetuoso, arbatado e valente. Sua *Historia da Literatura Brasileira* revê um temperamento franco de pole-

(1) A obra completa de Tobias Barreto foi reeditada pelo Governo do Estado de Sergipe.

mista desabusado, á maneira de um Léon Daudet, para quem as idéas mais aproveitaveis, quando expressas por certos individuos que o seu capricho condemnava, perdiam immediatamente o valor intrinseco e o peso especifico.

Não queremos dizer com isso que elle fosse um character contradictorio. Ao contrario. Sylvio seguia naturalmente os seus impetos, não se curvava deante de nada, nem de potentados politicos, nem de literarios, pois tinha por si a força de uma individualidade pouco vulgar, em qualquer parte, rarissima entre nós. Tão exuberante individualismo foi, por isso mesmo, um tanto prejudicial á sua critica. Sylvio condemnava, muitas vezes, mais os homens que os principios, via a obra através do autor, julgava a cultura pela raça. Seus erros de observação não lhe devem correr por conta do raciocínio, que era de uma precisão admiravel, mas, geralmente, por mal do seu coração, que era um tanto feminino, tal a instabilidade das suas preferencias. Comtudo, seria injusto descobrir-lhe em alguma reivindicação mais acalorada um movimento de vaidade. Sylvio não possuia esse refinado sentimento da civilização contemporanea, não lhe conhecia os venenos subtis, nem saberia dosal-os cuidadosamente, se tal lhe occorresse por necessidade. Não era nesse ponto, um homem do Renascimento. Sylvio tinha, porém, o orgulho da sua energia creadora, a clara percepção das suas funcções no mecanismo mental da joven raça brasileira, que elle foi um dos primeiros a investigar e esclarecer, com probidade e firmeza.

Quem se preocupara, antes d'elle, tão ponderadamente, com a nossa poesia popular, com a

mysteriosa *psyche* das duas raças aqui escravizadas pelo conquistador solerte e brutal? Quem descera, tão demoradamente, a sonda em nossa alma inquieta e medrosa, dolente e exaltada, de mestiços? Quem auscultara, com tanta precisão, o latejar desse cáos ethnico brasileiro? Só a propria obra de Sylvio poderá responder satisfactoriamente a essas perguntas, que elle tão attentamente procurou resolver.

Sua actividade multiplice, sua attitude sincera nas causas que interessavam o progresso e a felicidade do nosso paiz, sua visualidade ampla e viril, compensam, de certo modo, as fraquezas nascidas de um *sympathia* ás vezes mal interpretada. Como publicista, Sylvio introduzio nas nossas letras o cultivo das idéas geraes, indicou a necessidade das bases scientificas no processo evolutivo dos generos literarios, e, no que nos concerne propriamente, mostrou a estrada que deviamos trilhar para attingirmos o nosso pleno desenvolvimento ethnico e politico; como homem, nos legou um exemplo de audacia cavalheirosa, de desinteresse por tudo quanto não fosse digno da intelligencia pura, de amor ás cousas da arte e da sciencia, de horror ao pedantismo escolastico, ás formulas pretenciosas e ao eruditismo academico. Se, por exemplo, debateu com certa timidez os argumentos de um Bukle, não deixou todavia, durante a sua trabalhosa vida, de combater desassombradamente no sentido de levantar o nivel sociologico do Brasil. Sylvio Romero é um nome que marca um periodo na historia da nossa literatura.

Á excepção de Joaquim Nabuco e Rocha Lima, que fizeram obra escassa de critica, este

porque morreu quando apenas se iniciava promissoramente nas letras, aquelle porque repartio a sua fecunda actividade entre variados trabalhos historicos, politicos e diplomaticos, é na produçãõ de Araripe Junior e José Verissimo que se encontra, depois de Sylvio Romero, maior acervo de livros de critica propriamente literaria.

Araripe não é, como apontou José Verissimo (1) um continuador das lições de Taine, um divulgador dos seus processos no Brasil. Era-lhe mistér, para tanto, uma dicção mais limpida, um *character* literario mais firme, queremos dizer, um methodo mais constante e seguro na avaliação dos valores intellectuaes. O subjectivismo do critico cearense está em flagrante contraste com o objectivismo, ás vezes até affectado, do autor da *Philosophia da Arte*.

A observação psychologica de Taine era directa, insinuava a causa estabelecendo o phenomeno, fixava o typo desenhando o ambiente, mostrava a obra revelando o autor. O philosopho não se commovia deante do homem: annotava-lhe os gestos, media-lhe as idéas, traçava-lhe a physionomia interior pelos relevos da face ou pela vibração da palavra, tudo isso serenamente, saboreando as meias-tintas do conceito formado, levando ao ultimo extremo as deducções recolhidas, com um prazer puramente intellectual, ou melhor, para estar mais de accordo com os seus principios, instinctivos. Se, porventura, era uma paisagem o que elle deveria descrever, o mesmo processo se desenvolvia, inevitavelmente. Os planos topographicos destacavam-se nitidamente, e,

(1) Ob. cit., pg. 412.

sem tumulto, iam surgindo, com a graça primitiva da criação, os rios, as arvores, as estradas cheias de pedras scintillantes, os bosques sombrios e silenciosos, os longes ondulantes de collinas, o céu curvo e luminoso, limpido e inatingível. Dentro dessa ordem serena, movia-se o espirito de Taine, para quem as idéas valiam pelas imagens que as representavam, pela projecção que deixavam de si mesmas nos nossos sentidos.

Ora, não se dá o mesmo com Araripe Junior. Seu estilo é, por vezes, impreciso, não tem o colorido necessario á distincção das idéas, complica-se facilmente, não acompanha o pensamento com elegancia, nem justeza. Perturbam-lhe a clareza dos commentarios, frequentemente, certas imagens obscuras, certas aproximações intempestivas. Chamaram-lhe já, por isso, metaphysica, á sua critica. Vá que o seja. Parece-me, entretanto, que ella reflecte uma intelligencia aguda, um tanto pessimista, um pouco paradoxal á sua maneira, capaz de reflectir os mais finos cambiantes das cousas, porém servida por uma vontade indecisa, que lhe não permittia dizer tudo quanto absorvia do mundo circumstante. Não é uma critica metaphysica, mas uma critica subtil que não encontra, muitas vezes, a sua expressão exacta. Deve-lhe a nossa literatura, entre outros, dois ensaios valiosos sobre José de Alencar e Gregorio de Mattos.

José Verissimo tem uma qualidade fundamental, que resalta de qualquer estudo seu, que está em todos os seus conceitos e em toda a sua producção: a honestidade escrupulosa. Sua intelligencia não tem requintes, seu estilo não tem opulencia, mas não ha um só commentario

seu que não seja sincero, franco e aberto. Ao contrario de Sylvio, José Verissimo via apenas a obra e nunca o homem, exaltava ou condemnava o escriptor, sem se importar com a sua categoria social ou mesmo literaria. O autor, para elle, era uma figura secundaria, sem interesse immediato, a não ser quando havia na sua vida ou um outro pormenor que pudesse explicar com mais segurança certas particularidades da obra.

Discipulo dos francezes por Sainte-Beuve e Brunetièrre, e dos inglezes por Macaulay, Verissimo foi o que se póde chamar um critico objectivo. Versado em muitas literaturas, erudito mesmo, faltou-lhe, para ser um grande escriptor, um gosto mais discreto das bellas cousas, e, tambem espirito, ou melhor, finura de comprehensão e da sensibilidade. Sua *Historia da Literatura Brasileira*, que é uma synthese não diremos perfeita, mas honesta, da nossa evolução literaria, mostra o defeito primordial do seu processo, que era o de procurar o individuo em detrimento do meio, a obra pessoal com prejuizo da obra collectiva. Verissimo, que possuia uma observação directa muito apreciavel dos valores isolados, não tinha, entretanto, uma larga intuição dos problemas universaes, contentava-se com apontal-os de passagem, não entrava por elles, rodeava-os prudentemente, sem sequer arriscar-se a um commentario mais penetrante. As grandes correntes do pensamento no XIX seculo, que influiram tanto a nossa mentalidade, como o romantismo e o naturalismo, para não mencionar outras a que elle apenas allude, ou nem mesmo se refere, não lhe mereceram uma attenção mais demorada. Elle se satisfazia com os resultados immediatos, com

a somma dos efeitos mais visiveis e apparentes, e passava adeante, sem maiores indagações.

Definindo o naturalismo, por exemplo, escreveu o seguinte: "É que, como o romantismo, o naturalismo foi sobretudo uma tendencia geral. Como aquelle fôra uma reacção contra o classicismo, foi o naturalismo um levante contra o romantismo. Caracteriza-o e distingue-o a sua inspiração diversa do romantismo, mormente a sua inspiração muito menos espiritualista que a deste, e consequentemente a sua vontade de proceder differentemente delle. Revela-se este seu intimo sentimento e proposito no sacrificio ou diminuição da personalidade do autor, exuberante no romantismo; numa observação mais rigorosa e até presumidamente inspirada em methodos scientificos; numa representação mais fiel do observado, reduzindo ao minimo a idealização romanesca; no menosprezo dos constantes appellos á sensibilidade do leitor, pelo abuso do pathetismo; na invasão não só do romance, mas de todos os generos literarios, pelo espirito critico, que era principalmente o do tempo". E é só. As causas remotas, as determinantes essenciaes, as bases humanas do movimento naturalista, nem são delineadas, nem se desenham num rapido esboço imprescindivel ao conhecimento daquelles factores secundarios com que elle tenta explicar o character do genero literario em questão, Falta-lhe uma certa mobilidade de intelligencia, e aquella força de cohesão interior necessaria ao critico de idéas puras, ao experimentador dos phenomenos sociologicos dos quaes decorrem todos esses epiphenomenos artisticos, scientificos e literarios. Verissimo não

auscultava as raizes intimas da obra, tomava-a como um ponto de referencia entre muitos outros, e, insulando-a inteiramente, julgava-a por si mesma. A honestidade dos seus conceitos marcou-lhe, entretanto, um logar sympathico em nossas letras, que elle amou e servio com independencia, criterio e boa vontade.

Dentre os historiadores e publicistas do ultimo quartel do seculo XIX se destacam Joaquim Nabuco, Eduardo Prado e Ruy Barbosa, cuja obra fecunda de orador e escriptor de acção, no mais amplo sentido da palavra, não pode ser devidamente considerada neste ensaio, porquanto se tem dilatado até os nossos dias em progressão constante e magnifica, e, porventura, pertence mais ao nosso seculo que, propriamente, ao passado, o qual, ainda assim, está cheio do fulgor da sua fascinante individualidade.

Joaquim Nabuco era, por temperamento e educação, um idealista combativo, um espirito progressista e liberal, na politica, mas classico e conservador na literatura. Ha no seu temperamento de escriptor um ponto do sceptismo risosinho de Renan e um accentuado sentimento de humanismo, bebido na cultura greco-romana. Seu pensamento se reveste sempre de uma doçura satisfeita e de uma discreção amavel e polida a que uma ironia ligeira e penetrante se mistura. Os homens, para Nabuco, tinham apenas a realidade que o seu espirito lhes emprestava. Eram mascaras de que elle geralmente se servia para mostrar as suas qualidades de pensador subtil e vigoroso, amigo dos raciocinios calmos e ponderados, limpidos e logicos.

Afóra sua actuação politica, da qual restam

innumeros testemunhos em artigos esparsos de jornaes, discursos, folhetos e conferencias, que interessam com mais justa razão á nossa historia social, a obra propriamente leteraria de Nabuco é a do historiador e a do critico. Como historiador, devemos-lhe, entre livros: *Um Estadista do Imperio*, *Balmaceda e a guerra civil do Chile*, *A intervenção estrangeira durante a revolta*, e, possivelmente, *Minha Formação*, que é uma autobiographia um tanto lisongeira, mas admiravelmente escripta. Como critico, além de muitos estudos e discursos, deixou Nabuco um volume de conferencias, pronunciadas em inglez nas Universidades norte-americanas de Yale e Cornell, e no Collegio Vassar, sobre Camões, e um ensaio Camões e os Lusíadas, publicado na mocidade.

A historia, nas, suas mãos, era uma arte fina e delicada, commovida e brilhante, onde as idéas e o estilo corriam de par com o mesmo fulgor e o mesmo encantamento persuasivo. Ha paginas suas que lembram Michelet pela magia das imagens, pela vibração do pensamento, pela rapidez da visão, e, especialmente, pela força suggestiva da sua eloquencia espontanea e transfiguradora. Com menos genio que o historiador romantico, ou melhor, sem o seu genio e a universalidade da sua cultura, Joaquim Nabuco sabia imprimir ao seu feitio de escriptor um caracter racional, uma serena preocupação de ordem no conceito penetrante e na phrase graciosa, e um sabio equilibrio, raros em Michelet. Apesar da sua eloquencia facil, não lhe era peculiar uma certa improvisação muito de uso entre os nossos publicistas. Á sua intelligencia de analysta repugnaria seme-

lhante escamoteação, ao seu sincero pudor de aristocrata de raça tal attitude haveria de parecer irracional sobre extravagante. É que elle não se sujeitava ao jogo perigoso das palavras, porém, utilizava-se dellas com uma perfeita sciencia dos seus valores praticos. Nabuco, deve-se accentuar, não é apenas um *escriptor elegante*, mas um pensador capaz, a todo momento, de se tornar um grande artista plastico.

Está ahi a razão da sua critica ser, ao mesmo tempo, obra de observação pela firmeza com que marca os caracteres, e de fantasia pelo colorido que se insinua, ora esbatido, ora quente, entre as linhas exactas do seu raciocinio, Precisão, ironia, doçura de reflexão e de estilo, finura de sensibilidade, eis os dons singulares do temperamento de Joaquim Nabuco (1).

Com muitas virtudes excellentes de cultura e observação, a que se vinha juntar um dom de polemista em nada commum, Eduardo Prado realizou, com o seu ar de enfasiado das cousas e dos homens, uma obra de jornalista reaccionario das mais notaveis. Monarchista, não por mera attitude como querem alguns, mas porque via no regimen deposto o unico meio de remediar as nossas incapacidades politicas, decorrentes da instabilidade não só das camadas ethnicas mas ainda do ambiente social do Brasil, o autor da *Illusão Americana* foi um dos publicistas que melhor comprehenderam essa situação de pequeninas tyrannias organizadas a que ficou reduzido o nos-

(1) Cf. *A Vida de Joaquim Nabuco, por sua filha Carolina Nabuco*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1928. O penetrante e substancioso estudo de Carolina Nabuco é uma biographia digna do biographado.

so paiz, depois que a Republica o dividio em varios Estados interdependentes. Sabendo, pela experiencia ganha no contacto demorado com os povos mais velhos do occidente, que a sorte de uma nação territorialmente grande, e com um indice de população modesto, estava na razão directa de um governo centralizado e de um poder unico, onde se reflectisse e concentrasse toda a sua energia productora, Eduardo Prado foi dos primeiros que esboçaram uma reacção capaz contra o systema aqui inaugurado em 1889. A utilidade immediata da sua propaganda isolada, quando ainda não desbotara a tinta vermelha do barrete phrygio, ninguem pode avaliar convenientemente. O Governo Provisorio aproveitando-se naturalmente da liberdade, recentemente conquistada ao absolutismo de Pedro II, e mais da igualdade e fraternidade, tão suspiradas e ambicionadas, ameaçou e perseguiu o escriptor atrevido que com tanta leviandade abusava da sua complacencia democratica...

O que o Governo Provisorio, entretanto, não conseguiu apagar foi o prestigio do seu nome e a sinceridade do seu espirito, profundamente impressionado pela marcha sinuosa da nossa politica e pela dubiedade dos seus processos tão ridiculos quanto perigosos... Não lhe foi a politica um "thema literario", como escreveu José Verissimo (1), mas a base mesma do seu caracter de doutrinista. Basta considerar-lhe o combate, naturalmente exagerado mercê do seu temperamento impetuoso, ao expansionismo yankee, combate que tem sido continuado por fecundos

(1) J. Verissimo. — Ob. cit., pg. 400.

publicistas latino-americanos, como Rodó e Ingenieros, para ver que elle não estava fazendo apenas um jogo de paradoxos brilhantes mas, instinctivamente, concorria para enriquecer com os argumentos seguros uma corrente de idéas assente já em copiosa literatura. Eduardo Prado é, em summa um *ensaista* atilado e seguro, e um escriptor perfeito, que, com pouco mais, teria sido verdadeiramente grande.

Poderemos ajuntar á lista dos nossos publicistas no XIX seculo, os nomes de Capistrano de Abreu, que foi um dos mais profundos sabedores das nossas cousas, e um espirito cheio de penetrante agudeza, ainda hoje em constante e preciosa actividade; e dos Srs. João Ribeiro, intelligencia ductil de humanista admiravel; Oliveira Lima, a quem devemos muitas paginas de critica erudita sobre o Brasil colonial; Affonso Celso, Magalhães de Azeredo, escriptor elegante e discreto, e Medeiros e Albuquerque, um dos homens de letras de intelligencia mais versatil e brilhante que temos tido, cuja obra está ligada, ao mesmo tempo, á historia da poesia, do romance e do conto, da critica e do jornalismo, da politica e da oratoria em nosso paiz.

O THEATRO E A ELOQUENCIA

A literatura dramatica brasileira, depois de Martins Penna, Macedo, Alencar, França Junior e Agrario de Menezes, se não deixou de existir pelo volume da producção, mingou pelo caracter scenico das obras apparecidas. O acto ligeiro, a burleta, a comedia trivial, a revista popular e anedoctica de Arthur Azevedo, Valentim

Magalhães, Moreira Sampaio e muitissimos outros, todos empenhados, aliás, em educar o gosto do nosso publico, "envenenado pelo dramalhão romantico", infelizmente não conseguiram qualquer processo sensível para o nosso theatro decadente.

Ficamos, ao contrario, com um theatro futil e parasitario, imitado ou simplesmente traduzido do francez, menos nacional que nunca, apesar dos propositos e das intenções regeneradoras de que estava inçado. A não ser na obra de Arthur Azevedo, que, mercê das suas qualidades de humorista espontaneo e facil, contribuiu até certo ponto para continuar as melhores tradições dos romanticos, nada encontraremos na dos outros que assignalar, nada será digno de maior attenção.

No Brasil, com uma ou outra excepção de maior ou menor monta, como Joaquim Nabuco ou Ruy Barbosa, não se tem praticado a oratoria com o relevo de uma arte verdadeiramente literaria. Desde os prégadores dos seculos XVI e XVII, os Nobregas, os Anchieta, os Euzebio de Mattos, os Antonio de Sá, até os Souza Caldas e os Mont'Alverne, no alvorecer do seculo XIX; desde os oradores politicos dos primeiros embates da Independencia, e da Constituinte, de 1823, como Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva, até os propagandistas do abolicionismo e da Republica, como José do Patrocínio, Silveira Martins, Tobias Barreto, e muitos outros, que a eloquencia, neste paiz de oradores, não tem mostrado a força e o prestigio que era licito esperar da sua exuberancia realmente notavel.

É que não existe aqui uma verdadeira esco-

la de oradores, nem um ambiente politico e social perfectamente definido, como, por exemplo, na Inglaterra ou na França. Os programmas de campanario de certos grupos ephemeros e sem raizes seguras na opinião nacional, substituem, entre nós, a larga orientação dos partidos organizados; os interesses pessoaes do momento, o opportunismo vantajoso e facil predominam na solução dos negocios publicos, a politica, em summa, está ao arbitrio dos chefes audazes, que commandam, e á mercê das facções improductivas, que obedecem por principio, cegamente, friamente, sem o menor interesse pela causa collectiva. Eis ahi a razão da inutilidade de quasi toda a volumosa literatura que enche os *Annaes* do nosso Parlamento. E', no geral, um reflexo de interesses individuaes feridos, e, por isso, não tem profundidade nem belleza.

CAPITULO X

As ultimas correntes do pensamento no seculo XIX. — A reacção espiritualista. — Cruz e Souza e os decadentes. — Os prosadores. — Conclusão.

Entre os românticos e os naturalistas se destaca uma figura que, por seu relevo e originalidade, creou nas letras européas um prestigio fortemente accentuado. Participando, ao mesmo tempo, do romantismo, no que se refere ao exotismo dos seus motivos preferidos e do naturalismo, pela segurança da technica e da visão plastica da sua poesia, Charles Baudelaire não se deixou arrastar por nem uma daquellas correntes literarias. Ficou entre os dous grupos, não diremos desconhecido, mas isolado, e, porventura, incomprehendido.

O conceito dos velhos criticos, representados por Sainte Beuve, e dos novos, por Barbey d'Aurevilly, se lhe não foi desfavoravel, não conseguiu, todavia, clarear-lhe de um modo justo a physionomia enigmatica. E' que Baudelaire, talvez sem suspeitar, mas por certo sem o saber conscienciosamente, foi um precursor. A face apparente da sua *psyche*, posta em fóco de tão

brilhante maneira por Th. Gautier, desviou a atenção dos commentadores para o que a sua obra tinha de mais superficial e accessivel. A riqueza de colorido dos seus versos e a volupia do seu temperamento exquisito, forrado de um sensualismo penetrante, desorientaram os primeiros divulgadores da sua poesia.

Gautier, por exemplo, contentou-se com apontar-lhe os traços da mascara em um expressivo retrato, naquella sua atrevida maneira romanesca, preocupando-se, no que diz respeito ao escriptor, com a "trama do seu estilo", onde encontrou "fios de seda e ouro de mistura com fios de canhamo rudes e fortes"; com o encanto das "palavras polysyllabicas", tão do agrado de Baudelaire, e mais com a opulencia dos seus ambientes e o requinte da sua imaginação caprichosa e cambiante como "uma tapeçaria oriental".

Sainte-Beuve achou as "*Flores do Mal*" um livre triste, cheio de audacias de tom e de imagens, ainda denunciador de algumas indecisões, e o seu autor um "*poète de l'école de l'art*". Barbey, sem lhe definir a alma complexa, descobriu-lhe sómente um certo vicio canalha e um destemeroso satanismo, laivado de impudor. Baudelaire, entretanto, sobre ser tudo isso, era mais que isso tudo, um producto da cultura moderna. A duvida systematica, o desencanto permanente da vida, a dor do "eterno quotidiano", o pessimismo idealista, o incontentamento de todos os prazeres, a monotonia de todos os gestos, o engano fallaz de todas as promessas com que o raciocinio e a moral dos homens se perturbam, toda a inanidade dos nossos esforços e das nossas aspirações, quem os disse com mais intensi-

dade, depois dos Goethe e dos Vigny, foi Charles Baudelaire.

A reacção espiritualista, que os pioneiros do symbolismo firmaram contra o materialismo brutal e cynico dos naturalistas, já estava delineada na obra do seu precursor. Nella beberam elles o veneno subtil que lhes haviam transmittido as cousas da creação, o veneno da duvida interior, sempre renovado por entre as mutações da sua fatalidade eterna e impiedosa. Não era mais a tortura ingenua de Werther, não era mais o desencanto sentimental do René, de Chateaubriand e das heroínas de George Sand, não era mais uma crise da alma ferida o que revelavam as *Flores do Mal*: era o grito da intelligencia humana em face do destino, daquelle mesmo destino que a illusão scientifica havia sepultado solemnemente, com a pompa de um deus decahido da sua omnipotencia. Ora não é de estranhar, portanto, que, nem o proprio Baudelaire, nem muito menos os seus criticos, houvessem medido, desde logo, com uma exactidão naturalmente impossivel de conceber, toda a extensão das novas forças em jogo. Os primeiros espectaculos ficaram impressionados com o ineditismo do phenomeno e não attentaram nas velhas causas occultas. O opio das *Flores do Mal*, depois de embriagar o espirito do seu creador, entrou a ennevoar a razão dos seus mais ponderados leitores. A "anxiomania" e a "necrophilia" de Baudelaire, para usar a linguagem do Dr. Max Nordau, ficaram no primeiro plano, ao passo que a sua intuição harmoniosa das cousas universaes, o que vale dizer a porção mais digna da sua mentalidade, nem sequer mereceu um relevo secundario.

Que a sua obra, entretanto, não era uma refinada mofa, ou uma simples simulação de loucura, ou ainda um caso interessante de psiquiatria como já se tentou afirmar, é o que, hoje, ninguém contestará. Quem a julgar por semelhante prisma terá, implicitamente, condenado o proprio espirito de tempo. O seculo XIX foi uma grande crise de melancolia, ora violenta, ora suave, ora exquisita, ora trivial, atravessada por alguns raros instantes de confiança passageira. O desespero de Baudelaire não é tão diverso, como á primeira vista parece, da inquietação de Byron ou da amargura de Sully Prudhomme. O meio de expressão, o instrumento verbal é que varia. O fundo do pensamento em todos é igual, o abysmo é o mesmo, sómente o aspecto da paisagem circumstante é que diverge.

Quasi todos os poetas do seculo passado, cada qual ao seu geito, foram tristes, e Baudelaire está longe de ser aquelle que exprimio a sua dor menos profundamente. Assim pensaram os seus discipulos da corrente symbolista, ou melhor, aquelles que o Dr. Nordau appellidou, em uma das suas chronicas medico-literarias, *degenerados egoistas*. Não vio o judeu germanico, levado pelo espirito de clan da sua raça, que a civilização occidental, e, especialmente, a grecolatina, é uma resultante das energias individuaes em luta, é um producto da capacidade combativa de um escol perfeitamente livre na expressão da sua intelligencia. Egoistas somos todos nós desde que, em face da cathedral gothica da Idade-Média, que era o dogma de pedra, immutavel e pesado, se elevou o demonio do Renascimento, que é a graça de po-

der duvidar de tudo, mesmo da sabedoria do Dr. Nordau...

Apreciar o movimento symbolista sob um aspecto de pura doutrina psychiatrica é uma affectação de sciencia ridicula, sem fundamento, e illogica. Dess'arte, nem uma fórmula de pensamento resistiria a um exame mais rigoroso, a uma investigação mais firme. Se aceitassemos um tal apriorismo perigoso, o Dante seria um simples *illuminado*, Shakespeare um *mattoide*, e Pascal um mystico, soffrendo em alto gráo, de uma "anxiomania" incuravel. Decididamente, as categorias de Lombroso são divagações onde muito Nordau se tem deixado prender.

Aquelle sentimento, que um critico moderno (1) chamou "o mal romantico", inspirado pelo pessimismo e pelo messianismo peculiares á maioria dos escriptores e dos doutrinarios do seculo findo, chegou á exasperação na obra dos symbolistas. Elles recebem o legado de melancolia das gerações precedentes, accrescido, ainda de uma relativa impotencia verbal, contra a qual puderam os outros reagir com alguma felicidade. A desillusão de um *finalismo* racional, para onde convergissem todas as energias do nosso Sêr na luta por um destino melhor, deu-lhes uma noção sensivelmente exagerada da actividade e da força do inconsciente na natureza humana. A parte mais nobre do nosso mecanismo interior, — que é e será a razão — passou a ser considerada como subalterna, os caprichos do atavismo sub-consciente substituíram a clara e harmoniosa regra

(1) Vid. *Ernest Seillière. La Philosophie de L'Imperialisme. Vol. IV.*

do raciocinio, e uma nova fôrma de mysticismo instinctivo, se assim nos permitem, appareceu. Desenganados do naturalismo experimental e da systematização estreita dos positivistas, os *mysticos do bello* procuraram, além da realidade immediata, a sua finalidade, a fonte das suas energias latentes. Para elles o mundo era um puro reflexo da Belleza, e a Belleza a mais alta expressão da individualidade humana. Não havia em sua Esthetica, porém, aquelle ideal de moralidade superior em que se baseava a de Platão, ou Plotino. A unidade divina de todas as cousas, a synthese absoluta de todas as aspirações, o centro immutavel do Universo só os entreveria o espirito dos homens se, porventura, o deixassem entregue a si mesmo, á sua *monada* creadora, ao seu instincto do bello.

Ao contrario dos realistas, que subordinavam todos os nossos gestos e a actividade do nosso pensamento a uma lei invariavel e eterna, os néo-mysticos affirmaram, como antes os romanticos, que, a cada exemplar humano, correspondia um deus infallivel e immortal. Apenas, com a differença de que os romanticos faziam da alma o instrumento dessa divindade, e os outros puzeram no instincto a sua imagem.

“Notre génération égoïste inquiète, infatuée, observou Henri Roujon, em um commentario sobre Chateaubriand, descend en droite ligne de celui qui inventa le lyrisme, cette folie du Moi... Il nous a légué la religion de la personnalité; le moins qualifié d'entre nous se place á son exemple au centre du monde. Dans la comédie du siècle le dernier des figurants se croit premier rôle”.

Basta considerar, aliás, a influencia que exer-

ceram e ainda exercem sobre a literatura contemporanea os tres apostolos mais ouvidos do individualismo, Tolstoi, Ibsen e Nietzsche, para se ter uma comprehensão justa do pensamento occidental nesses ultimos annos. Sob o seu aspecto social e intellectual, assim se nos apresenta a inquietidão moral dos derradeiros momentos do seculo XIX.

Quanto á reforma propriamente litteraria, o movimento mystico, ou symbolista, ou ainda decadente, não produziu immediatamente todos os resultados. Examinando-se, entretanto, os primeiros vestigios deixados por elle nas obras de Mallarmé e Verlaine, Henri de Régnier e Gustave Kahn, Jean Moréas e Rodenbach, Samain e Verhaeren, para só falar nos poetas de lingua franceza, que foram e têm sido os de maior repercussão no Brasil, ver-se-á, para logo, que o principal cuidado dos seus precursores foi o abandono do rigorismo formista dos parnasianos, que, afinal, transformara a poesia em um frio exercicio de rhetorica. Assim, se Leconte ou Heredia, Coppé ou Sully Prudhomme, renovando os motivos da lirica anterior, conseguiram imprimir, pelo menos na elegancia discreta da linguagem, e na precisão do vocabulario, algum prestigio singular á poetica franceza, que inutilidades sonoras derramaram nos seus livros os Catulle Mendès e os Armand Sylvestre! Quem poderá lobrigar, por exemplo, nos seguintes versos de Mendès, a disciplina subtil, ainda que um tanto *voulue*, do autor dos *Poemas Barbaros*?

Rose, Emmeline
Margueridette,

Odette,
Alix, Aline,

Paule, Hyppolyte,
Lucy, Lucile,
Cecile,
Daphné, Méлите.

e, em seguida a umas poucas dezenas de nomes,
em successivas estrophes anodinas,

Zulma, Zélie,
RéGINE, Reine,
Irène !...
Et j'en oublie.

Uma reacção era, portanto, natural, e até necessaria. A poesia estava entregue a meia dúzia de reitores secundarios, sem cultura e sem sinceridade, apenas interessados em escandalizar o *vulgo profano* de que já se queixava o poeta latino. Contra o excesso do pitoresco e das scenas descriptivas, contra o abuso dos velhos temas da legenda humana e divina, contra o *impessoalismo* indifferente e a insensibilidade affectada dos derradeiros parnasianos, se levantaram as novas gerações. Começou, então, o que se resolveu chamar a reacção espiritualista. O subjectivismo, queé um modo velado de traduzir o orgulho individualista, mais uma vez triumphou.

Por volta de 1880, ao redor principalmente de Mallarmé, e um pouco ao lado de Verlaine, agruparam-se alguns artistas, amigos de *refinamentos exquisitos*, como era corrente dizer-se na epoca, das aguarelas de Gustave Moreau e dos poemas dramaticos de Wagner, da inquietação de

Edgar Poe e do scepticismo de Baudelaire, das figuras esfumadas de Carrière, das esculturas de Rodin, dos painéis de Chavannes e das aguas fortes de Rops. A'quelle estado de *melancolismo* permanente, notavel na maioria dos poetas precedentes, juntavam os symbolistas um singular desdém pelas cousas da realidade circumstante, refugindo aos coloridos fortes, ás linhas determinadas, aos contornos definidos; pondo a meia-tinta no logar do tom primario, amortecendo, com a bruma, as cruezas de luz tão coroaveis aos veristas, substituindo a paisagem exterior pela interior, queremos dizer descrevendo, de preferencia ao *observado*, o sentido.

A poesia symbolista não deve ser *analysada*, porquanto não se encontrará nella uma representação exacta das cousas, porém, unicamente, o reflexo deixado por estas em nossa imaginação creadora. Não ha no seu *processus* uma associação de idéas, ligadas por lados logicos e precisos, mas uma successão de impressões multiplas e varias um simultaneismo de estados de consciencia incoherentes e difusos. Ella não se destina ao pensamento, dirige-se ao instincto, ao subconsciente, que a recebe e absorve, simplesmente, como um trecho de musica ou uma fulguração de coloridos passageiros. Não será essa, porventura, a tendencia da poesia no porvir? Posta de lado a indecisão dos primeiros instantes, sempre cheios de exageros e atrevimentos, ás vezes até necesarios, não se poderia reconhecer no symbolismo aquella poesia sem sentido e sem nexos, sem grammatica e sem rythmos regulares, com assonancias e alliteraões caprichosas, traduzindo, apenas, a subtileza de algumas emoções finas e delicadas,

aquella poesia que Anatole France vislumbrou na civilização collectivista do futuro? (1).

A linguagem do raciocínio sempre foi pouco amavel aos poetas. Tennyson, queixando-se das imperfeição de certos versos, dizia que o encanto do sentimento poetico era justamente o de exprimir por palavras *a magia* que ellas, por si sós, não podem transmittir. E Verlaine, accentuando o seu prestigio musical, escreveu:

Que le vers soit la chose envolée
Qu'on sent qui fuit d'une âme en allée
Vers d'autres cieux à d'autres amours...

Mallarmé, por exemplo, para tomar um dos typos mais caracteristicos dessa feição, revelava, na sua ansia pelo indefinido, no seu horror á materialidade objectiva, no seu pendor para a vaga e aerea eurythmia dos mais intraduziveis estados de consciencia, o *canon* da esthetica symbolista. Elle não queria que as cousas se apresentassem na *brutalidade do seu involucro*, e, por isso, condemnou a *falta de mysterio* da poesia parnasiana, *que retirava do espirito essa deliciosa alegria de acreditar que estava creando*. Preferia que a imagem dos objectos surgisse, na sua essencia, do proprio sonho do observador. "Nommer un objet, escreve, c'est supprimer les trois quarts de la jouissance du poéme qui est faite du bonheur de deviner peu á peu; le suggérer, voilà le rêve. C'est le parfait usage de ce mystère qui constitue le symbole; évoquer petit à petit un objet pour montrer un état d'âme par une série de déchiffre-

(1) *Anatole France*. Sur la pierre blanche. Pg. 304.

ments". (1) Foram, dess'arte, combatidas, theoreticamente pelo menos, as mais celebradas virtudes da poesia, ou sejam a eloquencia das paixões, que é a maior qualidade da tragedia grega e shakespeareana, e a segurança da visão representativa, que, no Dante ou em Goethe, por exemplo, transparece immediatamente. Á eloquencia, Verlaine aconselhou que "se lhe torcesse o pescoço" e á poesia descripta não faltaram os peores prophetas.

Não se detiveram, ahi, todavia, os reformadores. Procuraram, tambem, modificar a estrutura do velho alexandrino, que Victor-Hugo já conseguira libertar das receitas de Boileau, desarticulando-o ainda mais, num jogo imprevisito de tonicas e cesuras deslocadas, afim de lhe imprimirem uma ductilidade mais variada, e, ao mesmo tempo, maior graça e leveza. Sendo o symbolismo uma "theoria de liberdade", como apontou Remy de Gourmont, (2) e, implicando, portanto, em uma "licença de idéas e de fórmãs", nada mais natural que a sua metrica fosse, igualmente, renovada. O verso livre, ou *livremetrismo*, teve

(1) Esta preocupação do inconsciente, do "hasard", observa o seu melhor critico (A. Thibaudet) nasceu-lhe como um choque oriundo de um longo e intenso esforço. "Sans cesse — et ce ressort de son ambition est assi l'un des secrets de son impuissance — il veut réaliser son œuvre comme un absolu: tendance d'ailleurs liée au caractère du vers (un vers est une lingne absolue) e qui paraît ainsi comme l'hyperbole du métier poétique. Et il prouve que cela même qu'il veut absolu lui est suggéré par le hasard, par les circonstances (par une autre chaîne d'œuvres peut-être, quoiqu'il se radisse contre le cliché). *La Poésie de Mallarmé*.

(2) *R. de Gourmont. Le Chemin de Velours.*

pois a sua razão de ser. De posse delle ficou o poeta com um instrumento malleavel, capaz de se adaptar ao seu rythmo pessoal, sua maneira de sentir, offerecendo-lhe uma gamma infinita de expressões, onde elle poderia, sem os inconvenientes da estrophação classica, transmittir com simplicidade e sem *cavilhas* o seu pensamento. Sob o ponto de vista estrictamente literario, foi essa a mais bella conquista do symbolismo nascente. "Que importa o numero do verso, se o rythmo é bello", exclamou Régnier! A nossa poesia contemporanea, inquieta, mobil, feita de contradicções de toda sorte, de sentimento e idéas que se entrechocam, de sonhos e aspirações irrealizaveis, tem, no *livremetrismo* não só um vehiculo admiravel mas um perfeito symbolo. (1). Seus perigos, entretanto, são mais visiveis e temerosos que os do verso regular. Eis por que á excepção de Verhaeren, que o praticou excellentemente, muito poucos o empregaram com segurança, inclusive Mallarmé que só se servio delle uma vez, (no *Un coup de dès jamais n'abolira le hasard*), e mal, diga-se de passagem.

De tudo quanto temos dito resulta que, á semelhança do romantismo, representa o symbolismo um movimento francamente espiritualista, provocado pela desillusão scientifica dos ultimos annos do seculo XIX, como aquelle já o fôra pelo excesso do racionalismo encyclopedista. O indi-

(1) O "Integralismo", de Lacuzon e S. Ch. Leconte, por exemplo, é bem um indice da poesia amargurada e avida do nosso tempo. Vide Lacuzon: *La Foi Nouvelle du Poète et sa Doctrine, l'Intégralisme*. *Revue Bleu*. 1 janv., 1904. Cf. F. Lefèvre. *La Jeune Poésie Française*, MCMXVIII.

vidualismo dos symbolistas diverge do subjectivismo romantico, por isso que, emquanto este se compraz em assignalar as pequeninas tragedias de cada ser, na communhão social, aquelle apparece como um ponto de referencia da dôr universal, uma encruzilhada onde se vão encontrar as vozes dispersas de todos os homens que soffrem a melancolia irremediavel da vida. Confundem-se nelle, ou melhor, na expressão da sua magua immensa, todas as duvidas que abrolham do fundo do inconsciente, e que o espirito, tremulo e indeciso, não sabe resolver. O symbolismo é uma das muitas reminiscencias desse mal de viver, que, segundo parece, foi o sopro com que o Creador animou a creatura (1).

CRUZ E SOUZA E OS DECADENTES

Na ultima decada do seculo XIX veio repercutir no Brasil o movimento espiritualista que se operara na Europa, por volta de 1880. Ao redor da Cruz e Souza, que foi o seu principal inspirador, começaram a apparecer alguns poetas pre-

(1) *Camile Mauclair*, nos "Souvenirs sur le mouvement symboliste em France". (Nouvelle Revue, set. outubro de 1807, pg. 671), constestando a existencia de qualquer *escola* symbolista faz a observação seguinte: "Que ce mouvement se soit étiqueté symboliste, je ne le conteste pas, mais je renonce tout à fait a savoir quels liens existent entre le symbolisme et les symbolistes, pour la raison qu'il n'y en eut pas. Un groupe d'écrivains mettant en œuvre leurs idées personnelles et au dessus deux une déité ténébreuse, dout aucun n'a de notion exacte, voila tout ce que j'ai pu apercevoir». Vide A. Barre, *Le Symbolisme*.

occupados em combater o que se convencionou chamar a "impassibilidade e a frieza parnasiana". Nesses primeiros ensaios de poesia *nova* pouco ha que respigar senão o pendor mystico, e um certo religiosismo vago, impreciso e affectado de que elles dão repetidas amostras. Como na França, o symbolismo nascente revelou-se, aqui um tanto disparatado, complicado na dicção e confuso nas idéas. As mesmas audacias de syntaxe e o mesmo desconhecimento morphologico dos vocabulos comprometteram a obra dos nossos decadentes. A allegoria do sentimento desordenado, para falar como Ch. Maurras, (') entrou a deslocar aquellas leis de equilibrio mental, aceitas desde um longo passado na literatura universal, perturbando a clareza da visão e substituindo a exposição logica do pensamento por uma successão de imagens, ás vezes incoherentes, com o intuito de evocar, pelo rythmo espontaneo das palavras, aquillo que as velhas escolas poeticas pretenderam suggerir por uma justa representação das cousas.

A obra de Cruz e Souza não é, todavia, simplesmente um grande ensaio falhado, como já se tem dito, nem tampouco a maior expressão da poesia lirica no Brasil, como já se escreveu. O satanismo de Baudelaire se mistura, na sua poesia, ao scepticismo melancolico, ao mysticismo morbido de Anthero do Quental. O mundo girava em torno da sua dôr, e, tal maneira lhe pesava sobre a alma insatisfeita e soffredora, que elle não soube traduzil-o senão com imprecações desesperadas e hallucinantes. Não ha quasi um

(1) Ch. Maurras. L'Avenir de L'Intelligence.

verso seu que não seja um grito contra a oppressão do ambiente que o cercava, grito nascido mais do instincto da raça que da consciencia da vida.

Corria-lhe as veias aquella gota amargurada de sangue africano que um certo prurido de aryanismo duvidoso rejeita com intolerancia, ou sómente admite com uma reserva condescendente e superior. Ao revés de B. Lopes, que se comprazia em transfigurar a pobreza, cobrindo-a de purpura patricia, Cruz e Souza possuia um perfeito conhecimento da situação á que a sua pretensa inferioridade ethnica reservara o meio em que vivia. Seu individualismo, por vezes atrevido, era o amargo fruto dos preconceitos que o comprimiam por todos os lados. É que elle “não era um meditativo, mas um delirante, queria a verdade como uma sensação inedita e deslumbrante”, para nos servimos de um conceito do sr. Renato Almeida sobre Anthero (1). D’ahi ser-lhe a arte um instrumento de desabafo destemeroso e audaz, a chaga por onde respirava o ar viciado que os homens displicentemente lhe concediam. Na “Vida Obscura”, sem véos, e sem aquelle disfarce tão peculiar a esse dilettantismo ocioso que se apoderou das letras depois do Renascimento, conta o poeta, em breve e profunda synthese, a propria legenda sentimental:

Ninguém sentio o teu espasmo obscuro,
Ó ser humilde entre os humildes seres.
Embriagado, tonto dos prazeres,
O mundo para ti foi negro e duro.

(1) Renato Almeida. Em Relevo, pg. 10.

Atravessaste no silencio escuro
A vida presa a tragicos deveres,
E chegaste ao sabor de altos saberes
Tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguem te vio o sentimento inquieto,
Magoado, occulto e aterrador, secreto,
Que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços,
E o teu suspiro como foi profundo !

Quem, deante da sinceridade de tal depoimento humano, ousaria contestar, com meia duzia de argumentos triviaes e rasos, como é de regra fazer-se, a força de um temperamento tão significativo? Não se evidenciam, aqui, os processos artificiosos com que os nossos versejadores habéis, na sua maioria, procuram illudir a sensibilidade do leitor. O brilho da rima esquiva, o recamo do vocabulo scintillante, o colorido da imagem exquisita, tudo isso foi posto á margem; o artista, em summa, desapareceu, para deixar o homem entregue ao pensamento afflicto, debatendo-se na solidão e no silencio, sem o conforto de uma sombra amiga que lhe acompanhasse o passo tremulo e hesitante.

A poesia de Cruz e Souza resistirá, nesse particular, á mais penetrante analyse. As incorrecções que, porventura, apresente, as obscuridades, os illogismos, a falta de transparencia de alguns symbolos são amplamente compensados pela agudeza da sua emoção, pela honestidade da sua queixa immensa de humilhado, pois a sua alma

...na Dôr, mais nobre augmenta.

E, embora a desdita o persiga, com essa fatalidade impiedosa e inevitavel que é a sua propria essencia, o poeta não se curvará, vendo que

...o seu sêr em musicas rebenta.
Em musicas e em flores infinitas
De aromas e de fórmãs exquisitas
E de um mysterio singular, nevoento...

Não será nas suas analogias, nas suas alluções intencionaes que o critico achará materia para um commentario ponderado e feliz. Sua psychologia, feita de absurdos e contradicções, irregular e complicada, está nesse modo sombrio de entender as cousas, nessa resignação heroica e simples com que elle supporta o amargor que lhe vem dellas. Sob a obscuridade de certos poetas, observou Paulhan, sob as divagações de alguns outros, um sentimento serio se manifesta: a necessidade de que tudo não se mostre claro de mais. O evolucionismo, o materialismo, o positivismo scientifico construíram um mundo excessivamente simples, excessivamente intelligivel e por isso mesmo, pouco satisfactorio. Se as cousas são, realmente, como nol-as indicaram, este mundo parece, na verdade, um pouco chato á intelligencia e um tanto esteril ao sentimento. D'ahi, a necessidade de se lhe procurar uma base metaphisica, um *enorme desconhecido*, do qual nada se conseguiria affirmar com segurança, mas que nos deixaria, em troca, o prazer de sabermos que elle está acima dos theoremas da sciencia experimental.

Sem se preocupar muito com semelhantes subtilezas de doutrina, e com taes enredos de

psychologia *a priori*, Cruz e Souza, insensivelmente, se aproximava da regra geral que ella fixava para o pensamento moderno. Conduzido apenas pela intuição, tentou reagir contra o destino, clamando, como no *Carcere das Almas*:

Ah! Toda alma num carcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço, olhando immensidades,
Mares, estrellas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha, e sonhando, as immortalidades
Rasga no ethereo Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossaes e abandonadas,
Da Dôr no calabouço atroz funereo!

Nesses silencios solitarios, graves,
Que chaveiro do Céu possui as chaves
Para abrir-vos as portas do Mysterio?!

Não diremos á guisa de um joven e brilhante publicista, que as palavras, e as imagens, “imagens intuitivas”, de Cruz e Souza, sob uma apparente impropriedade, exprimem, exactamente, tudo quanto o artista teve em mira quando as escreveu” (1). Frequentemente a sua expressão fica indecisa, vacilla entre termos que se repellem, ou entre idéas que se não conjungam intimamente. Outras, um requinte de gongorismo desgraçado-

(1) *João Pinto da Silva*. Vultos do meu caminho, Pg. 63.

so macula a simplicidade da sua obra. Taes defeitos, entretanto, como judiciosamente apontou o alludido escriptor, não justificam o desprezo em que ainda o têm as "rodas officiaes da literatura nacional". Mesmo porque não apresenta a referida literatura muitos versos melhores que, por exemplo, os do *Caminho da Gloria*.

Este caminho é côr de rosa e é de ouro.
Estranhos roseiraes nelle florescem,
Folhas augustas, nobres reverdecem
De acantho, myrto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o thesouro
Pelo qual tantas almas estremecem;
É por aqui que tantas almas descem
Ao divino e fremente sorvedouro.

É por aqui que passam meditando,
Que cruzam, descem, tremulos, sonhando,
Neste celeste, limpido caminho,

Os seres virginaes que vêm da Terra,
Ensanguentados da tremenda guerra,
Embebedados do sinistro vinho...

Ha em Cruz e Souza, apesar de todas as suas insufficiencias, a força de um precursor. Elle introduzio em nossas letras aquelle *horror da forma concreta*, de que já o grande Goethe se lastimava no fim do seculo XVIII. E tal serviço, em verdade, não é pequeno, em um paiz onde a poesia flue mais da ponta dos dedos que do coração.

Ao lado de Cruz e Souza, posto com feição menos definida, e influencia menos consideravel sobre os novos poetas do tempo, surge a figura de B. Lopes, estreando em 1881, com certo

successo. Suas qualidades primordiales elle as trouxe do romantismo e do parnasianismo, sob cujo influxo formou o espirito. Os *Chromos* e os *Hellenos*, que são talvez as suas melhores collectaneas de versos assignalam perfeitamente aquellas duas tendencias que lhe apontamos.

Nos *Chromos* ha um delicioso sentimento da natureza, semelhante ao de Fagundes Varella, uma poesia cheia de fortes emanações do campo, onde apparecem interessantes quadros da nossa vida rustica, feitos á maneira de pequenas e suggestivas *manchas*, de côr intensa e bastante pitoresco. B. Lopes, ahi, se revela um lidimo descendente dos românticos da phase campesina, um Bruno Seabra ou um Bittencourt Sampaio mais elegante e refinado. As scenas de interiores modestos, os trabalhos caseiros, a existencia bucolica da gente rude e ingenua dos sertões, elle vai debuxando nos versos com uma graça leve e realmente encantadora. São, por via de regra, composições no genero desta:

A casa daquella gente
É branca como jasmin.
Tem nas vidraças da frente
Forros azues de metim.

Quando o sol tinge o poente,
Vae de bengala ao jardim
Um velhote impertinente
De roupa clara, de brim!

Enxota os pintos e clama
Contra quem pisa na gramma;
Chinga as crianças, cruel!

Por enconral-as, adiante,
Pondo no lago ondulante
Embarcações de papel.

Vindo, entretanto, para o cosmopolitismo das cidades, perdeu o poeta um pouco daquella frescura primitiva, trocando as plantas da serra pelas avencas de estufa, a rusticidade das frutas selvagens pelo travor dos vinhos de luxo, o mel dourado da abelha silvestre pelos confeitos coloridos dos pasteleiros. Tornou-se, como elle proprio disse, um

Applaudido *jongleur* do verso e rima,

e começou, então, a burlar inutilidades sonoras, a fabricar *bibelots* de quebradiço aspecto, substituindo o perfume das ravinas pelo odor abafado das alcovas forradas de tapetes custosos, e entulhadas de um sem numero e objectos que a sua imaginação ia deixando, por exigencia do méτρο ou singularidade da rima, nos sonetos caprichados. O amor á futilidade galante arrastou-o a fantasticos sarãos em castellos roqueiros, goticos e bysantinos; ao convívio impossivel com duquezas e marquezas e damas fidalgas, emfim, a uma representação de cousas que elle desconhecia literalmente, e que, apesar de serem evocadas com certa habilidade, não escondem a falsidade da sua origem. Vê-se bem que o esforço principal de B. Lopes estava concentrado no lavor do verso, que a sua intelligencia não se movia dentro de toda aquella mirifica e fabulosa decoração dos *Hellenos*.

Seria injusto, porém, negar-lhe, máo grado seu artificialismo, um talento descriptivo por muitos modos excellente, e que, desenvolvido e orientado de outra maneira, teria produzido uma obra melhor e mais duradoura. O meio, entretanto,

amigo das acrobacias á Th. Gauthier e Banville, viciou-lhe o gosto e o temperamento. O poeta preferio a bagatela brilhante, e o publico lhe deu razão. Mas, que amavel pantheista não teriamos, se elle houvesse continuado a escrever, ou melhor, a pintar trechos de natureza como este?

Pitangueiras, arriando, carregadas
— Esmeralda e rubim que a luz feria —
Scintilavam, em pleno meio-dia,
Na argentea praia de um fulgor de espadas.

Sob o largo frondel eram risadas,
Toda uma festa, um chalro, a vozeria
De um rancho alegre e simples que colhia:
Moças — fructas, e moços — namoradas.

Em cima outra alluvião, por todo o mangue,
De sanháçus, sahis e thiês-sangue,
Polychromia musical da matta.

E através da folhagem miuda e cheia
Bordava o sol, ao pino, sobre a areia
Um crivo de oiro num sendal de prata !

A expressão é magnifica, o estilo é quente, cheio e movimentado, e a paisagem como que é vista através de um prisma, de dentro de um chuveiro de cambiantes que, a cada momento, se renovam no espelho da retina escandeada. B. Lopes possui, tambem, um dom de sympathy, muito apreciavel, na intimidade descuidada com que descreve certas reminiscencias.

Berço transmite-nos singularmente essa impressão:

Recordo: um largo verde e uma igrejinha,
Um sino, um rio, um postilhão e um carro

De tres juntas bovinas que ia e vinha
Rinchando alegre, carregando barro.

Havia a escola, que era azul, e tinha
Um mestre mau, de assustador pigarro...
(Meu Deus! que é isto, que emoção a minha
Quando estas cousas tão singelas narro?)

Seu Alexandre, um bom velhinho rico
Que hospedava a Princeza; o tico-tico
Que me acordava de manhã, e a serra...

Com o seu nome de amor Bôa-Esperança,
Eis tudo quanto guardo na lembrança
Da minha pobre e pequena terra!

É essa, ao nosso ver, a mais significativa feição da sua poesia, que, infelizmente, se tresmalhou por outros caminhos de melhor acesso, onde a natureza se despe das suas galas para se revestir de uma roupagem mentirosa, feita de encomenda, com um pouco de paciencia e um pico de affectação.

Ao lado de Cruz e Souza e B. Lopes, foram apparecendo outros esthetas orientados pelo mesmo pendor geral mystico e symbolico, dentre os quaes é mister apontar Emilio de Menezes, que depois se tornou parnasiano extremado, assim como satirico excellente; o sr. Nestor Victor que foi, por assim dizer, o critico dessa corrente; o sr. Felix Pacheco, Alphonsus de Guimarães, o sr. Silveira Netto e Mario Pederneiras, que se mostrou, mais tarde, nas *Historias do meu Casal* e outros livros publicados já neste seculo, um dos mais doces e emotivos poetas contemporaneos. Sua poesia é de uma simplicidade a que não estamos habituados. Usando o metro livre com pe-

ricia, conhecendo-lhe os segredos e as difficuldades, o autor do *Ao léo do Sonho e á mercê da Vida*, exerceu segura influencia sobre grande parte dos nossos melhores poetas modernos. Os motivos que cantou, como a poesia do lar, as doçuras da vida intima, longe do tumulto das cidades tentaculares, foram retomados por toda uma geração de artistas. A semelhança de Francis Jammes, Mario Pederneiras estimava as cousas no seu ambiente natural, desalindadas de artificio, singelas e humildes, como se apresentam aos nossos olhos. Não lhe interessavam os aspectos extraordinarios do mundo, as scenas de violencia ou de heroismo, os gestos de audacia e destemor. Os quadros historicos ou mythologicos não lhe despertavam sequer entusiasmo. Ficava indifferente deante de toda essa quinquilharia de que abusaram os parnasianos. Sua arte é feita de meias-tintas, de veladuras, de vozes em surdina, de veludos e tons suaves.

Fica distante da cidade e em frente
A remançosa paz de uma enseada,
Esta dos meus romantica morada,
Que olha de cheio para o Sol nascente.

Arvores dão-lhe feição da sombra desejada
Pela calma feição da minha gente,
E ella toda se ajusta ao tom dolente
Das cantigas que o Mar lhe chora á entrada.

Lá dentro o teu olhar de calmos brilhos,
Todo o meu bem e todo o meu empenho,
E a sonora alegria de meus filhos.

Outros que tenham com mais luxo o lar,
Que a mim me basta, Flor, o que aqui tenho,
Arvores, filhos, teu amor e o mar.

Mario Pederneiras é o poeta dos jardins, dos crepúsculos de outono, dos crepúsculos dolentes de Maio, das noites perfumosas nos arrabaldes do Rio de Janeiro, sua cidade natal, que elle tanto amou e soube louvar deliciosamente.

Outono !
 Qualquer lilaz,
 Schumann em violino,
 Angelus tangido em lentidões de sino,
 Preguiçoso torpor de um fim de somno,
 Espelho de agua quieta dos canaes !

 No outono a luz é um eterno poente,
 Que mais á calma que ao rumor se ageita;
 Bilha,
 Tão de manso e calma,
 Que parece unicamente feita
 Para o estado d'alma
 De um convalescente.

Foi elle um dos primeiros que mostraram o encanto das nossas tardes de verão, quando rechina entre as arvores e cigarra tropical, quando a encosta dos morros é uma tapeçaria de verdes lustrosos e as sombras nocturnas começam a descer sobre a scintillação de ouro e pedraria do poente.

Olho este fim de tarde e esta sombra que desce
 E em tudo alonga e tece
 A trama tenue de seu véu de luto...
 A alma sentindo evocativa e boa,
 Emocionado, escuto
 O saudoso rumor do dia que se extingue.
 E o dia azul que foi, apenas se distingue,
 Por um resto de luz que nas alturas sobra,
 Por um sino que dobra
 Ou uma asa que voa.

Hora triste de aspectos,
 Em que vive a emoção de umas longas distancias,
 Feita para sentir as venturas e as ansias
 Da saudade infeliz de uns extinctos aspectos.

Era Mario um enamorado da terra carioca, dos seus costumes, das suas tradições, dos seus aspectos, muitos dos quaes fixou em poemas formosos. Em *Natal de um Triste*, ha um perfume doce do passado, de um passado ainda recente, mas já esquecido na memoria dos homens novos do Rio de Janeiro. Pinta o Natal, ao tempo da cidade velha, com as suas ruas estreitas illuminadas por lampeões mortiços, orladas de casarões coloniaes dentro de chacaras umbrosas, quando havia mangueiras seculares nos jardins, e, sobre os portões pesados de cantaria, se erguiam vasos ornamentados com palmeirinhas e samambaias, estatuas grosseiras de cimento e leões de porcelana colorida; do antigo Rio, com os seus carros de bois de grande rodas gemedoras, com as suas *bahianas* enfeitadas de missangas, quinquilharias e coraes, com os seus prégões longos e melancolicos.

Vem chegando o Natal... Ha noites claras,
 E a brancura christã de prece e de hymnos
 Sobe daqui, destas paragens francas.
 É tudo branco — estradas e seáras...
 Vem chegando o Natal; ouço-lhe os sinos
 E o seu lindo rumor de cousas brancas.

Vem chegando o Natal...

.....
 Vem chegando o Natal, eu bem o vejo;
 Ha já preparos para o Consôada,
 E chora pelo quintalejo
 A plangedora magua das violas.

Vem chegando o Natal...
Ha por tudo cantares e regalos;
Accendem-se fogueiras,
E junto á paz do lar e dos presepes
Estala o canto vencedor dos gallos.

Tinha o autor das *Rondas Nocturnas* um sagrado horror ao artificio. Preferia, muitas vezes, o verso prosaico á estrophação empolada, não fazia grande caso do que se convencionou chamar *rima rica*, famigerada invenção que tem prejudicado a espontaneidade dos nossos poetas. Quando era ainda de bom tom imitar os *Poemas Tragicos*, de Leconte de Lisle, ou a pyrotechnia gongorica de Guerra Junqueiro, Mario Pederneiras dava á sua poesia uma liberdade de motivos e de metros fóra do commum. Na epoca do soneto, da ballada, dos rondeis e dos villancetes, das formas estreitas de composição, já se mostrava elle mestre no verso livre. Tem sua arte um sabor singular, justamente porque é verdadeira, sincera e communicativa. Elle cantou o *Passeio Publico*, o *Corcovado*, as *Arvores da Rua*, as scenas da realidade quotidiana, sem emphase em nossa literatura geralmente emphatica, sem preciosismo, num momento de preciosos. Mario Pederneiras é um poeta ainda mal julgado, especialmente se levarmos em conta a forte impressão deixado por sua poesia na das novas gerações. Dos poetas do seu tempo, é elle o mais pessoal, o mais humano, e, seguramente, o mais duradouro.

OS PROSADORES

A prosa de ficção dos symbolistas, de que o *Missal e as Evocações*, de Cruz e Souza, dão bem

a medida, é despicienda e de valor duvidoso. Nesse particular, a não ser na obra de Gonzaga Duque, pouco se encontrará digno de estudo e consideração dos poemas em prosa, ou nas novellas abstrusas dos decadentes. O proprio Gonzaga Duque, embora seja um escriptor de ficção estimavel, teve relevo maior como critico de arte, que, propriamente, como novellista. Como em França, o symbolismo, no Brasil, deu frutos mais consideraveis na poesia que na prosa. Nem um prossador, ao menos, poderá comparar-se com Cruz e Souza.

CAPITULO XI

Seculo XX. — O scepticismo literario. — Reacção nacionalista.

A geração que succedeu a dos symbolistas se caracteriza por um sentimento desabusado das cousas. Seus mestres foram, principalmente, Oscar Wilde, Jean Lorrain, Eça de Queiroz e ainda os Goncourt e D'Annunzio. Cada um desses *dandys*, que passearam a sua elegancia inquieta nos salões dos primeiros annos deste seculo, era, ao mesmo tempo, um Dorian Gray e um Andrea Sperelli, um Fradique Mendes e um Mr. de Phocas.

Para esses scepticos literarios o mundo era apenas um jogo amavel de apparencias. Elles consideravam o homem como um animal que se distráe, por via de regra á custa dos outros, e, algumas vezes, consigo mesmo, com o espectáculo das suas proprias insufficiencias, cuidadosamente veladas á indiscreção dos demais. Tudo lhes parecia justificavel, desde que fossem resguardados os foros da elegancia. Tendo apredido em Wilde que o crime era uma obra de arte, que a esthetica do veneno era uma subtil phi-

losophia, esses amigos do prazer monstruoso, incapazes de menor delicto, fizeram com deleitosa imprudencia a advocacia do vicio. Todas as personagens dos seus romances, dos seus contos e dos seus poemas mergulham num ambiente de estranho artificialismo. Ellas não vivem a vida quotidiana, não saem da realidade, são ficções cerebraes que se movem num plano ideal, preconcebido, sem o menor contacto com as forças do mundo objectivo. Figuras de *marfim* e de *ebriez*, como as de Lorrain, aparições perversas, como as de Lisle Adam, todas essas nebulosas humanas, carregadas de ouro e pedrarias, a exemplo da Salomé, de Gustave Moreau, têm uma fria scintillação de joias inuteis.

Sem um ambiente exacto, que lhes determinasse as acções, sem um clima moral, onde pudessem respirar naturalmente, todas essas personagens fugitivas e imprecisas representam, apenas, os preconceitos estheticos dos seus creadores. Desenraizadas do mundo, ellas não pertencem a paiz nem um, não reflectem nem uma familia humana, não fixam nem uma raça. São fulgurações passageiras, imagens amorphas, caprichos literarios. Quem quizesse procurar o Brasil, nessa theoria de fantasmas e de paisagens irreaes, encontraria simplesmente um paiz de fabula, Paphos, Cithera ou Alexandria...

O Brasil não estava esquecido, entretanto. Affonso Arinos, no *Pelo Sertão*, (1) o sr. Coelho Netto, no *Sertão*, o sr. Graça Aranha, no *Canaan*, e Euclides da Cunha, nos *Sertões*, continuavam,

(1) Sobre a obra de Affonso Arinos, vide o magnifico ensaio de Tristão de Athayde.

com mais penetração e espirito scientifico, a obra nacional dos nossos românticos, de Alencar a Taunay. Em todos esses livros, e mais tarde, nos romances sertanejos do sr. Afranio Peixoto, como *Fruta do Mato e Maria Bonita*, apparece vivo, em contraste com as produções da geração dos scepticos, o sentimento de brasilidade. Emquanto Affonso Arinos e o sr. Coelho Netto fixavam os typos humildes do interior, as peculiaridades da vida e o lirismo da sua psyché, Euclýdes da Cunha e o sr. Graça Aranha estudavam os grandes problemas ethnicos e anthropologicos do nosso paiz. No *Os Sertões*, pagina violenta em que se debuxam as linhas mestras da nossa sociedade rural, surge a physionomia do vaqueiro, do mestiço gerado pelo caldeamento das raças primitivas que se cruzaram nos alongados seculos da colonia. Ali estão os descendentes dos nossos antigos civilizadores, os bandeirantes do norte, os criadores, os agricultores, os senhores de engenho. Ali está o homem já adaptado ao solo, aclimado perfeitamente, depois de toda sorte de provações physicas e moraes. A luta dos Jagunços é um simples episodio, uma scena brutal, de que o autor se servio para mostrar as populações do nordeste brasileiro, o seu *habitat* aggressivo e os caracteres da sua existencia. O *Chanaan* revela os graves problemas da nossa formação futura. É o poema das raças novas, que se vêm fundir com a nacionalidade já esboçada. Milkau e Lentz representam a ideologia européa, em face do tumulto americano. O *Chanaan* foi, assim, o precursor do romance de idéas, no Brasil.

Avolumando a corrente, que essas grandes obra representavam, é justo mencionar uma sé-

rie de investigações historicas, de ensaios sociologicos e politicos sobre o desenvolvimento do nosso paiz. Tudo isso vinha contribuir para despertar o interesse pelas nossas cousas, que o dilettantismo dos nossos letrados elegantes propositadamente relegava e esquecia.

Foi no embate dessas duas forças, que dividiam a nossa literatura, foi entre *Pedro o Barqueiro* e *Andrea Sperelli*, que se formou a geração modernista. Os homens desta geração herdaram uma voz melancolica: a voz da Terra. Perdido na vastidão da floresta insidiosa, que, a cada passo, vem arrancar-lhe os frutos do seu labor, o brasileiro reflecte no pensamento a tragedia aspera e continua da sua adaptação ao meio cosmico. As forças que tentam esmagal-o são de tal apparencia, que Buckle, e, depois d'elle, Rivet, Lapouge, Le Cointe e varios antropogeographos da escola de Ratzel, ou da corrente de Vidal de La Blache, o condemnaram a um perpetuo exilio no seio da natureza impiedosamente exuberante. Da Amazonia opulenta de Humboldt, e de Constantin, affirma Le Cointe, no *Climat de l'Amazonie*, que "é um deserto vestido de verdura, á espora de occasião propria para resurgir". Desde 1876, Stanley, (1) o celebre explorador inglez, já se referia á enganosa magia das matas virgens, que deleitam os olhos, mas opprimem a vida humana, reduzindo-lhe as energias, despojando-a dos seus attributos superiores. O homem da zona tropical é, assim, um ser destinado ao terror e á humilhação deante da Natureza. Nossa li-

(1) Lettres de H. M. Stanley, trad. Bellanger. Paris, 1884, pg. 216-220.

teratura apresenta, a esse respeito, depoimentos celebres. Basta mencionar os *Caucheros* e o *Judas Ahsverus*, de Euclides da Cunha. Tudo se entredevora, nessa panphagia formidavel da selva barbara. Os rios saltam dos leitos e engolem as terras marginaes. Pullulam, nas fermentações dos mangues e igapós, milhões de insectos, desde a borboleta ao pium voraz. A sombra de certas arvores é mortifera, e ha grandes corolas que se abrem como bocas esfaimadas. Sómente o homem se encontra deslocado, nesse monstruoso divertimento das forças elementares.

O sentimento confuso dessa luta permanente, vindo através do indio totemista, do africano fatalista e do portuguez nostalgico, povoou de fantasmas a alma brasileira. Ficamos attonitos ante o destino. A dor e a volupia embriagaram o nosso espirito. Foi essa a herança que recebemos do passado, mesmo daquelles que melhor interpretaram a nossa alma, a exemplo de Gonçalves Dias, Castro Alves ou Raymundo Correia.

A historia dos nossos valores é, em grande parte, o espelho desse combate entre a terra e o homem. Não diremos, de certo, que a situação presente seja totalmente diversa da anterior, mas não é possivel negar que o homem brasileiro começa a modificar-se, nesse particular. Fomos, até bem pouco, um povo de agricultores, vivendo na dependencia immediata dos factores mesologicos, sujeito aos caprichos do clima e da gleba. O fazendeiro era o patriarca da nação. A existencia politica e economica do paiz girava em torno d'elle. A vida bucolica das desmedidas sesmarias, onde se concentrava toda a riqueza nacional, vinha reflectir-se directamente nas agglo-

merações urbanas, porque, das fazendas, saíam os "condottieri" de maior prestigio e influencia. E a terra, naturalmente, os acompanhava. Todo o nosso chamado Romantismo foi feito por essa gente rude, mystica e fundamentalmente conservadora do campo. A melancolia da floresta, o amollecente perfume das roças, o languor mysterioso dos vastos horizontes, as sombras humidas das moitas, o monotono rumor das aguas, toda essa concepção idyllica e primitiva das cousas, entrou com alta percentagem para o nosso pensamento. Quem não se recorda, por exemplo, das paginas de *Massangana*, onde, um dos nossos mais puros gentis-homens, Joaquim Nabuco, deixou o mais bello painel dessa tranquilla existencia da familia brasileira?

Hoje, porém, ha profundas modificações na substancia nacional. O brasileiro de escol já não é mais *filho de fazendeiro*, habituado aos longos silencios do sertão, testemunha dos soffrimentos de uma raça escravizada, em cujo leite mamou as primeiras duvidas. E o brasileiro, em synthese, já não é mais, tambem, o exclusivo producto de caldeamentos limitados a tres grupos ethnicos: o indio, o africano e o luso. O italiano, o allemão, o slavo e o saxão trouxeram a machina para a nossa economia. O Brasil industrializou-se, principalmente, ao sul, no Rio, em São Paulo, nos focos mais importantes de immigração europeá. Tornou-se a vida, portanto, mais activa, mais vertiginosa, mais cosmopolita, menos conservadora, em summa. Essa nova nacionalidade, de sangue mais temperado, vencerá o meio cosmico que os nossos maiores conquistaram, mas não puderam dominar, desmentindo, assim, os

postulados levianos de uma pretensiosa anthrogeographia, que nos impunha a fatalidade dos seus dogmas irremediaveis.

Demonstra a sciencia moderna que a civilização é uma conquista do homem sobre a natureza. O factor mesologico é mais complexo do que parecia aos continuadores de Demolins ou de Semple. O homem deforma, adapta e modifica o seu *habitat*, preparando as realidades necessarias ao seu desenvolvimento social. Tudo nos ensina, por exemplo, que não devemos desesperar da Amazonia, “embora o deserto, despojando-se do seu manto de verdura, reapareça”. As solidões agrestes do vale do Texas converteram-se em campos de algodão, de milho e de trigo, pelo esforço do norte-americano, cortando aquelles interminos areiaes movediços de canaes admiravelmente distribuidos, fazendo o reflorestamento de zonas safaras e mortas, irriganda-as por meio de calculado processo de açudagem.

Ora, o contingente de coragem equilibrada e experiencia madura que a gente de hoje vai transmittir á de amanhã é irrecusavel. Somos diferentes dos nossos avós e da sua mentalidade, formada em ambiente distincto do nosso. Elles beberam a sua cultura na letra fria dos livros, sob a disciplina dos grammaticos e reitores da antiguidade. Realizaram, assim, aquelle typo do “honnête homme” conselheiral e pedante, amigo dos titulos, da anedocta pitoresca e da citação facil. Foram elles que nos herdaram esse enthusiasmo espontaneo e esse pessimismo radical em relação a tudo quanto se refere ao Brasil. Todas as suas formulas podem resumir-se nestas: “Paiz perdido”... Liricos, por indole e educação, nunca

procuraram olhar, face a face, a nossa realidade.

Sua influencia ainda se manifesta, por muitos modos, e a indecisão nefasta dos nossos dirigentes é fruto daquella therapeutica do papel impresso, que se prolongou até nós. Pagamos em nossa adolescencia o imposto da melancolia. Adoramos os idolos terriveis, que pesaram sobre a imaginação dos nossos queridos antepassados. Fizemos do mundo um amavel jogo de formas decorativas. Dialogamos com as sombras, nas primeiras luzes da nossa adolescencia. Philosophamos com a dor.

Vencer a natureza pela disciplina da intelligencia, eis a primeira lei que a realidade brasileira impõe ao homem moderno. Elle está farto do artificio da nossa existencia social. Elle vem de um povo pobre, que vive frugalmente, as mais das vezes, sem cultura elementar. O homem moderno do Brasil vê que não temos escolas, nem universidades, nem sequer o aparelho rudimentar de mediocre instrucção primaria e profissional. Tudo, entre nós, tem sido uma romantica improvisação.

Está ahi, porque, toda essa arte de madrigaes e de sonetos, de preciosismo e rhetorica, de vaidades inuteis, repugna á sua intelligencia virgem e barbara. Elle quer que o artista lhe fale numa linguagem clara e lhe traduza os sentimentos impetuosos, as ambições energicas, a alegria de viver e dominar as cousas.

Não é possivel ainda, entre nós uma arte de medida e convenção. Não encontramos, assim como os demais povos americanos, o nosso *preconceito esthetico*. Lidamos com um material informe e desmesurado, jogamos com todos os problemas

de um povo que se está formando. Terras immensas despovoadas, conflictos de interesses economicos entre varios dos grupos humanos que habitam os nossos Estados, instabilidade da fortuna publica, falta de espirito de cohesão, desconhecimento das exigencias da collectividade, eis o quadro em que o brasileiro luta continuamente.

Precisamos disciplinar a nossa intelligencia pelo estudo directo do Brasil. E porventura procurar uma arte, livre de quaesquer preconceitos, e que reflecta o nosso tumulto nacional, não é disciplinar a nossa intelligencia, pondo-a em contacto com as forças motrizes do nosso ambiente cosmico ? (1). Deante de todos esses graves pro-

(1) Sobre o movimento das idéas modernas, que distinguem a nossa literatura contemporanea, convém lêr: Graça Aranha, *Esthetica da Vida e O Espirito Moderno*; Gilberto Amado, *Apparencias e Realidades*; Mathews de Albuquerque, *As Bellas Attitudes*; Aggripino Grieco, *Caçadores de Symbolos*; Renato Almeida, *Fausto e Historia da Musica Brasileira*; Tristão de Athayde, *Affonso Arinos, Estudos*; Paulo Prado, *Retrato do Brasil*; Mario de Andrade, *A Escrava que não é Isaura, Ensaio sobre a Musica Brasileira e Compendio de Historia da Musica*; João Pinto da Silva, *Physionomias de Novos*; Jackson de Figueiredo, *Literatura Reaccionaria e Pascal e a inquietação moderna*; Andrade Muricy, *O Suave Convivio*; Tasso da Silveira, *A Igreja Silenciosa*; Paulo Silveira, *Asas e Patas*; Guilherme de Almeida, *Natalika*; Perillo Gomes, *Penso e Creio*; Vicente Licinio Cardoso, *Pensamentos Brasileiros*; Oliveira Vianna, *Populações Meridionaes do Brasil*, etc. Dentre as revistas de idéas modernas, o *Movimento Brasileiro* merece referencia, sobretudo pelos seus ensaios *Revisão de Valores*, que são apreciaveis estudos sobre os grandes escriptores brasileiros, pesquizando, dentro da sensibilidade moderna, o que perdura ou desapareceu nas suas obras.

blemas da nossa vida moral e intellectual é possível ficarmos atrelados a artinhas poeticas, feitas por menestreis e fradalhões, para uma sociedade polida pelo prazer desinteressado e pelo gozo das horas desoccupadas? É justo que continuemos a construir casas Luiz XVI, atulhando-as de tapeçarias Aubusson, de moveis Francisco I, Rocalha ou Imperio? Éplausível que os nossos quadros de cavallete e os nossos paineis decorativos repitam a receita galante do Boulevard St. Germain?

O homem novo do Brasil quer viver a realidade do momento. Ser moderno não é ser futurista nem esquecer o passado. Ninguem pode esquecer o passado. Repetil-o, entretanto, seria fraccionar artificialmente a realidade, que é continua e indivisivel.

Quem não admira o genio grego ou o genio romano? Mas, se algum dilettante grecoromano quizesse impor á sociedade moderna, além das odes pindaricas e dos hexametros vergilianos, as concepções que fizeram a grandeza politica de Athenas ou Roma, quantos minutos viveria fóra da penitenciaria?

Ninguem pode voltar atrás. Por isso, toda imitação é infecunda. Sob o ponto de vista esthetico a civilização antiga foi a civilização do palacio e do templo, do aqueducto e do circo, a civilização da pedra. A civilização moderna é a civilização da machina, a civilização do aço, do carvão, do petroleo e do ferro.

O homem que inventou a machina não tem a mentalidade do seu antepassado. Aquelle faz do tempo uma idéa de poupança, este uma idéa de desperdicio. A machina, baseada na economia

da força, é uma coordenação de planos, que se conjugam para certas resistencias e determinados movimentos. É uma synthese de energia. Cada uma de suas peças existe em função das demais. Ella aproveita a materia prima, e a obra que produz é o resultado de um rendimento exacto, calculado e previsto, sem gastos inuteis.

A imaginação creadora do artista moderno reflecte, como é natural, todas essas acquisições da experiencia humana. Funciona como verdadeira machina. Reduz a natureza a um schema, e, pela deformação da materia prima que lhe fornece a realidade, produz a obra de arte.

O homem livre moderno, ao contrario do escravo e do servo no mundo antigo e medieval, não pode perder tempo com a sciencia minuciosa do pormenor decorativo. O operario é igual ao architecto, e ambos são iguaes ao proprietario, que os paga. O poeta de hoje não é bufão do senhor feudal ou famulo da sua mesnada, nem o pintor é lacaios do Rei. O artista moderno, pois, é dono do seu rythmo, e, como todo o rythmo da vida contemporanea é violento e largo, elle tem que reproduzil-o, sob pena de desaparecer. Isso entretanto, não quer dizer que elle despreze a disciplina da experiencia accumulada pelo passado. Seria pueril affirmal-o. Basta considerar, por exemplo, uma das tendencias da arte moderna, para ver como futuristas, cubistas e modernistas sem credo dogmatico estão, por outros motivos, servindo-se de alguns processos usados antes até da idade classica. Refirimo-nos aos schemas, ás simplificações ideograficas, empregadas não só na estatuaria e na pintura mas na propria escripta moderna. Entre um "koros" do VIº seculo A. C.,

com a sua cabeça triangular e o seu corpo rectangular, e uma escultura de Mestrovic ou Wencke, ha pouca differença de processo embora o sentimento seja inteiramente outro.

O artista do seculo XX volta, pelo sobrio idealismo da sua technica, ao syncretismo dos primitivos e á synthese do seculo V^o A. C. e do seculo XIII, em França e na Italia. Entre o Christo, de Amiens, que o sr. W. Deonna (1) comparou a um deus da escola de Phidias, e uma cabeça de Mestrovic já não ha consideraveis distancias. A escultura contemporanea retomou a lei de frontalidade, quebrada por Mirão, e continuada na Idade-Média pelos santeiros de Chartres e da Ilha-de-França.

O realismo predominante no seculo XIX foi substituido pelo sentimento lirico e ideal das formas e dos volumes. O artista moderno é um de formador. Elle procura um equilibrio geometrico, fóra da natureza, além da realidade, o que o aparenta profundamente aos obreiros medievaes, aos negros do Congo e aos artistas do Egypto e da Persia. Aquella sciencia do pormenor decorativo, que floresceu no periodo hellenistico e no Renascimento, está inteiramente abandonado. A anedocta e o pitoresco das imitações, o culto da exactidão, tudo isso foi relegado para o dominio da photographia e do cinema. A arte moderna libertou-se do "asumpto", do "motivo", da copia, em summa. O seu unico objectivo é commover pela exaltação lirica dos rythmos e das fórmás.

Essa, aliás, é uma das consequencias do

(1) W. Deonna. *Les Lois et les Rythmes dans l'Art*. Paris, 1924.

synthetismo contemporaneo. Levado, talvez, pela observação de taes factos, escreveu Lalo: "L'incohérence des débuts doit ressembler du dehors à la complication organisée qui termine toute évolution, comme l'extrême analyse ressemble à l'extrême confusion. Ainsi, dans l'art, le premier et le dernier âge sont tous les deux, par rapport à ce qui précède et à ce qui suit, une complication et même une incohérence à certains égards". (1). O purismo de Ozenfant e Jeanneret, (2) descendentes directos da experiencia cubista de Picasso e Braque, revela, ao observador a incoherencia a que se refere Lalo. A extrema simplicidade da materia com que trabalham os puristas confunde-se com o profundo senso analytico das mascaras negras.

Tanto quanto podemos concluir, portanto, o que caracteriza a arte moderna é o horror ao accessorio, ao indeterminado, ao trivialismo das reproduções faceis. Toda a criação esthetica de hoje está sujeita a uma grande lei de lirismo cerebral. O idealismo do seculo XX libertará o artista do realismo convencional que nos impoz, até agora, o Renascimento.

O homem moderno do Brasil deve, para crear uma literatura propria, evitar toda especie de preconceitos. Elle tem deante dos olhos um grande mundo virgem, cheio de promessas excitantes. Organizar esse material, dar-lhe estabilidade, reduzir-o a sua verdadeira expressão humana, deve ser a sua preocupação fundamental. Uma arte

(1) Lalo. *Esquisse d'une esthétique musicale Scientifique*.

(2) Vide. Ozenfant e Jeanneret. *Le Peinture Moderne*. 1925.

directa, pura, enraizada profundamente na estrutura nacional, uma arte que fixe todo o nosso tumulto de povo em gestação, eis o que deve procurar o homem moderno do Brasil. Para isso, é mister que elle estude não sómente os problemas brasileiros, mas o grande problema americano. O erro primordial das nossas elites, até agora, foi applicar ao Brasil, artificialmente, a lição européa. Estamos no momento da lição americana. Chegamos, afinal, ao nosso momento.

INDICES

TABOA DOS AUTORES

A

- ABBEVILLE (Claude d') — 99.
ABREU (Capistrano de) — 50, 79, 83, 89, 96, 97, 147, 149, 222, 372.
ABREU (Casimiro de) — 49, 244, 250, 259, 260, 263, 317.
ACOSTA (José de) — 87.
ADAIR — 30.
ADAM (Lisle) — 404.
AGASSIZ — 32.
AIRES (Mathias) — 203, 204.
ALBERT (Paul) — 185.
ALBUQUERQUE (Jorge de) — 48, 77, 78, 85, 86.
ALBUQUERQUE (José Pires de Carvalho e) — 140.
ALBUQUERQUE (Matheus) — 411.
ALBUQUERQUE (Medeiros e) — 58, 317, 358, 372.
ALBUQUERQUE (Ravasco Cavalcanti de) — 96.
ALENCAR (José Martiniano de) — 45, 50, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 285, 286, 288, 290, 291, 292, 293, 303, 304, 372, 405.
ALMEIDA (Fialho de) — 318.
ALMEIDA (Guilherme de) — 411.
ALMEIDA (Manoel Antonio de) — 286, 287.
ALMEIDA (Renato) — 389, 411.
ALVARENGA (Manoel Ignacio da Silva) — 49, 167, 184, 194-a, 198, 221, 246.
ALVES (Castro) — 49, 229, 251, 260, 264, 267, 268, 269, 270, 272, 273, 274, 316, 318, 319, 359, 407.

- AMADO (Gilberto) — 411.
AMARAL (Amadeu) — 44.
AMARAL (Antonio de Freitas do) — 142.
AMARAL (José Maria do) — 51, 359.
AMEGHINO — 19.
AMELIUS — 11.
ANACREONTE — 54.
ANDRADA (Antonio Carlos Ribeiro de) — 210, 225.
ANDRADA E SILVA (José Bonifacio de) — 49, 51, 210,
211, 214, 215, 218, 235, 298.
ANDRADE (Diogo Paiva de) — 36.
ANDRADE (Mario de) — 411.
ANCHIETA (José de) — 17, 47, 48, 55, 72, 73, 74, 79, 85,
303, 373.
ANNUNZIO (G. D') — 403.
ANTHONY (R.) — 18.
ARAGUAYA (Visconde) vide MAGALHÃES (Domingos
José Gonçalves de) — 225.
ARANHA (Bento de Figueiredo Tenreiro) — 202.
ARANHA (Graça) — 281, 404, 405, 411.
ARARIPE JUNIOR (Tristão Alencar de) — 30, 335,
364, 365.
ARAUJO (Ferreira) — 88, 89.
ARETINO — 232.
ARINOS (Affonso) — 281, 289, 404, 405.
ARISTOTELES — 11.
ASSIS (Machado de) — 50, 222, 267, 279, 293, 307, 317,
318, 321, 324, 348, 349, 352, 353, 354, 356, 358.
ATHAYDE (Tristão de) Alceu Amoroso Lima—404, 411.
AUGIER (Emile) — 305.
AUREVILLY (Barbey d') — 340, 375, 376.
AZARA — 87.
AZEREDO (Magalhães de) — 372.
AZEVEDO (Aluizio de) — 279, 293, 348, 349, 354, 355.
AZEVEDO (Alvares de) — 49, 229, 244, 250, 251, 252,
253, 254, 256, 260, 263, 274, 318.
AZEVEDO (Arthur de) — 50, 372, 373.

B

- BALZAC (Guez de) — 139.
BALZAC (Honoré de) — 286, 309.
BANVILLE (Théodore de) — 324, 396.

- BARAUNA (Fr. Bastos) — 49, 210.
 BARBOSA (Domingos) — 96.
 BARBOSA (Domingos Caldas) — 49, 202.
 BARBOSA (Domingos Vidal) — 202.
 BARBOSA (Francisco Vilella) — 210, 218.
 BARBOSA (Januario da Cunha) — 49, 210.
 BARBOSA (Ruy) — 51, 359, 368, 373.
 BARRE (A.) — 387.
 BARRETO (Francisco Ferreira) — 210.
 BARRETO (Mario) — 44.
 BARRETO (Moniz) — 275.
 BARRETO (Tobias) — 49, 50, 264, 268, 269, 291, 316, 359,
 360, 361, 373.
 BARROS (Domingos Borges de) — 49, 210.
 BARROS (João de) — 36.
 BARROS (José Borges de) — 96.
 BASALDUA (F.) — 30.
 BASTIAN — 18.
 BASTOS (Tavares) — 51, 359.
 BAUDELAIRE (Charles) — 256, 328, 340, 375, 376, 377,
 378, 383, 388.
 BECKER (C. L.) — 92.
 BEHAIN (Martin) — 13.
 BELLAY (Joachim du) — 182, 183.
 BENTHAM — 230.
 BERNARDES (P. Manoel) — 155.
 BERNARDIM RIBEIRO — 35.
 BERSEGAPI — 152.
 BEVILAQUA (Clovis) — 360.
 BILAC (Olavo) — 50, 307, 317, 319, 340, 344, 345.
 BLOUNT — 140.
 BOCCACIO — 232.
 BOCAGE — 47, 213.
 BOCAYUVA (Quintino) — 359.
 BODMER — 230.
 BOILEAU — 184, 196, 229, 300, 324, 385.
 BONIFACIO O MOÇO (José) — 275.
 BONVESINO — 150.
 BORDALLO (Antonio Mendes) — 49, 202.
 BOURBOURG (Brasseur de) — 31.
 BOURGET (Paul) — 312.
 BRAGA (Gentil Homem de Almeida) — 275.
 BRAGA (Theophilo) — 31, 43, 157.

- BRANDÃO (Thomaz Pinto) — 108.
 BRAVARD — 19.
 BRITO (Paula) — 277.
 BRUNETIÈRE — 312, 314, 366.
 BUCKLE (H. Thomaz) — 21, 22, 23, 24, 26, 148, 363, 406.
 BURMEISTER — 19.
 BYRON — 49, 233, 234, 250, 251, 300, 332, 348, 378.

C

- CABRAL (Veiga) — 99.
 CAETANO (Baptista) — 32.
 CALDAS (Antonio Pereira de Souza) — 49, 210-a, 214,
 235, 238, 246, 298, 373.
 CAMILLO (Castello Branco) — 144.
 CAMINHA (Pero Vaz de) — 73.
 CAMÕES — 35, 171, 176, 186, 294.
 CAMPOS (Agostinho de) — 44.
 CANECA (Fr. Joaquim do Amor Divino) — 49, 210, 224.
 CARDIM (Fernão) — 17, 47, 71, 77, 78, 85, 87, 88.
 CARDOSO (Joseph da Cunha) — 146.
 CARLOS (Fr. Francisco de S.) — 49.
 CARLYLE — 294.
 CARNEIRO (Diogo Gomes) — 48, 96, 99.
 CARVALHO (Elysio de) — 77.
 CARVALHO (Trajano Galvão de) — 275.
 CASAL (Manoel Ayres do) — 225.
 CASTANHEDO (Fernão Lopes) — 36.
 CASTRO (Augusto de) — 305.
 CASTRO (Gabriel de) — 95.
 CELSO (Affonso) — 372.
 CERVANTES — 294.
 CHAMBERLAIN (H. Stewart) — 25, 26, 27.
 CHATEAUBRIAND — 233, 280, 281, 292, 309, 377, 380.
 CHEREM (Manoel José) — 140.
 COARACY (Visconti) — 264.
 COMTE (Augusto) — 359.
 CONSTANT (Benjamin) — 234.
 CONSTANTIN — 406.
 COOPER (Fenimore) — 292.
 COPPÉE (François) — 381.
 COQUILLART (Guilhaume) — 116.

- CORNEILLE — 43, 314.
CORREIA (Raymundo) — 50, 56, 307, 317, 319, 328, 330,
331, 332, 333, 335, 348, 407.
CÓS (Philetas de) — 353.
COSTA (Claudio Manoel da) — 49, 166, 167, 168, 180,
181, 183, 184, 187, 188, 192, 196, 201, 249.
COSTA (Pereira da) — 57, 58, 59.
COUTINHO (Azeredo) — 210, 225.
COUTO (Diogo do) — 36.
COUTO (Lourenço do) — 79.
CRESPO (Gonçalves) — 318.
CRIPPS — 66.
CRITIÁS — 9, 10.
CRONAU — 14.
CUNHA (Euclides da) — 21, 50, 281, 285, 404, 405, 407.

D

- D'ALEMBERT — 215.
DALL (W.) — 31.
DANIELE ROSE — 32.
DANTE — 150, 187, 300, 330, 379, 385.
DARWIN — 359.
DAUDET (Léon) — 361.
DELILLE — 232.
DELFINO (Luiz) — 317, 345, 346.
DE MAISTRE (Joseph) — 230.
DEMOLINS — 409.
DEONNA (W.) — 414.
DESCARTES — 311.
DEUS (Fr. Gaspar da Madre de) — 203.
DIAS (Gonçalves) — 45, 49, 199, 225, 229, 236, 242, 244,
245, 246, 248, 249, 259, 260, 263, 264, 274, 280, 281, 304,
317, 407.
DIAS (Theophilo) — 50, 307, 317, 324, 325, 326, 327.
DICKENS — 309.
DIDEROT — 215.
DIODORO DE SICILIA — 11, 12.
DIONYSIO DE MITYLENE — 11.
DIOSCORIDES — 87.
DORAT — 299.
DRAPER — 296.

DU BELLAY (Joachim) — 184, 185.

DUQUE (Gonzaga) — 402.

DURÃO (José de Santa Rita) — 49, 137, 167, 168, 175,
176, 178, 180, 292.

E

EGGER (Peter von) — 13.

ELIANO — 10.

ELIOT (G.) — 309.

ELYSIO (Filinto) — 47, 211.

ERASMO — 36.

ESCHYLO — 42.

ESOPO — 60, 62.

EURIPIDE — 24.

F

FAGUET (Emile) — 115.

FAIRBRIDGE — 66.

FARIA (Alberto) — 44, 201.

FERREIRA (Antonio) — 36.

FIGUEIREDO (Candido) — 44.

FIGUEIREDO (Jackson de) — 411.

FLAUBERT — 309, 310.

FONSECA (Mariano José Pereira da) — vide "Maricá"
— 219, 221.

FONTENELLE — 242.

FRANCA (Gonçalo Soares da) — 96, 113, 140, 141, 142.

FRANÇA JUNIOR — 305.

FRANCE (Anatole) — 292, 348, 384.

FRANCO (Francisco de Mello) — 202.

FREIRE (Junqueira) — 49, 250, 258, 259, 262.

FREYSINGEN (Othon de) — 13.

FRUEH — 19.

G

GADELHA (José Gomes da Costa) — 49, 202.

GAFFAREL — 12.

- GAMA (Basilio da) — 49, 56, 103, 167, 168, 169, 170, 174,
175, 176, 178, 192, 194, 195, 246.
GAMA (Luiz) — 275.
GAMA (Lopes) — 358.
GANDAVO (Pero de Magalhães) — 47, 85.
GARÇÃO — 191, 212, 249.
GARCIA — 30.
GARCILASO — 126.
GARRETT — 170.
GAUTIER (Théophile) — 249, 324, 325, 328, 333, 376, 396.
GIBBON — 230.
GLIDDON — 32.
GIL VICENTE — 35, 154.
GOELDI (E. A.) — 79.
GÓES (Carlos) — 58.
GOETHE — 218, 230, 234, 300, 341, 348, 377, 385, 393.
GÓES (Damião de) — 36.
GOLDBERG (Isaac) — 38.
GOMARA — 30, 87.
GOMES (Perillo) — 411.
GONCOURT — 403.
GONGORA — 95, 126, 129, 138, 139.
GONZAGA (Thomaz Antonio) — 49, 167, 187, 188, 190,
191, 192, 201.
GOURMONT (Remy de) — 201, 298, 385.
GRACIAN — 139.
GRAN (Luiz de) — 47.
GRIECO (Agrippino) — 411.
GRINGORE (Pierre) — 116, 117.
GUANABARA (Alcindo) — 51.
GUIGNES — 30.
GUIMARAENS (Alphonsus de) — 398.
GUIMARÃES (Bernardo) — 50, 275, 287, 288.
GUIMARÃES JUNIOR (Luiz) — 267, 307, 317, 318,
319, 327.
GUIMARÃES (Manoel Ferreira de Araujo) — 209.
GUIMARÃES (Pinheiro) — 304.
GUSMÃO (Alexandre de) — 140, 144.
GUYAU — 326.

H

- HAECKEL — 359, 361.
HARTMANN — 352.

- HEINE — 49, 234, 252, 320, 333.
HERDER — 230.
HEREDIA (José Maria de) — 314, 345, 381.
HERVAS — 33.
HESIODO — 24.
HOBBES — 230.
HOFFMANSWALDAU — 139.
HOMERO — 24, 40, 177, 236.
HORATIO — 300, 334.
HORNUS — 13.
HORSFORD — 32.
HUGO (Victor) — 233, 234, 245, 268, 271, 298, 300, 309,
312, 320, 346, 385.
HUMBOLDT — 30, 231, 406.
HUME — 35, 230.

I

- IBSEN — 381.
IHERING (von) — 33.
INGENIEROS (José) — 371.
ITAPARICA (Fr. Manoel de Santa Maria) — 48, 142,
144, 149, 150.

J

- JABOATÃO (Fr. Antonio de Santa Maria) — 149, 203.
JAMMES (Francis) — 398.
JEFFERYS — 14.
JOÃO DO RIO (Paulo Barreto) — 349.
JOBIM (Jorge) — 343.
JORGE (Arthur Guimarães de Araujo) — 145.
JOSÉ (Antonio) — vide SILVA (Antonio José da).
JUNQUEIRO (Guerra) — 401.

K

- KAHN (Gustavo) — 385.
KANT — 230, 326.
KEATS — 245, 341.

- KEAN — 33.
KEMIS (Thomaz) — 233.
KHAYYAM (Omar) — 54, 315.
KINGSBOROUGH — 30.
KLAPROTH — 31.
KLOPSTOCK — 230, 298.
KOSTER (Henry) — 92.

L

- LA BRUYÈRE — 204.
LA BLACHE (Vidal de) — 406.
LACERDA (Fr. Manoel Rodrigues Correia de) — 140.
LACUZON — 386.
LAET (João) — 99.
LA FONTAINE — 60, 62.
LA HARPE — 234.
LALO — 415.
LAMARTINE — 212, 234, 245, 271, 309, 320.
LANG (Andrew) — 64.
LAPOUCHE (Vacher de) — 26, 406.
LA ROCHEFOUCAULD — 221, 222, 295.
LE BON (Gustave) — 27, 28.
LECOMTE (S. Ch.) — 386.
LE COINTE — 406.
LEDESMA — 139.
LEFÈVRE (Fr.) — 386.
LEITE (Solidonio) — 203.
LEME (Pedro Taques de Almeida Paes) — 202.
LEOPARDI — 234, 250, 332.
LESSA (Aureliano José) — 275.
LESSING — 231.
LICINIO Cardoso (V.) — 411.
LIMA (Abreu) — 359.
LIMA (Augusto de) — 325.
LIMA (João de Brito) — 96, 140.
LIMA (Oliveira) — 372.
LIMA (Rocha) — 363.
LISBOA (Balthazar da Silva) — 49, 99, 210, 226.
LISBOA (João Francisco) — 50, 295, 301, 302, 358.
LISBOA (José da Silva) — 210, 218, 220, 221.
LISLE (Leconte de) — 312, 314, 381, 401.
LOBÃO — 350.

- LOCKE — 230.
 LOHENSTEIN — 139.
 LOLIÉ (F.) — 308.
 LOMBROSO — 379.
 LONGINUS — 11.
 LOPES (Bernardino) — 389, 393, 394, 395, 396, 397.
 LORRAIN (Jean) — 403, 404.
 LOURENÇO (Bartholomeu) — 140, 144.
 LUCANO — 300.
 LUCRECIO — 127, 333.
 LUTHERO — 44.
 LUZ (Fr. Christovam da Madre de Deus) — 48, 96, 99.
 LYLY (John) — 138.

M

- MACAULAY — 296, 366.
 MACEDO (Joaquim Manoel de) — 50, 277, 279, 280, 282,
 286, 290, 291, 293, 303, 304, 305, 372.
 MACROBIO — 11.
 MACHADO (Diogo Barbosa) — 79, 80, 81, 83, 103.
 MAGALHÃES (Celso de) — 317.
 MAGALHÃES (Couto de) — 34, 58.
 MAGALHÃES (Domingos José Gonçalves de) — 49, 229,
 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 249, 262,
 264, 269, 274, 303, 320.
 MAGALHÃES (Valentim) — 372.
 MALHERBE — 234, 314.
 MALLARMÉ — 50, 381, 382, 384, 386.
 MARICÁ (Mariano José Pereira da Fonseca, Marquez
 de) — 196, 221, 222, 295.
 MARINO — 126, 138, 139.
 MAROT — 299.
 MARQUES (Xavier) — 274, 358.
 MARTIN (Henri) — 9.
 MARTINS JUNIOR — 315, 316.
 MARTINS (Oliveira) — 70, 94.
 MARTINS (Silveira) — 375.
 MATTOS (Eusebio de) — 48, 96, 100, 101, 102, 219, 373.
 MATTOS (Gregorio de) — 48, 91, 96, 103 a 130, 154, 161,
 201, 238.
 MAUCLAIR (Camille) — 387.
 MAURRAS (Charles) — 388.

- MAYA (Alcides) — 263, 281.
 MELLO (Antonio Francisco Dutra e) — 275.
 MELLO (D. Francisco Manoel de) — 95, 140, 186, 301.
 MELLO (João de) — 140.
 MELLO (José Alexandre Teixeira de) — 275.
 MENDES (Catulle) — 314, 381.
 MENDES (Odorico) — 49, 236, 244.
 MENDONÇA (Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de) — 219, 223, 224.
 MENDONÇA (Lucio de) — 317.
 MENDONÇA (Salvador de) — 359.
 MENEZES (Agrario de Souza) — 50, 305, 372.
 MENEZES (Emilio de) — 397.
 METASTAZIO — 156, 182, 298, 333.
 METELLO (Celer) — 13.
 MICHELET — 41, 270, 369.
 MILTON — 298.
 MIRALES (José de) — 142.
 MIRANDA (Sá de) — 35, 126.
 MITHOUARD (A.) — 309.
 MOEBIUS — 330.
 MOLIERE — 42, 144, 154, 158, 314.
 MONTAIGNE — 53, 138, 204, 292, 294, 302, 336.
 MONTALVAN — 139, 210.
 MONT'ALVERNE — 49, 218, 219, 235, 242, 373.
 MONTANDON — 32.
 MONTEIRO (Maciel) — 49, 51, 236.
 MORAES (Alexandre José de Mello) — 50, 303.
 MORAES (Manuel de) — 48, 96, 99.
 MORAES FILHO (Mello) — 143, 144, 146, 275.
 MOREAS (Jean) — 381.
 MORENO FILHO — 18.
 MORTON — 32.
 MULLER — 31.
 MUNG (Jean de) — 18, 116.
 MURAT (Luiz) — 307, 346, 347.
 MURICY (Andrade) — 411.
 MUSSET — 49, 76, 79, 234, 250, 251, 309, 320, 341.

N

- NASCENTES (A.) — 44.
 NABUCO (Joaquim) — 21, 51, 359, 363, 368, 369, 370, 373, 408.

- NADAILLAC (Barão de) — 18.
 NETTO (Coelho) — 281, 358, 404, 405.
 NETTO (Silveira) — 397
 NIEBUR — 231.
 NIETZSCHE — 381.
 NOBREGA — 16, 47.
 NOMENIUS — 11.
 NORDAU (Max) — 377, 378.
 NORONHA (Luiz Canello de) — 140, 143.
 NOTT — 32.
 NOVALIS — 230, 346.

O

- OCTAVIANO (Francisco) — 51, 275.
 OLIVEIRA (Alberto de) — 50, 307, 319, 333, 334, 336,
 339, 340.
 OLIVEIRA (Manoel Botelho de) — 48, 96, 103, 106, 151.
 ORBIGNY (D') — 33.
 ORIGINE — 11.
 ORLANDO (Arthur) — 360.
 ORTELIUS — 13.
 OSSIAN — 40, 232.
 OTTONI (José Eloy) — 49, 210, 211, 213, 214.
 OVIEDO (Gonçalo Fernandez) — 87.
 OZENFANT — 415.

P

- PACHECO (Felix) — 398.
 PALHARES (Victorino) — 275.
 PARANAPIACABA (Barão de) — 275.
 PARAVEY — 30.
 PASCAL — 204, 230, 331, 379.
 PATROCINIO (José do) — 51, 373.
 PAULHAN — 315, 391.
 PAULO (João) — 348.
 PEDERNEIRAS (Mario) — 397 a 401.
 PEIXOTO (Afranio) — 80, 274, 351, 405.
 PEIXOTO (José Ignacio de Alvarenga) — 167, 184, 191,
 192, 194, 201, 298.
 PENNA (Luiz Carlos Martins) — 50, 303, 305, 372.

- PEREIRA (Nuno Marques) — 142, 144, 152, 153.
PETRARCA — 138, 186, 294, 298.
PICLOMINI (Sylvio Enéas) — 13.
PINDARO — 53.
PINHEIRO (Fernandes) — 45, 46, 174, 295, 300.
PINHEIRO (José Feliciano Fernandes) — 49, 219, 222.
PINTO (Bento Teixeira) — 41, 79, 80, 81, 83, 85, 87, 192.
PINTO (Fernão Mendes) — 36.
PITTA (Sebastião José da Rocha) — 17, 48, 133, 137,
140, 143 a 149, 161, 203, 238, 292.
PIZARRO E ARAUJO (José de Souza Azevedo) — 224.
PLATÃO — 9, 10, 11, 24, 380.
PLINIO — 11, 12, 87.
PLOTINO — 380.
PLUTARCHO — 11.
POE (Edgard) — 382.
POMBO (Rocha) — 50, 70.
POMPEIA (Raul) — 348, 349, 356, 357.
POMPONIO MELA — 11, 12.
PORTO-ALEGRE (Manoel de Araujo) — 49, 219, 225,
235, 242, 243, 244, 246, 249, 264, 300, 304.
PORTO-SEGURO — Vide Varnhagen.
POUCHKINE — 332.
PRADO (Eduardo) — 368, 370, 371, 411.
PRADO (Paulo) 97, 134.
PROCLUS — 11.
PRUDHOMME (Sully) — 314, 315, 378, 381.
PZIGANI — 14.

Q

- QUEIROGA (Salomé) — 49, 236.
QUEIROZ (Eça de) — 403.
QUENTAL (Anthero do) — 388.
QUEVEDO — 126.

R

- RABELAIS — 314.
RABELLO (Laurindo) — 49, 250, 256.
RABELLO (Manoel Pereira) — 100, 101, 102, 106,
108, 111.

- RACINE — 43, 234.
RAFIN — 32.
RANKING — 30, 31.
RATZEL — 406.
RAVASCO (Bernardo Vieira) — 96, 113.
REBOUÇAS (André) — 359.
RÉGNIER (Henri de) — 381, 386.
REGRAS (João das) — 350.
REIS (Sotero dos) — 295, 299, 360.
RENAN — 368.
RIBEIRO (Bernardim) — 35.
RIBEIRO (Chagas) — 201.
RIBEIRO (João) — 44, 47, 50, 155.
RIBEIRO (Julio) — 348, 356, 358.
RIBOT (Th.) — 311.
RICHTOFEN — 19.
RIVET — 18, 406.
ROCHEFORT — 302.
RODENBACH (Georges) — 381.
RODÓ (Enrique) — 371.
RODRIGO OCTAVIO — 166.
RODRIGUES (Barbosa) — 62.
ROLLINAT — 256.
ROMERO (Sylvio) — 23, 34, 38, 45, 46, 47, 50, 58, 62, 63,
72, 149, 201, 236, 264, 315, 318, 332, 345, 360, 361, 362,
363, 364, 365.
ROMERO FILHO (Sylvio) — 34, 35, 150.
RONSARD — 182, 184, 185, 234.
ROSARIO (Fr. Francisco do) — 48.
ROTH (Santiago) — 19.
ROUJON (Henri) — 380.
ROUSSEAU (J. J.) — 167, 211, 230, 242.
RUTEBEUF — 116.

S

- SÁ (Antonio de) — 48, 96, 102, 373.
SÁ (Francisco de) — 101.
SÁ DE MIRANDA — 35.
SAADI — 315.
SAINTE-BEUVE — 366, 375.
SAINT-PIERRE (Bernardin de) — 279.
SALDANHA (José da Natividade) — 49, 210, 228.

- SALVADOR (Fr. Vicente do) — 48, 96, 97, 98, 161.
SAMAIN (Albert) — 381
SAMPAIO (Bittencourt) — 264, 275, 394.
SAMPAIO (Fr. Francisco de Santa-Thereza de Jesus)
— 49, 210, 224.
SAMPAIO (Moreira) — 372.
SAND (Georges) — 234, 282, 309, 377.
SANTOS (Joaquim Felicio dos) — 166, 303.
SANTOS (Lery dos) — 264.
SANTOS (Luiz Gonçalves dos) — 224.
SANTOS (Fr. Miguel dos) — 36.
SÃO CARLOS (Fr. Francisco de) — 51, 210, 211, 212, 213.
SAPHO — 183.
SAVIGNY — 231.
SAVONAROLA — 43.
SCHERER (E.) — 361.
SCHILLER — 230, 234, 300.
SCHLEGEL — 231, 295.
SCHLEGEL (G.) — 31.
SCHOPENHAUER — 352.
SCHURÉ (Ed.) — 10.
SCOTT (Walter) — 232, 234, 282.
SEABRA (Bruno) — 264, 275, 394.
SEILLIÈRE (Ernest) — 379.
SEMPLE — 409.
SERRA SOBRINHO (Joaquim Marinho) — 275.
SHAFTESBURY — 230.
SHAKESPEARE — 42, 232, 294, 379.
SHELLEY — 49, 234, 250.
SILVA (Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado da) — 373.
SILVA (Antonio José da) — 48, 133, 144, 154 a 157, 160, 161, 203.
SILVA (Antonio de Moraes e) — 210, 225.
SILVA (Ignacio Accioli de Cerqueira e) — 225.
SILVA (Joaquim Caetano da) — 50, 303.
SILVA (Joaquim Norberto de Sousa) — 50, 79, 80, 81, 192, 195, 242, 243, 277, 278, 295, 298, 299, 304, 360.
SILVA (João Pereira da) — 202.
SILVA (João Pinto da) — 392, 411.
SILVA (José Joaquim da) — 202.
SILVA (José Manoel Pereira da) — 50, 79, 242, 243, 295, 297, 298, 299.
SILVEIRA (Paulo) — 411.

- SILVEIRA (Tasso da) — 411.
SIMONIN — 32.
SIQUEIRA E SÁ (Manoel Tavares de) — 143.
SMITH (Adam) — 230.
SOARES (Gabriel) — 47.
SOCRATES — 9, 24.
SOTOMAYOR — 139.
SOUTHEY — 78.
SOUZA (Cruz e) — 50, 255, 348, 375, 387, 388, 389, 390,
392, 393, 401, 402.
SOUZA (Gabriel Soares de) — 17, 49, 85, 86, 87, 88.
SOUZA (Fr. Luiz de) — 155.
SOUZA (Pedro Luiz Soares de) — 275.
SOUZA (Pero Lopes de) — 85, 91.
SOUZA (Teixeira de) — 315.
SOUZA (Teixeira e) — 242, 243, 277, 278, 293, 300, 304.
SPENCER — 359, 361.
SPRONCEDA — 250.
STAEEL (Mme. de) — 233.
STANLEY (H. M.) — 406.
STEINER (Rudolf) — 11.
STENDHAL — 233.
STERNE — 348.
STRABÃO — 11.
SUETONIO — 42.
SWIFT — 348.
SYLVESTRE (Armand) — 381.

T

- TAINÉ — 24, 42, 310, 359, 361, 364, 365.
TASSO — 95, 139.
TAUNAY (EscragnoUe) — 50, 288, 290, 291, 292, 295, 405.
TAVORA (Franklin) — 50, 264, 288, 289, 290.
TEGNER (Isaias) — 346.
TELLES (Moreira) — 95.
TENNYSON — 384.
TERENCIO — 43.
TERMIER (P.) — 10.
THEOCRITO — 53, 183.
THEOPOMPO — 10.
THEOPHILO (Braga) — 31, 43, 153.
THIBAUDET (A.) — 385.

- TIMAGENO — 10.
 TODI (Jacopone da) — 150.
 TOLSTOI — 381.
 TORRES-HOMEM — 51, 236, 237, 282, 359.
 TURGUENEFF — 287.

V

- VARELLA (Fagundes) — 49, 250, 263, 264, 265, 267,
 319, 394.
 VARNHAGEN (Francisco Adolpho de) — 45, 50, 77, 79,
 81, 86, 88, 89, 201, 242, 295, 293, 297, 299, 304, 358.
 VASCONCELLOS (Bernardo Pereira de) — 51.
 VAUVENARGUES — 204, 223.
 VEGA (Lope de) — 95, 139.
 VEIGA (Evaristo Ferreira da) — 210, 227.
 VEIGA (Luiz Francisco da) — 201.
 VERGILIO — 183, 236, 333.
 VERHAEREN (Emile) — 381, 386.
 VERRISSIMO (José) — 34, 45, 50, 104, 121, 201, 264, 364,
 365, 366, 367, 371.
 VERLAINE (Paul) — 50, 129, 253, 333, 340, 381, 382,
 384, 385.
 VERONA (Giacommio da) — 150.
 VIANNA (Antonio Ferreira) — 51, 359.
 VIANNA (Oliveira) — 93, 411.
 VICTOR (Nestor) — 397.
 VIEIRA (Pde. Antonio) — 94, 95, 100, 102.
 VIGNY — 212, 234, 309, 341, 377.
 VILLON — 115, 122, 130, 201.
 VOGT. (Karl) — 310.
 VOLTEIRE — 43, 167, 184, 201, 230, 232, 253, 299, 300, 332.

W

- WAGNER — 382.
 WIELAND — 230.
 WILDE (Oscar) — 403.
 WINCKELMANN — 231.
 WOLF (Ferdinand) — 45, 47.

X

XAVIER (Fontoura) — 317.
XENOFONTE — 135.

Z

ZOLA (Emile) — 312.

INDICE GERAL

Prefacio de Medeiros e Albuquerque.....	5
INTRODUÇÃO: — A Terra. — A Atlantida e as ilhas fabulosas na Antiguidade e na Idade-Média. — O Brasil na epoca do descobrimento. — O Meio Physico: A Natureza e os Factores Me- sologicos. — Algumas opiniões de escriptores estrangeiros sobre o Brasil. — O meio Social: O homem. — A raça. — Conclusão.....	9
§ 1.º — A Atlantida.....	9
§ 2.º — O Meio Physico.....	17
§ 3.º — O Homem. — O meio social.....	28
CAPITULO I: — A Literatura no Brasil — As Es- colas literarias e as influencias européas....	39
CAPITULO II: — A Poesia e as Lendas Populares no Brasil.....	53
§ 1.º — Poesia.....	53
§ 2.º — As lendas e os Mythos.....	59

PERIODO DE FORMAÇÃO (1500-1750)

CAPITULO III: <i>Seculo XVI</i> . — Aspecto geral da so- ciedade brasileira no seculo XVI. — Os pri- meiros povoadores. — Primeiras manifesta- ções literarias. — Anchieta e Bento Teixeira Pinto Jorge de Albuquerque Coelho e a socie- dade pernambucana em fins do seculo XVI. — A <i>Prosopoea</i> de Bento Teixeira Pinto.....	69
---	----

CAPITULO IV: <i>Seculo XVII.</i> — O alvorecer do sentimento nativista. — A Escola Bahiana. —	
Gregorio de Mattos.....	91
Frei Vicente do Salvador e os Prosadores	96
Gregorio de Mattos e os Poetas.....	103
Gregorio de Mattos (O Homem).....	106
Gregorio de Mattos (O Poeta Satirico).....	115
Gregorio de Mattos (O Moralista).....	121
Gregorio de Mattos (O Lirico).....	127
CAPITULO V: — <i>Seculo XVIII.</i> — (Primeira Phase)	
— As Bandeiras. — As Academias Literarias.	
— Sebastião da Rocha Pitta. — Santa Maria Itaparica. — Antonio José.....	133
As Academias Literarias.....	137

PERIODO DE TRANSFORMAÇÃO (1750-1830)

CAPITULO VI: — <i>Seculo XVII.</i> — (Segunda Phase).	
— A Escola Mineira. — Poetas Menores. —	
Prosadores.....	165
A Escola Mineira.....	167
Os Arcades.....	182
A Poesia Satirica.....	199
Poetas Menores.....	202
Os Prosadores.....	202
CAPITULO VII. — <i>Seculo XIX.</i> — Os ultimos arca-	
des. — Os Prosadores.....	209

PERIODO AUTONOMICO (1830-1925)

CAPITULO VIII: — <i>O Romantismo.</i> — (1830-1870)	
— A Poesia. — A reforma do ideal classico	
— <i>O mal do seculo-Weltschmerz.</i> — As quatro	
phases do romantismo na literatura brasileira: a) — Gonçalves de Magalhães e a poesia religiosa; b) — Gonçalves Dias e a poesia da natureza; c) — Alvares de Azevedo e a poesia da duvida; d) — Castro Alves e a poesia social. — Poetas menores.....	229
Gonçalves de Magalhães (1811-1882) e a poesia Religiosa.....	235
Gonçalves Dias (1823-1864) e a poesia da natureza.....	245

Alvares de Azevedo (1831-1852) e a poesia da duvida.....	250
Castro Alves (1847-1871) e a poesia social....	267
Poetas Menores.....	274
O romantismo: A prosa: O romance, a Historia e a critica: O Theatro.	
O Romance.....	277
A Historia e a critica.....	294
O Theatro.....	303
CAPITULO IX: — O Naturalismo (1870-1900). — A Poesia: O modernismo. — A illusão scienti- fica. — O Parnasianismo.: Machado de Assis, Luiz Guimarães, Theophilo Dias, Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Luiz Delphino e Luiz Murat.....	307
O Naturalismo. — A Prosa: O Romance e o Conto. — A Historia e a Critica. — O Theatro e a Eloquencia.	
A Historia e a Critica.....	358
O Theatro e a Eloquencia.....	372
CAPITULO X: — As ultimas correntes do pensa- mento no seculo XIX. — A reacção espiritua- lista. — Cruz e Souza e os decadentes. — Os Prosadores.....	375
Cruz e Souza e os decadentes.....	387
Os Prosadores.....	402
CAPITULO XI: — Seculo XX. — O scepticismo lite- rario. Reacção nacionalista.....	403
Taboa dos Autores.....	419